

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA

“CORRIGE OS COSTUMES RINDO”: HUMOR, VERGONHA E DECORO
NA SOCIABILIDADE MUNDANA DE FORTALEZA (1850-1890)

MARCO AURÉLIO FERREIRA DA SILVA
Orientador: Prof. Dr. Marc Jay Hoffnagel

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História da Universidade
Federal de Pernambuco, como requisito parcial
à obtenção do título de Doutor em História.

Recife, agosto de 2004

S586 SILVA, Marco Aurélio Ferreira da Silva

Corrige os Costumes Rindo: humor, vergonha e decoro na sociabilidade mundana de Fortaleza (1850 – 1900) / Marco Aurélio Ferreira da Silva.

212p.

Orientador: Prof. Dr. Marc Jay Hoffnagel.

Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

1. História cultural – sociabilidade. 2. Humor – riso. 3. Vergonha. 4. Contexto social. 5. Fortaleza – Ceará. I. Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

CDD: 900.0918131

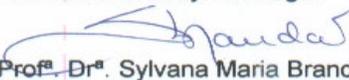


ATA DA DEFESA DA TESE DO ALUNO MARCO AURÉLIO FERREIRA DA SILVA

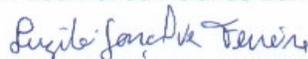
Às 9:00 h do dia 03 (três) de agosto de 2004 (dois mil e quatro), no Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Tese para obtenção do grau de Doutor apresentada pelo aluno **Marco Aurélio Ferreira da Silva** intitulada **"Corrige os Costumes Rindo": Humor, Vergonha e Decoro na Sociabilidade Mundana de Fortaleza (1850-1900)**", em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito **"APROVADO"** em resultado à atribuição dos conceitos dos professores: Marc Jay Hoffnagel (Orientador), Sylvana Maria Brandão de Aguiar, Lourival de Holanda Barros, Luzilá Gonçalves Ferreira e Raimundo Pereira Alencar Arrais. Assinam, também, a presente ata o Coordenador, Prof. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho, e a secretária Maria Betania Pinto de Oliveira para os devidos efeitos legais.

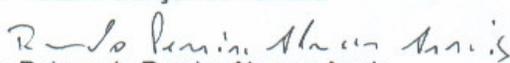
Recife, 03 de agosto de 2004.

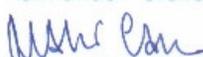

Prof. Dr. Marc Jay Hoffnagel


Prof.^a Dr.^a Sylvana Maria Brandão de Aguiar


Prof. Dr. Lourival de Holanda Barros


Prof.^a Dr.^a Luzilá Gonçalves Ferreira


Prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais


Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho


Maria Betania Pinto de Oliveira

Dedico este trabalho *in memoriam* de meu Pai. Ele, mais do que ninguém, acreditou silenciosamente em minha conquista.

AGRADECIMENTOS

Sempre procurei manter viva na memória, a idéia de que um trabalho acadêmico deve refletir os anseios e os desejos de uma coletividade, do grupo social no qual se encontra inserido o pesquisador. Daí, considerar que o meu trabalho é uma obra coletiva. Feita direta e indiretamente por muitas mãos. Mãos estas que me ajudaram em sua concretização.

Assim, aproveito para expressar minha gratidão às inúmeras pessoas e instituições que me auxiliaram nesta jornada.

Agradeço, em primeiro lugar, a minha mãe, a dona Helena. Mulher simples, mas que desde o início soube compreender a importância do meu trabalho e que, com suas orações, intermediava por mim junto a Deus.

Ao meu irmão Cesar (OKÉ ODÉ ILÊ!), que apesar da distância, sempre esteve e tem estado comigo. A sua pessoa é para mim uma referência de homem, pai e irmão. Você é parte de um sonho que se concretizou.

Ao meu amor Fabiula ("Amôte!"). Uma grande incentivadora e pessoa imprescindível em todos os momentos da minha vida. Sejam estes momentos de tristeza, de alegria, de angústia, de fraqueza e de indecisões. Ela, mais do que ninguém, soube ser amiga e companheira (paciente e solidária). A sua bela presença de mulher forte e determinada, fez-me ter forças para chegar até ao fim da empreitada. Mas, muito mais do que agradecido, EU TE AMO!.

A minha filha Larissa, que com seu jeito meigo e carinhoso, deu-me muitas vezes a tranquilidade para seguir adiante com o trabalho.

À família "Pessôa" (Mirian, Lúcia Helena, Katarina, o pai "Pessôa", Paula e Ricardo), que, mais uma vez, assim como foi no Mestrado, proporcionaram-me dias felizes e acolhedores quando da minha estada na "Veneza Brasileira".

Aos amigos - Hilário Ferreira, Erick Assis, Fco. Damasceno, Pádua Santiago, Altemar Muniz, Carlos Jacinto e Océlio Teixeira - uma das melhores coisas que tenho na vida; por contribuírem, em diferentes momentos, com

indicações, sugestões de idéias e modificações, palavras de incentivo e "cobranças amigáveis". Todos têm um importante papel nesta árdua jornada de pesquisa.

Ao meu orientador, o Prof. Dr. Marc Jay Hoffnagel, que desde o projeto inicial apostou em minhas idéias. Agradeço pela sua atenção, gentileza, paciência para me ouvir e pela excelente orientação acadêmica.

Ao Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano (APEJE) de Pernambuco, principalmente na pessoa sempre simpática e atenciosa de dona Lindinalva Costa dos Santos, que me proporcionou um agradável ambiente para a pesquisa das minhas fontes.

E, por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES - pela concessão da bolsa de estudo para que pudesse realizar o meu trabalho de pesquisador.

"Existe uma paixão que não tem nome, mas o seu sinal é aquela distorção das feições faciais a que damos o nome de *riso* (laughter), o qual é sempre alegria; mas que alegria ela é, o que estamos pensando, e em que triunfamos quando rimos, não foi até agora declarado por ninguém. A experiência nega que ela consiste no humor ou, tal como é chamada, na graça; afinal, os homens se riem diante de infortúnios e indecências, nas quais não existe nem humor, nem graça alguma.

(...)

Os homens riem também das fraquezas dos demais, em comparação com as quais as suas próprias habilidades são realçadas e ilustradas". Thomas Hobbes, **Os Elementos da Lei Natural e Política.**

RESUMO

A presente tese tem por objeto de estudo os hábitos e os costumes de uma sociabilidade mundana que se instalava na cidade de Fortaleza na segunda metade do século XIX, em pleno clima de modificações urbanas pelas quais passava a cidade alencarina. Assim, trilhamos um caminho reflexivo sobre a sua convivência social a partir, preferencialmente, das folhas pasquineiras e de um referencial conceptual de uma "História cultural do humor", das práticas sociais cômicas e de um riso de cunho moral e de exclusão. Ou seja, a estrada escolhida foi a prática cômica vivida quotidianamente por indivíduos, que comunicavam e defendiam seus interesses sociais e políticos por intermédio do exercício humorístico e que teve como veículo de comunicação os pasquins pilhéricos, que apesar de se proporem a promover o lazer, traziam consigo um forte discurso de moralização. E a linguagem humorística, insultuosa e pornográfica das pequenas folhas volantes, que funcionou como um instrumento ativo do poder; foi eficaz por usar de um "cômico de palavras" capaz de gerar uma lógica do prazer que tanto excitava quanto docilizava os corpos. Produzia-se, com isso, um tipo de "humor a favor", o "humor costumbrista" ("humor de costumes"), que buscava por meio do riso corrigir, regular e modelar hábitos. Um riso com a função de correção e de flexibilizar o desvio social. Através da prática cômica (caráter ético-moral) se provocava o sentimento de vergonha e de embaraço, para que o elemento desviante (com comportamento não civilizado) ao ser constrangido, consertasse e/ou internalizasse o que esperava e impunha a classe dominante, desejosa que estava de fazer reconhecer como necessária e incontestável a implantação de uma sociedade mais urbana, moderna e ajustada às regras de civilidade.

Palavras-chave: cidade - sociabilidade - controle - humor - vergonha.

ABSTRACT

The present doctoral thesis aims to study the uses and habits of a mundane sociability that was located in Fortaleza city in the second half of the XIX century, within the urban changes that the *alencarin* city passed through. So, we thread out a reflexive path about its social familiarity preferentially from the lampoon papers and a conceptual reference of “Cultural History of Humor”, the social comical practices and from a moral and exclusive laughter. In other words, the way chosen has been the comical practice daily experienced by individuals who communicated and defended their social and political interests through the humorous exercise, and that had as communication vehicle the lampoon papers that, even though the promoting entertainment purpose, had a strong moralist speech. And the humorous, pornographic and insulting language of the little yellow papers, that worked as an effective power tool, was successful because of its use of a “comic of words” able to generate a logic of pleasure that excited as much as made docile the bodies. Thus, it was produced a sort of “pro humor”, the “costumbrista humor” (“humor of uses”), that searched, through laughter, to correct, moderate and model habits. A laughter with the correcting and flexibilizing social deviation function. Through the comical practice (ethical-moral character), one could cause a shame and embarrassment feeling, in order to the deviating element could fix and/or get that which dominant class expected and imposed, desirous it was of making recognize as necessary and incontestable implementing a more urban, modern and adapted to the civility rules society.

Key-words: Cultural History – city - sociability – control – humor – shame.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 A CIDADE DE FORTALEZA E SEU PALCO URBANO.....	35
1.1 Medo e fascínio diante das mudanças.....	46
1.2 A rua como palco da reestruturação da vida cotidiana.....	62
1.3 Encontros e confrontos numa terra de “falso fausto”.....	71
2 O ESTADO BRASILEIRO E AS FRONTEIRAS ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO.....	81
2.1 Uma nova sociabilidade que se (im)põe.....	81
3 “CORRIGE OS COSTUMES RINDO”: HUMOR, VERGONHA E DECORO NA SOCIABILIDADE DE FORTALEZA (1850-1890).....	104
3.1 O humor costumbrista, vergonha e decoro.....	104
3.2 Imprensa e pasquim no Brasil e no Ceará.....	124
3.3 As folhas pasquineira no Brasil – características.....	129
3.4 Fortaleza e seus Pasquins.....	134
3.4.1 Proprietários, redatores e colaboradores.....	136
3.4.2 Os pasquins e seus temas.....	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	183
FONTES/BIBLIOGRAFIA.....	188
ANEXOS.....	198

INTRODUÇÃO

Nada melhor para iniciarmos a tarefa de apresentar um trabalho — que demandou um árduo e longo processo de leitura e pesquisa para a sua confecção — do que começar resgatando um pouco de sua história.

Nessa história, podemos relatar as primeiras questões e reflexões levantadas (muitas vezes um exercício de imaginação reflexiva), quando mantivemos os primeiros contatos com o tema/objeto (cidade – controle – humor / humor, vergonha e decoro em sociabilidade mundana), que nos mobilizou e mexeu com a nossa curiosidade. Transformá-lo, então, num rico desafio a ser enfrentado foi o que fizemos.

Nós que residimos por estas bandas do “Norte”¹ brasileiro estamos familiarizados com uma imagem bastante divulgada, parecendo estar incorporada às nossas vidas. É a imagem da tristeza e da penúria, amiúde associada às condições climáticas com baixos regimes de chuvas. É o período das secas.

Sem dúvida algumas destas secas marcaram a história, deixando para trás um rastro de destruição e miséria. Foi o caso da “seca grande ou comprida”, que, em fins do século XVIII, praticamente destruiu a economia cearense, dando-nos uma paisagem desoladora e de miséria social; ou, ainda, a de 1877. Tais secas, dentre outras, abalaram as “estruturas” da vida do homem sertanejo, em todos os seus aspectos (econômico – político – social - cultural).²

Uma outra imagem constantemente propalada é a do cangaceiro. Esta se vincula ao caráter do homem nordestino, cuja feição teria se plasmado a partir do meio inóspito e violento que exigia força e determinação para sobreviver. Assim,

¹ Forma como era chamada a região que hoje conhecemos e foi instituída, por meio de práticas e discursos, imagens e textos, como Nordeste. É só em meados da década de 1910 que a região vem ter esta denominação. É uma “Invenção-imagético discursiva”, como conclui Durval Muniz. Cf. ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

² Não cabe aqui examinarmos e buscarmos a compreensão do fenômeno das secas. Podemos, no entanto, afirmar que o fenômeno climático não é o motor determinante dos abalos estruturais de uma sociedade.

temos logo a idéia do homem forte, do “cabra macho”, da violência desmesurada. Ou, também, a idéia do sertanejo facínora, não civilizado e rude.

Flagramos esta segunda imagem quando assistíamos a um noticiário de televisão em 22/08/1997, o conhecido “Jornal do Meio-Dia”, transmitido pela TV Verdes Mares de Fortaleza, afiliada da Rede Globo. A notícia versava sobre o tema do folclore e, em especial, a “Academia dos Cordelistas” do Crato.³ A imagem escolhida para ilustrar a matéria jornalística foi a de um grupo dançando cujos participantes estavam vestidos de cangaceiros, o que de pronto nos chamou atenção, porque aquela imagem vinha à tona em nossa memória como uma repetição regular ou como uma cena que se reprisava e tornava a suceder.

Mais uma vez, um grupo de dança folclórica exibia para o cinegrafista a imagem do cangaceiro. Estranhamos o fato, o que fez surgir em nós algumas dúvidas: teria o grupo escolhido esse instante para ser registrado ou o responsável pela matéria selecionara-o em meio a tantas outras? Seria de ambas as partes um ato (in)consciente ou (in)voluntário na escolha? Tais perguntas são pertinentes, porque sabemos que as imagens transmitidas são de forte “marca” simbólica em nossa cultura.

Elas parecem estar cristalizadas nas consciências. Daí nos remeterem a uma reflexão contínua. Voltamos a pensar sobre o que somos, a refletir seriamente até onde há uma identificação com as imagens e falas veiculadas, e perguntamos: somos realmente o que vemos ou o que nos querem transmitir? Qual o limite daquela representação para o grupo o qual pertencemos? Quem construiu estas imagens e falas? Quais os interesses? A reflexão de Marilena Chauí nos ajuda e reforça nossos questionamentos:

... cada um de nós experimenta no cotidiano a forte presença de uma representação homogênea que os brasileiros possuem do país e de si mesmos. Essa representação permite, em certos momentos, crer na unidade, na identidade e na indivisibilidade da nação e do povo brasileiros, e, em outros momentos, conceber a divisão social e a divisão política sob forma dos amigos

³ Cidade da região conhecida como Cariri, situada ao Sul do Estado do Ceará.

*da nação e dos inimigos a combater, combate que engendrará ou conservará a unidade, a identificação e a indivisibilidade nacionais.*⁴

Em meio a estas perguntas e com o auxílio da reflexão desenvolvida pelo historiador Durval Muniz em “A invenção do Nordeste e outras artes”,⁵ foi possível dirimir nossas dúvidas e inquietações. Compreendemos que mais do que simples e despretensiosos enunciados e imagens (veiculados por diversos mecanismos e estratégias discursivas) representativos da nossa identidade nordestina, estávamos diante e envolvidos por um “discurso da estereotipia”. Ele foi confeccionado com o intuito de criar uma “homogeneidade imagética e discursiva”, que procurasse apagar “as multiplicidades e as diferenças, em nome de semelhanças superficiais do grupo”. Buscava-se gestar uma própria idéia de Nordeste e nordestino, uma identidade da região.

E os estereótipos produzidos, como alguns acima enumerados, eram regularmente repetidos para poderem ser subjetivados e cristalizados como “características do ser nordestino e do Nordeste”. Esses estereótipos direcionam comportamentos e atitudes em relação à região e aos que nela vivem. Como destaca Durval Muniz:

*Estereótipos que são operativos, positivos, que instituem uma verdade que se impõe de tal forma, que oblitera a multiplicidade das imagens e das falas regionais, em nome de um feixe limitado de imagens e falas-clichês, que são repetidos ad nauseum, seja pelos meios de comunicação, pelas artes, seja pelos próprios habitantes de outras áreas do país e da própria nação.*⁶

Mais cientes agora da construção desse “discurso identitário” (“Idéia de Nordeste”), notamos que algo tem passado despercebido em meio às representações e falas até então divulgadas. É o quadro da alegria, da festa, do riso

⁴ Marilena CHAUI, **Brasil. Mito Fundador e Sociedade Autoritária**, p. 7-8.

⁵ Durval Muniz de ALBUQUERQUE JR., **A invenção do Nordeste e outras artes**.

⁶ *Ibid.*, p. 307.

incontido. De um povo que possui também seus momentos de comicidade e de pilhéria. Que é capaz de rir e de brincar de maneira distinta e diversificada, longe da estereotipização homogeneizadora. Parece haver uma omissão em relação a essas imagens, contudo, sabemos que, por várias vezes, isso acontece(u) de forma proposital. Porque as imagens de sofrimento, tristeza, violência, homem determinado ou conformado etc. são mais fortes e apelativas de sentimentos de solidariedade “cristã” e/ou altruísta. Capazes de trazer benefícios materiais a partir da imagem dos “pedintes lamurientos”. Projeta-se um “discurso do menosprezado, do discriminado” para tirar melhor proveito da situação e, com isso, barganhar benesses do Estado. Daí, quem sabe, ser preferível não falar da alegria, do lazer, da fartura em tempo de chuva.

Por que, então, não falarmos do que é omitido com frequência? Do pouco dito? Poderíamos ilustrar, sim, a imagem da alegria/divertimento a partir de um programa exibido em 18/4/1999 pela TV Universitária de Pernambuco – “Documento Nordeste” – sobre a “Festa da Quixabeira”⁷, que acontecia na cidade de Valente, na Bahia, a 240 km de Salvador.

O repórter realizou entrevista com os participantes da festa, perguntando aos homens ali presentes “O que é ser sertanejo?” Logo, os entrevistados responderam que ser sertanejo é sofrer, é ser “macho”. Porém, de maneira paradoxal, também replicaram, é fazer o samba, bater palmas, fazer a roda de brincadeira, cantar o boi de roça, a cantoria etc. Ou, como fala o Sr. Florentino Silva “Fulô”, manter a tradição através dos festejos.

Percebemos nos relatos dos entrevistados, que o “não-sério”, a brincadeira, o lazer se faziam presentes na vida cotidiana daquele homem da roça. Tínhamos, com isso, uma imagem distinta do retrato da miséria, da fome e do duro trabalho. Um retrato diverso da tragédia nordestina, pois, o que foi dito e tornado visível na reportagem é prova concreta de que não havia uma correspondência obrigatória entre todos os discursos, vozes e imagens de um quadro trágico e os depoimentos vivos das experiências cotidianas daqueles homens que desfrutavam alegremente

⁷ O nome da festa tem origem na árvore, cujo doce é a quixaba. Uma árvore difícil de secar, estando sempre verde mesmo em período de chuva pouca.

da “Festa da Quixabeira”.

No romance de Manuel de Oliveira Paiva, “Dona Guidinha do Poço”,⁸ cujo cenário é uma cidade do Sertão Central cearense – Quixeramobim,⁹ – o romancista retrata a vida em período de seca. Porém, há uma passagem na qual um dos personagens, o Secundino, diverte-se com os sertanejos dançando o baião. Era uma festa em tempo de chuva pouca. Uma festa que iniciava logo após todos rezarem o terço. O sagrado e o profano se encontravam. Os limites eram quase inexistentes, como se os dois momentos fossem confundidos. Assim escreveu Oliveira Paiva:

A outra viola enfiou no rojão,¹⁰ amarrando o toque, e naquilo seguiram casadinhas que era um regalo.

Zé Tomás, que sentia umas dorezinhas cansadas nos músculos do pescoço, ficara febril. O jeito era descarregar no sapateado. Bateu rente no terreiro, com as mãos para trás, avançou para os tocadores, peneirando, pé atrás, recuou, pé atrás, pé adiante, pisou duro, estirou os braços para frente com a cabeça curvada, e, estalando as castanholas dos dedos rijos, fez uma roda de galo que arrasta a asa e atirou na Carolina.

- *Abre a roda! Gritou o Secundino.*

- *Aí, danado! Disseram outros para o Zé Tomás.*

- *Quero vê, Calu!*

A pernambucana saiu, empinada para diante, dando castanholadas para os lados.

- *Nada, baião de quatro! – gritou o Torém, saltando em campo e atirando em uma irmã do dono da casa.*

Os dois pares fizeram os seus volteados, trocaram as damas uma pela outra, e repetiram as mesmas figuras. Ficaram depois as damas, que atiraram em outros homens.

Já os cantadores haviam entrado no desafio, que o Secundino reclamava não poder bem apreciar.¹¹

⁸ Manuel de Oliveira PAIVA, **Dona Guidinha do Poço**, 139 p.

⁹ Terra onde nasceu Antônio Conselheiro, o líder de Canudos na Bahia. Distante de Fortaleza 205km.

¹⁰ Rojão (ou baião): nome que se dá à pequena peça musical tocada nos entrechos do desafio, enquanto o repentista improvisa sua resposta. Atualmente, o baião é difundido tão-somente como um ritmo.

¹¹ Manuel de Oliveira PAIVA, **Dona Guidinha do Poço**, p. 56.

Mostrar, então, esta outra face, não significa escamotear a realidade da seca, do "cabra macho", da violência, muito menos deixar de lado os embates sociais existentes. Pelo contrário, optar por este caminho é tentar tornar visíveis outras facetas da sociedade, em nosso caso, da sociedade cearense e, em especial, da sociabilidade mundana de Fortaleza. Pois, não tencionamos com o nosso trabalho revigorar um discurso imagético, no qual o humor e o riso serviriam somente para tornar o homem "nordestino" um bom tipo para os espetáculos humorísticos, estes realizados com o fim exclusivo de que "o público risse das coisas pitorescas, exóticas, esquisitas, ridículas dos irmãos do Norte".¹² Nem tampouco ambicionamos suprimir as diferenças culturais, mas sim realçá-las para mostrar a diversidade em sua prática cultural de fazer humor e de rir.

É bom destacarmos que ao optarmos pelo caminho do "não-sério", do humor, do cômico/riso, novamente voltamos o nosso olhar para um passado recente, que sustenta nosso projeto de pesquisa, porque seus vínculos e suas raízes estão intimamente ligadas às primeiras perguntas e respostas que ensaiamos ao longo do Mestrado.¹³ Ali, o enfoque central se deu em torno da tentativa de compreender os significados do que se alcunhou de "Ceará - Moleque" como sinal distintivo da identidade do povo cearense.

Não poderíamos, aqui, deixar de falar que o amadurecimento atual de nossas reflexões se deveu em parte a este trabalho de Mestrado. Mas, sem dúvida alguma mudamos um pouco o foco da ação. Se antes procurávamos respostas à identidade do cearense, hoje, tendo como ponto de inflexão o cômico/riso, buscamos compreender os hábitos e os costumes de uma sociabilidade mundana que se instalava em Fortaleza, sendo o cômico/riso arma para controlar e/ou impor costumes civilizados.

É sob essa perspectiva teórica do cômico e do riso que iremos tentar fazer uma leitura diferenciada daquela que sempre privilegiou temas e eventos considerados "sérios" (disputas político-partidárias, quadros de crises econômicas

¹² Cornélio Pires Apud Durval Muniz. Op. Cit., p. 45.

¹³ Marco Aurélio F. SILVA, **Decifra-me ou devoro-te: Tristão de Alencar Araripe Jr. e o Mito do Ceará Moleque.**

etc.). Ou seja, o que queremos é valorizar e destacar outros eventos/temas e suas leituras pouco usuais no campo historiográfico, mas que lentamente nos últimos anos vêm ganhando destaque e atenção. Aquilo que a “Ideologia da Seriedade” procurou obliterar ou considerar desimportante para a produção de um saber científico, é o que alerta Luis Felipe Neves ao denominar a “Ideologia da Seriedade”. Esta ideologia da seriedade *impõe uma antinomia absoluta entre seriedade e comicidade, qualifica positivamente a primeira e, subseqüentemente, identifica seriedade e saber. Confunde arrogância e sisudez com seriedade e responsabilidade para melhor recalcar o poder corrosivo e libertador que a comicidade pode carregar.*¹⁴

Este outro lado da moeda da qual pretendemos tratar pode ser capaz de descortinar uma realidade cruel, e talvez tenha a pretensão de “superar a articulação da experiência social” abordada. Ela não aparecerá como algo vindo a camuflar ou cegar a realidade vivida, criando outras ilusões. Acreditamos que o caminho escolhido traz consigo um grande poder crítico.

Vale lembrarmos que os eventos/temas “sérios” são necessários e não podem ser descartados de nossas buscas reflexivas sobre o real que escolhemos e intentamos compreender. No entanto, procuraremos fazer, sim, algo parecido (só parecido!) e realizado, por exemplo, pelo Antropólogo Roberto DaMatta, que, ao tentar compreender a identidade da sociedade brasileira, e tendo como questão central “O que faz o Brasil, Brasil?”; buscou respostas por um outro viés, que é, muitas vezes, considerado não-oficial ou não-sério. Ou seja, para a seriedade acadêmica, a direção tomada (é o caso da nossa pesquisa) é pouco confiável e, ainda, uma forma observada como menos “nobre”, menos “erudita” da sociedade. Mas, logramos apoio na idéia de DaMatta:

... as visões do Brasil a partir de suas coisas oficiais, sagradas, sérias e legais são as mais correntes e familiares, quero aqui revelá-la por meio de outros ângulos e outras questões. Não se trata mais da visão exclusivamente oficial e bem-comportada dos manuais de

¹⁴ Luiz Felipe Baeta NEVES, “A ideologia da Seriedade e o Paradoxo do Coringa”, **Revista de Cultura Vozes**, 68 (1): 36.

história social que se vendem em todas as livrarias, e os professores discutem nas escolas. Mas de uma leitura do Brasil que deseja ser maiúsculo por inteiro: o Brasil do povo e das suas coisas. Da comida, da mulher, da religião que não precisa de teologia complicada nem de padres estudados. Das leis da amizade e do parentesco, que atuam pelas lágrimas, pelas emoções do dar e do receber, e dentro das sombras acolhedoras das casas e quartos onde vivemos o nosso cotidiano.

E prossegue DaMatta:

Dos jogos espertos e vivos da malandragem e do carnaval, onde podemos vadiar sem sermos criminosos e, assim fazendo, experimentamos a sublime marginalidade que tem hora para começar e terminar. Deste Brasil que de algum modo se recusa a viver de forma totalmente planificada e hegemonicamente padronizada pelo dinheiro das contas bancárias ou pelo planos quinquenais dos ministérios encantados pelos vários tecnocratas e ideólogos que aí estão à espera de um chamado.¹⁵

Não projetamos dizer, com isso, que o resultado de nossa pesquisa seja um anedotário ou um lugar da piada pronta, capaz de fazer rir todos aqueles que porventura possam lê-la. Ela não deve ser tratada como um objeto risível, mas como uma “séria” tentativa de reflexão de uma realidade específica, a partir de uma discussão teórica e conceitual (“Prática Cultural do Humor”) diferente e pouco comum na produção do saber histórico.

Entretanto, desejamos acrescentar que damos uma importância devida ao humor e ao riso, porque constatamos nos hábitos e costumes estudados a presença marcante da comicidade, em que se expressa um estouro de alegria dos personagens envolvidos direta ou indiretamente em nossos eventos. Personagens estes estavam explícitos ou implícitos nos textos dos pasquins fortalezenses, como eram os casos das moças e rapazes que gostavam de namorar; homens e mulheres casadas que cometiam o adultério; viúvas que viviam a namorar;

¹⁵ Roberto DAMATTA, **O que faz o brasil, Brasil?**, p. 13-14.

empregados do comércio, domésticas, janotas e a rapaziada do “bom-tom”, que estavam presentes nos festejos populares como os “Fandangos” e “Reisados”; apontadores do jogo do bicho e/ou apostadores de qualquer outro jogo de azar; redatores das folhas que saíam às ruas em busca de notícias da vida alheia etc. Por diversas vezes, estes personagens foram alvos da pilhéria coletiva e pública.

Uma vez mais, gostaríamos de ressaltar o grande valor que existe no “não-sério”, no cômico e no riso para a compreensão de uma dada realidade histórica. Queremos dizer, com isso, que, se ambos são manifestações de vida, essas manifestações são objetos da história. *Nesta faculdade de apreensão do que é vivo é que reside, efectivamente, a qualidade fundamental do historiador.*¹⁶

É muito rico e interessante refletir sobre a forma cultural de fazer humor e/ou de manifestar o riso. Através do riso, podemos entrever o grupo, a coletividade em ação ou mesmo em interação. O ato de rir soa como frases e palavras, pois o riso não é expressão de emoções individuais. Ele não pode ser enquadrado apenas como fenômeno exclusivamente psicológico ou fisiológico.

*“O riso é um fenômeno cultural. De acordo com a sociedade e a época, as atitudes em relação ao riso, a maneira como é manifestado, seus alvos e suas formas não são constantes, mas mutáveis. O riso é um fenômeno social. Ele exige pelo menos duas ou três pessoas, reais ou imaginárias: uma que provoca o riso, uma que ri e outra de quem se ri, e também, muitas vezes, da pessoa ou das pessoas com quem se ri. É uma prática social com seus próprios códigos, seus rituais, seus atores e seu palco”.*¹⁷
(grifo do autor)

Atualmente, há “um movimento de valorização do riso nos mais diferentes circuitos: no meio acadêmico, na mídia e mesmo na medicina”.¹⁸ Todavia, essa “descoberta” do riso não é um fenômeno inédito, pois muitas das suas explicações remontam à Antiguidade.

¹⁶ Marc BLOCH, *Introdução à História*, p. 43.

¹⁷ LE GOFF, Jacques. “O riso na Idade Média”. In: Jan BREMMER e Herman ROODENBURG (Org.), *Uma História Cultural do Humor*, p. 65.

O riso sempre foi um enigma do pensamento ocidental, o que lhe rendeu uma série de definições. O número destas definições é diretamente proporcional às tendências do pensamento ao longo dos séculos e está de acordo com o ponto de vista de quem examina, pois, muitos foram os pensadores que buscaram sua essência e/ou a qualidade do que faz rir. As diversas tentativas para desvendar seu enigma, acabaram permitindo uma maior compreensão da condição humana.¹⁹

Nossa intenção aqui não é constituir ou fazer um resgate da história do riso no pensamento humano, buscando defini-lo conceitualmente ou procurando as origens daquilo que suscita a comicidade e o riso. O que nos interessa são as “práticas sociais do riso”, que podem ser vividas cotidianamente; importam-nos os personagens e os seus interesses compreendidos em tal prática cômica.

Então, pudemos perceber que o encontro entre o cômico/riso e o nosso objeto de estudo, hábitos e costumes mundanos de Fortaleza, era inevitável. Boa parte das evidências (pasquins) que tratam dessa mundanidade alencarina, mostra Fortaleza como sendo um palco de atuação para aqueles, principalmente populares (chamados muitas vezes de “Arraia Miúda”, “Pés-de-Poeira”, “Chinfrim”, “Canalha”), que circularam por suas ruas, becos, vilas, vielas, praças, ou seja, o espaço público. Nesse espaço, esses atores sociais urbanos praticaram atos que muitos dos que viviam a experiência da cidade consideravam atitude moleca e não civilizada.

Partindo dos conceitos de cômico e de riso, usados para ajudar numa melhor compreensão da realidade urbana alencarina, em seus hábitos e seus costumes, faz-se preciso, por conseguinte, situarmos melhor qual o nosso posicionamento frente às perspectivas teóricas que tentam “definir” a comicidade e seu efeito, o riso. Quer dizer, é forçoso esclarecermos qual é a idéia de comicidade/riso que permeia o nosso trabalho.

Gostaríamos de deixar claro e livre de dúvidas que a opção teórica tomada aqui (Teoria da Superioridade/ Do humor com a função social de controle/ Humor

¹⁸ Cf. Verena ALBERTI. **O pensamento e o riso: a transformação do riso em conceito filosófico.**

¹⁹ Cf. Diathay B. de MENEZES. “O riso, o cômico e o lúdico”, **Revista de Cultura Vozes**, 68 (1): 5-16 e Verena ALBERTI, **O riso e o risível na história do pensamento.**

Costumbrista) tem uma relação íntima e lógica com as evidências (pasquins) utilizadas ao longo da pesquisa. Porque o que visualizamos, principalmente a partir das colunas/artigos das folhas pasquineiras compiladas, é uma prática humorística – humor de palavras – que tem o predomínio e o intuito de corrigir os costumes por intermédio do humor (“Humor Costumbrista”).²⁰

É predominante nos pasquins um fazer humor empenhado em “rir contra”, com características de superioridade e de exclusão. E isto avaliamos como sendo um corolário da tensão constante que havia numa sociedade marcada pela hierarquia social,²¹ Esta prática humorística foi continuamente exercitada pelas camadas dominantes e seus associados,²² como era o caso de muitos intelectuais-redatores de algumas folhas recreativas, que se apropriavam da graça oral, das falas das ruas e as usavam por intermédio de um humor de palavras. Com efeito, tentavam condenar um comportamento excêntrico, porém não julgado como bastante “grave” ou “perigoso”, para reprimi-los com meios mais violentos. Pois, um “riso de exclusão” poderia, em determinados momentos bastar para manter ou impor a ordem. É o que fez o redator “Zé Migué”, do jornal “O Charutinho”,²³ em sua coluna “Abram o Olho”. Ele denunciou o comportamento excêntrico de uma mocinha que em pleno novenário na Igreja de São Benedito flatou.

²⁰ Cômico e humor significarão aqui a “mesma” coisa. Não fazemos distinção conceitual entre os dois termos, apesar de existirem pensadores que os definem de formas distintas. Apropriamo-nos da idéia de Bremmer e Roodenburg: “... entendemos o humor como qualquer mensagem – expressa por atos, palavras, escritos, imagens ou músicas – cuja intenção é a de provocar riso ou um sorriso”. Cf. Jan BREMER e Herman ROODENBURG, **História Cultural do Humor**, p. 13.

²¹ Quanto ao cômico/riso em seus aspectos funcionais de ordem social: “É inegável que uma de suas funções mais evidentes está em seu papel de controle social. Na realidade, um dos sentimentos mais imperiosos que comandam o agir humano é o temor do ridículo. Como técnica de controle, ele é usado para manifestar aprovação ou desaprovação, desenvolver atitudes comuns, indicar segurança ou amizade, expressar rejeições ou hostilidades etc. Todavia, se o cômico pode ser usado pelos que detêm o poder e a autoridade, em todos os níveis, como uma forma de manutenção do quadro normativo e axiológico de uma sociedade, por outro lado, é mais freqüente que outras camadas ou grupos sociais utilizem-se como um meio de facilitação social e mudança, e até como instrumento de luta e oposição”. Cf. Diathay B. de MENEZES, “O riso, o cômico e o lúdico”, **Revista de Cultura Vozes**, 68 (1): 10.

²² Nossos dados empíricos nos conduziram a um caminho em que não aliamos o cômico/riso somente às camadas populares, que tinham na comicidade uma forma de evasão da realidade ou um “libertador das emoções reprimidas”. Muito mais que “pôr o mundo às avessas” ou um período em que os padrões gerais de cultura eram temporariamente suspensos, o riso e a forma de fazer humor dos pasquins se associaram a grupos dominantes.

²³ **O Charutinho** – Jornal Amolecado. Fortaleza, 26 agosto 1900, anno1, num. 1.

Que nas novenas de S. Roque, na Igreja de S. Benedito, uma mocinha deu uma..., que o templo ficou todo defumado.

Muitos dos assistentes já supunham que era o micróbio da peste bubônica.

Quem tem um... como este, manda logo ao desinfectório!

Este tipo de comicidade trazia consigo um forte apelo de cunho moral, para, assim, impor medidas restritivas às atitudes reprováveis que impediam o pleno desenvolvimento da cidade. Para esta, era, pois, indispensável favorecer a realização de seu saneamento moral e higiênico, o que a tornaria mais urbana e civilizada.

Quanto à produção historiográfica — que tem associado aos seus objetos/temas (Ex.: cotidiano, política, identidade nacional, imprensa carnavalesca, República etc.) a comicidade e o riso, seja por meio da linguagem de humor visual ou do cômico de palavras — traz consigo o predomínio de uma perspectiva de fazer humor. É a perspectiva de um humor de postura crítica, em que se destaca um tipo de riso de “função libertária, renovadora, anti-repressiva”. Um riso que funcionará como um libertador das emoções reprimidas. Por isso, capaz de desnudar ou fazer uma inversão da realidade, principalmente aquela realidade que oprime, massacra e tenta controlar a todos. Estamos diante da “Teoria do alívio”, que tem o riso com estas características.

São trabalhos como o de Marcos A. da Silva, Isabel Lustosa, Elias Thomé Saliba, dentre outros.²⁴ A referência que tomamos de Marcos Silva, foi a sua obra “Caricata República. Zé Povo e o Brasil”.²⁵ Ali, ele trabalhou com o humor visual a partir da imprensa brasileira das duas primeiras décadas do século XX, tendo como destaque a imagem do “Zé Povo”, personagem que apareceu de modo constante na “Revista Fon-Fon!” e em outros periódicos brasileiros da época.

Segundo Marcos Silva, a imagem do “Zé Povo” representava a vida social brasileira de então, “reclamando de sua situação social, de desrespeito a seus

²⁴ Podemos destacar, ainda, os trabalhos de José Ramos Tinhorão e Maria da Conceição Francisca Pires.

²⁵ Marcos A. da SILVA, **Caricata República. Zé Povo e o Brasil.**

direitos e de outros problemas que sofria ou via a seu redor”.²⁶ *Zé Povo* funcionava como uma síntese humorística, assumindo uma atitude crítica da realidade em que se situava.

No caso de Isabel Lustosa, em seu “Brasil Pelo Método Confuso. Humor e boemia em Mendes Fradique”,²⁷ temos um trabalho que busca resgatar o “espírito de uma época” e de como este pensava o Brasil. Isto a partir da biografia individual de Madeira de Melo (Pseudônimo Mendes Fradique), que fazia parte do “grupo de boêmios de Emílio de Menezes”, no Rio de Janeiro de 1910.

Para desenvolver sua pesquisa, além das obras escritas do boêmio e literato, a historiadora contou como fonte principal os desenhos de humor visual (caricaturas) de Mendes Fradique impressos nos periódicos da época. Essas caricaturas se destacam pela originalidade da forma singular de expor a visão de mundo do caricaturista. Este era “fruto de um grupo, de uma classe e de um momento”. E assim, desta forma, Isabel Lustosa descortinou um olhar e uma leitura especial da realidade brasileira, reveladora de uma “contradição imanente na maneira predominante como se pensava o Brasil daquele momento”.²⁸

Na hipótese central da obra de Isabel Lustosa, o que existe é um “gap” entre as atitudes de Mendes Fradique ao se relacionar com a realidade brasileira. Pois uma coisa é o que o nosso boêmio pensava racionalmente sobre o país e a outra eram os seus sentimentos expressos com relação ao Brasil. Quer dizer:

Mendes Fradique era o produto de uma contradição palpitante na maneira de ver e viver o Brasil das elites pensantes de então. Ou seja, Madeira de Freitas pensava reacionário e Mendes Fradique sentia modernista. Seu pensamento era o produto de idéias etnocêntricas e conservadoras que resultavam numa visão negativa da realidade brasileira, mas a sua estética, expressa na

²⁶ Marcos A. da SILVA, *Caricata República. Zé Povo e o Brasil*, p. 9.

²⁷ Isabel LUSTOSA, *Brasil pelo Método Confuso. Humor e boemia em Mendes Fradique*.

²⁸ *Ibid.*, p. 17.

*produção do artista do humor e da caricatura, era resultado do vivido, do sentido, do Brasil real.*²⁹

Por fim, temos o trabalho “Raízes do Riso”,³⁰ de Elias Thomé Saliba. Nele, o nosso historiador realiza, de forma peculiar, um estudo da representação humorística da sociedade e da história brasileiras no período que vai da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. Um período marcado por uma nova e recalcitrante preocupação da cultura brasileira com as questões da identidade nacional.

Num cenário de marcantes transformações sociais e políticas coincido com o advento da República, foram inúmeras as perguntas que inquietaram e mobilizaram os intelectuais brasileiros da época na busca de soluções: *como construir uma nação se não tínhamos uma população definida ou um tipo definido? Frente àquele amálgama de passado e futuro, alimentado e realimentado pela República, quem era o brasileiro? O que poderia definir o Brasil como aquela ‘comunidade imaginada’?*³¹ Diversas foram as tentativas e as formas das respostas, em que a representação humorística figurou como uma maneira de representar a “comunidade imaginada”, desejada. E

*Assim, conduzidas pelas próprias características intrínsecas de concisão, condensação e simultaneidade, as representações humorísticas participaram ativamente desse processo de invenção da imaginação nacional, construindo tipos, visuais ou verbais, e fomentando estereótipos. Mas, neste caso, o inverso também foi verdadeiro, pois a vocação sintética do humor também foi utilizada, na maioria das vezes, para destruir, modificar e desmistificar tipos e estereótipos.*³²

²⁹ Isabel LUSTOSA, **Brasil pelo Método Confuso. Humor e boemia em Mendes Fradique**, p. 15.

³⁰ Elias Thomé SALIBA, **Raízes do Riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio.**

³¹ *Ibid.*, p. 302.

³² *Ibid.*, p. 32.

Para finalizarmos, e sem perdermos de vista as perspectivas do humor engastadas numa produção histórica recente, o que visualizamos nesta obra de Saliba é uma idéia de humor e/ou da representação humorística marcada pelo “desmascaramento” e pela “revelação” do real e da vida cotidiana. É o que constatamos a partir da afirmação do historiador:

... podemos caracterizar a representação humorística, portanto, como aquele esforço inaudito de desmascarar o real, de captar o indizível, de surpreender o engano ilusório dos gestos estáveis e de recolher, enfim, as rebarbas das temporalidades que a história, no seu constructo racional, foi deixando para trás.

Continua Saliba:

Ela é também o instante rápido da anedota, aquele ouro do instante: ela só consegue revelar o impensado, o indizível ao surpreendê-lo naquele seu momento supremo de estranhamento, que se realiza num átimo porque depois a história se movimenta novamente, o sentido de novo se esvai, o riso se esgarça e se retrai e se ele prossegue, começa a repetir-se, a perceber-se caduco e inútil – como que espargindo cinzas sobre a pátina já cinzenta das estátuas do passado. Por tudo isso, mais do que percepção e sentimento da ruptura e da contrariedade, a representação humorística é uma epifania da emoção. Ela se dilui na vida cotidiana e só de vez em quando brilha e ilumina, como um intervalo de riso e de alegria na rotina dos ritmos repetitivos e diários.³³

O breve balanço historiográfico realizado põe-nos novamente diante da idéia incontestante de que através do humor e de seu viés crítico e libertário, é possível desvendar e/ou fazer uma leitura de uma experiência social vivida num determinado espaço e período de tempo.

³³ Elias SALIBA, **Raízes do Riso**, p. 29.

No entanto, esta perspectiva historiográfica, hegemônica em sua produção e editoração (mercado editorial),³⁴ demonstra apenas um lado da “verdade”. Se é que podemos afirmar aqui a existência de uma e, com isso, considerar as outras afirmações como falsas. Daí, que nos perguntamos: por que não seria possível pesarmos e dizermos de maneira diferente do que regularmente se pensa e se diz? Não que estejamos questionando aqui a qualidade e o esmero destas pesquisas/leituras históricas através do humor/riso, que findou influenciando a produção de novos e interessantes trabalhos, mas que este saber historiográfico acabou deixando de lado ou esquecendo (talvez pelo tipo de fonte empregada e a forma como foi lida; pelo próprio momento histórico da pesquisa; pelo olhar e interesse do historiador etc.) que existe uma outra prática social do cômico/humor, capaz de gerar um riso que funciona como “arma de repressão, conservadorismo e crueldade, às vezes violenta”.

É a partir desta lacuna que se abre e, mais, pelos nossos registros do passado (jornais), que trilhamos um caminho distinto e/ou complementar a esta produção historiográfica, que admite o humor e o riso como elementos de compreensão de uma realidade histórica. Assim, projetamos ampliar ou deixarmos ver que as “práticas sociais do riso” eram mais diversas e plurais do que aquilo até então conhecido e/ou divulgado pela historiografia.

Logo, nossos objetivos são: 1) Mostrar como uma linguagem cômica, insultuosa e pornográfica, usada muitas vezes **retoricamente** e apropriada por grupos de elite, procurava criar um senso de comunidade e, ao mesmo instante, estabelecia novos campos de luta social, política e cultural. Porque a linguagem cômica, geradora de um “riso de exclusão”, tinha a preocupação de sanear, hierarquizar e classificar os diversos segmentos sociais urbanos. O “riso de exclusão” poderia ajudar em possíveis unidade e diferença sociais; 2) Intentamos examinar de que modo uma prática lingüística funcionou como um instrumento ativo do poder (quem sabe poder constituí-lo), em vez de exclusivamente refletir a realidade social da qual foi originária; 3) Por fim, queremos demonstrar como o

³⁴ Não quantificamos as obras, mas partimos da observação, mesmo superficial, das recorrentes indicações bibliográficas e das prateleiras das livrarias que expõem obras com este viés historiográfico.

controle sobre o indivíduo social poderia ser exercido em diversas maneiras. Além das estratégias formais de poder e/ou de seus mecanismos de controle (aparato jurídico-policial), o humor e o riso funcionaram como uma estratégia de controle, que buscava a solução de problemas de ocupação e circulação no espaço citadino de uma sociedade que se instituía sob os “princípios da positividade do trabalho”.

Daí, vinculados aos objetivos acima, tentamos compreender os hábitos e costumes da cidade de Fortaleza, a partir da segunda metade do século XIX (1850-1900),³⁵ no instante em que a capital atravessava um momento de significativas reformas urbanas com seu aparelhamento técnico e com ordenação de seus espaços (veja Cap. 1).

Uma leitura desses hábitos e costumes se deu a partir principalmente desses jornais de pequeno formato que se diziam para o lazer e que circulavam na cidade de Alencar. Como vimos logo acima, eles traziam consigo, apesar de uma linguagem cômica, insultuosa e pornográfica, um forte discurso de moralização. Pois, o “humor costumbrista” (humor de costumes) buscava por meio do riso corrigir, regular e modelar hábitos. Através do cômico/riso de caráter ético-moral, provocar-se-ia o sentimento de embaraço e vergonha,³⁶ para que o elemento desviante (com comportamentos não civilizado e irreverente), ao ser constrangido, corrigisse e/ou internalizasse o que esperava e impunha a classe social dominante, desejosa de estabelecer e de impor uma sociedade do progresso e do moderno.

Os artigos jornalísticos (Veja cap. 3) acabavam por criar expectativas nos seus leitores. De um lado, produzia-se uma curiosidade associada a um desejo de saber de quem ou do que se fala. Qual seria o próximo alvo do escárnio? Mas, por outro lado, gerava-se um clima de angústia e de medo em alguns. Cientes, muitas vezes, dos conteúdos dos jornais, esperavam não ser as próximas vítimas do tiro certo da “zombaria” e do “insulto gracioso”. Porquanto, “todos” (populares ou

³⁵ A justificativa temporal também se dá pelo grande número de folhas volantes (pasquins) que circulavam na capital cearense do período e que tinha como “tema alvo” de seus artigos a vida mundana da cidade (namoros, jogos, festas populares e religiosas, o sair noturno etc.).

³⁶ Como afirma José de Sousa Martins: “O embaraço é a manifestação exterior da vergonha e, para dizer de modo sociologicamente mais apropriado, de poder da vergonha. Portanto, aquilo que envergonha (e embaraça) é a inobservância da autoridade de uma regra. Inobservância, mais do que desobediência, porque esta última pode decorrer da transgressão e, portanto, da insurgência contra uma definição de conduta que, do ponto de vista do sujeito, deixou de ser legítima”. José de Souza MARTINS (Org.). **Vergonha e Decoro na Vida Cotidiana da Metrópole**, p. 13.

contrários à postura civilizada e moderna) poderiam ser surpreendidos inexoravelmente pelo riso de zombaria, sendo arrastados à degradação moral para a diversão coletiva e pública.

É conclusivo, pois, que se editaram jornais com estas características, porque existia um público consumidor, curioso e ávido de informações, que se deleitava e sentia prazer ao consumir aquelas notícias veiculadas pelos artigos/colunas impressas. É exemplo o caso dos compradores das folhas, que, muitas vezes, pagavam para editar seus informes, onde denunciavam os hábitos privados considerados indecorosos de seus vizinhos.

O que tivemos, com este tipo de humor pasquineiro, foi uma invasão da intimidade do outro. Os agentes defensores (proprietários-redatores) de uma nova postura, para uma sociabilidade moderna, invadiam os espaços e as relações pessoais. Arrogavam para si o direito de “poder” dispor da vida do outro. Assim, impuseram sua superioridade e o que achavam necessário (condutas, costumes, valores etc.) para o bom andamento da sociedade, o que consideravam harmonioso e progressivo. (Veja cap. 3, item 3.4.1)

Tem sido importante constatar os dispositivos empregados por estes “agentes” para a imposição de um tipo de vida no espaço urbano de Fortaleza. Por exemplo, se, de um lado, intermediada por uma educação moral, religiosa e para o trabalho, existiram as palavras dóceis de amor e respeito dos povos (marca do Evangelho cristão), da pregação de maneiras afáveis, de prudência e paciência para com todos, ou seja, de uma vida exemplar, longe do vício, da vadiagem, da preguiça, do crime, de uma vida voltada para o trabalho regular e disciplinado, por outro lado, mediada pelos pasquins, não foram poupadas as palavras duras, cruéis e condenatórias que compunham a sua linguagem destacadamente cômica, tão viva e capaz de gerar um riso de zombaria objetivando o (auto)controle social.

Daí então, o objetivo era que a livre manifestação dos sentimentos e intenções deveria ser contida. Pois, era preciso seguir à risca códigos específicos de comportamentos enquadrados nas regras de civilidade. Com tal fito, os “agentes” da moralidade utilizaram como instrumento de combate àquele, que impedia o “desenvolvimento” social civilizado as folhas pasquineiras impressas,

cujo pilar de sustentação está na utilização de uma linguagem cômica, insultuosa e pornográfica. Desta forma, os pasquins assumiram a condição de “aparelho de manipulação social”.

Surgem-nos, então, diante deste "riso costumbrista" algumas perguntas: 1) Estaríamos, em nosso caso, perante um riso moleque do cearense, muitas vezes nada mais que o desejo sádico do "surrar" com palavras (linguagem cômica) as condutas levadas em conta como imorais e não civilizadas pelos guardiões da moralidade e dos "bons costumes"? 2) Quem são esses guardiões e quem merece ser repreendido? 3) Como se foi dando a ruptura entre demonstração e contenção de sentimentos em espaços privado e público da cidade alencarina, vindo a ser um hábito obrigatório e internalizado? 4) Que dimensão e importância ocupou a linguagem cômica, insultuosa, pornográfica na constituição de uma postura moralizante e de controle social, com o intuito de pôr em prática os desejos modernos? Guardemos estas perguntas, dentre outras, como norteadoras da pesquisa.

É neste universo, à disposição do indivíduo/sujeito (novos grupos urbanos), que se produziu um discurso pelo moderno, em que se têm os "pasquins", pequenas folhas circulantes, como lugar manifesto para um esforço de transformar valores do moderno e civilizado em fatos históricos. Procurou-se operar uma objetivação e concretude sociais, através de um discurso cujo destaque se dá à linguagem verbal de aspectos cômico, insultuoso e pornográfico. Esta linguagem ganhou ressonância, pois os valores que contém são compartilháveis, comunicáveis, sociais. Seu destaque se deu ainda por ser uma linguagem acessível a todos, compreensível e longe de uma escrita mais rebuscada e literária, tão comum nos jornais da época.

Poderíamos nos aventurar na busca de uma explicação plausível para os motivos que levaram os redatores das folhas a utilizarem um tipo de linguagem que diziam ter o objetivo de divertir os seus leitores. Era que através da comicidade, da pornografia e do insulto tínhamos "uma lógica do prazer que tanto excita quanto dociliza os corpos". A linguagem pasquineira produziu um tipo de "humor a favor", através do qual se tem a necessidade de manutenção, correção e

controle de hábitos, para que não ferisse a ordem vigente das relações sociais na cidade.

É bom ressaltar que a linguagem presente nos pasquins representa um campo fértil para o historiador social. Ela é produto da sociedade na qual é veiculada. Reflete, com isso, o funcionamento, os valores, as convenções de comportamento, o caráter e a importância de certos relacionamentos sociais. Porquanto,

A palavra organizada em discurso incorpora em si, desse modo, toda a sorte de hierarquias e enquadramentos de valor intrínsecos às estruturas sociais de que emanam. Daí porque o discurso se articula em função de regras e formas convencionais, cuja contravenção esbarra em resistências firmes e imediatas. Maior pois, do que a afinidade que se supõe existir entre as palavras e o real, talvez seja a homologia que elas guardam com o ser social.³⁷

O historiador que toma os periódicos editados como fonte de suas investigações pode manter estreitas relações com o *estado político, a situação econômica, a organização social e o nível cultural de um país e da época dos quais constitui reflexo*.³⁸ Poderíamos afirmar também com precisão que ele está diante de um arquivo do cotidiano. Todavia, depara-se com dificuldades próprias ao tipo de vestígio usado como material de trabalho, principalmente os que se encontram um pouco mais afastados de seu tempo, como por exemplo o século XIX; ou, ainda, estes obstáculos aumentam o seu grau de dificuldade, quando o gênero de imprensa é o pasquim.

É possível apontar aqui alguns desses obstáculos encontrados na pesquisa do material. Os problemas estão na ordem do desprestígio da fonte-jornal que é o pasquim; da aquisição do material, acesso e manuseio; do entendimento do

³⁷ Nicolau SEVCENKO, **Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**, p. 19-20.

³⁸ P. ALBERT e F. TERROU, **História da Imprensa**, p. 1.

propósito e linguagem empregada; dos atores envolvidos e seus lugares sociais etc.

Muitos dos estudiosos que se ocuparam do estudo da imprensa brasileira antiga desprestigiaram o pasquim, julgando-o apenas pelas aparências, e, com isso, *condenaram-no como manifestação espúria, sem significação, marginal*. Assim, todas as atenções se voltaram para a "grande imprensa", que recebeu as atenções devidas como organização e preservação de acervos, principalmente por serem, na sua maioria, jornais que pertenceram aos interesses das elites no Brasil.³⁹

O segundo óbice foi o da localização dos jornais. Vários dos títulos previamente selecionados⁴⁰ achavam-se dispersos, seja em Arquivos Públicos de Estados distintos, ou, ainda, constavam nos catálogos/índices, mas não estavam mais nas prateleiras das instituições públicas responsáveis pela guarda e conservação de documentos históricos.

Quando encontrávamos o material, o empecilho era o estado de conservação dos periódicos impressos, que não tinham passado por um processo de microfilmagem. Muitos se tornaram ilegíveis ou de difícil leitura, porque estavam mutilados. O seu manuseio poderia acabar por provocar a destruição total das edições existentes; foi o que encontramos, quando da pesquisa no Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano (APEJE), em Recife. Mesmo assim conseguimos compilar 50 títulos de jornais cearenses e 16 de Pernambuco,⁴¹ editados nas cidades de Fortaleza e Recife. Quanto às folhas microfilmadas pertencentes ao Setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública Gov. Menezes Pimentel, em Fortaleza, não possuíam uma seqüência de números tão expressiva.

Uma outra dificuldade encontrada ao utilizarmos os pasquins como fonte de pesquisa é o costumeiro anonimato de seus proprietários e redatores, que muitas vezes, se faziam valer, para não serem identificados pelos desafetos do

³⁹ Nelson W. SODRÉ, **História da Imprensa no Brasil**.

⁴⁰ Seleção em catálogos/índices (Arquivos Públicos / Biblioteca Nacional), artigos da revista do Instituto do Ceará, Almanques, obras de referência sobre imprensa no Brasil etc.

⁴¹ É preciso esclarecer que o número dos jornais pernambucanos é bem maior. Na pesquisa, a escolha recaiu nas publicações das décadas de 80 e 90 do século XIX.

jornal, do uso de pseudônimos. Isto dificulta para o pesquisador o entendimento e a chegada de conclusões sobre a folha, sua orientação, sua linguagem e seus motivos reais para a circulação, o que não ocorria para o público da época, para o tempo, que compreendia facilmente porque era conhecedor das nomenclaturas, em que coisas e pessoas mudavam de títulos e estavam envolvidos nos artigos.

Entretanto, o desafio e o mérito, diante dos obstáculos, foram a compilação e a leitura de textos de arquivos pouco conhecidos, além do quebra-cabeça que tivemos de montar para a resolução de nossos problemas. Não foi fácil juntarmos as peças ("jornais") encontrados em locais distintos e distantes. Colhemos um número aqui, outro acolá para, assim, darmos uma seqüência expressiva, em que teríamos uma idéia maior dos múltiplos atores envolvidos, seus discursos, linguagem empregada, formatação dos periódicos, projetos, lugar social etc.

Da compilação à organização de uma seqüência editorial considerável, trilhamos um caminho de três momentos. No primeiro momento, fizemos uma pré-seleção a partir dos títulos dos periódicos e suas respectivas epígrafes/divisas e artigo/editorial de estréia e apresentação. Elas deviam estar relacionadas com o conjunto dos jornais e publicações que tinham como objetivo a recreação, a pilhéria e o intuito de divertir os leitores.

Tendo a referência acima como forma da escolha fundamentada dos jornais, ficaram descartados os da chamada "grande imprensa", ou jornais de órgãos partidários (Liberal e Conservador, Republicano e Monarquista etc.) e que estavam a serviço das grandes famílias de elite. Poderiam figurar, como exemplo, "Cearense", "Unitário" ou "O Libertador". Acabamos, então, por privilegiar os jornais de pequeno formato ou os chamados pasquins.

Após esta pré-seleção, e já em um segundo momento, realizamos a leitura de todas as colunas/artigos, chegando à escolha final dos jornais em 50 títulos do Ceará (Fortaleza) e 16 de Pernambuco (Recife). Nesse instante, elaboramos quadros das fontes (anexos B, C e D), cujas as informações são: ano de publicação, localização/referência em arquivo e situação em que se encontram (impresso ou microfilmado) e identificação dos seus proprietários, redatores e colaboradores.

O próximo passo dado, o terceiro momento, foi o fichamento e análise do conteúdo discursivo dos artigos destacados como de fundamental importância para a compreensão do mundanismo, do fenômeno cômico, da pilhéria e da pasquinagem que pareceu contagiar a “todos” da Fortaleza dos XIX. Porém, esta avaliação discursiva foi facilitada com a leitura paralela e complementar de outras fontes — crônicas históricas (em verso ou prosa), peças de teatro, memórias (biografias), romances literários —, que tiveram como cenário a cidade alencarina. Elas, muitas vezes funcionando como um contraponto da leitura, foram produzidas por escritores (poetas – romancistas), jornalistas, memorialistas e teatrólogos. *Todos “registradores do fugaz”, que puderam dispor da cidade e da rua [como] sua fonte de inspiração, deixando um material precioso que nos permite chegar, de alguma forma, até o passado.*⁴²

É sintonizada com as questões levantadas que a tese se dividiu em três capítulos, que seguem uma estreita relação sincrônica e complementar um com o outro.

O primeiro capítulo começa com um esboço do contexto das mudanças por que passava o Brasil e, em especial, as cidades brasileiras. A partir deste contexto, vamos situar a cidade da Fortaleza de Nossa Senhora d’Assunção nesse ciclo de modificações que acabou por gerar um novo cenário urbano e que procurou uma reestruturação de valores, de condutas, de hábitos e costumes citadinos. Daí, demonstraremos, em especial, o espaço da rua, como palco urbano da recomposição da vida cotidiana e onde os atores urbanos poderiam encenar, experimentar e pôr em prática os seus anseios e interesses.

Exibiremos, também, a rua como um espaço que surge como chão concreto por onde circulam nossos atores e onde vivenciaram suas experiências de uma sociabilidade mundana e licenciosa. Falaremos, ainda, do medo e do fascínio que as modificações urbanas provocaram em seus moradores, e dos encontros e confrontos sociais numa terra de “falso fausto”, que aparentava ser civilizada, mas que trazia consigo uma série de problemas sociais.

⁴² Sandra Jatahy PESAVENTO, **O Espetáculo da Rua**, p. 10.

No segundo capítulo, discutiremos sobre a instalação do Estado brasileiro e as fronteiras entre o público e o privado. Destacaremos, então, a relação entre essa "associação política" (Estado) e o seu controle sobre os hábitos sociais. Abordaremos, também, que o exercício do domínio/fiscalização sobre o indivíduo social poderia se dar, além das estratégias formais de poder e de seus mecanismos de controle (aparelhagem judicial e policial), por diversas maneiras. Como, por exemplo, o humor e o riso. É destaque, também, a gestação de uma nova sociabilidade que se pretendia hegemônica.

Por último — como capítulo central e onde demandamos uma maior atenção, por aí se encontrarem as fontes, respaldando nossas afirmações — vamos visualizar melhor a questão do humor, da vergonha e do decoro para se compreender a sociabilidade mundana de Fortaleza. Para isso, implementamos uma análise dos artigos pasquineiros, que tratavam e/ou tinham como temática os atos de convivência social considerados indecorosos. Esses atos eram levados em conta como obstáculos para uma vida civilizada. Eram os casos dos namoros, dos jogos ilícitos e das festas populares.

Nesse derradeiro capítulo, veremos como o “cômico de superioridade” e seu efeito, o “riso de exclusão” — materializado num discurso de retórica e de comicidade (“cômico de palavras”) —, foram utilizados como arma de repressão, às vezes violenta, pelos intelectuais-redatores dos pasquins. Pois, estes tinham o intuito de inibir, embaraçar e envergonhar aqueles que em seus hábitos/costumes não se enquadravam e/ou impediam as práticas sociais de uma sociabilidade que se pretendia civilizada/moderna e sintonizada com as exigências de uma nova ordem urbano-industrial. Ou seja, a linguagem cômica tinha o objetivo de sanear, hierarquizar e classificar os variados segmentos sociais urbanos, determinando seus lugares e suas funções na sociedade.

1 A CIDADE DE FORTALEZA E SEU PALCO URBANO

Na segunda metade do século XIX, o Brasil passou por um conjunto de relevantes transformações, que mexeram com sua formação histórica tradicional herdada da colônia. Fenômenos importantes, como a transição do trabalho escravo para o trabalho livre (fim do tráfico negreiro em 1850, a "Abolição dos Escravos" em 1888 e imigração estrangeira para o Sul do país), a instalação da rede ferroviária iniciada em 1852, as indústrias, o desenvolvimento de crédito, a instauração do regime republicano etc. estabeleceram algumas modificações na estrutura econômica e social. Tais fenômenos foram levados a efeito por "novas" forças sociais e "novos" valores, e, ainda, pelas injunções do capitalismo que ora se mundializava.

Tudo isso acabou contribuindo para um relativo desenvolvimento interno e estimulando um processo de urbanização, que trouxe consigo a emergência de novos padrões urbanos de sensibilidade e sociabilidade, como, por exemplo, na década de 1870, as principais cidades brasileiras estavam perdendo muito do seu aspecto colonial e podiam se orgulhar dos melhoramentos, fosse nos transportes públicos, na iluminação e no abastecimento de água, na pavimentação das ruas, na construção de mais prédios públicos, no aumento progressivo dos serviços públicos etc. e isto num espaço citadino que passou a aglomerar populações cada vez maiores, atraídas que estavam pela vida urbana.

Esta divisa de tempo é marcada por uma "febre de reformas", como afirma Sérgio Buarque de Holanda: *Mesmo depois de inaugurado o regime republicano, nunca, talvez, fomos envolvidos, em tão breve período, por uma febre tão intensa de reformas como a que se registrou precisamente nos meados do século passado [Séc. XIX] e especialmente nos anos de 51 a 55.*⁴³

Entretanto, podemos afirmar com precisão que tais modificações são partes conexas de um movimento mais amplo de alterações que vivia a ordem

⁴³ Sérgio Buarque de HOLANDA, **Raízes do Brasil**, p. 42.

mundial naquele instante. O mundo experimentava as repercussões do que se chamou de "Segunda Revolução Industrial" ou "Revolução Científico-Tecnológica". Foi um movimento que atingiu todos os níveis da experiência social. *As mudanças irão afetar desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de reagir aos estímulos luminosos, a maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou o alheamento de outros seres humanos.*⁴⁴

Vivia-se um período de fluxo intenso de mudanças. Para os “homens cultos” do século XIX, este momento era *prenhe de um potencial transformador ainda não avaliado*.⁴⁵ Era uma ocasião oportuna para se falar pela primeira vez de uma "civilização urbana" (européia e norte-americana), tanto no sentido de que a população vivendo nas cidades ultrapassava a rural, como na proliferação das grandes megalópoles e seus problemas. A cidade civilizava-se. Passava a surgir como espaço próprio das experiências de uma sociedade que se industrializava e se modernizava nos marcos de um capitalismo industrial. E, assim,

*A cidade moderna representa (...) lugar onde a subordinação da vida a imperativos exteriores ao homem se encontra levada às últimas conseqüências. Fascínio e medo; a cidade configura o espaço por excelência da transformação, ou seja, do progresso e da história: ela representa a expressão maior do domínio da natureza pelo homem e das condições artificiais (fabricadas) de vida.*⁴⁶

Na esteira dessas mudanças, algumas cidades brasileiras irão passar por uma série de intensas reformas urbanas e sociais. Elas seriam modificadas para responder de forma prática aos dominantes desejos de modernidade da "sociedade", que pretendia *criar uma atmosfera de civilização, ao mesmo tempo*

⁴⁴ Nicolau SEVCENKO, **História da Vida Privada no Brasil: República: da Belle Époque a era do rádio**, p. 7.

⁴⁵ Maria Stela Martins BRESCIANE, “Metrópoles: As Faces do Monstro Urbano (as cidades no século XIX)”, **Revista Brasileira de História**, (8/9): 35-68.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 39.

*em que [contribuiria] para impulsionar a cidade no sentido do progresso.*⁴⁷ Porém, estas reformas e melhoramentos beneficiavam somente os segmentos de elite, detentores do poder nas cidades.

Daí, a modernização, combinada à urbanização, fez-se somente de aparência e nos limites das cidades mais importantes, aquelas que possuíam alguma importância política e econômica. Não muito distante destas e muitas vezes dentro de seus próprios limites urbanos, a maioria da população estava à margem do progresso, residindo em área rural ou em condições precárias e marginais de vida. Os relatos dos estrangeiros, cronistas, memorialistas e muitas das construções ficcionais (literatura) dão conta das sujeiras das ruas, dos odores desagradáveis e, principalmente, das péssimas condições de vida dos pobres. Isto é focado numa passagem ficcional — *A Afilhada* — do escritor Manuel de Oliveira Paiva, na qual visualizamos uma excelente e bem detalhada imagem de precariedade das condições de uma rua, que ele nomeou de "Beco das Trincheiras",⁴⁸ e de suas casas. Leiamos a passagem:

A parede sem calça escurecia cada vez mais a portinha sem pintura. Um cheiro de lama de esgotos empestava a coxia, e ao correr do calçamento havia rumas de tijolos e barro de construção, gigos, barricadas, tabuadas de pinho, caixões, que ao cair da noite não permitiria recolher aos armazéns.

*O aspecto do aposento era esfumarado, o teto enegrecido de fuligem. Uma teia de aranha, no canto, atravessada pela tênue fumaça que procurava uma telha como suspensa para servir de chaminé, recebia o bafo luminoso da trempe de pedras, onde havia uma panela de mungunzá. O chão era uma terra socada e desigual. Uma tapagem de esteira e estôpa separava uma alcova, cujo ingresso era vedado, à guisa de reporteiro, por uma antiga manta vermelha, de soldado de polícia, com queimaduras de ferro de engomar".*⁴⁹

⁴⁷ Francisco Carlos J. BARBOSA. *A Força do Hábito: condutas transgressoras na Fortaleza remodelada (1900-130)*, p. 13.

⁴⁸ Possivelmente, a antiga rua das Trincheira, hoje Liberato Barroso.

⁴⁹ Manuel de Oliveira PAIVA, *A Afilhada*, p. 155-156.

É bom destacar que, mesmo após o processo de “independência” brasileira, a estrutura da produção colonial sobreviveu: trabalho escravo ou semi-servil, latifúndio, economia de exportação (produtos tropicais) e sistema político paternalista baseado no sistema de clientela e marginalização de grande parcela da sociedade. A manutenção de tal estrutura acabou por provocar um tipo de urbanização no século XIX distinto do modelo clássico de urbanização que se efetuou nas áreas centrais do sistema capitalista.

As transformações da segunda metade do século XIX: desenvolvimento de ferrovias, imigração, abolição da escravidão, crescimento relativo do mercado interno e incipiente industrialização, acabaram por não mudar em profundidade os padrões tradicionais de urbanização que se definiram no período colonial. Com exceção dos principais portos exportadores, os outros núcleos urbanos permaneceram na órbita dos potentados rurais, o que quer dizer que o nosso processo de urbanização, ao longo desse século, foi muito mais resultado da expansão comercial. E esta, por sua vez, conseqüência da integração do país ao mercado internacional e, desta forma, sujeita às oscilações deste mercado. Sobre isto, Emília Viotti escreve com propriedade:

A urbanização no século XIX seria menos fruto da expansão do mercado interno, e mais reflexo da expansão do mercado internacional e do desenvolvimento da economia de exportação de produtos tropicais destinados aos mercados europeu e americano do norte e setores subsidiários; daí o contraste entre os centros urbanos litorâneos ligados à economia de exportação e as cidades interioranas.(...)Daí também o caráter relativamente instável de rede urbana e fenômeno característico das 'cidades mortas' que entram em declínio, assim que diminui sua participação na economia de exportação.⁵⁰

Não podemos deixar de destacar que, apesar dos limites da nossa urbanização, novas formas de sociabilidade foram criadas. *O desenvolvimento urbano no século XIX (...) oferece maiores possibilidades de mobilidade social,*

⁵⁰ Emília Viotti da COSTA, **Da Monarquia à República**, p. 218.

*contribuiu para aumentar o nível de alfabetização de alguns setores da população e para incorporá-los aos benefícios da civilização.*⁵¹

No Brasil, a cidade, em especial as capitais (sedes administrativas e/ou portuárias), foi *locus* para uma nova sociabilidade que então se gestava. Nela, as camadas urbanas que surgiam pareciam mais significativas e atuantes do que anteriormente. Novas formas de um viver social estavam sendo ensaiadas e fundadas por estes grupos mais urbanizados, o que por diversas vezes, entraram em choque com a velha estrutura patriarcal e rural, que fora até então hegemônica. Em alguns casos, esta oposição não significava rompimento, mas representava tão somente uma diminuição da disciplina rígida do patriarcalismo.

Nesse mesmo período de efervescentes mudanças, encontramos a capital da província cearense, Fortaleza, não muito distante das transformações operadas nos grandes centros urbanos europeus e até mesmo na capital do Império; pois passava também por todo um processo de reformas urbanas com aparelhamento técnico e reordenação de seus espaços. Não só a cidade como espaço se modificava, mas, ainda, as pessoas eram envolvidas e levadas a crer que todo o seu conjunto sócio-espacial necessitava mudar.

Na segunda metade do século XIX, Fortaleza consolidou sua hegemonia na província, destacando-se como cidade central, seja na economia ou na política. Por conseguinte, ganhou destaque sociocultural. Venceu a concorrência com outras vilas como Aracati, Icó e Sobral, pois, sendo então cidade portuária, atraiu e centralizou todos os produtos das trocas comerciais. Isto somado também aos benefícios tirados com o processo de centralização política do Estado Imperial. Porquanto, como afirmou Maria Auxiliadora Lemenhe: *embora se aceite que o desenvolvimento da agricultura para exportação no Ceará forneceu as bases para a emergência e expansão de Fortaleza, defende-se a hipótese de que o sistema político administrativo do Império criou os mecanismos políticos e institucionais favoráveis à hegemonia do núcleo.*⁵²

⁵¹ Emília Viotti da COSTA, **Da Monarquia à República**, p. 226.

⁵² Maria Auxiliadora LEMENHE, **As Razões de uma Cidade**, p. 18.

O que há nesse instante no Ceará é a estruturação de uma economia primária exportadora. A província cearense assentada em “nova” base econômica voltava-se mais para o mercado externo, realizando intensas trocas comerciais de mercadorias de tipo primário com produtos manufaturados, tendo como corolário a sua inserção dentro de uma nova lógica internacional do trabalho. Esta maior articulação da economia cearense com o mercado externo exigiu necessárias reformas infra-estruturais (estradas, porto, incorporação de nova força de trabalho, etc.), principalmente em sua capital.⁵³

Na capital, foram implementadas melhorias em seus serviços públicos, nos transportes, nas comunicações, na iluminação, na abertura e pavimentação de novas vias, na construção de belos prédios públicos que funcionariam como lugares da gestão da cidade etc., o que levou Fortaleza a um relevante crescimento. Houve um movimento de modificações urbanas, de aumento populacional e de beneficiamento técnico-produtivo. É o que informa Auxiliadora Lemenhe:

A capital se diferencia aos poucos dos demais núcleos pelo adensamento de sua população e expansão das edificações privadas. Pelos dados de arrecadação do imposto predial (décima urbana) tem-se que, desde 1860, Fortaleza abrigava uma população consideravelmente maior. Naquele ano foram arrecadados em Aracati e Sobral 975\$000 e 63\$000, respectivamente, e em Fortaleza 5.207\$000. As cifras tão mais altas para esta última sugerem não só uma população maior, como também a existência de uma parcela numerosa de indivíduos com níveis de renda suficientes para cumprir as exigências do fisco.

Não menos importante seria a expansão das edificações públicas. Prédios como o da Santa Casa de Misericórdia (1861), Cadeia Pública (1866), Assembléia Legislativa (1871), Asilo de Mendicidade (1877), Escola Normal (1884), Quartel do Batalhão de Segurança (1880), Estação da Estrada de Ferro de Baturité (1880), além dos mais antigos, como o Palácio do Governo,

⁵³ Cf. Maria A. LEMENHE, **As Razões de uma Cidade**; Francisco José PINHEIRO, O Homem livre/pobre e a Organização das Relações de Trabalho no Ceará (1850-1880), **Revista de Ciências Sociais**, (1/2): 199-230 e Denise Monteiro TAKEYA, **Europa, França e Ceará: Origens do Capital Estrangeiro no Brasil**, 1995.

*Mercado Público, Palácio Episcopal, Tesouraria da Fazenda, conferiam a Fortaleza a marca de capital da Província.*⁵⁴

Como vemos acima, para além das questões econômicas, como uma maior arrecadação de impostos e um maior poder aquisitivo de parte da população (o que justificava um aumento do fisco), houve, em Fortaleza, a necessidade de expansão e construção de prédios públicos (Santa Casa de Misericórdia, Cadeia Pública, Asilo de Mendicidade, Escola Normal e Quartel de Polícia), que simbolizavam e justificavam a necessidade de um maior controle e regulamentação social.

Desta forma, gerava-se na capital, por parte do Estado Imperial centralizador e de seus representantes locais, uma ação mais sistemática e controladora pela busca da saúde corporal e mental; pela formação espiritual, principalmente dos membros da elite; pela repressão aos indivíduos desviantes e fora da lei, que não se enquadravam numa vida voltada para o trabalho regular e disciplinado e ficavam na vadiagem e na ociosidade etc., tudo isto, como elementos e medidas necessárias para levar a principal cidade à condição de moderna, civilizada e sintonizada com os interesses da nova ordem capitalista (exigência do mercado externo). Ou seja, esse processo de melhorias e reformas urbanas acompanhou-se de uma preocupação com o controle e o disciplinamento daqueles que residiam na cidade, pois o objetivo era fazer uma mudança urbana e social, o que impulsionaria a capital para o progresso.

Podemos entrever, também, a partir da citação da Professora Lemenhe, por exemplo, que o “Mercado Público”, um dos ícones da pujança dos negócios e dos melhoramentos materiais, simbolizava não só um possível lugar organizado e higiênico para as trocas comerciais (espaço distinto daquilo que era a feira ao ar livre, realizada nas praças públicas), como também um termômetro das intensas e rápidas trocas cotidianas das mercadorias que aqui aportavam com o fluxo portuário da capital fortalezense.

⁵⁴ Maria Auxiliadora LEMENHE, **As Razões de uma Cidade**, p. 123.

No que se refere ao fluxo portuário fortalezense, o relatório do engenheiro Sir John Hawkshaw, de 1875, que tratava das condições dos portos no Brasil, abriu um espaço para fazer um balanço do ancoradouro de Fortaleza. Aí, ele nos dá uma medida de quanto era intensa a sua movimentação, demonstrando os diversos produtos (algodão, açúcar, café, chifres etc.) que por ali circulavam e, também, os volumes das exportações e importações.

Todavia, esta amostragem é seguida de um descortinar da precariedade das instalações infra-estruturais (molhe, telheiro e alfândega) e, ainda, das péssimas condições de trabalho dos estivadores, que ficavam sujeitos ao ciclo das marés, devido a sua débil estrutura física. Tais condições adversas dificultavam um melhor serviço de atendimento ao já intenso comércio de produtos e às pessoas.

Assim, com tal relato e avaliação, nosso engenheiro procurava justificar a necessidade urgente de projetos para o melhoramento técnico, que seria capaz de incrementar e dar nova agilidade nesta movimentação comercial e de passageiros. Vejamos em detalhes o que relata Sir John Hawkshaw:

O Ceará possui bons armazens e algumas prensas de enfardar algodão movidas a vapor. Os negociantes e empregados da alfândega queixam-se da insuficiência do estabelecimento; consta-se, porém, que o Governo pretende mandar construir novo edifício.

Um pequeno molhe, munido de telheiro, fica quasi a secco na baixa-mar d'aguas vivas d'equinoxio; na prêa-mar a resaca é de ordinario demasiado forte para facilitar qualquer descarga. O telheiro serve de abrigo aos empregados e guardas da alfândega, que fiscalisam o movimento de mercadorias no litoral; molhe parece ser de pouco prestimo.

O algodão e outros productos são transportados dos armazens e empilhados na praia, nas horas de prêa-mar; na baixa-mar, grande numero de homens empregam-se no transporte ás alvarengas, fundeadas até 100m,00, proxivamente, do litoral. Esses homens entram no mar com agua pelo pescoço; as mercadorias ficam molhadas com frequencia; quando o mar está agitado, os trabalhadores são arrastados, e os generos ficam perdidos ou avariados. O salario desses trabalhadores é de 200 réis por transporte de um fardo. Das alvarengas são as mercadorias baldeadas para navios, que ancoram a

500m,00 do litoral. Nas descargas adota-se processo inverso. O algodão, assucar, café, chifres, etc., constituem os principais productos de exportação.

(...)

O desembarque de passageiros é muito difficil. Raras vezes podem os botes aproximar-se de terra: o embarque e desembarque praticam-se, geralmente, em jangadas á vela. De ordinario os passageiros molham os pés ao desembarcar, e ficam inevitavelmente molhados os que se arriscam a embarcar durante a prêa-mar.⁵⁵

Já no aspecto social, seguindo o caminho do desenvolvimento econômico, surgia na capital uma burguesia formada por cearenses e estrangeiros, sobretudo franceses e ingleses, associados ao comércio de exportação/importação, bem como uma mal definida e heterogênea camada média composta de profissionais liberais, trabalhadores do comércio, farmacêuticos (boticários), proprietários de oficinas e armazéns, jornalistas, professores, uma burocracia civil e militar etc.. Além destes surgiu, nas camadas baixas, um número crescente de trabalhadores empregados ou à disposição e de pobres urbanos (mendigos, prostitutas, domésticas, retirantes das secas etc.). Como podemos observar, a capital cearense possuía uma sociedade profundamente seccionada e com forte hierarquização.⁵⁶

A partir do paralelo entre duas passagens, uma crônica e uma literária (prosa ficcional), foi possível visualizarmos o retrato de uma rápida imagem das mudanças pela qual passava a urbe alencarina. O que temos nestas passagens é Fortaleza como uma pequena vila do final do século XVIII e início do século XIX, e uma outra que passava a sofrer significativas modificações em sua estrutura sócio-espacial na segunda metade dos XIX. Vejamos este paralelo.

A Fortaleza, que aos poucos se modificava, em nada parecia com aquela descrita por Tristão de Alencar Araripe Júnior, em seu romance “O Cajueiro do Fagundes”. A pequena vila do final do século XVIII e início dos XIX não se assemelhava com a cidade vivenciada pelo romancista em sua juventude, a

⁵⁵ Relatório de Sir. John Hawkshaw em 1875. Sobre melhoramentos dos Portos do Brasil. In: **R.I.C.**, sob a direção do Barão de Studart. Tomo XXIII, anno XXIII, 1909, Fortaleza, Typ. Minerva, p. 184-186.

⁵⁶ Cf. Sebastião Rogério de Barros de PONTE, **Remodelação Urbana de Fortaleza na Virada do Século**, p. 3 e José Ernesto PIMENTEL FILHO, **Urbanidade e Cultura Política**.

segunda metade dos XIX. Sua descrição oferece uma idéia de quanto o antigo povoado havia se modificado.

A vila do Forte, precursora da formosa cidade de Fortaleza, tinha muito que trabalhar para vestir-se do aspecto atual. Areal movediço, aparelhado de tugiúrios ignóbeis, onde, para obter água doce, cavavam-se profundíssimas cacimbas. O povoado consistia numa rua desguarnecida, que marginava o riacho Pajeú, hoje rua Coronel Sena Madureira, desde a igreja até o sítio conhecido por aldeota.

Fora dessa rua algumas veredas marginadas por choupanas miseráveis, ocupando o ponto mais elevado da vila, onde existe a praça da Assembléia e ruas adjacentes. O mais consistia em construções oficiais. As fortificações contavam de um forte primitivo, refeito, aumentado e artilhado por Féo e Torres. Esse forte foi em 1812 demolido pelo governador Sampaio e convenientemente reconstruído; é a atual fortaleza de Nossa Senhora da Assunção.⁵⁷

Um outro quadro da cidade, que nos permite fazer um comparativo distintivo dos seus momentos, é descrito por João Nogueira, em seu artigo “Iluminação de Fortaleza”, publicado na Revista do Instituto do Ceará (RIC). É a Fortaleza de 1867 e que recebia alguns beneficiamentos urbanos. Todavia, para Nogueira, ela não passava de um “arremedo de cidade”, quando comparada com a dos anos 30 do século XX. Ela apenas

limitava-se ao N pelas ruas da praia e da Misericórdia; a L pela rua de Baixo (Conde d’Eu); ao S pela rua de D. Pedro e a O pela rua Amélia (S. Pompeu). Fora desse âmbito, excetuados o palácio do Bispo, o colégio das Irmãs e o Seminário, tudo eram areias, casas de palha, uma ou outra casa de tijolo com sofrível aparência.

Considerava-se uma loucura edificar para além destes limites, tão longe se ficava da cidade....⁵⁸ (sic)

⁵⁷ Tristão de Alencar ARARIPE JÚNIOR, **O Cajueiro do Fagundes** (Episódio Cearense), p. 24.

⁵⁸ João NOGUEIRA, "Iluminação de Fortaleza", RIC. Tomo LIII, p. 144.

O que vislumbramos nestes dois relatos saudosos e cheios de uma euforia/fascínio implícitos — devido ao progresso material da cidade e apesar da crítica de ser Fortaleza um “arremedo de cidade” — é que uma velha estrutura urbana colonial estava sendo paulatinamente suplantada (não da memória dos escritores!). Aquela cidade de ruas calmas, acanhadas, tortuosas (sujeitas aos empecilhos naturais), sujas, escuras, de areias etc. e onde boa parte de suas antigas edificações obedeciam às preocupações defensivas do espaço; dava lugar, nesses novos tempos, a novos prédios, ruas calçadas e alinhadas, iluminação, serviço de transporte público. Ela passa cada vez mais a ser uma expressão maior de domínio da natureza pelo homem. Tudo isto associado às transformações capitalistas do mundo, que passou a exigir uma ordem urbano-industrial.

No campo da cultura, é preciso salientar também que a capital cearense, nesse período,⁵⁹ já dispunha de um significativo aparato cultural. Podia contar com diversos jornais, várias tipografias, uma biblioteca com aproximadamente seis mil volumes, conceituados colégios, um seminário com curso médio e superior, várias casas comerciais especializadas em vendas de livros e uma moderna importação de revistas e livros europeus, notadamente franceses.

Mesmo com um considerável aparato cultural para a pequena cidade que aos poucos começava a se gestar e a despontar como centro de cultura da província, ocorre necessário lembrar que ela possuía apenas um pequeno público leitor. Os números do recenseamento de 1872, da população cearense em geral, dão-nos uma demonstração cruel da quantidade de analfabetos existentes na província, e em proporção menor também se incluía a capital provincial. O item **“Instrução”** desse recenseamento demonstra a quantidade dos que sabem ler e escrever e dos analfabetos, entre homens e mulheres livres e escravizados, que eram a grande maioria da população arrolada. (Veja Anexo A)

Apesar da dura realidade de uma pequena parcela da população ter acesso à leitura e à aquisição de livros, já se podia contar com a presença de figuras como

⁵⁹ No recenseamento procedido em diversas paróquias em 1º de agosto de 1872, Fortaleza contava com uma população total de 21.372 habitantes. Cf. **RIC. BARÃO DE STUDART** (Dir.). t. XXV, ano XXV, 1911, Fortaleza, Typ. Minerva, p. 50-57. Já no recenseamento realizado em 31 de dezembro de 1891, ela atingiu a população total de 48.007 habitantes, sendo 21.780 homens e 26.227 mulheres. Cf. **RIC. Ano XII**, tomo XII, Fortaleza, 1898, Typ. Studart, p. 74.

Manuel Antônio da Rocha Júnior, proprietário da Loja Nova, que alugava livros predominantemente os românticos como Victor Hugo e Walter Scott.

Na década de 1860, assinala-se a publicação de algumas obras de autores cearenses,⁶⁰ dentre as quais se ressalta parte da obra de Juvenal Galeno e do Senador Tomás Pompeu. De Juvenal Galeno, mereceu edição em 1865, a sua principal produção literária "**Lendas e Canções Populares**", de acordo com José Aurélio Saraiva Câmara, *...livro de alta expressão humana e folclórica, onde reluz um protesto contra a escravidão e a justiça social.*⁶¹

As modificações nos campos material e cultural, no processo científico e na Revolução Industrial, ambos contemporâneos e como que enlaçados, ocasionaram efeitos vigorosos em todos os setores da "atividade prática". Lançando seus tentáculos sobre o mundo, não iriam poupar esta pacata e provinciana cidade, que reagiu de forma própria a toda essa força e ânsia pelo moderno e pelo civilizado.

Esta reação produziu efeitos e sentimentos diversos. Houve aqueles indivíduos que num primeiro instante reagiram com desconfiança e prudência, mas que carregavam um sentimento de medo pelo que não era de todo conhecido. Existiram também aqueles que ficaram fascinados e arrogaram para si o posto de fiéis escudeiros, saindo em defesa desta nova forma de viver moderna e civilizada. É o que iremos ver agora no próximo item.

1.1 MEDO E FASCÍNIO DIANTE DAS MUDANÇAS

Constatamos, logo acima, que uma série de mudanças nos campos material e social se deram na cidade de Alencar. Com ela (série de mudanças), surge uma *contrapartida cultural (...) que se entende como modernidade, [e que] se traduz*

⁶⁰ O primeiro romance cearense foi "Índios do Jaguaribe", de Franklin Távora, publicado em Recife e pertencente à escola Romântica, cujo cenário fora o Sertão do Jaguaribe. Cf. Abelardo F. MONTENEGRO, **O Romance Cearense**, 1953.

⁶¹ José Aurélio Saraiva CÂMARA, **Fatos e Documentos do Ceará**, p. XII.

*em comportamentos, sensações e expressões que manifestam o sentir e agir dos indivíduos que vivenciam aquele processo de mudança.*⁶²

Entretanto, esta modernidade fazia que um sentimento de medo e de fascínio diante do progresso emergisse, pois, a cidade vai perdendo paulatinamente seu acanhamento para dar lugar a uma outra mais urbana e não tão conhecida (medo do desconhecido!). Havia, nesse momento, com as modificações tão presentes na vida das pessoas, uma mistura de temor e êxtase, uma postura de atração-repúdio, de celebração-combate perante o que acontecia na paisagem urbana. Tudo isto porque *O novo, que instaura uma outra ordem, é, também um elemento de destruição, que ameaça valores. Neste sentido, o indivíduo que vivencia a modernidade se sente ameaçado e seduzido ao mesmo tempo pela transformação em curso.*⁶³

Poderíamos usar aqui o **bonde**, um símbolo do progresso, como exemplo das novidades, que muitas vezes não foram absorvidas sem custo ou esforço, mas que provocou novos hábitos e sensações até então não experimentados. O bond, além de uma adequação e expansão dos transportes, animou, por exemplo, a própria vida social. Através dos seus trechos (percursos) e linhas que atravessavam as vias da cidade, propiciou uma facilidade dos contatos, o que favoreceu a emergência de um novo lugar e uma nova forma de sociabilidade. Pois, como um atrativo para sair de casa, *o bonde garantia também um bom passeio, para além do costume de se ficar nas janelas, vendo o movimento passar, agora era fácil descansar os ombros sobre essas novas janelas, que se movimentavam e trocavam de paisagens.*⁶⁴

A moda que estava lançada, mas que aos poucos virava costume, aglutinava os grupos sociais diferentes, gerando diversão e às vezes conflitos.

Vejamos o fato dos redatores das folhas pasquineiras em Fortaleza, que, muitas vezes, se deslocaram pelas ruas da cidade utilizando o bond para apanhar em flagrante os personagens que seriam envolvidos em suas crônicas do "falar da

⁶² Sandra Jatahy PESAVENTO, **O Espetáculo da Rua**, p. 8.

⁶³ *Ibid.*, p. 9.

⁶⁴ Angela Marques da COSTA e Lilian Moritz SCHWARCZ, **1890-1914: No Tempo das Certezas**, p. 68.

vida alheia", onde demonstravam como muitas pessoas usavam o transporte para paquerar e namorar, quem sabe, passar o tempo. Isto é evidenciado na coluna "Dizem os Fiscaes..." da folha "O Bemteví". Com um tom de denúncia e reprovação dos atos considerados pornográficos ("tocando birimbau de bocca"), desrespeitosos ao lugar de trabalho e que atentavam à moral familiar, assim escreveu o redator:

*- que foi visto terça-feira a noite na rua Formosa, em plena luz do gaz e na ocasião em que passava o bond, certa mocinha tocando **birimbau de bocca!**...*

- que breve daremos denuncia ao Sá Vianna de um conductor namorado das mulambos do Bemfica, que dá passagens a estas para qualquer ponto, sem passar o coupon...

- que o major Tiburcio andava Domingo a noite n'uma ponta bruta: passeando a bond com duas jovens...⁶⁵ (Grifo nosso)

A invenção trouxe, além da euforia pelo novo, impasses e problemas, como falta de troco, superlotação, atrasos, maus tratos a que eram submetidos os animais, qualidade precária dos carros etc., o que não tardou o aparecimento de um clima de decepção e frustração, seguido das queixas públicas. É o que denunciava o jornal "O Bond", publicado em Fortaleza e que dizia ser de propriedade de uma "Associação" (não a identificamos), com publicação diária e custo por número avulso de 40 réis:

Os chamados bonds do Sr. João Fonseca estão clamando por um bocadinho de justiça dos homens de facão grande.

Os burrinhos, estes estão a espera que a sociedade protetora dos animais os vá arrancar-os das unhas da companhia.

Os pobresinhos, além de velhos, só comem em garrafa!

Os carros, oh! Santo Deus! Quem quizer ficar desconjuntado e com a barriga pregada no espinhaço, é

⁶⁵ **O Bemteví**, Fortaleza, 13.8.1893, n. 8, "Dizem os Fiscaes".

só dar um passeiosinho nas taes giringonças do Sr. Fonseca.

*O homem sabe o que faz e com quem lida.
Lá são brancos.⁶⁶*

Em meio a este processo de modificações — que aos poucos começou a alterar o perfil urbano da cidade, como um “lugar onde as coisas acontecem” — lançamos algumas indagações: O que fascina? E de que têm medo? Qual o impacto das transformações “frenéticas” na vida das pessoas, no trabalho, nas casas e nas ruas?

Um exemplo do fascínio e do medo, originário das mudanças que se processavam na realidade das pessoas, foi visto através dos “Folhetins de Silvanus”,⁶⁷ que eram comentários em versos com chistes, graça, agudeza e malícia dos acidentes e incidentes da vida de Fortaleza.⁶⁸ Neste folhetim escrito pelo poeta cearense Juvenal Galeno e publicado no jornal “Constituição”,⁶⁹ podemos ver por intermédio de um olhar refinado, sensível e arguto de um tipo de leitor especial da cidade, no caso, um poeta, como ele percebeu e traduziu o momento de mudanças e o que elas ocasionaram nas pessoas.

Cabe aqui, antes de prosseguirmos, tomarmos como nosso o alerta de Sandra Pesavento sobre os “leitores privilegiados” e os “homens comuns”:

...há “leitores privilegiados”, com habilitações culturais, profissionais e estéticos que os dotam de um olhar refinado, sensível e arguto. É o caso dos citados escritores, fotógrafos e pintores do urbano, que resgatam as sensibilidades do real vivido, estabelecendo com a cidade uma relação privilegiada de percepção.

Isto não quer dizer, para o historiador, que os 'homens comuns' não sejam dotados de sensibilidade ou que sejam incapazes de elaborar representações. Todavia, resgatá-los é um caminho que segue outras vias que não a

⁶⁶ O Bond, Fortaleza, 16.10.1890, n. 12.

⁶⁷ Silvanus era o pseudônimo do poeta cearense Juvenal Galeno quando assinava o folhetim.

⁶⁸ Renato BRAGA. Introdução. In: Juvenal GALENO, **Folhetins de Silvanus**, p. 19.

⁶⁹ Apareceu em 1863 e era representante das idéias do Partido Conservador.

*fotografia bem enquadrada e significativa, a obra de arte, o romance urbano ou a crônica bem escrita.*⁷⁰

Galeno nos deixou uma espécie de "documentário verídico" da vida cearense, em especial de Fortaleza, do período que se estende dos anos 50 a 90 do século XIX. Vamos, então, tomar emprestadas duas de suas poesias cujos títulos são "O Luxo" e "A Civilização" para melhor ilustrar sua leitura de cidade. No primeiro poema, assim escreveu:

*O luxo, o luxo!...Eis a lepra
Que lavra pela cidade,
Com tamanha intensidade
Que mata ricos e pobres
Sem trégua...sem piedade!...
Por tôda parte os bazares,
Armazens de borundangas,
Os fiteiros de missangas,
Trapalhadas do bom-tom;
E tudo caro...bem caro...
Ninguém pergunta se é bom.
(...)
Ali... vastos formigueiros,
Nos esplendentes balcões,
De damas e cavalheiros
Vendo da moda os fustões,
As sêdas, as popelinas,
Casemiras, gazas finas,
Chamalotes, gorgurões...
- Não quer, sinhá, as botinas?...
- Repara, Dondon, no salto,
Tem quatro dedos...tão alto...
- É moda, ó minha senhora!
- É moda?! - Que sobressalto!
- Não quer de rosa os festões?...
- Compre este corte de sêda...
- Mas, parece desbotada...
- Ora, a côr da folha sêca
É hoje a côr mais usada!
- São curtas demais as ligas?...
- Queria um cinto...não digas...
- Que delicado fichu!...*

⁷⁰ Sandra Jatahy PESAVENTO, "Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano", *Estudos Históricos*, (16): 284.

(...)
Vaidades... quantas vaidades!
Não vêdes, loucas deidades,
Que vosso pai, vosso espôso,
Já trabalham sem repouso
P'ra tantas leviandades!...
Quanto suor e cansaço
Não custou a fita, o laço...
Êsse enfeite que faz rir?!
Essas pompas, essa mesa...
Êsses trastes à francêsa...
Essa jóia... essa lindeza...
Quantas noites sem dormir?!
Pensai, chefes de família:
Não custa menos vigília
Simples, modesto existir?!
E dando tantos cuidados
Aos supérfluos e escusados,
Não deixais abandonados
O necessário... e o porvir?!

Pensai, humanas cabeças!...
Mas, quem se quer corrigir?!⁷¹

Nos trechos desta poesia, o que temos é um Galeno com medo e preocupado com a "luxúria" dos tempos modernos. Ele fala da grande quantidade e variedade de produtos que aportaram na cidade de Fortaleza. São bens de consumo que chegavam ao porto no momento de aquecimento do comércio externo da província e que traziam consigo a moda, o luxo e o desejo irresistível de consumi-los, adquiri-los, o que acaba criando um encanto e uma febre de novidades nos residentes da cidade.

Entretanto, Galeno alerta sobre esse luxo, que deve ser tratado como uma doença e como um vício que se espalha com cultivo e produção na cidade. Ele mata indiscriminada e cruelmente a todos. Todo esse luxo estava associado ao comércio, lugar para onde uma multidão se movimentava com avidez ("vastos formigueiros"), atraída pelos novos produtos circulantes e pela moda. Ali, são convencidos a sintonizar-se com o que havia de mais "chic" e recente em termo de moda. Como consequência principal apontada no poema, existia a

⁷¹ Juvenal GALENO, *Folhetins de Silvanus*, p. 25-30.

possibilidade de toda uma família se desviar do caminho da simplicidade e da retidão.

O que observamos no intertexto desses versos é que existe uma forte marca de religiosidade. Isso é notório quando relaciona o luxo à idéia da vaidade. Esta idéia é ponto de destaque, por exemplo, no livro do “Eclesiastes”, presente no Antigo Testamento (Bíblia), uma ficção sobre o Rei Salomão (“Rei dos Reis”) que toma as coisas terrenas como não passando de vaidades, se comparadas à grandeza de Deus. Assim, o poeta chegou a propor a "fuga" e a necessidade de resistir a sua compra, pois todo esse luxo de produtos é vaidade, *entontece...e faz mal! traz o infortunio*, a vilania e até crimes. Tudo não passava de leviandades, que jogam fora todo o fruto do trabalho. E, por isso, sai em defesa da "família" e do "trabalho".

Uma outra leitura que fazemos, também, e que não foge da reflexão que nos propomos fazer sobre os outros dois versos, pois acreditamos serem complementares é que há da parte de Galeno uma preocupação com a manutenção de uma família nuclear e moralizada (símbolo da ordem civilizacional-moderna), que deveria ser afastada dos vícios e degenerações exteriores. Era preciso mantê-la, sempre que possível, voltada para a reprodução e a preservação moral e material dos seus componentes.

Neste modelo de família nuclear, o seu reforço e sua manutenção se davam pela elaboração e divulgação de uma figura/imagem feminina, que seria aquela da mulher do lar e da mãe em sua missão materna (a maternidade). Desta forma, ela seria a salvação do homem, pois sua atividade restrita à órbita da casa daria aos homens (pais de família) os exatos benefícios para que, em lugar da taverna, dos cabarés, dos bailes etc., se mantivessem na dignidade moral, longe dos vícios mundanos.

É interessante observarmos que em outra crônica em versos de título “A Noite da Cidade”, o mesmo Galeno critica o hábito mundano e noturno de mães deixarem seus filhos em casa com “amas de confiança” para irem ao clube, onde dançavam e se mostravam nos seus mais belos vestidos e enfeites. Enquanto isso, seus filhos ficavam abandonados, chorando pela ausência da mãe. Isto entra em

choque com a idéia de família nuclear e moralizada e, ainda, com a imagem da mulher de família responsável pela sua correção moral. Leiamos a passagem:

*Além choram criancinhas,
Em rica alcova forrada,
Uma cama deitada,
Duas rolando no chão...
Aquela geme doente,
As outras gritando estão:
- A mamã deixou a gente...
- Nem Teresa aqui mais, não...*

*E a mamã não pode ouvi-las,
Que foi ao clube, e lá dança,
Deixando os filhos entregues
A uma ama de confiança:
- Teresa, toma sentido... –
Cuidados ela afiança:
- Dá remédios à Julinha,
Que está com febre e rouquinha;
Arruma logo os meninos:
Não saias da camarinha...-
E sem ouvir os filhinhos,
Que gritam: - Vem cá, mamã...
Da botina ergue os saltinhos,
E sai sutil e louçã...
Tôda fragrante e vaidosa,
Que vai mostrar donairoso
Um vestido côr de rosa,
Qu'enfeita desde a manhã...
Sem ouvir a voz gemente:
- A mamã deixou a gente...
- Meu Deus, cadê a mamã?...*

*E a fiel ama Teresa
Logo o menino ameaça
P'ra que barulho não faça...
Belisca-os até, meu Deus!
E depois, tôda enfeitada,
Fecha a porta e desce a escada,
Vai conversar na calçada
Com seu querido Mateus!
E os meninos?... Coitadinhos...
Ó, vinde do céu, anjinhos,
Niná-los nos leitos seus...
Enquanto a mãe pinoteia,*

*Numa valsa, ou balanceia
 Nas contradanças, ó, céus!
 Vaidosa do seu enfeite,
 Imersa no seu deleite,
 Sem lembrar-se que o seu leite
 Longe um filho pede em vão...
 Que ela é mãe e seus filhinhos,
 Ai, deixou pela função;
 Que dará contas um dia
 A Deus... de sua missão!⁷²*

Voltemos à poesia “O Luxo”. Aí, o supérfluo parece vencer o necessário. Apesar do alerta aos perigos, não tão aparentes, para os consumidores, Juvenal desfecha sua poesia em forma de humor: *Pensai, humanas cabeças!... Mas, quem se quer corrigir?!.* Com este fim interrogativo e com exclamação, tem-se que nem o próprio poeta conseguiu resistir ao mundo fascinante e avassalador das mercadorias nas suas múltiplas formas.

Vejamos agora a poesia "A Civilização":

*Bem-vinda sejas, bem-vinda,
 Formosa Civ'lização!
 Quanta tardança, senhora...
 Mas, chegaste ao meu torrão!
 Chegaste enfim! Viajando
 Em vapor de terra ou mar,
 Ora nos fios elétricos,
 Ora em balões pelo ar!
 Deves estar fatigada...
 Te sinta p'ra descansar;
 E dá-me a honra, princesa,
 De contigo palestrar.*

*Há que tempo de esperava
 A minha pátria!...os jornais
 Teu nome nunca largavam
 Nos longos editoriais...
 Na assembléia o deputado
 Em ti falava exaltado...
 Té nos brindes festivos!
 Que eras o sonho dourado
 De nossos avós e pais.*

⁷² Juvenal GALENO, *Folhetins de Silvanus*, p. 39-40.

(...)
*Sim, o passado esqueçamos,
 Exultado no presente;
 Ó, luzeiro fulgurante,
 Eu te saúdo...fervente!
 Todo o povo te bendiz!...
 Não mais, não mais os horrores
 Do tempo da barbaria...
 Agora tudo irradia!
 Quanta luz em meu país...
 Já podemos - frente erguida -
 Dar um passeio em Paris!...
 Já não somos mais tupis...
 Mas, debes estar cansada;
 Ai, basta, pois, de maçada;
 Eia, à cama! Boa Noite...
 Que eu vou dormir...tão feliz!... ⁷³(sic)*

Os versos de "A Civilização" demonstram um Juvenal Galeno encantado e fascinado com a chegada da "civilização" nas terras de Alencar. Seu tom é de exaltação para aquilo que irá banir o tempo da barbárie (escravidão, violência no sertão, jornalismo sem postura moral etc.). Descreve, ainda, claramente, que elementos materiais simbolizaram a chegada concreta e esperada desta civilização. Para ele, o momento é de luz.

Temos visto, então, na figura do poeta cearense e observado em seus versos, a experiência do fascínio e do medo como consequência das novidades que ora chegavam e eram frutos das modificações urbanas vividas pela capital cearense. Mas, em relação às mesmas alterações urbanas, vamos encontrar, ainda, aqueles que nutriam sentimentos de repúdio e de combate e que demonstraram criticamente uma outra imagem de cidade além do "medo e do fascínio".

A despeito de se arvorar como civilizada, Fortaleza mantinha clima, movimento e hábitos provincianos. Assim denunciavam alguns intelectuais. É o caso dos participantes da "Padaria Espiritual", que surgiu para quebrar com a tradição aristocrática das academias literárias do Ceará. Ela foi a primeira grande agremiação cultural cearense, fundada após a República por jovens boêmios e que

⁷³ Juvenal GALENO, **Folhetins de Silvanus**, p. 86-89.

teve à sua frente Antônio Sales. Sua instalação se deu em 30 de maio de 1892, indo sua existência até dezembro de 1898.

A agremiação misturava talento, irreverência, fina ironia, bom-humor e criatividade ilimitada. Seus membros desejavam uma "cousa nova", distinta daquela proposta pelos círculos literários aristocráticos (partidários da civilização e do progresso). Sua interpretação da vida nacional passava pela realidade regional-popular, elemento de composição da nação. *Em geral, a Padaria elegera os modos de vida dos habitantes dos sertões e vilarejos como definidores do caráter nacional.*⁷⁴ Justamente elementos que eram duramente combatidos por aqueles que defendiam o “alinhamento do Ceará à civilização”, já que tais elementos seriam empecilhos para a conquista do que era moderno e civilizado.

Os posicionamentos de alguns padeiros⁷⁵ fizeram que fossem demonstrados, de forma crítica e muitas vezes satírica, os resultados danosos originados pelas posturas capitalistas-civilizatórias sobre a vida cotidiana dos populares, que resistiam a toda aquela ideologia do progresso e da civilização. Portanto, *para os padeiros, impedir o avanço daquela ordem começava na preservação da linguagem, dos costumes tradicionais, da experiência social e dos modos de vida do sertão,*⁷⁶ o que lhes dá uma forma distinta e peculiar de ver a realidade local, se comparados com os intelectuais das antigas agremiações literárias.

Percebemos, por exemplo, esta leitura especial da cidade de Fortaleza através da coluna de crônica semanal intitulada “Sabbatina” e redigida por Adolfo Caminha⁷⁷ no jornal "O Pão",⁷⁸ que a assinava com o pseudônimo de Felix Guanabario.

⁷⁴ Gleudson CARDOSO, **Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso**, p. 23.

⁷⁵ “como em todo grupo de intelectuais, nem todos os pensamentos foram homogêneos. As posturas variavam bastante. Houve aqueles que acreditaram na filosofia do progresso e da regeneração política, como Antônio Sales e Álvaro Martins, ou ainda os que anunciavam com pessimismo satânico a descrença e o fim trágico da civilização industrial, a exemplo de Lívio Barreto, Lopes Filho e Cabral de Alencar”. Cf. Gleudson CARDOSO, **Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso**, p. 28.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 60.

⁷⁷ Foi membro da "Padaria" e redator da crônica semanal da coluna "A Sabbatina" do jornal "O Pão".

⁷⁸ Órgão de divulgação da Padaria Espiritual, *...cujo aparecimento foi causa de tantos comentários injustos, é nada mais nada menos que o veículo das nossas idéas, o arquivo*

Por exemplo, na folha do dia 17 de julho de 1892, demonstra a quebra da “monotonia insupportavel da vida cearense” com o “apparecimento d’O Pão na arena jornalística”. O cronista, ali, ao falar o que intencionavam os padeiros — *sem contestação rapazes bem intencionados e amigos dos nossos amigos, desejamos precisamente isto: o successo, o ruido, a movimentação, o estímulo, a vida, enfim, sem tons de tristeza, sem odios e nem paixões vis* (sic) — aproveitou para alfinetar, sem perder seu caráter crítico e sensato, a vida atrasada com traços de civilização da capital do Ceará. Vejamos o quadro da cidade que o Felix Guanabarino nos pinta em meio a onda de mudanças:

"Aquelles que, duvidando das nossas boas intenções, julgarem-nos uma sucia de estouvados, uns estroinas, sem responsabilidade e sem critério, ouçam:

"A capital do Ceará, encantadora como uma perola do Oriente, bella como a conheceis, é, entretanto, uma cidadezinha soffrivelmente atrasada com laivos de civilização. Si temos duas livrarias, em compensação não lemos livros que prestem. Para matar o tédio que nos mina e consome a existencia, somos obrigados a ir, ás Quintas-feiras e aos Domingos, alli ao Passeio Publico exhibir a melhor de nossas fatiotas e o mais hypocrita e imbecil de nossos sorrisos.

"Não vivemos - vegetamos.

"Na falta de um divertimento bom que nos deleite o espirito e nos faça vibrarem os nervos, occupamo-nos de politica, mas d'uma politica torpe, reles, suja, indigna de ser tocada por mãos que calçam luvas de pelica".

Temos, é certo, dois clubes choreographicos que se abrem uma vez por mez a todo cidadão que calça burzeguins; porem, é força confessar, a vida não consiste exclusivamente em comer, procrear, dormir e dansar.(sic)

Em uma outra crônica, datada de 12 de novembro de 1892, mas que fora publicada no dia seguinte no “O Pão”, Caminha mais uma vez reclama de como a “vida humana” tornara-se monótona e triste, principalmente para aqueles que se submetiam à “Lei absurda e estúpida” do trabalho disciplinado que chegou com a

nova “ordem industrial-civilizatória”. Uma ordem que só aumentou socialmente o fosso que separava os ricos dos pobres e trabalhadores.

Quem estava subjugado ao duro trabalho ficava excluído dos divertimentos, do lazer, por não possuir dinheiro. É o caso do turfe no Prado, lugar para onde afluíam as pessoas de posse e com os bolsos "recheados de dinheiro", que, felizes, poderiam apostar e vibrar com as corridas de cavalos, uma situação oposta à vivenciada pelo nosso cronista e por boa parcela da população empobrecida e trabalhadora. Esta não vivia, apenas vegetava, o que, para Caminha, era triste este viver “burguezmente”. Observemos o que relata:

Sucedem-se os dias, passam as semanas, findam os mezes, e a vida, a triste vida humana figura-se-nos cada vez mais monotona e misteriosa, com as suas miserias eternas e o eterno desespero daquelles que, por uma lei absurda e estúpida, são obrigados a trabalhar, como uma besta, de sol a sol, de manhã á noite, incessantemente, sem descanso, para o fim de não morrer p'r'ahi, de fome, como cães sem dono, n'um desprezo absoluto, aos pontapés da burguesia rica.

Por isto é que eu digo, submisso e resignado, com uma lagryma a tremelusir indecisa no canto do olho esquerdo – Felizes os que têm bastante dinheiro para jogar no Prado, e que dispõem de magníficos pulmões para gritar, como uns possessos, no auge de um entusiasmo todo hypico – Meroveu na ponta!

Estas reflexões faria-as quem quer que estivesse no meu logar, sem vintem no bolso para ir ao Prado Domingo, e, o que mais é, sem um assumpto para a chronica de hoje.

Nada mais triste do que uma pessoa ser doida por cavallos e ver-se constrangida, por força das circunstancias nikelinas, a não pôr os pésinhos no Prado e a deixar-se ficar em casa, burguezmente, estupidamente, ruminando planos inexequiveis, a construir castellos no ar, com um tédio sem nome a espicaçar-lhe todas as fibras de organismo, emquanto os outros, os felizes, lá vão áquellas horas, radiantes de contentamento, com os bolsos recheados, gosar as tepidas emoções de um dia de sol no Prado.

Já num pequeno trecho da “Sabbatina”, vivendo o clima das festas de final de ano, Adolfo Caminha traz à tona a experiência regional-popular dos festejos do povo (Bumba-meu-boi, congos, fandangos etc.) para valorizá-los e, ao mesmo tempo, alertar/denunciar para como eles estavam sendo destruídos pelas festas aristocráticas. Vejamos:

E o bumba meu boi? e os congos? e os fandangos? e todas essas festas tradicionaes que o povo se incubia de crear para gaudio dos rapazes alegres?

...Tudo, tudo vai desaparecendo com o patriotismo nacional. O Natal, como o S. João e como todas as festas de caracter popular – vai degenerando em festa aristocratica.

Era esse o clima e o movimento de cidade que Caminha desvendou em sua coluna. Com uma veia crítica e com uma língua ferina e desmedida, tinha o propósito de revelar e de se colocar contra o que para ele era a farsa da convivência social na capital cearense uma vez que aqueles que erigiam uma cidade como civilizada, apenas se enganavam.

Enfim, o que Adolfo Caminha conseguiu entrever e desnudar em sua crônica semanal, foi toda a movimentação que passava Fortaleza naquele instante. Uma nova sociabilidade (o "mundanismo"), os novos grupos urbanos, o campo de disputa entre o tradicional e o moderno eram visualizados e trazidos à cena. Ele traduziu os anseios de uma vida mais ativa, mais flexível, que quebrasse a disciplina do trabalho, que valorizasse a realidade regional-popular (costumes e festas populares), que acabasse com a monotonia e a tristeza de uma cidade que com a civilização se aristocratizava.

Para nosso literato, o que há é um teatro de sombras. Como no "mito da caverna", todos estão a contemplar as sombras, a se iludirem com um mundo de aparências. Com isso, ele punha os limites de uma sociedade aristocrática, porém “provinciana”.

Entretanto, não foi apenas Adolfo Caminha que constatamos possuir semelhante leitura da cidade alencarina. Sabino Batista, padeiro conhecido como

Satyro Alegrete, também abordou com saudosismo e preocupação, as festas populares que aconteciam em finais de ano. Esses festejos (fandangos, congos, bumba-meu-boi, pastorinhas etc.) traziam alegria, luz, brincadeiras, fogos, comidas e bebidas típicas (aluá e capilé⁷⁹), principalmente nas noites de Natal, mas, que estavam paulatinamente sendo substituídas por bailes aristocráticos ou bailes da alta sociedade, impedindo que o povo brincasse e se divertisse. No artigo “Noite de Festa” de “O Pão” (24/12/1892), Satyro Alegrete assim nos relatou:

Para o povo a noite de natal é a maior noite do anno.

O povo chama a noite de natal noite de festa porque é no natal que começam todas as festas populares, todas as brincadeiras que nos legaram os nossos avós.

Com que saudade não me recordo eu hoje das festas populares que vão sendo substituidas pelos bailes aristocraticos!...

Antigamente, eram os fandangos, os congos, o bumba meu boi e as legendarias pastorinhas que, por toda parte, emchiam de luz e de alegria a noite de natal; hoje são os bailes da alta sociedade; o povo já não brinca, o povo já não se diverte.

Com que saudade eu não me recordo hoje da minha meninice, quando um mez antes eu começava a ajuntar dinheiro para noite de festa tomar aluá, beber capilé e comprar traques afim de entreter a noite até que tocasse a missa do gallo.

Bemdicta sejas tu, ó noite de festa, que tantas recordações me trazes dos tempos idos, da minha meninice tão rendilhadas de sonhos e de harmonia...

Por último, achamos, também, no jornal “A Rua”,⁸⁰ de 18 de dezembro de 1897, seu redator-proprietário Alfredo Severo fazendo reclame sobre a vida fastidiosa da capital provincial. Ele aproveita para lançar crítica à “vidóca” da cidade ao descrever seu dia-a-dia, que, apesar de receber beneficiamentos urbanos (passeio público, cinematógrafo, cosmorama, cafés etc.) e lhe imporem uma forte disciplina de hábitos modernos e civilizados, não lhe trouxe satisfação e felicidade

⁷⁹ 1. Xarope feito com a capilária (espécie de planta ornamental); 2. Refresco feito com esse xarope.

⁸⁰ **A Rua**. Fortaleza, 18.12.1897, anno 1, n. 1.

real para a população. O momento para escapar dessa “modorrenta pasmaceira fruste” era o das festas de Natal. Escreveu que:

A nossa vidóca por aqui continúa sem novidades q’ deem no gosto do chronista; passam-se os dias e as noutes e é a mesma pasmaceira de sempre: a Avenida ás quintas e domingos a ouvir-se a banda de musica executar algumas peças do seu escolhido e rariado repertorio e no mais é o Java o mesmo Java de sempre, com as suas rodas conversadeiras e charentes, os seus engraxates besuntados do officio a lustrar borzeguins e a meninada a apregoar as folhas...

E é sempre isto...

O sr. Wood já arribou á outras paragens com as suas peloticas e as suas magicas com que alguns dias embasbacou a nossa platéa, de sorte que agora a gente não tem para onde ir divertir-se.

Apenas o cynematographo com as suas vistas já tão vistas que não vale apena vel-as mais, e o Cosmorama da rua Formosa onde o velho realejo do cortume continua impassivelmente a moer a sua musica chorosa de uma monotonia bíblica e melancolica...

Felizmente approximam-se as festas do Natal, quando a gente poderá refocillar um poucchito dessa modorrenta pasmaceira fruste, deleitando-se em os Fandangos os Congos e a celebrada Missa do gallo cheia de rumores cantantes e de uma alegria brincalhona e sadia.

Que venham as festas!

E até lá leitores...

A.S.

Estamos, pois, diante de leituras críticas e contrárias ou que olhavam com desconfiança ao ideário civilizacional-moderno que aqui se implantava, procurando consolidar seus valores e costumes. Apesar dos divulgados “benefícios” da civilização, o que se tinha era a tentativa de silenciar, obliterar ou destruir os costumes regionais. O objetivo era transformá-los em hábitos controlados e disciplinados dentro dos padrões da vida moderna, que tinha como referência os centros industriais.

Vimos, então, que com as mudanças ocorridas na cidade de Alencar, alguns (por exemplo, Juvenal Galeno) viveram a experiência do "medo" e do "fascínio", acabando por bradar sua civilidade e exaltar seus símbolos modernos. Definiram-na como civilizada e como cidade da luz. Já para outros (Adolfo Caminha, Sabino Batista e Alfredo Severo), esse “novo” não passava de aparência, o que não tirava sua característica provinciana e nem escondia seus atrasos e contradições.

Ademais, não se pode negar que um ciclo de modificações se abriu na cidade. Ainda que essas modificações não tenham de todo rompido com o tradicional da velha estrutura patriarcal e rural, estavam em oposição e procuravam uma reestruturação de valores, de condutas, de hábitos e costumes cotidianos. Portanto, qual seria, naquele momento, o palco para recomposição da vida dos cidadãos e onde esses atores urbanos poderiam encenar, experimentar ou pôr em prática os seus anseios e interesses?

1.2 A RUA COMO PALCO DA REESTRUTURAÇÃO DA VIDA COTIDIANA

Um dos lugares da cidade que apareceu como palco para a reestruturação da vida cotidiana foi a **rua**. Temos aí um cenário da vida urbana para encontros amorosos ("namoros"); para o trabalho e o lazer (o turfe no Prado, a “jumentada” e o banho de lagoa); para as festas públicas (religiosas e leigas); para os jogos (i)lícitos ("jogo dos bichos", "jaburu" e rifas); para a circulação das mercadorias e para a moda (do vestuário e intelectual). Um espaço das bandas, da licenciosidade, das posturas civilizadas, das lutas, dos boêmios e meretrizes, das pessoas do "bom-tom", dos capoeiras etc. Enfim, como lugar de tensão e conflitos, de manifestação de utopias, de alegria, do riso coletivo etc., a rua se torna *Mais real porque (...) é agora animada por necessidades reais diretas e intensas: sexo, dinheiro, amor.*⁸¹

⁸¹ Marshall BERMAN, **Tudo Que é Solido Desmancha no Ar: A Aventura da Modernidade**, p. 191.

A rua é uma rede emaranhada de vivências, cuja origem se perde nos séculos e se confunde com a existência das cidades, fazendo parte *da própria memória do mundo, abrigando tanto os grandes acontecimentos como os pequenos incidentes do cotidiano*.⁸² Ela é local de fluxo intenso de mudanças, de movimento e de novas relações sociais. Tem a sua importância como um dos lugares das experiências humanas na cidade.

Seguindo a reflexão de Gilberto Freyre, em seu trabalho "Sobrados e Mucambos", é a partir dos princípios do século XIX que a rua vai ganhando um novo prestígio dentro do nosso sistema de relações sociais. Ela deixa de ser apenas um lugar para as águas servidas dos sobrados, da escuridão, de poços de lama, tigres estourados, bicho morto etc., e passa a ganhar "dignidade" e importância social.

Para Freyre, um dos exemplos dessa mudança é demonstrado quando do aparecimento, em começos do século XIX, dos primeiros Códigos de Posturas municipais que procuravam "defender" a rua, limitando os abusos do particular e da casa (sobrados urbanos) *que se instalavam nas cidades com os mesmos modos derramados, quasi com as mesmas arrogancias, da casa de engenho ou de fazenda: fazendo da calçada, picadeiro de lenha, atirando para o meio da rua o bicho morto, o resto de comida, a água servida, as vezes até a sujeira do pinico*.⁸³

Tais posturas fixaram, assim, a importância, a respeitabilidade e os direitos da rua, antes "tão por baixo e tão violados". Com elas, houve restrições à liberdade dos particulares, proibindo-se, por exemplo, aos proprietários de casa dentro das cidades certos absurdos, como as biqueiras que lançavam suas águas sobre a rua e o hábito de criar animais solto no meio da via pública (ex.: porco, cabra, ovelha etc.). Foram proibidas, também, a lavagem de roupas nas bicas do centro das cidades pelas negras dos mucambos, a surra de escravos por parte dos senhores dos sobrados quando após o sino da igreja badalasse nove horas da noite etc..

⁸² Sandra Jatahy PESAVENTO, **O Espetáculo da Rua**, p. 8.

⁸³ Gilberto FREYRE, **Sobrados e Mucambos: Decadência do Patriarcado Rural no Brasil**, p.18.

Assim, os Códigos de Posturas apareceram com o intuito de se fazer respeitar a rua. É como afirma Gilberto Freyre:

*...a rua foi se desferrando do antigo dominio absoluto da 'casa nobre', da 'casa grande', do sobrado. O muleque - expressão mais viva da rua brasileira - foi se exagerando no desrespeito pela casa. Emporcalhando os muros e as paredes com seus calungas ás vezes obscenos. Mijando e defecando ao pé de portões illustres e até pelos corredores dos sobrados, no patamar das escadas velhas.*⁸⁴

No entanto, o que se procurou com esses códigos de posturas, foi dar uma nova e mais eficaz funcionalidade à cidade, para que seu ordenamento de hábitos, da sociabilidade e dos espaços de vivências estivessem de acordo com as pretensões civilizatórias e modernas. Senão vejamos.

No relato de suas memórias de infância, Gustavo Barroso nos fala de um passeio pela manhã de quinta-feira, dia de folga (não houve aula), que realizara com sua tia até o Parque da Liberdade (Hoje Cidade da Criança), onde existia um “... grande lago represado em margelas de cimento como um tanque, que foi a antiga Lagoa do Garrote”.⁸⁵ Naquele dia, ele vira no reservatório do Pajeú “caboclinhos e moleques” a tomarem banho livremente, o que lhe causou inveja, mesmo que por um instante, por não poder brincar como eles, porque ele (o memorialista) era um filho-família. Isso por si só demonstra a diferença de hábitos, sendo o banho de lagoa e/ou rio um costume que não deveria ser mais praticado, mas sim evitado por ir de encontro às posturas do município. Afinal de contas, a cidade e, em específico, a rua deveria ser o cartão de visita de uma cidade moderna. Leiamos o trecho da memória:

Do Parque vamos ao Reservatório do Pajeú, construído na seca de 1845 pelo Senador Alencar e melhorado na de 1877, pelo Barão de Sobral, todo

⁸⁴ Gilberto FREYRE, **Sobrados e Mucambos: Decadência do Patriarcado Rural no Brasil**, p. 21.

⁸⁵ Gustavo Barroso, **Coração de Menino**, p. 27.

coberto de aguapés e pacaviras, menos nos lugares onde a meninada dos arredores costuma tomar banho. Caboclinhos e moleques das choupanas próximas ali se atiram à água com o sol a dourar-lhe os corpos escuros, acobreados, mergulhando aos pulos, nadando de braço ou de cachorro, jogando cambapé.

Como são felizes! Fico com tanta inveja que um instante desejo ser antes um moleque do que um filho-família.⁸⁶

Esse pitoresco acontecimento, que demonstra um momento de lazer daquelas crianças de então, contrasta sobremaneira com o que exigia o Código de Posturas de Fortaleza de 1870. Ele não só proibia o banho de lagoa e/ou de rio, como ameaçava com punição ao infrator da postura, como nos informa Eduardo Campos: “O título VI (“Medidas Preventivas”), em capítulo de n.º II, legisla sobre ‘bulhas, vozerias, obscenidades e ofensas à moral’, com a novidade: punição para a pessoa que se banhar à luz do dia ‘no corrente da rua do Poço, na Lagoa do Garrote, Pajeú e outros lugares expostos às visitas dos viandantes, ou de quem estiver em casa’”.⁸⁷

Entretanto, essa regra municipal, que atenta para a condução e a preservação de um pudor e de uma moral comunitária, já estava presente em códigos anteriores, em que “os banhos na Lagoa do Garrote (depois, Parque da Liberdade), em que se empenhavam os rapazes nus, [provocou] a vigência do Art. 70, de posturas do dia 11 de maio de 1849, proibindo a apresentação de qualquer pessoa despida ‘das seis horas da manhã às 6 horas da tarde’”.⁸⁸

Se Freyre nos aponta as mudanças do espaço urbano, no caso da rua, se dando já na primeira metade do século XIX, seria, entretanto, a partir da segunda parte dessa centúria, que a rua iria sofrer significativas alterações. Isto porque, essas modificações de que a rua foi alvo eram frutos de um processo de “transformação capitalista do mundo” e da “expansão de uma nova ordem burguesa” que ora se mundializava, atingindo em cheio as mais diversas áreas, na qual, por exemplo, enquadrava-se a América.

⁸⁶ Gustavo Barroso, **Coração de Menino**, p. 27

⁸⁷ Eduardo CAMPOS, **A Fortaleza Provincial: rural e urbana**, p. 109.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 85.

Como corolário, o que houve nesse contexto foi a emergência de uma ordem urbano-industrial, que exigiu desse espaço público sua adequação aos padrões desejados de modernidade e progresso. Dessa forma, “a rua [refletiu] a transformação do espaço urbano e a reordenação da vida. O aburguesamento da cidade e a consolidação de uma nova ordem trazia em seu bojo exigências, valores, critérios. Impôs-se uma redefinição do solo urbano e de sua ocupação pelos indivíduos”.⁸⁹ (sic)

Além da perspectiva freyriana, é bom ressaltarmos as reflexões do Antropólogo Roberto Damatta acerca do domínio da rua. Para Damatta, a rua só se define ou se deixa apanhar ideologicamente através do contraste ou da oposição; esta é “básica na gramática social brasileira”. Quer dizer, para apreendermos o domínio da rua, é preciso outro eixo especial de contraste e de complementaridade, que é a casa. Ambos os domínios formam um par estrutural constituído e constituente na dinâmica da sua relação.

A casa e a rua são como duas “categorias sociológicas” de fundamental importância, pois são capazes de nos auxiliar no entendimento do que a nossa sociedade pensa e institui, e o que ela vive e faz de concreto. Isso porque “estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas”.⁹⁰

Deste modo, na medida que os dois espaços se relacionam, permitem uma série de variações, combinações e segmentações, com graus variáveis de intensidade, tornando possível ... “ordenar” e também de reconstruir e construir (ou inventar) a experiência social brasileira.⁹¹ Tais domínios se confrontam através de seus subespaços, como as praças, mercados, jardins, janelas, cozinhas e varandas, e ainda por meio de ocasiões especiais quando a “comunicação é possível, obrigatória ou desejável”.

⁸⁹ Sandra PESAVENTO, *O Espetáculo da Rua*, p. 38.

⁹⁰ Roberto DAMATTA, *A Casa e a Rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, p. 15.

⁹¹ *Ibid.*, p. 20.

A casa e a rua são esferas de significação social que contêm visões de mundo ou éticas particulares, porque o comportamento de seus atores não é de uma conduta única para esses espaços, mas é diferenciada, correspondendo ao ponto de vista de cada uma das esferas de significações. É destaque, no entanto, que as diferenciações encontradas são complementares, nunca exclusivas ou paralelas.

Podemos constatar a prática de “éticas dúplices” (condutas diversas de acordo com os espaços de atuação) a partir de uma pequena amostragem da folha pasquineira “Belecho”,⁹² que exhibe no artigo de sua coluna “maus costumes”, o hábito dos homens casados que ao ganharem as ruas, saíam a namorar com as moças novas e solteiras.

Cabe-nos, no entanto, antes de prosseguir com a leitura do trecho jornalístico abaixo, dizer que a crônica — além da denúncia e crítica ao ato indecoroso e que atenta contra a moral familiar — recebe um tratamento cômico, pois, são dois os elementos de comicidade que procuravam extrair dos leitores: o riso e a hilaridade, para que pudessem condenar e levar ao ridículo tais atitudes e comportamentos (casados que namoram). Estes deveriam ser evitados, inclusive em espaço público.

O primeiro elemento procura tornar os personagens envolvidos (talvez conhecidos de todos!) em inferiorizados, levando-os à condição grotesca de animalidade ao associá-los à idéia do farejador (“casadinhos **farejando**...tetéa desmiolada”). O segundo elemento é um desfecho exclamativo e inesperado da crônica, representado na expressão “Credo!...”. Ali, o inusitado final provoca a comicidade de todos e simboliza o espanto do redator e o seu não querer acreditar em tal ato por estar “surpreso” com o acontecido. Vejamos o trecho da coluna de crônica:

*É uma cousa nunca vista, os janotas já não podem
fazer suas buchechas pois estes casadinhos abandonam as
carícias de suas esposas para andarem farejando onde há*

⁹² “O Belecho” – **Orgão dos Filhos de Candinha**”. Circulou na cidade de Fortaleza no ano de 1899. Era editado na Typographia Guttenberg, localizada na antiga rua municipal, n.º 12. Hoje, essa rua se chama Guilherme Rocha.

uma tetéa desmiolada para commeterem estes absurdos e clandestinos actos.

Domingo, quando procuravamos deixar por momento este movimento fastidioso que todos os dias aqui se reproduz, tomamos o bond do matadouro, e na ocasião em que passavamos em frente a casa de uma moça, esta estava sendo beijada por um casadinho. Logo que nos puzeram os olhos os taes sujeitos bateram mais que depressa a porta.

Credo!...⁹³

Vamos retomar agora a idéia da prática de “éticas dúplices”. Os atos absurdos e clandestinos dos “casadinhos” vão de encontro a uma ética da casa e da família, por atuarem de forma distinta ao se deslocarem para a rua (o público). Naquele instante, seus gestos estão em desacordo com o “ser moral” da família nuclear, o que faz surgirem tensões e conflitos, podendo levar à sua desintegração. O mau andamento da casa, fundamento moral e célula da ordem viva, tem como consequência arriscar o vigor do Estado e o progresso social.

Qualquer conduta considerada desviante por uma das partes componentes do todo familiar, principalmente pelo chefe que é o pai, pode macular a todos, pois seus membros fazem parte de uma mesma família e de um grupo fechado, com fronteiras e limites determinados. As pessoas da casa constituem um núcleo de mesma substância, com a mesma carne, o mesmo sangue e mesmas tendências. Essa substância física de todos se projeta em propriedades e outras coisas comuns (destinos, valores, honra, vergonha, bens móveis e imóveis, proteção aos seus membros mais frágeis como crianças e mulheres, agregados etc.).

É no território da casa que seus membros podem se realizar como seres humanos dotados de corpo físico e igualmente de dimensão moral e social. Todos são únicos e insubstituíveis. Em casa tem-se as "pessoas" e não o "indivíduo", o "elemento". *É ...como se ali o espaço fosse marcado por um supremo reconhecimento pessoal: uma espécie de supercidadania que contrasta terrivelmente com a ausência total de reconhecimento que existe na rua.*⁹⁴

⁹³ O BELECHO, Fortaleza, 1º/11/1899, ano I, n.º 3.

⁹⁴ Roberto DAMATTA, *O que faz o brasil, Brasil?*, p. 28.

O espaço em que o “casadinho” se rebela e dá a conhecer outros possíveis desejos, afetos e sentimentos é a rua. A rua é o mundo exterior contrário e complementar ao mundo interior da casa, medido *pela luta, pela competição e pelo anonimato cruel de individualidades e individualismos*.⁹⁵ É local de movimento, onde há um fluxo intenso de pessoas indiferenciadas e desconhecidas chamadas de "povo" e de "massa". O que temos são grupos desarticulados de indivíduos. A rua é

*local onde ninguém nos respeita como 'gente' ou 'pessoa', como entidade moral dotada de rosto e vontade. A rua compensa a casa e a casa equilibra a rua. No Brasil, casa e rua são como os dois lados de uma mesma moeda. O que se perde de um lado, ganha-se do outro. O que é negado em casa - como o sexo e o trabalho - tem-se na rua.*⁹⁶

Esta reflexão sobre os espaços da casa e da rua é seguida da discussão que é a das esferas do "público" e do "privado". A rua deixa de ser apenas um elemento de separação entre casas, passando a se definir como espaço público, em oposição ao espaço privado da casa. Como afirma Sandra J. Pesavento:

*Refúgio da individualidade, o lar abriga a propriedade burguesa ou esconde a miséria proletária, mas ele permanece como reduto da família, do círculo mais próximo, de pessoas que se conhecem e dependem mutuamente. Em contraste, a rua do mundo que se transforma sob o impacto do capitalismo se povoa de atores sociais específicos, alguns novos e outros nem tanto, mas que por ela transitam, numa *mélange caótica*: o povo, a multidão, a burguesia, o proletariado.*⁹⁷

⁹⁵ Roberto DAMATTA, **O que faz o Brasil, Brasil?**, p. 28.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 30.

⁹⁷ Sandra Jatahy PESAVENTO, **O Espetáculo da Rua**, p. 9.

Aqui no Brasil, esta distinção clássica entre estes dois campos de atuação começou a se esboçar claramente com a transferência e instalação da Corte portuguesa no Rio de Janeiro. D. João trouxe consigo toda uma maquinaria de governo e um enorme séquito de cortesãos. O aparato centralizador do Estado monárquico que aqui se instalou refletiu sobre o funcionamento das nossas instituições públicas. E os novos contingentes populacionais que chegaram com hábitos e costumes inovadores influíram no desenho mais nítido da vida privada, principalmente a partir de 1822, quando foi instituído o Estado independente do Brasil no formato de "Império liberal".

Entretanto, para a historiadora Maria de Lourdes Viana Lyra, o que existe, quando da instalação do Estado imperial, é uma linha tênue que separa estas duas esferas (Público e Privado):

... a separação formal das esferas públicas e privada, a partir da instituição desse Estado imperial, não significou a imediata e clara distinção dos espaços de atuação das instâncias do Estado e dos indivíduos em sociedade. As fronteiras ainda continuariam tênues no processo de sedimentação das novas relações sociais que começavam a ser estabelecidas. Sobretudo levando-se em conta a implicação do movimento de constituição da nação - e de gestação do sentimento de nacionalidade brasileira desligada da portuguesa -, desenvolvida em paralelo e concomitante ao de estruturação do Estado imperial.⁹⁸

O público e o privado aparecem como campos de atuação do poder do Estado, dos grupos sociais dominantes da política e da economia, dos indivíduos em sociedade e suas manifestações íntimas na vida cotidiana, mas que estão sendo (re)interpretados.

⁹⁸ Maria de Lourdes Viana LYRA, "O Público e o Privado no Brasil Imperial". In: Eunice NADARI et al. (org.). **História: Fronteiras**. Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História (Florianópolis), p. 284.

Deste modo, a resignificação dos espaços, ocorrida no século XIX brasileiro, vai ocasionar o processamento de novas relações sociais e novos encontros e confrontos entre grupos distintos (econômico, social, cultural e étnico). Porém, alguns grupos que atuaram na paisagem fortalezense eram novos e outros nem tanto.

1.3 ENCONTROS E CONFRONTOS NUMA TERRA DE “FALSO FAUSTO”

Os encantos oferecidos pela vida urbana provocam um desejo irresistível pelo domínio público. A rua, outrora lugar de homens livres pobres, escravizados, mestiços, meretrizes etc., dava lugar para outros personagens urbanos desejosos de uma maior liberdade e flexibilidade de convívio.

É como nos exemplifica Alencar Arrais na relação entre o espaço público (a rua), as famílias (o lar) e a mulher: *Os espaços públicos haviam-se aberto às famílias, a rua não era só domínio de homens, negros, vagabundos, meretrizes. A pretexto de ir as compras, visitar dentistas ou fotógrafos, senhoritas percorriam as ruas, às vezes tomavam o bond sozinhas.*⁹⁹

No entanto, essa vivência de cidade colocava em constante confronto cotidiano, indivíduos de origem social, étnica e cultural diferentes, pois o ímpeto urbanizador, que ocasionou um convívio muito mais íntimo entre populações, acabou provocando também a emergência de conflitos. Assim, o encontro e o confronto de grupos sociais distintos foi inevitável.

Na cidade de Fortaleza, para o período em apreço, tínhamos uma sociedade extremamente seccionada e hierarquizada. De um lado, havia a grande massa da população composta de escravizados e de homens livres pobres, sendo estes em sua maioria, pardos, pretos e caboclos, por outro lado, uma classe

⁹⁹ Raimundo Pereira Alencar ARRAIS, **Recife: Culturas, Confrontos e Identidades: A Participação das camadas urbanas na campanha salvacionista de 1911**, p. 49.

dominante que tinha os olhos voltados para a modernização da "sociedade",¹⁰⁰ tendo como referência a civilização branca cristã ocidental e que começou a se esboçar em meados do século XIX.

O Historiador Francisco Pinheiro nos informa, em seu trabalho, que o botânico Freire Alemão, estando no Ceará em 1859 e chefiando uma expedição científica, deu testemunho, através de seus manuscritos, ao referir-se às relações de trabalho em Pacatuba e Fortaleza, da composição da população da capital cearense: *A gente livre aqui, que constitui o povo é toda mestiça, mamelucos, cabras, etc. Trabalham pouco para si fazendo roças, gostam mais de se alugar, porque assim estão certos de passar melhor e comer carne diariamente...*¹⁰¹

O que possuíamos era o predomínio de um povo de cara mestiça-parda, cuja maior parte era analfabeta e de hábitos, como falar alto, trajar simples (vestuário confeccionado com tecidos grossos de algodão), praticar jogos (o jaburu e dos bichos), ir as festas regadas com a cachaça, namorar nas areias, jogar "conversa-fora" sob árvores, banhar-se nas lagoas e rios, da jumentada (corrida de jumentos), preparar festas populares de marca africana (congada, reisados e batuques), etc.

Evidenciamos algumas coisas desses costumes, no rico quadro de lazer dos populares, que saiu em um artigo da folha "Charuto" (1903) falando sobre o evento da "jumentada". Esse artigo acabou indiretamente fazendo um paralelo burlesco com a prática do turfe no Prado (corridas de cavalos), para onde ia a alta sociedade e os que se consideravam homens de sociedade e do bom-tom.

Apesar de ser extensa a citação, é preciso citá-la em sua completude para visualizarmos nesse "pagode" as falas ("pornográficas"), os jogos ("poules") os hábitos alimentares (peixe frito, bacalhau de garrafa e pato), os ruídos (assobios e vaias), a cachaça ("porres") etc. de seus participantes.

¹⁰⁰ Sociedade aqui entendida como sendo apenas as pessoas consideradas de estirpe, tradição, de considerável formação intelectual e poder aquisitivo elevado. Cf. José Ernesto PIMENTEL FILHO, **Urbanidade e Cultura Política: A Cidade de Fortaleza e o Liberalismo Cearense no Século XIX.**

¹⁰¹ Freire ALEMÃO apud Francisco José PINHEIRO, "O Homem livre/pobre e a Organização das Relações de Trabalho no Ceará (1850-1880)", **Revista de Ciências Sociais**, (1/2): 212.

**CORRIDA JUMENTADA NOS CAMPOS
BELLOS**

Realizou-se no ultimo Domingo, debaixo da mais supimpa escolhambação, a corrida jumentada inaugural no aprasivel e adoravel retiro Campos Bellos.

Compareceram diversas autoridades, senhoras, homens eminentes, guryrs, padres, frades até o Chico Ti-ri-ri-bim-bum, lá esteve.

O 1º pareo foi ganho pelo Zé Carne, que montou um bonito jumento potrôso do rabo cotó.

Ganhou o 2º pareo o Chico Minhóca, montado num jumento peidão.

Foi vencedor do 3º pareo o mesmo Chico Minhóca montando uma jumenta grávida e do fogão acêso.

O 4º pareo, foi vencido pelo Tiririca, de bochêcha, num jumento cego de dois olhos e que fez toda a corrida buffando fedorento.

Houve quedas a uffa, porres, peixe frito, bacalhau de garrafa e assobios em penca.

O Bacurao, no 4º pareo, correu dentro da loja da jumenta, com o nariz fóra do balcão.

O jogo esteve desanimado, porque o povo só queria comprar poules do fuso.

Amanhã haverá a Morte do Pato; mas quem fôr mata-lo e de tres golpes não decepar-lhe a cabeça, levará uma ajuda de pimenta malaguêta no cedém.

A rapazeada está bastante animada; eja' foram mandados preparar tres litros de mólho para as ajudas.

São convidadas todas as moças das redondezas de Campos Bellos para assistirem o pagode.

No proximo Domingo haverá a 2ª corrida, começando do Alto do Bode até Campos Bellos.

Os jumentos serão abolidos por serem muito peidões; e a corrida será em cavallos com cangalha e chocalho, e os jockeys irão nús com uma pena de pavão no ... fi-ó-fó!

*Lá estaremos.*¹⁰²

Quanto a classe dominante, havia uma elite senhorial, que pouco a pouco, através de uma cultura letrada (com unidade de formação educacional), foi adquirindo caráter aristocrático. Uma recente elite com intenções de distinção e novos referenciais, possuindo como marca um imaginário de exclusão, que com um olhar preconceituoso e disciplinar, procurou fundar uma nova sociabilidade

¹⁰² Charuto. *Orgão do Zé Povinho*. Fortaleza, 20 de junho de 1903, n.º 21, anno XII, p. 1-2.

em que se tentou excluir e obliterar o mundo popular, como nos informou o historiador Ernesto Pimentel:

Ela não é rústica; tem o horizonte da cultura erudita. Ela classifica, perscruta, disseca, caracteriza identificando. E, por fim, controla. Ela traz como seu imaginário a exclusão.

“Os homens cultos do século XIX sentem a necessidade de erigir uma nova sociabilidade, sentem a vontade de impor uma doutrina, um processo educacional que possa corrigir os erros de seus ancestrais próximos, a fim de recolocar a vida nos eixos da civilização branca cristã ocidental.”¹⁰³

Para alcançar tal intento, usou de todos os meios e estratégias. Foi o caso, que analisaremos mais adiante, da utilização do humor com o fim de corrigir, excluir e/ou controlar hábitos estranhos à civilização.

Para esta elite, Fortaleza se tornou palco para uma nova sociabilidade, que se exigia moderna e civilizada. Entretanto, a cidade portuária — lugar para onde fluía a produção da província, local de melhorias urbanas, símbolo, para muitos, de progresso e civilização — foi também, de forma paradoxal, cenário de refúgio e busca de sobrevivência por parte daqueles que para lá afluíam, fugidos das secas, da falta de trabalho e terras. O que se via, então, nesse “falso fausto”, era uma circulação de toda “condição de pessoas”. A maior parcela da população que para capital correu em busca de sobrevivência foi marcada pela miséria e pelo empobrecimento. Foi o que noticiou, por exemplo, “O Saca-Riso. Semanário Humorístico”,¹⁰⁴ em 5 de agosto de 1900 (período de seca), na coluna de título “Quadro Desolador”, que descreveu a situação calamitosa e de sofrimento da população pobre.

Bandos de retirantes esfaimados e maltrapilhos, esmolando a caridade publica, percorrem as ruas da cidade, exhaustos, esqueléticos.

¹⁰³ José Ernesto PIMENTEL FILHO, **Urbanidade e Cultura Política: A Cidade de Fortaleza e o Liberalismo Cearense no século XIX.**, p. 43.

¹⁰⁴ De propriedade de Adherbal Nogueira e Diretor Alcino Durval.

Nos pontos de parada dos bondes, homens, mulheres e crianças, verdadeiros espécimes da miséria, em risco de serem esmagados pelas rodas dos veículos, rodeam-n'os, antes mesmo do termo da viagem, implorando aos passageiros, com lágrimas nos olhos e a dor da fome estampada nos rostos macilentos, - uma esmola pelo amor de Deus!

Sob as árvores dos arrabaldes, sujos e aglomerados n'uma promiscuidade de sexos e idades, os outr'ora altivos filhos dos nossos sertões, hoje tristes e acabrunhados, morrem de fome, resignadamente, porque a caridade pública, exaurida, já não pode alimentar-os.

E para tornar mais negro, mais desolador o quadro de misérias que toda esta cidade representa, o bando miserável dos don juans – entes degenerados e infames, reduzindo à prostitutas as pobres mocinhas famintas, em troca de mentirosas felicidades – percorre os cajueiros protectores que servem de abrigo aos nossos desventurados irmãos.¹⁰⁵

É grande o número daqueles escritores que tomaram por assunto a crônica histórica da cidade de Fortaleza, colocando-a como pano de fundo de suas prosas ficcionais. Daí ser possível realizarmos uma leitura e termos uma certa visualização deste cenário urbano. É o que fizemos através da construção literária do escritor Manoel de Oliveira Paiva, em seu romance social e de crítica dos costumes, "A Afilhada",¹⁰⁶ cujo cenário é a urbe alencarina da segunda metade dos XIX, cheia de contrastes e de fausto duvidoso. Apesar de ser uma obra de ficção, o literato pinta com riqueza de detalhes um quadro da cidade em seus costumes, moradias, feições, trajes etc..

É preciso, pois, deixarmos bem claro, nesta ocasião, que não compreendemos a literatura como espelho da realidade. Mas, sabemos que a criação ficcional é também produto da realidade que a envolve. Pois, como bem afirma Sevcenko:

Afinal, todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus

¹⁰⁵ O **Saca-Riso**, 05/08/1900, anno 1, n.º 6.

¹⁰⁶ Manoel de Oliveira PAIVA, A **Afilhada**.

*temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam. Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais?.*¹⁰⁷

São três as passagens que escolhemos para retratar a imagem de cidade em seu encontro e confronto de indivíduos de origem social, étnica e cultural diferentes. Apesar de viver consideráveis mudanças para se inserir em uma nova ordem moderna e civilizada, não pôde esconder suas contradições.

O primeiro trecho literário é aquele em que Maria das Dores, personagem principal do romance, saiu a passeio em direção à praia do “Mocuripe” (na época, uma antiga povoação de pescadores distante do centro da cidade) com suas colegas de colégio e a irmã preceptora. Ao longo da caminhada, “Das Dores” cruzou com uma população empobrecida (suja e maltrapilha no vestir), mas que estava trabalhando e que não deixou de ser alvo da zombaria (manifesta pela vaia) de suas amigas. Estas pareciam estar alegres e se divertir com a degradação daquele povo pobre.

Maria nem enxergava um peixeiro que passava para a cidade, ao acostumado trotezinho, de calão carregado aos ombros, e passou-lhe despercebida a vaia que as outras deram num menino muito sujo que ia com uma carga de côcos, escanchado entre os cassuás penosamente suportados por um mísero cavalo que procurava instintivamente a areia endurecida pelo malho das ondas.

Quando voltavam, entretanto, a Das Dores, como lhe chamavam no colégio, quase chorou de dó, ao encontrar-se com uns pequenos que vinham da lenha.

As fêmeas com o cabelinho e um pedaço de coberta encardida ao ombro, e os meninos, em camisa, com as canelinhas ao vento. Atrás, uma já moça, com um enorme feixe de garranchos, que inclinou propositalmente para

¹⁰⁷ Nicolau SEVCENKO, **Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**, p. 20.

*cima dos olhos. Via-se que a rapariga trazia a saia em cima da pele, e que o pudor dos peitos era apenas aquecido por um cabeção de algodãozinho. Maria teve um dêsses ímpetos que se encontram na vida dos santos, de perguntar pelos pais daquela gente, de arrimá-los, de dar o seu dote aos pobres e ficar pobre também. Entretanto os pobres passaram, ela se comprazendo nessas delícias de imaginação, e nem reparou que em tôdas aquelas feições acentuadas pelos revezes pousava sossegada a doce resignação da ignorância.*¹⁰⁸

Contudo, antes de prosseguirmos com as outras passagens que figuram a cidade, pretendemos fazer aqui uma pequena pausa reflexiva sobre a “vaia” das amigas de “Das Dores”. A vaia como manifestação daqueles personagens urbanos do romance simboliza, para nós, o confronto e a marca da diferença social, muitas vezes velada ou encoberta pelos sentimentos de “bondade cristã” e/ou franciscana, retratada pela figura central romanesca, “Das Dores”. (“Maria teve um dêsses ímpetos que se encontram na vida dos santos, de perguntar pelos pais daquela gente, de arrimá-los, de dar o seu dote aos pobres e ficar pobre também”). Ou, ainda, é obliterada por uma outra construção discursiva de Oliveira Paiva, que colocou este povo desvalido figurando como conformado com a sua carente situação: *...tôdas aquelas feições acentuadas pelos revezes pousava sossegada a doce resignação da ignorância.*

Por isso, não deixando passar despercebida, a “vaia,” que pode estar acompanhada e seguida do riso, um “riso de exclusão”, estoura com o intuito de demarcar a hierarquia nas relações sociais. Aqui, no trecho literário, a vaia daquelas meninas vem à tona para desprezar e levar ao ridículo os personagens empobrecidos (peixeiro, carregadores de lenha e de côco), colocando-os em um pedestal sempre inferior das relações sociais. Ou seja, por meio da vaia/riso, o que há é uma superioridade desdenhosa.

Retomemos as outras passagens. A segunda parte destacada da ficção fala do bairro pobre do Outeiro,¹⁰⁹ que ficava mais a leste da zona urbanizada, nas

¹⁰⁸ Manoel de Oliveira PAIVA, *A Afilhada*, p. 17.

¹⁰⁹ “Bairro praticamente desaparecido com a expansão da cidade e que compreendia a zona entre a Praça Cristo Redentor e o fim do boulevard da Conceição (atual avenida Dom Manuel), no sentido

areias (arrabaldes). Podemos captar com o trecho a estrutura física e a qualidade da moradia dos homens pobres. O que em nada se assemelhava ao casario e aos sobrados dos ricos da cidade.

As cercanias, à distância, por trás do templo [Igreja da Sé], alçavam os coqueiros, as mangueiras e plantações, uma povoação de folhagens por trás do casario. Para além desses blocos unidos de verdura, adivinhava-se o aspecto desolador do extenso bairro do Outeiro. Uma zona irregular e caprichosa de alegrias da vegetação, entre o mundo da cidade e o vasto aldeamento dos pescadores, dos lancheiros, dos trabalhadores da praia, dos homens da praia, dos homens do ganho, dos operários e de uma numerosa população decaída, habitando cabanas, verdadeiras covas de palhas desses esquimós do areal ardente. Através dos ruídos ouvia-se o cantar do galo ao longe.¹¹⁰

Como contraponto à citação acima e ampliando o nosso olhar sobre os modos de vida dos dois grupos, temos os trechos das “memórias”¹¹¹ de Gustavo Barroso (Homem de Elite), que, ao descrever o mobiliário e parte de sua casa, dá-nos um retrato da extremada diferença na vida dos ricos e pobres urbanos, que habitavam casas insalubres e superpovoadas. A casa de Gustavo Barroso era um “Velho sobradão colonial com paredes de fortaleza e soalhos de taboões. Velhos armários e velhas cômodas com velhas louças da Índia, pratarias e castiçais de vidro”.

Em outro instante de suas “memórias”, ele nos dá mais detalhes da casa: *...ao ver-me na sala de visitas iluminada, com seus grandes espelhos, suas mesas de pés de garra, seu velho piano Gaveau, as cadeiras de balanço de pau preto e a mobília de vinhático dos pés de cachimbo: doze cadeiras, quatro poltronas e um*

norte-sul, e a Praça do Colégio (atual Filgueira de Melo) e a do Asilo (atual Benjamim Constant mais conhecida como de Cristo Rei ou Colégio Militar), no sentido oeste-leste”. Cf. informação dada por Mozart Soriano Albuquerque em nota de roda-pé da obra de Gustavo BARROSO, **Coração de Menino**, p. 37.

¹¹⁰ Manuel de Oliveira Paiva, **A Afilhada**, p. 26-7.

¹¹¹ Gustavo BARROSO, **Coração de Menino**.

canapé.¹¹² Algo bastante distinto daquelas “cabanas, verdadeiras covas de palhas”.

Em período de festa, a cidade de Alencar se transformava em palco ao ar livre para as mais variadas movimentações, sejam laicas e/ou religiosas, e para os diversos atores sociais, que aí se encontravam e se dividiam em seus espaços. É com a última passagem, que apanhamos em flagrante este movimento da cidade em período da Semana Santa, quando era costume, na Sexta-Feira da Paixão pedir esmolas para o jejum. Percebemos claramente como o “arrabalde invadia a povoação confortada”, dividindo a cidade “como duas nações diversas” compostas por “duas espécies distintas de gente em claro confronto”.

*O arrabalde invadia a povoação confortada. Ao longo das calçadas a plebe em turmas, ia de porta em porta. Havia aglomerações nas tabernas e mercearias, nos armazéns das grandes casas comerciais, e nos baixos sobrados das famílias de alta catadura que consagravam ainda aquele uso tradicional. Mulheres em quantidade, de chinelos, xale surrado, ou cobertos com um lençol de tacos de chita, cabeça sujo, com o ar disfarçado do cão que pisa em terreiro alheio. Raro uma pessoa branca. A modo que estava ali a grande maioria dos descendentes tapuias raramente cruzados com os africanos, e apenas de sangue europeu. Crianças acompanhando as pessoas grandes, e fazendo pela vida. Ao espírito embora esterilmente observador do Osório, aquela multidão, arrastando chinela e penúria cidade adentro a pedir esmola, era uma grande revista em ordem de marcha, do arrabalde perante a soberania da população mestra, **duas espécies distintas de gente em claro confronto** ao sol da Redenção que celebrava o catolicismo. Trajes, costumes, feições, andar, linguagem, e várias particularidades, **como duas nações diversas**.¹¹³ (grifo nosso)*

Entretanto, não é só o romance que nos dá um panorama do espetáculo dos grupos sociais postos frente a frente. De igual modo, a “cidade empedrada” *versus* as areias e os subúrbios, foi abordado pelo jornal “O Figarino – Revista

¹¹² Gustavo BARROSO, *Coração de Menino*, p. 17 e 37.

¹¹³ Manoel de Oliveira PAIVA, *A Afilhada*, p. 185-6.

Ilustrada”,¹¹⁴ em 31 de dezembro de 1897. Nele, a cidade calçada com pedras, após um assassinato ocorrido em plena praça do Ferreira, chocando a todos, voltou à sua calma habitual. No entanto, pelas areias, a agitação era uma só com os “Fandangos”, onde se encontrava a “criadagem vagabunda”. Com uma escrita em tom de ironia, de hostilidade e de desclassificação em relação à festa popular, nosso redator escreveu sobre o outro lado da cidade, as areias, que lhe causava incômodo e que em seus hábitos e costumes de lazer e festejo colocavam em risco o cotidiano positivo do trabalho, conseqüentemente o progresso e a civilidade, pois seus empregados (“criadagem vagabunda e devoluta”) não obedeciam ao tempo e às “obrigatórias” tarefas das casas de seus patrões e senhores. Agora, vejamos:

Sediça, sem uma nesga de novidade, havia corrido a semana, leitor, no crime de homicídio, infausto e profundamente lamentavel, segunda-feira á praça do Ferreira, não nos viesse surprehender grandemente, nos causando um grande dó.

(...)

Depois do que a cidade entrou na sua calma habitual, isto é, a cidade empedrada, enquanto que, pelas areias e suburbios, a novidade gyra em torno dos fandangos, de envolta com a criadagem vagabunda e devoluta.

As nossas cosinhas desertas desses servições, aspiram pelo dia depois da ultima festa, a dos Reis; querem seus famulos.

Sem dúvida, com grupos de marcas tão díspares, seria impossível não haver qualquer tipo de choque entre estas partes do todo social. Principalmente, quando os grupos de elite e seus associados (redatores-proprietários / proprietários-escritores dos pasquins) pretendiam impor uma nova sociabilidade (civilizada e moderna), em que seria preciso mudar hábitos e costumes para um maior controle e autocontrole social.

¹¹⁴ O Figarino – Revista Ilustrada. Fortaleza, 31.12.1897, anno 3, n. 6.

2 O ESTADO BRASILEIRO E AS FRONTEIRAS ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

2.1 UMA NOVA SOCIABILIDADE QUE SE (IM)PÕE PARA AS ESFERAS PÚBLICA E PRIVADA

No capítulo anterior, tivemos o intuito de traçar um quadro do contexto sócio-histórico vivenciado pela cidade de Fortaleza, em especial, naquilo que denominamos de seu palco urbano. Isso porque a cidade foi lugar de um processo de mudanças que mexeu com sua infra-estrutura urbana (moldava-se um novo cenário de cidade) que acabou ocasionando uma resignificação de seus espaços (isto se refere aos conteúdos e limites entre o público e o privado), e uma (re)estruturação da sua vida cotidiana (seus valores, condutas e hábitos citadinos) e das suas relações sociais. Com isso, no campo dessas relações, seus atores experimentaram e procuraram pôr em prática os seus anseios e interesses, o que findou gerando encontros e confrontos, nem tão amistosos, entre membros de variados segmentos sociais urbanos, de distinções econômicas, étnicas e culturais.

Ou seja, o que objetivamos foi construir um panorama do cotidiano da cidade, onde se desenhavam os contornos civilizacionais para uma sociedade que, ainda, experimentava uma vida provinciana. No entanto, demos certa ênfase ao mundo da rua por ser "o lugar do movimento, em contraste com a calma e a tranqüilidade da casa, o lar e a morada"¹¹⁵ e por ter sido o tablado onde se encenavam os atos/eventos que foram alvo de comentários (juízo moral) e tiveram lugar garantido na maioria das crônicas/artigos dos jornais pasquinhos circulantes e de lazer. É o que podemos constatar na crônica em versos "Noite da Cidade", do escritor Juvenal Galeno. Nessa crônica, a rua é o lugar das tavernas e seu público freqüentador de "cachaceiros", "homens de posição" e da "plebe", que desfrutavam das diversas bebidas alcoólicas (cachaça, conhaque, cerveja e vinho); das casas de jogo e seus viciados jogadores; da política (a "baixa politicagem" e

¹¹⁵ Roberto DAMATTA, **O que faz o Brasil, Brasil?**, p. 23.

sua "infame linguagem"); das rodas de fofoca, que desvendavam os segredos dos lares e dos lupanares (locais perniciosos e nocivos). Vejamos a passagem abaixo:

*Perto, a luz dos candieiros,
Na taverna, os cachaceiros
Recostados ao balcão;
Enquanto, lá bem no fundo,
Os homens de posição,
Conhaque, cerveja, vinho
Bebem, matando o bichinho,
Como a plebe do balcão...
Outros nas casas de jôgo,
Da cobiça ardem no fogo,
O pão da prole a queimar...
Muitos agora se ocupam
Em baixa politicagem,
Na mais infame linguagem
Seu contrário a difamar;
Em rodas feitas na rua,
Dêle a vida pondo nua,
E os segredos do seu lar:
A gargalhada arrancando,
Mentindo, caluniando,
Que entendem que só matando
Podem viver ... e gozar!*

*E dêles, depois aí, quantos
Não vão doenças comprar
Naquele paul infesto
Que se chama lupanar?!
Ali dos homens a vítima,
Dos vícios da ebriedade,
Espera a sociedade
Para vingar-se cruel;
E arteira como a hiena,
Os moços mata sem pena,
E os casados envenena,
Vendendo dores e fel...
Da pátria murchando a esp'rança,
Do lar furtando a bonança...
Festeja um riso a vingança,
Qual da cobra o cascavel.¹¹⁶ (sic)*

¹¹⁶ Juvenal GALENO, *Folhetins de Silvanus*, p. 38-39.

Verificamos ao longo do poema e, principalmente, no desfecho da crônica (últimos versos), que Galeno destaca a clara divisão entre os dois espaços sociais fundamentais da vida brasileira — "o mundo da casa e o mundo da rua". Estes são

espaços de onde se pode julgar, classificar, medir, avaliar e decidir sobre ações, pessoas, relações e moralidades.[A] casa e [a] rua formam os espaços básicos através dos quais circulamos na nossa sociabilidade. Sobretudo porque o que falta na rua existe em abundância na casa. E ainda porque eles não podem ser confundidos sob pena de grandes confusões e desordens.¹¹⁷

No entanto, nosso poeta representa o mundo da rua como um local do vício e capaz de levar a pátria e seu pilar de sustentação, a família (o lar), a um estágio de desagregação e destruição, o que lhe faz sair em defesa desta última. Em sua crônica poética, o folhetinista interpreta os eventos e/ou subespaços da rua pelo código da casa e da família, demonstrando existir a prática de "éticas dúplices" por parte dos "homens de posição", dos "moços" e dos "casados", quando circulavam nessas "esferas de significação social" (a casa e a rua). Isto porque

"embora existam muitos brasileiros que falem uma mesma coisa em todos os espaços sociais, o normal — o esperado e o legitimado — é que a casa, rua e outro mundo demarquem fortemente mudanças de atitudes, gestos, roupas, assuntos, papéis sociais e quadro de avaliação da existência em todos os membros de nossa sociedade. O comportamento esperado não é uma conduta única nos três espaços, mas um comportamento diferenciado de acordo com o ponto de vista de cada uma dessas esferas de significação.¹¹⁸ (grifo do autor)

Constatamos, ainda, através dos versos anteriores de Juvenal Galeno, a existência de subespaços do "domínio da rua", funcionando muitas vezes como

¹¹⁷ Roberto DAMATTA, **O que faz o Brasil, Brasil?**, p. 33.

¹¹⁸ Idem, **A Casa e a Rua**, p. 52

zonas intermediárias. Estas zonas — é o caso da taberna em sua frequência noturna e diária — apresentam significados como locais de convivência, de encontro e de circulação social, em que se tem um momento de aproximação (interpenetração de diferentes grupos sociais) e de manutenção das distâncias sociais. Ou seja, o que havia, apesar do encontro de grupos distintos, era uma clivagem das populações — traço marcante da vida nas relações sociais na cidade de Fortaleza.

Por exemplo, no caso da taberna, havia uma subdivisão num mesmo espaço de lazer, o que demonstra uma "sensação de ambigüidade" ao reunir pessoas distintas, mas também, ao manter distâncias sociais em tal subespaço da rua. Se procurarmos imaginar a cena, nos transportando por meio dos versos (exercício de imaginação), veremos que aqueles pobres "cachaceiros" (viciados), descritos e envolvidos nesse cenário, ficavam de pé e próximos ao balcão, enquanto os chamados "homens de posição" permaneciam no fundo da taberna, provavelmente sentados e ocupando os espaços confortáveis das mesas. Quer dizer, o que se tem é uma nítida "clivagem social" num mesmo espaço público subdividido em outros pequenos espaços. Tal divisão é notória, também, pelo tipo requintado ou não das bebidas e pelo hábito de beber, em que a cerveja e o vinho eram bebidas de origem européia e acessíveis a quem possuía o "velho dinheirinho", o que era diferente daquela de marca local — a "cachaça" —, produzida nos engenhos de açúcar escravista e associada aos populares, pobres e (ex-)escravizados.

Ao conferir destaque ao espaço da rua, nesse contexto de modificações nas quais estava envolvida a cidade de Fortaleza, trouxemos à superfície uma discussão sobre os limites e as definições das fronteiras entre as esferas pública e privada. Porém, esse debate que se abre em torno dessa tentativa de definir limites e conceitos entre o que é o público e o privado está associado, ainda, a um outro debate relativo à instalação do Estado brasileiro, o que ganha força e respaldo com a afirmação do historiador Carlos Jacinto, quando refere, em seu trabalho, as mudanças operadas na cidade de Fortaleza:

*Conseqüência destas transformações é a busca, cada vez mais freqüente, de uma clara definição das fronteiras entre o público e o privado. Afinal, não se vive mais a realidade da vida acanhada, bem característica das vilas. A cidade cresceu e com ela se tornaram as relações sociais, passando-se a exigir maior estabilidade institucional e um nítido padrão de condutas no espaço público.*¹¹⁹

Podemos, então, fazer uma indagação, que funciona aqui como uma das questões norteadoras deste capítulo: quais os efeitos sobre as formas de sociabilidade dos indivíduos, quando das transformações que definiam a formação do poder do Estado? Uma pergunta pertinente, por ser o Estado parte responsável pelo planejamento e pela condução do processo "planificador da vida social".¹²⁰ Ele, ao atuar interessado na ordem e na estabilidade da sociedade, abre um processo modificador das relações sociais e políticas. Firmamos nossa posição através da formulação de Ely Chinoy:

*O Estado pode manter toda a ordem social — impondo alguns mores, resolvendo certas disputas, protegendo a sociedade dos inimigos externos — e pode impor padrões de comportamento e proporcionar serviços de várias espécies; mas assim faz em benefício de uma ou outra classe social ou de qualquer um dos diversos grupos que se encontram na sociedade. E o poder pode ser apreçado como fim em si mesmo por indivíduos ou por toda a cultura; o controle sobre os outros e o exercício da autoridade pode satisfazer o ego, bem como proteger a propriedade ou defender outros valores.*¹²¹ (grifo do autor)

É do nosso conhecimento que a instalação formal do Estado moderno apareceu como o novo delimitador do espaço público. A partir dele, originou-se uma nova relação entre o público e o privado, o que fez mudar a natureza das relações entre Estado e sociedade. Como bem nos lembra Sandra Jovchelovitche:

¹¹⁹ Carlos J. BARBOSA, **A Força do Hábito: condutas transgressoras na Fortaleza remodelada**, p. 42.

¹²⁰ Ibid.

¹²¹ Ely CHINOY, **Sociedade: Uma Introdução à Sociologia**, p. 458.

O público, então, já não se referia à corte, representativa de um príncipe dotado de autoridade, mas a uma instituição regulada de acordo com competências: a um aparato dotado com o monopólio para o exercício legal da autoridade. Em contraste, privado designava qualquer coisa excluída da esfera do aparato de estado; (...) Desta esfera privada, sem conexão alguma, com o aparato de estado, desenvolveu-se a "esfera da sociedade". Enquanto um domínio legítimo de autonomia privada, a sociedade civil tem inicialmente a função de dar forma à oposição entre estado e sociedade, até que finalmente ela institui uma clara distinção entre os dois.¹²²

Essa clássica diferenciação entre os domínios público e privado no Brasil começa a se desenhar com mais clareza com a chegada e instalação da família real portuguesa, acompanhada de toda a sua Corte, no Rio de Janeiro, prosseguindo com o estabelecimento do Estado Imperial (instituição do Estado-Nação independente). Entretanto, a conseqüente separação "formal" dessas esferas não significou imediata e nítida discriminação. Ou seja, estavam separadas formalmente e não indistintas, mas se apresentavam curiosamente invertidas, pois é marca peculiar de nossa realidade — a experiência histórica brasileira vem respaldar essa afirmativa — essa inversão em que, por diversas vezes, se tomou o público pelo privado ou o seu contrário. É o que nos informa Sérgio Buarque de Holanda:

Não era fácil aos detentores das posições públicas de responsabilidade, formados por tal ambiente [o tipo primitivo da família patriarcal], compreenderem a distinção fundamental entre os domínios do privado e do público. (...) Para o funcionário "patrimonial", a própria gestão política apresenta-se como assunto de seu interesse particular; as funções, os empregos e os benefícios que deles auferem, relacionam-se a direitos pessoais do funcionário e não a interesses objetivos, como sucede no verdadeiro Estado burocrático, em que prevalecem a

¹²² Sandra JOVCHELOVITCH, **Representações Sociais e Esfera Pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**, p. 54-55.

*especialização das funções e o esforço para se assegurarem garantias jurídicas aos cidadãos.*¹²³

As "fronteiras permaneceriam tênues no processo de sedimentação das novas relações sociais que se estabeleciam",¹²⁴ mesmo porque esse Estado tinha como base e fundamento de sua regência uma "política do favor",¹²⁵ que "não [permitia] e nem [comportava] a distinção entre o público e o privado".¹²⁶ Acrescentando-se a isto, houve a legitimidade política do país assentada nos fortes suportes do poder pessoal e oligárquico e da prática clientelística, em que no nível micropolítico as "lealdades pessoais, compromissos locais, autoridade privada" configuram a vida cotidiana.¹²⁷ Por exemplo, no caso do período imperial, apesar do Estado burocrático central se afirmar como símbolo da ordem pública, o que acontecia habitualmente era que *a população continuava a prestar sua lealdade básica aos detentores privados do poder, os proprietários rurais. Não eram apenas os escravos, enquanto propriedade privada, que permaneciam fora da arena política. A ampla maioria da população livre não tinha qualquer identificação com uma unidade territorial mais ampla que os domínios de um potentado rural.*¹²⁸

Na dinâmica do processo político brasileiro, enraizou-se uma tradição do mando pessoal e da política do favor, justificando a constituição de um estado não igualitário e patrimonial,¹²⁹ onde a categoria povo está dividida entre grupos sociais com direitos desiguais, além daqueles que não têm nenhum direito e são

¹²³ Sérgio Buarque de HOLANDA, **Raízes do Brasil**, p. 105-106.

¹²⁴ Maria de Lourdes Viana LYRA, "O público e o privado no Brasil Imperial".

¹²⁵ Uma forma de pactuar entre grupos sociais e/ou poderes, que trocam favores para tirarem proveitos e ganhos próprios. Por exemplo, benefício de uma melhor governabilidade ou de prebendas. Assim aconteceu entre a Coroa e seus súditos ou entre o poder estatal central e o poder privado local.

¹²⁶ José de Souza MARTINS, **O Poder do Atraso: ensaios de sociologia da história lenta**, p. 20.

¹²⁷ Elisa P. REIS, "O Estado Nacional como Ideologia: o caso brasileiro", p. 192.

¹²⁸ *Ibid.*, p. 191.

¹²⁹ Assim, Renato Janine Ribeiro resume com propriedade a idéia de patrimonialismo: "O patrimonialismo é, pois, o Estado que o príncipe dirige como sua empresa pessoal, no quadro do capitalismo mercantil. Por extensão, ele suscita corrupção à sua volta e neutraliza a iniciativa dos produtores.(...) Numa extensão mais atual, diz-se patrimonialista o modo pelo qual governantes de qualquer nível, do presidente ao simples funcionário, se valem do bem comum para sua vantagem privada. Esses usos da palavra, porém, só cabem por analogia — ou como consequência de um processo que, no seu centro, não era a genérica e vaga utilização por qualquer um da coisa pública,

excluídos da vida política. Nessa mesma política, houve a marca de um liberalismo sem valores democráticos (ordem liberal antidemocrática e opositora de qualquer tentativa de democratização) que a caracterizou, que "ajudou a preservar a representação hierárquica e autoritária da comunidade política..."¹³⁰

A negação de muitos direitos e a exclusão política da maioria da população — *No Império como na República, foram excluídos [da sociedade política] os pobres (seja pelo censo, seja pela exigência da alfabetização), os mendigos, as mulheres, os menores de idade, os praças de pré, os membros de ordens religiosas.*¹³¹ — podem ser avaliadas a partir do direito ao voto contido na Constituição Republicana de 1891. Nesta Constituição, o voto seria direto, só podendo ser exercido por aquele "cidadão" que cumprisse a exigência básica de ser alfabetizado (saber ler e escrever). Contudo, a mesma Carta Magna retirava a obrigatoriedade do governo assegurar a educação primária. Então, como se percebe, o exercício da cidadania, dos direitos políticos, era prejudicado pela não garantia do direito social da educação.

O que se nota, também, é uma concepção de cidadania permeando a Constituição, que, ao gerar restrições à participação de diversos segmentos da população, acabou produzindo uma distinção entre "cidadãos ativos e cidadãos inativos ou cidadãos simples".¹³² Destaca José Murilo de Carvalho sobre esse tipo de cidadão:

Os primeiros possuem, além dos direitos civis, os direitos políticos. Os últimos só possuem os direitos civis da cidadania. Só os primeiros são cidadãos plenos, possuidores do jus civitatis do direito romano. O direito político, nesta acepção, não é um direito natural: é concedido pela sociedade àqueles que ela julga

mas sua apropriação pelo príncipe, pelo governante, pelo soberano". Cf. Renato Janine RIBEIRO, **A República**, p. 38-39.

¹³⁰ Fernando URICOECHEA, **O Minotauro Imperial: a burocratização do estado patrimonial brasileiro no século XIX**, p. 84.

¹³¹ José Murilo de CARVALHO, **Os Bestializados**, p. 44-45.

¹³² Foi resultante dessa concepção de cidadania uma outra distinção existente entre sociedade civil e sociedade política.

*merecedores dele. O voto, antes de ser direito, é uma função social, é um dever.*¹³³ (grifo do autor)

Associado e vindo a somar-se a essa reflexão em torno da cidadania (os direitos políticos e/ou o problema do relacionamento entre o cidadão e o estado), figura-se uma idéia fundamental de **indivíduo**, que a noção de cidadania contém. É ponto pacífico que em qualquer sistema social o indivíduo existe como realidade empírica. No entanto, os membros de um grupo ou sociedade podem representá-lo ideologicamente (institucionalizar) ou concebê-lo de diferentes maneiras. Em outros termos, o que *existe, portanto, [é] uma diferença básica entre a presença empírica e a percepção e representação "cultural" ou "ideológica" dessa presença. Um elemento só tem significado sociológico quando tem presença "ideológica" e, através dela adquirir um tipo específico e singular de realidade (valor).*¹³⁴

Tendo, então, ciência dessas desigualdades sociais e políticas acima exemplificadas, que tiveram chão concreto na sociedade brasileira, uma questão prontamente emerge: qual a idéia/representação de indivíduo no Brasil? Ou melhor perguntando, qual o significado social do indivíduo e como se define o indivíduo na sociedade brasileira?

Isso porque, em nosso meio social, ser identificado como indivíduo/cidadão (entidade moral) significa estar à margem. Na vida prática cotidiana, aquele que não tem laços familiares, de parentesco e de grupo pode ser tratado como um possível criminoso ou um "elemento" qualquer, o que lhe tira todo respaldo social. Ser visto como um anônimo, uma pessoa desconhecida e não cultivadora de boas relações (deveria manter redes de relações com amigos importantes e influentes, políticos, familiares, parentes etc.), corta-o do mundo social. Dessa forma, a categoria "indivíduo" finda associada à idéia de "cidadão de segunda classe" e, por isso, à mercê das regras impessoais e universais que governam a nação.

¹³³ José Murilo de CARVALHO, **Os Bestializados**, p. 44.

¹³⁴ Roberto DAMATTA, "Brasil: uma nação em mudança e uma sociedade imutável? Considerações sobre a natureza do dilema brasileiro", p. 215.

Esta construção representativa do indivíduo entra em choque com outra categoria social, a **pessoa**. Ela é "alguém", enquanto o indivíduo é "ninguém". Essa categoria que *designa seres humanos de uma maneira enfaticamente positiva não é o indivíduo como unidade exclusiva e fundamental do Estado moderno, mas o indivíduo como membro de uma rede de relações — isto é, o indivíduo enquanto pessoa ou gente.*¹³⁵

Fica a advertência, a partir da reflexão acima, que, para compreender a situação de hierarquia e autoritarismo sociais, de desigualdade perante as leis, de exclusão social e política etc, sofrida pela maioria da população brasileira, é preciso ter em mente os significados (representações) de categorias como indivíduo/cidadão-pessoa e o funcionamento destas na estrutura social brasileira. É o que nos mostra Roberto DaMatta:

*No fundo, vivemos numa sociedade onde existe uma espécie de combate entre o mundo público das leis universais e do mercado; e o universo privado da família, dos compadres, parentes e amigos. É uma sociedade que possui formas diferenciadas de definição de seus membros, de acordo com o conjunto de relações que eles possam clamar ou demonstrar em situações específicas.*¹³⁶

Além da análise da atuação do Estado (arregimentação dos agentes ligados ao poder público e às práticas e intenções de controle que constituem exercício de caráter essencialmente repressivo) no sentido de organizar e controlar o espaço público do Estado-nação, é possível, paralelamente, trazer à baila o viés interpretativo referente ao público e ao privado como campos de "atuação dos indivíduos em sociedade e manifestações de intimidade da vida cotidiana", o que permite um enfoque a partir do "processo de transformação das relações sociais", nas quais esses domínios foram sendo definidos. Com tal abordagem, há a possibilidade de identificarmos as "referências culturais que vão estruturando"

¹³⁵ Roberto DAMATTA, "Brasil: uma nação em mudança e uma sociedade imutável? Considerações sobre a natureza do dilema brasileiro", p. 209.

¹³⁶ Idem., **A Casa e a Rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**, p. 93.

esses espaços, "os atores que [os] elaboram e os locais onde acontece a ação".¹³⁷ Isto para além das áreas de influência da dominação da "associação política" (Estado) instituída.

À medida que os novos regulamentos e normas de convivência social (determinando lugares e formas de atuação) iam se dando, concomitantemente se definiam as possíveis fronteiras entre o que deveria ser o público e o seu contrário, numa relação de natureza dialética, o privado. Estas esferas são caracterizadas mais pela sua interdependência do que por seu distanciamento. O significado, a noção e a definição de um só podem ser entendidos em relação ao seu contrário.¹³⁸ Pois, *é na relação dialética entre o que é comum e o que é particular, entre o que é aberto e o que é subtraído, o que é distribuído e o que não é, que os dois espaços se constituem como domínios distintos.*¹³⁹

No entanto, estamos certos de que estava acontecendo uma mudança das fronteiras e do conteúdo desses domínios e não uma modificação do sentido, que se manteve. Pois, "o sentido do privado — esconder, subtrair do domínio público — é o mesmo; mas as fronteiras e o conteúdo mudaram..."¹⁴⁰ Por exemplo, aqueles atos/ações antes não tidos como sujeitos à recriminação pública, naturais e habituais passam a ser perseguidos e induzidos a se restringirem ao espaço privado. É o caso dos namoros, que antes aconteciam em logradouros da cidade (ruas, largos e praças) e precisavam ser duramente contidos e reprimidos para se direcionarem aos lugares definidos como de intimidade e subtraídos do público. Os locais de atuação eram contestados e recriminados. Era necessário fazer os casais enamorados se privarem dos sentimentos, dos desejos, das vontades, da liberdade e da espontaneidade natural. O autocontrole havia de ser sedimentado. Quanto à sedimentação desse "autocontrole", Norbert Elias afirma que:

¹³⁷ Maria de Lourdes Viana LYRA, "O público e o privado no Brasil imperial".

¹³⁸ "Ainda que os dois domínios tenham assumido sentidos diferenciados em momentos históricos diferentes, eles sempre foram definidos um em relação ao outro (...) não há registro de qualquer sociedade humana onde o significado da vida pública não se tenha constituído pelo significado da esfera privada e vice-versa". Cf. Sandra JOVCHELOVITCH, **Representações Sociais e Esfera Pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil.**

¹³⁹ Ibid., p. 45.

¹⁴⁰ Ibid., p. 46.

A organização monopolista da violência física geralmente não controla o indivíduo por ameaça direta. Uma compulsão ou pressão altamente previsíveis, exercidas de grande variedade de maneiras, são constantemente aplicadas sobre o indivíduo. Em grau considerável, elas operam tendo por meio as reflexões dele próprio. Essa compulsão, em geral, está presente apenas potencialmente na sociedade, como uma agência de controle. A compulsão real é a que o indivíduo exerce sobre si mesmo, seja como resultado do conhecimento das possíveis conseqüências de seus atos no jogo de atividades entrelaçadas, seja como resultado de gestos correspondentes de adultos que contribuíram para lhe modelar o comportamento em criança.¹⁴¹

Ou ainda, é o caso da mulher, que passa ter uma presença mais constante e intensa nos lugares públicos. Antes, a figura feminina estava subjugada ao mando patriarcal e restrita aos limites da casa, o que a privava de uma convivência aberta e comum. Vivia um verdadeiro regime de clausura, como nos relata Tania Quintaneira:

Emparedadas, privadas do relacionamento livre com o mundo, aqui as mulheres mostravam-se tímidas e ariscas, oprimidas pelo dever de preservar sua honra e, por extensão, a seus guardiães. E aí daquelas que se recusassem a obedecer a pais e maridos!... os recolhimentos dos conventos mantinham sempre as portas abertas para quem tivesse desafiado o interdito.¹⁴²

Ela, aos poucos, começa a ganhar papel de destaque na sociedade, pois, *ao longo do século XIX a urbanização, os câmbios sócio-econômicos e demográficos, a expansão do setor público e o fluxo de novas doutrinas promoveram uma certa liberalização dos costumes e um enfraquecimento parcial das instituições que enclausuraram as mulheres.*¹⁴³ Ultrapassando paulatinamente os limites rigorosos entre os universos masculino e feminino, ela chega a circular

¹⁴¹ Norbert ELIAS, **O Processo Civilizador**, p. 200-201.

¹⁴² Tania QUINTANEIRA, **Retratos de Mulher**, p. 41

¹⁴³ *Ibid*, p. 86-87.

em rodas intelectuais, em associações abolicionistas etc.. No entanto, esta significativa melhora na situação da mulher ("expectativa otimista"), não representava em muitos casos — "províncias interioranas, a regra [padrões morais] deve ter sido a ocorrência de comportamentos mais tradicionais"¹⁴⁴ — prova de uma realidade em que se justificasse um otimismo excessivo.

Novamente, temos em Juvenal Galeno um exemplo ilustrativo para esse fenômeno em que a mulher começava ocupar um espaço até então masculino, como era o caso da rua. Nos versos da crônica - "Passeio" - vemos o passear público com a presença feminina e sua marcante moda na maneira de vestir e de se embelezar. Vejamos os pilhéricos trechos da coluna jornalística:

*Fui ao festivo arrabalde,
Ao passeio do bom-tom,
De chapeuzinho barato,
E depois de alguns momentos,
Em vista aos monumentos...
- Velha cadeia é o que há! -
Fui procurar novidade,
No meio da humanidade
Aqui... ali... acolá!...
(...)
Enquanto vaidosas pisam,
Passeando as senhoritas!
Que imenso garbo... Estremecem
Anquinhas cheias de fitas...
Que arapoá no toucado!
Depois, o rosto caiado
Mesmo de longe se vê...
E as donzelas querendo
Passar por jovens... a murros...
E muitos, muitos casmurros
Carregando um pincenez!*

*E o gritinho que a nervosa,
Ai! ...solta de vez em quando?...
E os olhares requebrados,
Os suspiros namorados,
Os sorrisos enlevados
Da moça chique, do tom?!
Sempre, sempre murmurando:*

¹⁴⁴ Tania QUINTANEIRA, **Retratos de Mulher**, p. 88.

- Já vai partir o wagon! - (...) ¹⁴⁵

Podemos ilustrar o tema/fenômeno "mulher" (entre o público e o privado), da mesma forma, com a figura da mulher literata Francisca Clotilde, que participou de um grupo de intelectuais chamado "Clube Literário". ¹⁴⁶ É na revista "A Quinzena" que Clotilde abre espaço para trazer a público, em artigo, o tema da mulher, em especial a mulher cearense. Ao longo do artigo, Francisca Clotilde constrói um discurso ainda marcado pela defesa de regras comportamentais tradicionais, em que procurava preservar a importância da mulher como viga central da estrutura familiar — *É no lar, santuario intimo de seus mais puros affectos que a mulher deve ostentar verdadeiramente a bondade e ternura de seu coração, tornando-se o anjo da guarda do esposo e dos filhos e lhes inspirando o bem e a virtude.* ¹⁴⁷ —; ela, assim mesmo, se destacou por fazer emergir publicamente tal temática e por demonstrar um papel de relevo da mulher na estrutura civilizacional. O título do artigo era "A mulher na Família". Vejamos, então, uma parte deste artigo:

Houve, porem, mulheres que se immortalisaram por feitos gloriosos e que a historia nos apresenta como verdadeiras heroínas.

Desde os mais remotos tempos, quando a humanidade no embryão da civilização luctava ainda com as trevas do obscurantismo, a mulher surgiu illuminada por um esplendor divino patenteando o poder e a força irresistivel de sua fraqueza.

Todos os vultos femininos que admiramos na historia antiga podem hombraear com as heroínas da meia idade e com as mulheres celebres da nossa epocha, nas quaes a civilização imprimiu um beijo de luz. ¹⁴⁸

¹⁴⁵ Juvenal GALENO, **Folhetins de Silvanus**, p. 60-61.

¹⁴⁶ Uma sociedade de letras (científica-literária) que se instituiu em 15 de novembro de 1886. Reunia-se à rua Senador Pompeu, 123D e depois na rua Major Facundo, 56, na sede da redação do seu órgão de imprensa "A Quinzena". Cf. Dolor BARREIRA, **História da Literatura Cearense**.

¹⁴⁷ **A QUINZENA**. Propriedade do Club Litterario. Fortaleza, 15 de março de 1887, p. 8.

¹⁴⁸ *Ibid.*, p. 8.

É fato concreto, através das duas passagens anteriores de Juvenal Galeno e de Francisca Clotilde (colegas de letras), que os domínios do público e do privado em Fortaleza davam mostra de que suas fronteiras e seus conteúdos estavam mudando, porque, por exemplo, a mulher já não era subtraída do debate público e passava a circular mais em sociedade.

Diante da idéia acima — em que a modificação se dava no aspecto da fronteira e do conteúdo dos campos público e privado e não dos seus sentidos — é que encontramos respaldo mais uma vez na reflexão de Sandra Jovchelovitch, que afirma: "o que determina se um objeto vem a ser público ou permanece privado não é o objeto em si, mas a forma específica como ele circula em sociedade e o lugar onde os atores sociais, em um contexto sócio-histórico preciso, decidem aloca-lo".¹⁴⁹

Muitas vezes, os atores sociais que circulavam nos logradouros da cidade, faziam, por exemplo, da rua um local doméstico, a sua casa. Nela tudo era possível e/ou passível de qualquer ação. A casa, com seus códigos, éticas e hábitos, parecia englobar e submeter a rua a seus desejos, mesmo aqueles atos que deveriam ser realizados em lugares fechados da intimidade (a casa e seu subespaço o quarto) — isso porque esses atores não viam distinção ou não tinham consciência do que era o público e o privado. Movidos, talvez, pelo impulso/desejo do corpo, inobservavam os códigos e a autoridade de uma regra da sociabilidade imposta, mais do que desobedeciam com o intuito de transgredir e de se insurgir contra uma definição de conduta que deixou de ser legítima para eles. É o caso da festa na casa de Ignacia Cupim, mostrado pelo jornal *O Belecho*, de 1º de novembro de 1899. Através de um soneto, o redator o "D. Gourdeau" descreve o desregramento de tal evento (muita dança e cachaça a vontade com a participação de brejeiros), desfechando suas rimas com uma cena representativa de um ato sexual. Vejamos, então, o soneto:

*Rufam enormes pandeiros
Em casa de Ignacia Cupim*

¹⁴⁹ Sandra JOVCHELOVITCH, **Representações Sociais e Esfera Pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**, p. 46.

*Que com este "enorme festim"
Diz festejar seus janeiros.*

*Dansam baião os bregeiros
Convidados; e de metim
Vestida a mulher de chispim
Se requebra a Zé Medeiros*

*Já bastante encachaçado
O irmão de João Machado
Leva a filha do Macedo*

*Esta num quarto fechado
Tendo já muito luctado
Diz: não me metta seu dedo. (grifo nosso)*

Os comportamentos públicos inconciliáveis com os padrões de civilização (padrões estes que se difundiam e aos poucos começavam a fincar raízes na sociedade fortalezense) tornaram-se objeto de preocupação crescente dentro de uma sociedade em que a ordem urbano-industrial se acentuava. Mesmo *porque o povo não se enquadrava nos padrões europeus nem pelo comportamento político, nem pela cultura, nem pela maneira de morar, nem pela cara.*¹⁵⁰

Houve, da parte de setores dominantes urbanos e de seus sócios, um empenho repressivo ou mais persuasivo em relação ao viver dos cidadãos. Um viver associado aos populares e caracterizado pela mobilidade (deslocamentos espaciais), pela fluidez das relações, pela diversidade social (diferentes grupos compõem a população) e pela dispersão, que acabava modelando o perfil das manifestações do privado e do cotidiano. Isto é constatado quando grandes contingentes populacionais (famintos, sedentos e doentes) afluíam em direção à capital — Fortaleza — após vagarem durante dias pelas estradas arenosas e sob um sol escaldante, onde esperavam encontrar uma vida melhor. Vítimas da seca, eram levados obrigatoriamente à itinerância e à dispersão. Estava-se, com isso, diante de uma grande mobilidade da população ocasionada pela frágil estrutura agrária sujeita às intempéries climáticas (grandes períodos sazonais de

¹⁵⁰ José Murilo de CARVALHO, **Os Bestializados**, p. 162.

prosperidade/abundância e de extrema precariedade/pobreza) e/ou às oscilações dos mercados nacional e internacional.

Diante desse quadro, novos personagens eram integrados aos círculos de intimidade e de convivência social da cidade, o que resultava numa fluidez das relações. Tudo isso poderia tumultuar a vida cotidiana cidadina, pois eles carregavam costumes e hábitos, que, no contato com a vida urbana fortalezense, findavam se chocando com as novas exigências e regras civilizacionais. E essas novas regras do viver urbano em nada se assemelhavam com a convivência social a que estavam acostumados em suas terras de origem.

Assim, procurou-se determinar o modo de vida da população, principalmente dos populares e/ou de todos aqueles segmentos, mesmo de uma elite senhorial (econômica), que não se enquadravam nas regras de uma convivência civilizada. Era preciso (re)educá-los, o que fez a maneira de se comportar e de se conduzir em público ir passando por expressivas alterações. Porque, como afirma Ernesto Pimentel, quando abordou sobre a formação da classe senhorial:

...havia um certo afrouxamento dos comportamentos públicos, e os homens de poder no interior da cidade podiam participar de certos aspectos da cultura popular sem grandes constrangimentos, haja visto o registro que temos das pasquinagens, fofocas e outras manifestações. Com o processo de urbanização crescente, ao passo que o século caminhava para seu fim, isso passará a ser adequado apenas a canalha.¹⁵¹

Como reação, era preciso fazer que esses atores sociais aprendessem a ter discernimento em relação às fronteiras e à forma de se conduzirem entre os espaços público e privado.¹⁵² Soubessem distinguir entre "o que deve ser oculto e

¹⁵¹ José Ernesto PIMENTEL FILHO, **Urbanidade e Cultura Política**, p. 20.

¹⁵² Uma questão pode emergir: como exigir do povo pobre tal discernimento ou que pudesse definir os lugares do prazer (esfera da sexualidade), restringindo-o aos locais fechados da intimidade (lar e quarto), se lhe faltavam condições materiais? Amiúde, o que havia era uma ausência de privacidade do viver, resultante do tipo de moradia precária que a população empobrecida possuía com espaço exíguo, parede-meia ou com frestas (esburacadas), sem portas para os poucos

o que deve ser visível, o que deve ser particular e o que deve ser comum, o que deve ser aberto e portanto distribuído a todos, e o que deve ser secreto, reservado e portanto subtraído da esfera aberta a todos".¹⁵³ Para isso, os "agentes do moderno" se antecipavam e agiam no sentido de recriminar, condenar e deter as ações avaliadas como inadequadas, indecorosas. Utilizavam, muitas vezes, estratégias diversas e informais de controle, procurando inibir e controlar a vida íntima daqueles que conviviam nesse espaço de sociabilidade.

O privado, quanto lugar de intimidade, era invadido pelos "guardiães" da moralidade e de uma vida civilizada, na tentativa de regular as relações ali existentes. Seus comportamentos, suas condutas e seus hábitos deveriam ser regulados e contidos para que não ganhassem ou se espalhassem em direção à esfera pública. Porquanto, numa sociedade de direitos desiguais para seus indivíduos,¹⁵⁴ os que estavam na posse do poder tratavam os outros como "súditos", como "cidadãos impuros" ("cidadãos de segunda classe") e sujeitos aos seus mandos. Por isso, esses que administravam se achavam no direito de intervir em suas vidas e de poder dispor delas. Era o que fazia o redator do jornal "Charuto" (2 de janeiro de 1898), que assinava a coluna — "A Todo Galope" —, com o pseudônimo de "O Jock". Na coluna, dava conta da vida alheia como se tivesse o direito de expor publicamente as intimidades dos "outros". Leiamos o que ele escreveu:

*Para podermos apreciar algumas novidades,
hontem dia de anno bom, cellamos o cangussú¹⁵⁵ e
sacudimo-nos neste oco de mundo.*

cômodos, multiplicidade de moradores etc.. Ou seja, esses modelos de casas não poderiam oferecer a privacidade desejável para as relações mais íntimas (prática sexual). Então, torna-se difícil requerer dessa população o cumprimento e/ou discenimento das regras de convivência social adequados para cada uma das esferas do público e do privado.

¹⁵³ Sandra JOVCHELOVITCH, **Representações Sociais e Esfera Pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**, p. 45.

¹⁵⁴ "... no Brasil a distinção entre o público e o privado nunca chegou a constituir, na consciência popular, como distinção de direitos relativos à pessoa, ao cidadão. Ao contrário, foi distinção que permaneceu circunscrita ao patrimônio público e ao patrimônio privado. Portanto, uma distinção relativa ao direito de propriedade e não relativa aos direitos da pessoa. Mesmo aí, distinção que nunca ganhou clareza e contornos nítidos". Cf. José de Souza MARTINS, **O Poder do Atraso: ensaios de sociologia da história lenta**, p. 21-22.

¹⁵⁵ Onça de grandes malhas ou pintas. Animal feroz das nossas matas e quebradas de serra. Uso pop. cor. Cf. Flórida SERRAINE, **Dicionário de Termos Populares**, p. 85.

—
Estivemos nos fandangos e apreciamos que a casadinha da Rua de S. Thereza, estava afuncada,¹⁵⁶ fazendo bochecha¹⁵⁷ com um imfronhado que era aquella garapa.¹⁵⁸

(...)

Quando passava-mos pela Rua de Santa Thereza, notamos que a menina do canto da cerca, estava fazendo bochecha com o casado da bodega.

Ela estava recostada a cerca lendo e zoiando para o amante.

—
Na estrada do matadouro, estavam duas mocinhas, agarradas com dois rapazes, numa safadeza medonha!

Um delles quando presentiu o tropello do novo cangassú, largou a menina e correu para baixo dos cajueiros.

—
Voltamos e nossa passagem pela rua do Imperador assistimos um duello de puchavantes de cabellos, de duas moças enciumadas.

A verdadeira namorada deu de garra no bixinho da outra, que só faltou arrancar os zois.

Credo.

O poder (herrschaft) é entendido, aqui, como fato "inerente às relações recíprocas de grupos e indivíduos", nos quais há a imposição da vontade de um dos sujeitos aos outros, determinando-lhes os comportamentos ou quem sabe exercendo influências sobre eles, afetando, direta ou indiretamente, suas vidas e ações sociais. Poder que significa toda probabilidade "de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade".¹⁵⁹

O conceito de poder permite-nos refletir sobre um outro, a "dominação". Conceitos próximos, mas que guardam diferenças na elaboração. No primeiro, o comando não é necessariamente legítimo, nem a obediência

¹⁵⁶ Afuncar-se, obstinar-se; obsecar-se; deixar-se absorver; apaixonar-se; interessar-se vivamente. Cf. Floriaval SERRAINE, **Dicionário de Termos Populares**, p. 20.

¹⁵⁷ Transmite a idéia de logro, blefe e obtenção gratuita, hoje já, muitas vezes, com a aquiescência de outrem. Cf. **Dicionário de Termos Populares**, p. 60.

¹⁵⁸ Água com açúcar ou mel. Caldo de cana-de-açúcar = coisa reles e mal definida. Cf. Raimundo GIRÃO, **Vocabulário Popular Cearense**, p. 134.

¹⁵⁹ Max WEBER, **Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva**, p.33.

forçosamente um dever. Já no segundo, a obediência se fundamenta no reconhecimento, por parte daqueles que obedecem, das ordens que lhes são dadas.

Segundo Max Weber, a dominação "é a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicáveis" ...¹⁶⁰ Contudo, "a situação de dominação está ligada à presença efetiva de *alguém* mandando eficazmente em *outros*, mas não necessariamente à existência de um quadro administrativo nem de uma associação; porém, certamente — pelo menos em todos os casos normais —, à existência de *um* dos dois".¹⁶¹ (grifo do autor) Completa Weber: "Mas toda dominação de uma pluralidade de pessoas requer normalmente (não invariavelmente) um *quadro* de pessoas confiável de que haja uma *ação* dirigida *especialmente* à execução de disposições gerais e ordem concretas, por parte de pessoas identificáveis com cuja obediência se pode contar".¹⁶² (grifo do autor)

Desta forma, os agentes da ordem e mensageiros do progresso social civilizado ("quadros de pessoas", segundo Weber) seguiriam de forma arbitrária e sem pedir licença, invadindo todos os locais da intimidade e da vida privada de uma população que era tida como escolho e que poderia impedir a instalação e concretização do projeto civilizacional moderno com seus costumes "arcaicos" e "provincianos". Para isso, não pouparam estratégias e armas, como foi o caso do humor/riso, para conseguirem seus objetivos. Estas armas foram utilizadas em forma de artigos/crônicas humorísticos de crítica social e de feitio costumbrista, publicados em diversas folhas pasquineiras, objetivando moralizar os costumes e os hábitos dos fortalezenses. É desse humor de costumes, como um dos meios que permitiu influir no comportamento das pessoas, que trataremos no próximo capítulo.

¹⁶⁰ Max WEBER, **Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva**, p. 33.

¹⁶¹ Ibid, ibidem.

¹⁶² Ibid., p. 139.

3 “CORRIGE OS COSTUMES RINDO”: HUMOR, VERGONHA E DECORO NA SOCIABILIDADE MUNDANA DE FORTALEZA (1850-1900)

3.1 HUMOR COSTUMBRISTA, VERGONHA E DECORO

"**Corrige os costumes rindo**" é a tradução da expressão tomada de empréstimo da divisa latina "**Ridendo castigat mores**",¹⁶³ empregada freqüentemente nos frontispícios dos jornais pilhéricos, para o lazer e carnavalescos do século XIX. É o caso da pequena folha "O Patusco",¹⁶⁴ que circulava na cidade de Fortaleza em 14 de dezembro de 1890 e que, além dessa expressão latina, trazia no alto de sua primeira página, acompanhando o título, a sentença "Jornal Sério-Moleque".

A frase latina, "Ridendo castigat mores", apesar das distintas maneiras de sua formulação e das diferentes traduções, demonstra sentidos semelhantes: a punição e a correção pela repreensão ou censura. Ou, ainda, a tentativa de moralizar os costumes pelo humor. É o intento de reformar hábitos considerados desviantes e/ou subversivos da ordem social ou simplesmente ridículos ou irracionais, para os "bons cidadãos" travestidos de críticos e guardiães de costumes. Tais cidadãos "procuravam castigar o que consideravam errado". Era necessário emendar pela advertência.¹⁶⁵

¹⁶³ "Em seu levantamento de fontes das citações latinas mais usuais, intitulado *Não perca o seu latim* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980), o professor Paulo Ronái registra *ridendo castigat mores* como de autoria do poeta neolatino Jean de Santeuil (1630-1697), ao propor para dístico de um busto de Arlequim o dito *Castigat ridendo mores*. Ao traduzir a frase por 'Rindo castiga os costumes', o erudito autor romeno-brasileiro passa por alto o sentido original da palavra latina, que antes da idéia de punição privilegiava, com a palavra castigo, o sentido de obtenção da correção de algo errado pela repreensão ou censura. A melhor tradução de *castigat ridendo mores* seria, pois, *corrige os costumes rindo*, ou com o riso (ou ainda 'a rir', como preferem os portugueses e, de fato, tornaria a expressão ainda mais clara e expressiva)". José Ramos TINHORÃO, **A Imprensa Carnavalesca no Brasil: Um Panorama da Linguagem Cômica**, p.114.

¹⁶⁴ "Adj. 1. que gosta de patuscadas. 2. Brincalhão, divertido; engraçado. 3. Ridículo, extravagante. S.m. 4. Indivíduo patusco. 5. Pachola. cf. Dicionário Aurélio.

¹⁶⁵ Lopes GAMA, **O Carapuceiro: Crônicas de Costumes e J. I. ROQUETTE, Código do Bom-Tom: Regras da Civilidade e de Bem Viver no Século XIX.**

Dentre os principais agentes envolvidos na tentativa de fazer valer um projeto moderno e civilizado para Fortaleza, que, como vimos, passava por significativas modificações, havia a participação de muitos dos proprietários/redatores das folhas pasquineiras. Estes, ao assumirem o papel de “guardiães” da moral e da ordem, precisavam criar um satisfatório estado de convivência social, pautado por hábitos e costumes civilizados. Era necessário introduzir “novas” regras de ação prático-normativa que disciplinassem os contatos e circulação entre os indivíduos, os hábitos (sexuais, alimentares etc.), o lazer e as formas de pensar e agir das populações (em especial as populares). Tratava-se de conseguir tomar medidas com antecipação contra a delinqüência, os “desvios” morais, a ociosidade etc. É o que se vê no artigo de apresentação do “A Onça”,¹⁶⁶ que declara o objetivo de reprovar os maus hábitos e costumes, alertando dos deveres em relação às condutas consideradas corretas.

A aurora de hoje surgiu nos apresentando e prezenteando com a Onça jornal critico cuja critica será decente e moderada.

A sua missão é não envolver-se no lar domestico das familias e muito menos na vida privada de quem quer que seja; o seu fim é somente reprovar os máos habitos e costumes, não os do Antonio Conselheiro; d'este encarregaram-se Laffayette e Celso Junior e outros; chamando porém a rapaziada ao conhecimento dos deveres e ao mesmo tempo raspar de nosso meio antigos preconceitos de certos typos de mania a pirãozada.

As carissimas e sympathicas leitoras provalvemente não se assuntam com o meu apparecimento entre vós como sabeis que...lobo não come lobo...

A rapasiada está sempre prompta e preparada para o que der e vier. A Onça entre elles não lhes cauzarão susto pois são as mesmas onças.

Avante pois, por este mundo d'alem, a dar novas da nossa terra que está sempre do encontro á Canudos esperando a cada momento a quéda do fanatico Antonio Conselheiro e seus alliados, tenho dito...

¹⁶⁶ Divisa: “Orgam Especialmente Critico”. Redatores-gerentes: Eu e Outro. Publicado em 25 de março de 1897.

É possível entrevermos, também, que o redator do artigo acima não deixa de revelar, mesmo que de maneira indireta, uma defesa e um respeito à família nuclear e moralizada, afastada que deve estar dos vícios e degenerações exteriores. Ao afirmar que não se envolveria em questões da privacidade doméstica, ele subescreve o seu respeito à família e seu privado, adotando uma postura contrária ao que faziam muitas outras folhas pasquineiras, como veremos adiante.

Subentende-se, ainda, do mesmo artigo, que apesar de declarar que a problemática de Canudos e seu líder Antônio Conselheiro eram uma preocupação para outros jornais, nas figuras de seus proprietários como Laffayette e Celso Júnior, não lhe escapa dizer que o Ceará estava contrário ao "fanático" conselheiro e seus seguidores. Esperava-se somente o instante de sua derrota. A derrota dos "mãos hábitos e costumes" dos canudenses.

Precisava-se vigiar, combater e controlar tudo aquilo que fosse considerado nocivo ao bem estar de todo o corpo social. A moda, os passeios, os bailes, as festas espontâneas/particulares e públicas (religiosas e políticas), os hábitos sociais, a irreverência popular e os tipos populares, necessitavam ser duramente vigiados e disciplinados para dar efetiva concretização de uma sociedade rumo à modernidade.

Aquelas relações afrouxadas, tendo no cotidiano um tempo cíclico e um espaço definidos e regulados pelo sagrado, precisavam ser combatidas, submetidas e modificadas para dar lugar a uma vida do dia-a-dia com elevação de um tempo do repetitivo e do linear. Pois, assim, *neste contexto, na vida cotidiana, com a ascensão do tempo linear repetitivo, base para a produção de bens e da organização social, também seria de se esperar que todas as relações entre as pessoas estivessem imersas no mesmo padrão.*¹⁶⁷ Esta padronização é tentada e/ou intermediada pelas folhas circulantes, que, repetitivamente, através de seus artigos, não se cansavam de trazer à tona uma série de proibições para o indivíduo melhor se portar socialmente.

¹⁶⁷ José de Souza MARTINS, **Vergonha e Decoro na Vida Cotidiana da Metrópole**, p. 20-1.

Então, uma pauta de interdições ou normas de ação e de boa conduta deveriam ser seguidas por todos os grupos envolvidos num processo de interação social da cidade. Na medida que os indivíduos vivem um processo de socialização, eles aprendem e incorporam, mas também constroem e (re)elaboram normas de ação para se conduzirem na sociedade. É como se confeccionassem um manual não escrito presente constantemente na consciência cotidiana de cada um, além das normas escritas e “acordadas” por todos para fim de vivência e experiência coletiva.

Era necessário fazer os sujeitos observarem uma pauta de interdições quando agissem, pauta esta que lhes diria o que não é lícito e conseqüentemente o que o é e que lhes diria, também, qual a forma adequada de observá-las.

Algumas destas proibições podem ser aqui reconstituídas a partir das próprias colunas dos jornais. As proibições mais recorrentes e algumas das expressões usadas para desqualificar os atos "indecorosos" dos moradores de Fortaleza, sobre quais se debruçam em comentários e denúncias os redatores, são:

A) **JOGOS** - bicho, jaburu, rifas, toda espécie de roletas, casas de jogo - "Praga do jogo dos bixos"; "malditas rifas, esta sarna de todos os tempos".

B) **MERETRÍCIO** - cafetinas, prostitutas - "mulheres desfrutáveis"; "as catraias indigestadas".

C) **NAMOROS** - dos homens e das mulheres casadas, entre um moço e uma mulher mais velha (quarentona), nos fandangos, mulher solteira fazendo buchecha com homem casado, entre moças - "namoros porcos e sujos"; "afuncamento"; "cebeiros de namoros"; "cínicos namoros".

D) **FESTAS** - particulares regadas a muita cachaça, festas religiosas (São João, Reis etc.) que se transformam em pândega - "noute da pandega, da folia, da bebedeira, dos compadres e das comadres sem folha corrida!".

E) **MAL COMPORTAMENTO NA MISSA** - conversar, rir, namorar, cuspir e flatar durante o rito religioso.

F) **FLATAR NAS NOVENAS.**

G) **CONTRA AS BUCHECHAS.**

H) MOÇA QUE LEVANTA O VESTIDO PARA MOSTRAR AS PERNAS.

No jornal "O Pagão",¹⁶⁸ na coluna intitulada "Diz a velha", o colunista, assinando o nome de "chiquinho", utilizava o artifício de falar como se fosse uma senhora de "certa" idade, que demonstrava as diferenças de gerações e de costumes entre as moças de então e a sua experiência de juventude. Com o artigo, podemos visualizar algumas mudanças nos hábitos das moças do período. Na fala da personagem transparece, ainda, uma proibição e uma recorrência ao passado, para aquele presente poder se pautar em regras de alguns hábitos e costumes, que nunca deveriam ter deixado de existir. As normas de ação e do bom comportamento relacionados às meninas pela velha eram de que: meninas brincam somente com meninas e sob o olhar atento dos pais (separação sexual para evitar qualquer possível promiscuidade); deveriam ficar em casa aprendendo ou fazendo atividades domésticas e jamais sair à rua para paquerar ou namorar; em período de "regras" (menstruação) não deveriam se embelezar, conter certos hábitos alimentares ou fazer asseio para higiene corporal (banho só com 8 dias). Vejamos o artigo:

*No meu tempo tudo era diferente de hoje!
As moças tinham outros costumes, como as de hoje
não tem.*

*Quando eram mininas só brincavão de baixo das
vistas dos paes, sem menino macho no meio.*

*Hoje é o contrario. As meninas brincam misturadas
com os machos em cima das vistas das mães e numa
algararra infernal! Quando hiam ficando mocinhas, não
fasiam mais certas couzas com bem: saltar correr na
carreira na areia, botar a lingua de fora e chegar a
janella da rua.*

*Viviam occupadas na sua almofadinha. Hoje quando
ellas vão ficando moças, vão ficando peiores; não sahem
da janella fasendo um tal de "crochete", arranjam logo
um "moio" de namorados e passam o dia inteiro mangando
de quem passa.*

*Namoram com Deus e o mundo e todas as tardes
estão na calçada sitando a todos!*

¹⁶⁸ Divisa: "Orgão da Pilhéria e Distracção". Publicado em Fortaleza em 15 de novembro de 1896.

No outro tempo, quando uma moça se punha "moça feita" não fazia certas extravagâncias como as de hoje: quando estavam na "regra" não botavam gomme na cara, não penteavam o cabelo não botavam cheiro na cabeça, não comiam comer que levasse certos tempeiros, não botavam o maldicto espelho, e só se lavavam de 8 dias completos.

*Mais hoje mudão de figura
Tomão até limonada!
Como o tempo está virado...
De tudo "si vesse".
Chiquinho.*

Igualmente no "O Diabo",¹⁶⁹ em "Tudo errado", onde se tem o tema do "casamento", constatamos mudanças de regras e, mais uma vez, o choque de gerações. As práticas de comportamento e condução social, no que se referem à constituição natural da família e da função materna da mulher, divergiam.

Antes de passarmos para a leitura do artigo abaixo, verifiquemos a comicidade que encerra. Ele foi construído com um desfecho inusitado, em que aquela que teve filhos primeiro fugia ao padrão natural da concepção e da constituição da família. O elemento surpresa e o exagero ("A casada ainda não; mas a solteira tem seis") são constituidores do cômico e do seu efeito o riso na passagem pasquineira. O que houve foi uma quebra do padrão e da ordem "natural" esperada.

*Entre duas velhas que encontram-se
- Então, d. Leocadia, suas filhas já casaram?
- Por ora só casou a mais nova; a outra ainda está solteira.
- Como anda tudo errado! Em nosso tempo era ao contrário: casavam primeiro as mais velhas. E já tem filhos?
- A casada ainda não; mas a solteira tem seis.
- Ainda mais me convenço, d. Leocadia, que anda tudo errado!.*

¹⁶⁹ Divisa: "Orgam das Areias". "Redactor-chefe Cão Coxo". Fortaleza, 14 de fevereiro de 1904.

As pequenas folhas, ao virem a público, diziam sair com o fim de divertir a população e, em especial, o "belo sexo" (a mulher). No entanto, na medida que envolviam seus leitores com curiosas "fofocas" sobre a vida do outro, terminavam por apontar ações que consideravam ilícitas para o decoro da convivência social e que colocavam em risco uma ordem que se estabelecia como moderna e civilizada. Acabavam, ainda, por estimular o olhar do outro e coadjuvante da ação (o leitor) a assumir o papel de quem corrige e/ou restabelece hábitos adequados à ordem de interação social moderna para a cidade. Seja quem escreve ou quem lê, atua como coadjuvante na preservação das relações entre os indivíduos no grupo. Pois, como observam Miagusko e Ferreira:

*O papel [das] personagens secundárias é fundamental para o bom andamento da interação. A eles cabe a função de cuidar da melhor maneira de agir e assegurar que as ações 'terminem bem'. Na vida em sociedade, a todo momento somos atores principais e coadjuvantes. Porém, é na segunda situação que temos maior consciência do papel de reguladores das situações, não nos sendo indiferente a quebra do decoro.*¹⁷⁰

É bom criarmos, aqui, um destaque reflexivo sobre a "fofoca", fenômeno aparentemente banal, mas que não é à toa ou sem sentido alvo das observações de muitos cronistas ou de passagens ficcionais representando flagrantes da vida na sociedade de Fortaleza.

Na história ficcional em prosa, "A Afilhada",¹⁷¹ Manoel de Oliveira Paiva, ao apresentar seu primeiro personagem o Desembargador Osório Pereira de Góis, principia mostrando a constituição de classes e hábitos da cidade de Alencar, em cujos costumes consta a "roda de botica" e, com ela, o mexerico, o coscuvilhar.

O Desembargador Osório Pereira de Góis dava o seu dedo de conversa na roda que tôdas as tardes

¹⁷⁰ Edson MIAGUSKO e Lúcia M. Puga FERREIRA, Circunstâncias e Coadjuvantes na Interação Social: O Poder da Vergonha. In: José de Souza MARTINS, **Vergonha e Decoro na Vida Cotidiana da Metrópole**, p. 18.

¹⁷¹ Manoel de Oliveira PAIVA, **A Afilhada**.

costumavam fazer na Botica de Feira Nova. Ali falavam sôbre tudo e sôbre todos, jogavam gamão e fumavam o cigarro do café do jantar.

A Fortaleza não tinha aristocracia, nem classes, e não sei se hoje tem; por modo que a florescente cidade poderia comparar-se a um organismo em formação, a uma semente fumentando, onde só o ôlho do sábio divisa o que terá de ser caule, fôlha, raiz.¹⁷²

O pesquisador desatento ou preocupado com os grandes acontecimentos poderia até indagar: para quê dar atenção a um assunto tão banal? Algo tão pequeno diante dos eventos e problemas gerais que preocupam a sociedade humana? Diante de tais questões, poderíamos simplesmente começar ensaiando um resposta com uma pergunta: por que o mexerico incita a curiosidade e a imaginação de muitos? Ou, ainda, qual o significado de "pôr a par" a vida íntima dos que residiam em um mesmo espaço de cidade?

Apoiados em Roberto DaMatta, a fofoca nos aparece como uma instituição capital da sociedade e da cultura, pois,

*o que intuímos como 'Brasil' ou 'sociedade brasileira' não pode constituir algo relativamente acabado sem as presenças dessas instituições, ou seja, sem carnaval, cachaça, futebol e jogo do bicho, e - deixe-me acrescentar a essa lista outros hóspedes não convidados da sociologia oficial, mas igualmente básicos na nossa autovisão como sistema dinâmico, em luta consigo mesmo - sem umbanda, malandragem, música popular, espírito de porco, praia, **fofoca**, cantada, clientelismo, mentira e jeitinho. Sem elas, dificilmente seria possível construir aquilo que trivialmente chamamos de 'realidade' ou 'identidade' brasileira.¹⁷³ (Grifo Nosso).*

¹⁷² Manoel de Oliveira PAIVA, *A Afilhada*, p. 11.

¹⁷³ Roberto DAMATTA e SOÁREZ, Elena. *Águias, burros e borboletas: um estudo antropológico do jogo do bicho*.

A fofoca é um campo repleto de significado, tendo na origem a marca da oralidade, servindo de esteio para uma visão relativamente integrada da sociabilidade em terra alencarina. Por ela, podem circular assuntos e informações que envolvem o viver da cidade. Observa-se que a "fofoca" acabava por interferir, muitas vezes, na vida cotidiana daqueles moradores envolvidos nos cenários e tramas da cidade. Vêm-se surgir conspirações, calúnias, julgamentos morais, desejos secretos, tramas políticas e golpes, curiosidade, sentimentos de prazer e alegria, de dor e tristeza, de ódio e vingança. Sua repercussão poderia até gerar intrigas ("fuxico"), sendo possível haver um conflito aberto de violência simbólica.

É possível, ainda, vermos, através dela, as dualidades presentes na vida social de Fortaleza. Visualiza-se o confronto/conflito entre o pessoal e o impessoal; entre a sociabilidade e a individualidade; entre o espontâneo e o (auto)controle etc.

Sabemos que o boato e a fofoca são encontrados em todos os tempos e lugares da experiência humana. No entanto, *...os boatos e as fofocas mudam ao longo do tempo em razão das mudanças da microgeografia da comunicação oral e também do surgimento de novas instituições que a sustentam e estruturam.*¹⁷⁴

O que dizermos, então, do mesmo tipo de prática comunicativa existente em duas "cidades portuárias", Recife e Fortaleza? Algo de comum acontecia sobre a maledicência que integrava o dia-a-dia das duas urbes. Se relacionarmos a maledicência, a bisbilhotice apenas a Fortaleza, por esta ser pequena e provinciana, o que falar ou concluir da Recife, de igual período, já que era para muitos "cantada" e exaltada como símbolo de cidade civilizada para a região? Isto é constatado na passagem do romance da "A Normalista":

As seis horas da tarde já estava ele [Zuza] no trilho, em casa do amanuense, queixando da monotonia da vida cearense e gabando, com ares de fidalgo, a capital de Pernambuco. Ali, sim, a gente pode viver, pode gozar. Muito progresso, muito divertimento: corridas de cavalos,

¹⁷⁴ Peter BURKE. A Cidade Pré-Industrial como Centro de Informação e Comunicação, **Estudos Históricos**, 8(16), p. 194.

uma sociedade papa-fina muitíssimo bem educada, magníficos arrabaldes, certo bom gosto nas toilettes, nos costumes, certas comodidades que ainda não havia no Ceará...

- Ao que parece o Sr. Zuza não gosta do Ceará...disse-lhe um dia D. Terezinha.

- Absolutamente não, minha senhora. Sou meio exigente em matéria de civilização; isto me parece ainda uma terra de bugres...

- De bugres?!

- ...Sim, uma terra em que só se fala nas secas e no preço da carne verde, V. Excia. compreende, não pode corresponder à expectativa d'um rapaz de certa ordem, por assim dizer educado na Veneza Americana...

- Deste modo o Sr. Zuza ofende os seus conterrâneos, os seus parentes.

- Absolutamente não

O que dizia é que o Recife está em plano superior a Fortaleza. Apenas estabelecia um paralelo.¹⁷⁵

Ao abrirmos um espaço de discussão sobre a instituição "fofoca", poderíamos de maneira acrítica associá-la, também, como uma marca presente e distintiva do caráter de identidade da sociabilidade fortalezense, aparecendo como um sinal próprio e natural. Isso se não tivéssemos conhecimento, mesmo que breve e sem uma maior profundidade, dos jornais pernambucanos, que guardavam semelhanças quanto ao formato e ao conteúdo em relação aos de Fortaleza.

Quando fizemos uma leitura comparativa das folhas pasquineiras das duas cidades, observamos que seus pasquins tinham uma semelhante linha de conduta editorial. Os pontos de encontro são presentes e marcantes, apesar de guardarem suas devidas distinções. Tomemos como exemplos dois jornais: um de cada cidade.

Para a capital pernambucana, destacamos o "O Arraza". Esse jornal veio a público pela primeira vez em 25 de março de 1891. Trazia como epígrafe as palavras: "Demolidor, Crítico, Satirico e Noticioso". É em seu artigo de apresentação - "O Arraza" - que demonstra seu objetivo e sua missão "devastadora". Uma missão de pôr-se contrário aos hábitos inerentes de uma

¹⁷⁵ Adolfo CAMINHA, *A Normalista*, p. 17

"burguesia" que privilegiava os ganhos materiais em detrimento da elevação do espírito. Porque é o espírito que deve ser alçado através da educação de todos os cidadãos. Era preciso arrasar, como o próprio título do jornal sugere, para se efetivar a construção concreta de uma sociedade moderna e distante das falsas virtudes e dos vícios.

Dizem que o mundo marcha e não cremos; ensinaram-nos no collegio que a terra gyra ao redor do sol e fizemos ouvidos de mercador; mas quando vierem dizer aqui na redação que o Arraza... teve um successo enorme, colossal, bruto no meio d'este publico desemxabido, grosseiro e quazi analphabeto do Recife, diremos de mãos postas e olhar devoto: - credo quia absurdum.

Nem pode ser d'outro modo n'essas ruas em que a burguezia impera pacata como a sisudez do suino, que vive a espera da morte refocilando-se n'um lamaçal pudrido e estagnado de aguas servidas.

Isto deve acabar, e forçosamente deve ter um fim.

O homem quer seja rico ou pobre, commerciante ou operario, velho ou moço deve comprehender já e já que lhe compete como funcção mais nobre à elevação de seu proprio espirito, a educação das camadas sociaes, o aperfeiçoamento comum pelas libações modernas das sciencias e letras.

Aquelle que se deixa criar em camadas adiposas, cuidando somente dos materiaes, encargos e em sua vida preguiçosa a passar as tardes fumando ou dormindo descurando os deveres que lhe assistem como homens e como cidadãos, é um réo perante a natureza, perante a sociedade.

Nós viemos, e aqui estamos para esborar se não conseguirmos demolir os velhos preconceitos, de todo os habitos de inercia, as falsas virtudes e os vicios emcapados.

Nossa missão é devastadora.

Outros s'encarreguem de reorganizar, que a nós compete simplesmente a derrubada.

A picareta, pois!¹⁷⁶

¹⁷⁶ Publicado em Recife em 25 de maio de 1891.

Todavia, a convergência na prática jornalística dos pasquins pernambucanos com os jornais alencarinos se apresentava, além de semelhantes os objetivos, com o rol temático que era abordado nos artigos da imprensa pasquineira de Fortaleza. Existia, por exemplo, nas pequenas folhas volantes do Recife, igual preocupação com o "hábito do namoro". Foi o caso do "O Arraza", que, em sua parte de título "namoricos", tratava desse tema dos namoros, identificando-os como metidos a gaiato. Com tal intuito, o redator aproveitava para atacar em sua intimidade os namoros. No mesmo instante que os tornava públicos, tirava proveito recriminando as condutas amorosas ("amor clandestino e criminoso") que poderiam levar ao desvio moral e à promiscuidade sexual.

O Arraza... não deixará passar desapercibido os namoros, especialmente áquelles metidos a gaiatos.

Em sua marcha devastadora visitará todas as ruas desta cidade, especialmente as do 1º districto da Boa-Vista, onde sejam francos, tenhem estes muito se salientado ultimamente.

Visitará também alguns arrabaldes principiando pelo caminho novo.

Ficam portanto avisados os interessados, e contem connosco no proximo numero.

Já para Fortaleza, separamos "O Pagão".¹⁷⁷ Apresentando análogo escopo ao de "O Arraza", o jornal fortalezense dizia: *Não fallará da vida privada não fallará de rapaz que esteja para casar e nem do bello sexo comportado, saberá respeitar a sociedade, não se envolverá nas pequenas cousas dos arrabaldes, é decente e não quer macular-se.*

"O Pagão" também, em seção de título "Telescópio", atacou aos namoros: *Aplicamos para a rua do General Sampaio no quarteirão do Peixoto e vimos os namoros de moças velhas sem juízo com meninos que ainda não deixaram a mamadeira, já fede a disaforo, prevenimos se continuarem declinamos os seus nomes, attendam, sim?*

¹⁷⁷ Divisa: "Orgão da Pilhéria e Distracção". Publicado em Fortaleza em 15 de novembro de 1896.

Nesses casos, vemos a imprensa com uma certa homogeneidade e padronização, recorrendo muitas vezes aos mesmos expedientes, tanto em Recife quanto em Fortaleza. O boato e a fofoca, contados com frequência na forma de comunicação oral, por exemplo em rodas de amigos nas calçadas e/ou boticas, foram incorporados e amplificados de maneira mais rápida através dos jornais pelas redes da cidade, o que adquiria uma reprodução maior no espaço urbano. A fofoca ganha grandes proporções públicas através da imprensa, circulando de um sistema de comunicação oral para o escrito ou impresso.

Tudo isto nos faz crer, constatadas as experiências jornalísticas acima, numa idêntica postura diante de costumes que precisavam ser interditados e/ou controlados pelos protetores de um comportamento civilizado. Investigar com curiosidade a vida íntima do outro, além de "divertir" ("Matar" a curiosidade ao bisbilhotar o viver alheio; rir da desgraça alheia etc.), funcionava como um mecanismo regulador comportamental.

Desta forma, o jornal trabalhava como um estratégico mecanismo, não só de divulgação de normas de ação, mas também como um elemento para ajudar no alerta (chamar a atenção) e na internalização de um decoro que mediava a construção das relações sociais.

É possível examinar detidamente esta prática corretiva, reguladora e modeladora dos costumes na linguagem humorística e, muitas vezes, insultuosa e pornográfica dos pasquins que circularam em Fortaleza, a partir de meados do século XIX. O cômico/riso assumiu um caráter ético-moral, porque existe no intertexto dos seus artigos o que chamamos de "humor costumbrista" (sic),¹⁷⁸ que buscava, por meio do riso, corrigir, regular e modelar hábitos. O objetivo era que a livre manifestação dos sentimentos e intenções deveriam ser contidas. Era preciso seguir à risca códigos específicos de comportamentos enquadrados nas regras de civilidade.

As regras de sociabilidade "acordadas" pelo grupo social "devem" ser seguidas. As quebras, mesmo que momentâneas da normalidade, são caracterizadas como desvio/vício. E, assim, o riso surge com a função de corrigir

¹⁷⁸ Lopes GAMA, **O Carapuceiro: Crônicas de Costumes**, p. 10.

e flexibilizar o desvio social. Com o objetivo de correção (Humor de caráter e de marca ético-moral), uma espécie de "trote social":

O riso ocorre no caso para corrigir o desvio e tirar a pessoa do seu sonho. Se é lícito comparar grandes coisas com coisas pequenas, lembraremos aqui o que se passa quando entramos para as escolas. Depois de passar nas terríveis provas de admissão, o candidato tem de submeter-se a outras, que os veteranos lhe preparam para ajustá-lo à nova sociedade e, como costumam dizer, para lhe amaciar o caráter. Toda sociedade pequena que se forma assim no seio da grande é levada, por um vago instinto, a inventar um modo de correção e de amaciamento para a rigidez dos hábitos adquiridos noutros lugares e que será preciso modificar. A sociedade propriamente dita procede exatamente do mesmo modo. Impõe-se que cada um de seus membros fique atento ao que o circunda, se modele pelos circunstâncias, e evite enfim se encerrar em seu caráter como uma torre de marfim. E por isso a sociedade faz pairar sobre cada um, quando não o ameaça de um castigo, pelo menos a perspectiva de uma humilhação que, por ser leve, nem por isso é menos temida. Tal deve ser a função do riso. O riso é verdadeiramente uma espécie de trote social, sempre um tanto humilhante para quem é objeto dele.¹⁷⁹

Como o objetivo desta forma de comicidade, presente nos pasquins, era a correção e a modelagem de hábitos, precisava-se gerar concomitantemente à prática cômica um sentimento de vergonha e de embaraço, para que o elemento desviante, ao ser constrangido, corrigisse e/ou internalizasse o que esperava e impunha a classe social dominante, que tinha como horizonte uma sociedade mais urbana e moderna.

Ao tratar do conceito de vergonha,¹⁸⁰ é importante ressaltar que ficamos diante de um extenso campo semântico bastante rico e diversificado em seus

¹⁷⁹ Henri BERGSON, **O Riso: Ensaio sobre a significação do cômico**, p. 72.

¹⁸⁰ Para iniciarmos, vejamos o que diz o "Novo Aurélio" sobre a vergonha: s.f. 1. Desonra humilhante; opróbio; ignomínia. 2. Sentimento penoso de desonra, humilhação ou rebaixamento diante de outrem. 3. Sentimento de insegurança provocado pelo medo do ridículo, por escrúpulos, etc.; timidez, acanhamento. 4. V. Pudor. 5. Ato, atitude, palavras, etc., obsceno, indecorosos e/ou vexatórios. 6. Sentimento da própria dignidade; brio, honra.

significados. Isto, somente, para uma palavra que tenta abranger um sentimento humano. Procurar uma definição precisa é tarefa difícil, para não dizer impossível, uma vez que em meio às diversas possibilidades de sua combinação com outros termos e contextos, teríamos significados distintos para um só vocábulo.

O conceito de vergonha usado aqui deve ser entendido como um sentimento associado às idéias de exposição pública por outrem, de juízo negativo e de humilhação.¹⁸¹ Isso, porque os artigos tinham o intuito de humilhar, rebaixar e inferiorizar publicamente. Pois, com atos de violência, manifestos na forma de uma linguagem insultuosa dos pasquins, a intenção era de rebaixar o outro, objeto das crônicas e matérias jornalística.

Era meta colocá-lo numa situação de desconforto. Um certo desconforto decorrente da exposição pública com testemunhas e que estava sob olhares alheios carregados de um juízo negativo ("ele se refere a atos ou situações merecedoras de crítica").

Em sendo alvo (colocado como objeto para outrem), o rebaixado deve aceitar para si a imagem negativa que querem lhe impor. Desta forma, ele se torna suscetível ao juízo de outras pessoas, ao tomar para si um autojuízo, também negativo e associado aos que lhe são críticos e recriminam em suas atitudes comportamentais. O que pode, ainda, influir e/ou determinar seu comportamento em relação ao grupo a que pertence.

Em resumo, é necessário

... que duas configurações passionais [estejam] na base do sentimento de vergonha: exposição e inferioridade. A exposição pode ser real ou virtual. Quanto a inferioridade, ela pode advir do simples fato de se estar exposto (o 'grau zero' da vergonha, às vezes chamada de 'embaraço'), do fato de se rebaixar para outrem (humilhação), e, nos casos mais frequentes, do

Podemos complementar, ainda, que ela (vergonha) "se trata de um sentimento da maior importância tanto para se entender o ser humano de forma geral, quanto para compreender seu juízo e comportamentos morais". Yves de LA TAILLE., **Vergonha, a ferida moral**, p. 74.

¹⁸¹ Ibid.

*fato de se compartilhar o juízo negativo, real ou virtual, de outrem.*¹⁸²

Todos aqueles que, de alguma maneira, inobservaram as formas de comportamentos considerados lícitos de uma sociedade, eram alvos do cômico e seu efeito, o riso. Este riso não era da irreverência, do riso alegre e da zombaria, da forma de subverter o duro cotidiano do trabalho, de criticar uma dada realidade, que não se aceita, criando um oposto de vida; mas do riso provocado pelas condutas impróprias e fora de contexto. Quer dizer, um "riso de exclusão" para manter ou impor a ordem.

Os redatores "guardiães" classificaram alguns hábitos, gestos e costumes cotidianos, principalmente das camadas populares, como elementos do cômico, cujo efeito foi um riso com a função de intimidar humilhando e , antes de tudo, um castigo.

O riso manifesto a partir das folhas era o de superioridade e de desprezo. Ria-se do que era feio e vil, sendo consideradas feias e vis, todas as posturas e condutas que fugissem à moral civilizacional. Era preciso rir de alguém, quando essa pessoa manifestava um defeito ou uma "marca de vergonha" que a tornava ridícula.

A intenção dos proprietários/redatores, dentro de um debate moral, era de tentar mover ou comover o público a aderir a seu ponto de vista. Precisavam falar e escrever, de modo que as pessoas envolvidas não apenas ficassem convencidas, mas fortemente comovidas. Para isso, uma questão prática irrompia: a da utilização de técnicas de retórica para despertar as emoções profundas e, conseqüentemente, conseguir a adesão do público. (Veja anexo E)

Segundo José Murilo de Carvalho:

¹⁸² Yves de LA TAILLE, **Vergonha, a ferida moral**, p. 100.

...a grande maioria dos principais jornalistas da época sem dúvida tinha conhecimentos de retórica. Certamente este era o caso de todos que tinham estudos superiores e de todos os sacerdotes. Era ainda o caso de todos os que tinham cursado aulas régias. Ficava de fora apenas alguns autodidatas. Estes mesmos poderiam ter acesso a compêndios especiais para os que não quisessem ou pudesse assistir às aulas. Não seria fora de propósito supor que aplicassem em seus jornais as noções de retórica aprendidos nas aulas régias.¹⁸³

Como uma prova demonstrando ser um hábito comum a utilização da retórica em meio aos jornalistas e intelectuais cearenses da época, temos o artigo - "Um Observação" - que saiu na "Revista A Quinzena", publicada em 30 de março de 1887. A autoria desse artigo é de L. Cabral. Vejamos o que ele nos diz sobre a prática retórica na cidade de Fortaleza a partir de alguns trechos do artigo:

É bem notavel e accentuado o facto de, por toda parte, levantar-se uma intermina reclamação contra isto que todos conhecem sob o nome millenario de - rhetorica. O jornalista, o poeta, o orador, o philosopho, o estadista, o financeiro, mesmo o rhetorico, todos, até o esculptor, se adunão n'uma grita infrene, enorme contra ella.

Terá razão de ser esta terrivel animadversão?...

(...)

Custa nos muito crer... E basta um rapido olhar sobre o movimento litterario contemporaneo para guardarmos a certeza, firmarmos a nossa convicção de que, nunca a rhetorica teve dominio mais dilatado e mais formidavel, uma soberania mais absoluta. Tem invadido tudo, a analyse do sabio, a ode do poeta, as prelecções do jurista e as informações dos ministros.

(...)

Diz se por ahi, n'um fremito de mil emoções boas, que o nosso tempo é o da luz, do progresso, da electricidade, do vapor, da usina, e da nevrose.

Parece-me mais opportuno, mais acertado, dizer que elle é o século da rhetorica, por isto mesmo que é de tudo aquillo.

A rhetorica é a lei da forma, porque a forma é o vehiculo mais viavel da idéa. N'um tempo de labor

¹⁸³ José Murilo de CARVALHO, História Intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura, p. 141.

incessante, da vertigem do movimento, só poderá atrair a atenção pública, preocupada com tantas cousas diversas, aquella idéa que trazer uma roupagem tão scintillante que os seus tons se destaquem no meio do tumulto.

Com as técnicas de retórica, nossos redatores procuravam aumentar o assentimento dos espíritos às suas teses. Assim, usavam técnicas que manipulavam as figuras e os tropos do discurso, onde se valiam de argumentos adequados e recursos os mais diversos¹⁸⁴ para melhor influir sobre o ânimo do público leitor.¹⁸⁵ Diante disso, recorreram a uma categoria específica do tropos chamada "tropos zombeteiro", cuja finalidade era suscitar o riso, o "riso de exclusão". Porquanto, *...o fato de o riso exprimir desprezo interessa essencialmente à esfera do discurso público. Como o riso é uma manifestação exterior dessas emoções particulares, (...), podemos esperar fazer dele uma arma de potência incomparável para o debate moral e político.*¹⁸⁶

Daí, concluímos que o humor empregado nos pasquins fortalezenses (intertexto dos artigos/colunas) não foi exclusivamente produzido para divertir os leitores. Mas, que este funcionou como arma de convencimento e conquista do seu público leitor, do seu "auditório", e, ainda, como elemento de ataque aos adversários num debate moral e político.

Com isso, por meio do humor e do riso, buscava-se manter a hierarquia social. Precisava-se demarcar o lugar para cada indivíduo, pois, numa sociedade altamente estratificada, não existia alguém que se pensasse igual a qualquer outro. Todos estavam contidos numa ordem hierárquica, ocupando as posições de estar

¹⁸⁴ Foram muitos os casos em que lançaram mão de uma linguagem vulgar, que não permaneceu confinada somente à oralidade ou à "epistolografia familiar", mas que se fazia necessária para serem compreendidos e, também, para despertar as identidades e provocar paixões nos leitores.

¹⁸⁵ Estejamos informados que "uma das regras básicas da retórica é que quem escreve tem de saber para quem está escrevendo, conhecer o público que compõe seu auditório. A cada público e de cada redator, o estilo correspondente. O orador deve ter do seu auditório uma idéia tanto quanto possível próxima da realidade, uma vez que um erro sobre esse ponto pode ser fatal para efeito que ele quer produzir; é em função do auditório que toda argumentação se deve organizar se esta quiser ser eficaz. A qualidade do auditório determina a argumentação". Isabel LUSTOSA, **Insultos Impressos**, p. 433-434.

¹⁸⁶ Quentin SKINNER. A arma do Riso. In **Folha de São Paulo**, 04/08/2002.

acima ou abaixo dos outros. Ao se reforçar a hierarquia social, beneficiava-se todos aqueles que estavam no cume da pirâmide social e política.

Eram esses que se encontravam no topo da pirâmide, os que definiam o feio, o torpe, o vil. Porque, possuidores de determinadas concepções morais e seguindo definidas convenções, moldavam um "padrão" moral e ético de comportamento e de ação. E, então, aquele ou aquilo que escapasse a esse "padrão" hegemônico das relações, podia ser vítima da comicidade.¹⁸⁷ Isto levava aquele que não se enquadrava nessa ética comportamental que se pretendia dominante, à sua imediata associação ao baixo, ao menor, ao defeituoso, sem ordem etc., e, assim, sujeito ao cômico moralizador.

O riso denunciador desses costumes, que representavam quebra da normalidade do processo interativo, trouxe à superfície um sentimento de vergonha manifesto pelo embaraço daqueles envolvidos, direta e indiretamente, em determinada situação social. Porquanto,

quem age de acordo com o decoro age para evitar embaraço (...) A definição da conduta adequada (e também da conduta imprópria) não se dá estritamente por um sistema de regras que podem ser conscientemente apontadas pelos atores. É o embaraço que cada um sente em face de condutas impróprias de terceiros ou de si mesmo que expressa exteriormente a regra interiorizada e é o embaraço que revela à consciência do ator que a conduta está se desenrolando de modo impróprio.¹⁸⁸

Acrescentemos, também, que, para que uma situação social fique caracterizada como transgressora do decoro, causando vergonha e embaraço, é necessário pelo menos que uma segunda pessoa repare essa infração de conduta, e que ao atentar para a transgressão, se sinta incomodada. É o

¹⁸⁷ Definidos então os adversários, era preciso demoli-los através da sátira, da ironia e da descrição das feições físicas. Estas feições físicas podem ser associadas ao grotesco e/ou à animalidade.

¹⁸⁸ José de Souza MARTINS (Org.), **Vergonha e Decoro na Vida Cotidiana da Metrópole**, p. 12-3.

coadjuvante/circunstante da ação quem julga a conduta do outro, pois atua como depositário das regras normatizadoras. Afirmam Miagusko e Ferreira: *O coadjuvante é tratado aqui como aquele (ou aquela) que se sente responsável pelas regras e sua observância. Por isso, ele se incomoda, envergonha-se, e se embaraça quando outros as transgridem. Ele se sente constrangido porque interiorizou as normas que devem ser seguidas em cada momento.*¹⁸⁹

O coadjuvante pode ter proximidade (fazer parte do círculo íntimo) ou distância em relação ao ator principal de uma situação interativa, assumindo a figura do "estranho". Sendo este, *alguém que, pela sua presença, numa situação social dada, faz com que as pessoas sejam compelidas a se comportar de maneira decorosa,*¹⁹⁰ ele acaba por provocar o constrangimento.

Quem seriam os "estranhos" em nossa pesquisa? Temos como exemplos os redatores das pequenas folhas, que ao olharem com atenção à vida privada do outro, terminavam por divulgá-la, tornando-a pública. Ou, ainda, aquele vizinho ou o conhecido (amigo/parente) que enviava cartas ou telegramas para a redação dos jornais para serem publicadas, muitas vezes, como matéria paga. Imaginemos quão constrangedor era para os envolvidos diretamente na ação.

As situações de vergonha e embaraço podem ser visualizadas em alguns artigos. No "A Urtiga",¹⁹¹ na coluna "Para Todos", vemos que as famílias da rua Senador Pompeu se sentem contrangidas e envergonhadas, uma vez que não podem sair em suas janelas por causa dos namoros escandalosos de uma viúva com homens casados. O que de pronto leva alguém, que assina com o pseudônimo de "Guarda" e é morador da própria rua, a escrever para a redação da folha, pedindo que "a sujeita" se moralizasse. Desfecha sua carta em tom de ameaça para a indecorosa da classe da "Conga".

¹⁸⁹ Edson MIAGUSKO e Lúcia M. Puga FERREIRA, Circunstantes e Coadjuvantes na Interação Social: O Poder da Vergonha. In: José de Souza MARTINS (Org.), **Vergonha e Decoro na Vida Cotidiana da Metrópole**, p. 18-9.

¹⁹⁰ Lilian Alves SAMPAIO e Patrícia Dias de ROSSI, A Condição do Estranho nas Relações Cotidianas. In: José de Souza MARTINS (Org.), **Vergonha e Decoro na Vida Cotidiana da Metrópole**, p. 32.

¹⁹¹ **A Urtiga – Orgão das Realidades**. Fortaleza, 30.04.1898, anno I, n. 11.

Rua Caipora

Srs. Redactores

A rua do S Pompeu é uma verdadeira rua caipora.

De quando em vez estão os jornaes a denunciar certas pessoinhas boas que faz dó.

O charuto, ha dias, publicou uma noticia de uma viúva que mora no quarteirão do telegrapho; elle sem querer ofendeu ás pobres viuvas, visto a tal sujeita ser de classe da Conga, simplesmente.

Para prova, estão ahi seus nomoros escandalosos com homens casados, á ponto das famílias privarem-se das janellas de suas casas.

Pedimos sr. Redactor para publicar estas linhas, aconselhando a tal pilôta que se moralize mais, do contrário assignará termo.

Guarda.

Os "estranhos" (redatores) exigem que prontamente se observe tais regras, compelindo as pessoas a se comportarem de maneira decorosa. Destacamos, então, que:

Nas situações triviais do dia-a-dia, as regras do decoro nos são lembradas pelas pessoas que estão à nossa volta, o que implica que tais regras não estão ausentes, mas, sim, veladas. As regras do decoro são percebidas apenas quando ocorre a falha na atuação de um ou vários dos envolvidos em uma dada situação de interação, ou seja, quando emerge o constrangimento. Na nossa perspectiva, essas regras, veladas em grande parte das situações, vêm à tona com a simples presença de um estranho, independentemente do local ou da situação. Portanto, esse alguém, que é considerado um estranho em relação a uma ou várias pessoas, constitui-se em regulador do que seria considerado agir de modo apropriado.¹⁹²

Por fim, as pequenas folhas circulantes ajudaram para que este ato de conter os sentimentos fosse absorvido de forma paulatina, tornando-se um hábito

¹⁹² Lilian Alves SAMPAIO e Patrícia Dias de ROSSI, A Condição do Estranho nas Relações Cotidianas. In: José de Souza MARTINS (Org.), **Vergonha e Decoro na Vida Cotidiana da Metrópole**, p. 34.

compulsivo e internalizado. Lentamente, o que era antes compelido, deveria parecer cada vez mais "natural". O indivíduo passaria a ter o autocontrole de seus atos e, por sua vez, atuando como circunstante de outras ações, a querer controlá-las.

Tomemos, no momento, como complemento das nossas idéias acima, o exemplo de "O Moleque", que trouxe impresso em sua folha primeira o seguinte dizer cômico: "Publica-se diariamente, quando estiver prompto". Em seu "Expediente" prevenia aos leitores:

Quem não quizer lêr O Moleque, póde chamar o menino que o conduz, pedil-o e restituir logo os 40 réis. Não queremos é molecagem

Compramos o papel fiado, sem termos a minima vontade de pagal-o ao dono. Temos desejos de fazer uma molecagem.

A tinta, a impressão e a vendagem, com certeza é uma de moleque igual ao Bahia.

O moleque dá suas audiências diariamente todos os dias em dias determinados, em sua casa na residencia do Ponciano, na rua do Formiga, visinho ao Cupim, defronte ao Sarasa, perto ao Cosseira.

Quem só tiver indecencias, e queira publical-as, pode contratar o Romão para lêl-as á maré; nunca procure O Moleque para molecagem".¹⁹³

É com este tom jocoso presente no alto de suas primeiras páginas e em suas linhas diárias, que podemos demonstrar através do número 21, de 24 de janeiro de 1891, na coluna intitulada "R. 24 de maio",¹⁹⁴ como o jornal atacou e da mesma forma, em outros números, o que chamou de "namoros porcos". A intenção era de emendar pela advertência, ao falar dos vários formatos de namoros existentes naquela rua. O redator da coluna acabou por confeccionar no artigo uma tipologia do namoro, enumerando e definindo todos aqueles que se enquadrassem como indecorosos, criminosos e fossem uma afronta para a moral e a virtude da sociedade. Assim escreveu o seu redator:

¹⁹³ O MOLEQUE, Fortaleza, 10.08.1890, anno I, n. 1.

¹⁹⁴ Refere-se a uma rua da cidade de Fortaleza, que até hoje permanece com este nome.

Andamos no fim d'esta ruasinha, não podemos deixar de ficarmos commovidos de vermos namoros de todas as formas, vimos á pé de galo, (estes são de menos efeitos) namoros á flambeaux, (estes não são safados, não) namoros á minas, (estes são reimosos) namoros á toque de caixa, (estes são perigosos) namoros á infancia, (estes pode-se conter) namoros de fim de anno, (estes são gaiatos) enfim, reina um namoro infernal.

Se chegamos no começo, da mesma rua, (por traz e frentes das padarias,) ficamos até envergonhados de ver tamanha porcaria destes amáveis; si passamos por mais de 1 vez, a qualquer hora do dia, encontramos phantasmas nas janellas, com os rostos queimados do sol como passaros que procuram o calor.

Meu Deus! Será algum castello do Corneville?

*Eis as formas dos namoros: - á-pé de galo, é aquelle que é feito sem um dos dois saber, á-flambeaux, são aquelles que se começa hoje e acabão-se amanhã: á-minas são aquelles que vagamente trocam-se beijos: á-toque de caixa, são aquelles que as mães das meninas não querem, e ellas escondidas estão na safadeza; e depois são enxotadas de casa á toque de caixa; á-infancia, são aquelles adquiridos em danças e á fim de anno, são destas velhas gaiteiras, que ainda pretendem casar nem que seja com o diabo. Estão no fim da vida julgam estar no fim do anno.*¹⁹⁵

Partindo do exemplo de "O Moleque", e como veremos adiante com outras folhas, observamos que os pasquins contribuíram na tentativa de contenção dos sentimentos, de determinados hábitos, gestos, sensações etc., daqueles que em suas maneiras cotidianas de ser, isto é, no viver social da cidade, não se enquadravam numa postura de urbanidade e civilizada.

Seguindo este caminho reflexivo sobre a convivência urbana de Fortaleza, isto nos faz atentar que o controle da vida social não se dava somente com a fiscalização por parte do Estado,¹⁹⁶ mas, nesse caso, do próprio cidadão,

¹⁹⁵ O MOLEQUE, Fortaleza, 24.01.1891, anno I, n. 21, p. 1-2.

¹⁹⁶ Estado Moderno detentor dos monopólios fiscais e sobre a violência. Este, como uma "associação política" ("associação de dominação"), tem na ameaça e na aplicação da coação física a garantia da sua subsistência e a vigência de suas ordens. No entanto, "é evidente que, para associações políticas, a coação física não constitui o único meio administrativo, tampouco o normal. Na verdade, seus dirigentes servem-se de todos os meios possíveis para alcançar seus fins.

internalizando regras sociais de conduta ("civildade", "urbanidade" e "etiqueta"). Seria um guardião do decoro, da moralidade, impondo limites entre os comportamentos sociais e secretos. Ou seja, incorporaria o comando do que deveria ser demonstrado ou contido em público, em situações de convívio social.

Agora, faz-se preciso termos em conta informações necessárias sobre a imprensa e o pasquim em geral no Brasil e, em especial, no Ceará.

3.2 IMPRENSA E PASQUIM NO BRASIL E NO CEARÁ

É ponto de consenso na historiografia que a imprensa no Brasil surgiu e pode florescer com a chegada e a implantação da Corte portuguesa no Rio de Janeiro, em 1808. Esta Corte revoga as proibições anteriores para a existência de prelos na colônia brasileira (nesse instante elevada à categoria de Reino Unido), pelo decreto de 10 de maio de 1808, quando se instalou a "Imprensa Régia". Em 10 de setembro do mesmo ano, foi impresso oficialmente o primeiro periódico, a "Gazeta do Rio de Janeiro".

A imprensa que aqui nasceu, sofreu o *...reflexo de mudanças advindas não somente da estrutura sócioeconômica como também dos processos de urbanização, da educação e introdução de inovações tecnológicas, tais como a utilização das estradas de ferro (a partir de 1854), do telégrafo (1857), do cabo submarino (1872), do telefone (1876) e da instalação da primeira agência de notícias, a Reuter-Havas (1874).*¹⁹⁷ Ela teve como características: 1º) Constituída de jornais, em sua maioria, de vida efêmera. Poucos ultrapassaram o período de uma década. 2º) Era propriedade de um indivíduo ou grupo de indivíduos e saía do prelo com o fim de combate ou defesa de causa momentânea, tendo como destaque os motivos políticos. 3º) De grande diversidade e vinculada ao processo sócio-cultural, é aspecto dessa imprensa, também, a forte influência francesa em suas técnicas de impressão e essencialmente sobre as idéias.

Entretanto, a ameaça e, eventualmente, a aplicação desta coação são meio específico e constituem a última ratio sempre que falhem os demais meios". Max WEBER, **Economia e Sociedade**, p. 34.
¹⁹⁷ Noya PINTO, **Comunicação e Cultura Brasileira**. p. 27.

Os periódicos impressos assumiram dimensões as mais diversas, como Revistas ilustradas e/ou jornais de grande e pequeno formato. Constituem exemplo as folhas pasquineiras.

Em trabalho sobre a história da imprensa no Brasil, Nelson Werneck Sodré, ao dedicar um capítulo sobre o pasquim, afirma que a época propícia em que surgiram e se multiplicaram as folhas volantes impressas foi a primeira metade do século XIX, precisamente nos anos que vão de 1830 a 1833. As justificativas para o período (o surgimento e o ápice) estão relacionadas com o seu ambiente favorável ao aparecimento e ao aumento em número dos títulos a circularem no país. Tal ambiente teria moldado a fisionomia áspera da pequena imprensa, que tomara vulto em um espaço extremamente violento e assinalado por acirradas discussões políticas. Vivia-se o período da consolidação da autonomia nacional e das disputas entre liberais e conservadores pela posse do poder central da nação, então, "independente".

Assim, conclui Nelson Sodré, o surgimento e as características dos pasquins tinham suas razões derivadas diretamente das condições do meio das quais pertenciam. Como afirma:

Foram, assim, os males do meio e do tempo, agravados e alastrados às vezes, traduzidos na violência como norma e na injúria como moeda corrente, responsáveis pela fisionomia apresentada pelo pasquim. Tal fisionomia foi traço geral, igualou os que defendiam o governo e os que faziam oposição. Operavam com igual fúria, com a torpeza elevada ao nível de norma, com a falsidade utilizada como instrumento de luta, com o insulto estabelecido como meio de ação.¹⁹⁸

Para Werneck Sodré, a força ou enfraquecimento do gênero estava associada ao arrefecimento ou não das disputas políticas. Se a luta política se acirrava, o ambiente exaltado permitiria o reaparecimento ou daria uma nova força aos pasquins. Porém, caso as disputas políticas perdessem a energia, o

¹⁹⁸ Nelson Werneck SODRÉ, **História da Imprensa no Brasil**, p. 180.

ânimo, os pasquins desapareceriam; era o que acontecia com alguns casos isolados.

Apesar dos informes de Sodré trazerem excelentes referências sobre os pasquins, a sua leitura, guardada a sua importância histórica, é limitada para uma maior compreensão da pasquinagem. Ela fazia que os pasquins só representassem a vertente política. Werneck Sodré parece não levar em conta que muitas das folhas pasquineiras emergiram no cenário nacional com outros propósitos, como de lazer e diversão, do fazer literário, da moda etc., fugindo diversas vezes as amarras do fito político.¹⁹⁹

Na experiência cearense, chamou-nos a atenção a grande quantidade de jornais saídos do prelo nessa província com desígnios vários no século XIX. Sejam eles jornais de grande e pequeno formato, políticos, literários e científicos, destinados ao "belo sexo", noticiosos, de estudantes, religiosos, dedicados aos interesses econômicos, e, ainda, os pasquins pilhéricos e com linguagem insultuosa e pornográfica.

Não é fortuito sublinharmos que uma das características do jornalismo cearense, como o de todo o Brasil, no século XIX, foi a predominância do caráter político de suas publicações, que acabavam por provocar pouca atenção ao caráter noticioso, ou mesmo comercial, do jornalismo. Muitos dos jornais dados a lume existiram em função de partidos políticos, que estavam atrelados aos interesses particulares de famílias rivais e que se encontravam a todo instante, disputando o controle do poder local.

Temos como exemplo no Segundo Império, os liberais que editaram o "Cearense" e os conservadores que lançaram o "Pedro II". Com esses periódicos, os dois partidos mantiveram acesa a disputa entre si. No entanto, uma cisão entre os liberais provocou o aparecimento da "Gazeta do Norte". Já um racha na ala conservadora fez surgir a "Constituição".

¹⁹⁹ É o que iremos ver mais adiante em "Fortaleza e seus Pasquins".

Informa-nos, ainda, Geraldo Nobre sobre o caráter político dos periódicos impressos no Ceará:

Estes, e mais o "Imparcial" e o "Sol", todos políticos, foram os principais órgãos da imprensa cearense, juntamente com o "Libertador", que, surgido para encetar a campanha abolicionista do Ceará, não conseguiu subtrair-se à política; e com a "Fraternidade", cuja importância decorreu da orientação filosófica do grupo que o redigiu, em polémica acirrada com a "Tribuna Católica".²⁰⁰

Na redação desses jornais, encontravam-se geralmente os chefes partidários e políticos veteranos. Os ...redatores pertenciam, na quase generalidade, às cúpulas partidárias, ou exerciam mandatos, maxime no Ceará, onde além deles, poucos tinham capacidade intelectual.²⁰¹

Com as disputas cada vez mais acirradas das facções políticas através de seus jornais, e estando uma delas a ocupar o poder instituído da província, foram frequentes os empastelamentos de várias tipografias que faziam oposição para escandalizar publicamente os erros e as perseguições, reais ou presumidas, do governo. Assim, um grupo que estivesse instalado no poder, para conseguir o silêncio, ou amedrontar os que redigiam nas folhas, se utilizavam de processos e medidas de represálias contra os editores e redatores, fazendo deste instrumento preferido.

Outro artifício usado pelas autoridades provinciais, na tentativa de barrar a circulação de órgãos oposicionistas, foi o recrutamento de tipógrafos. É o caso da tipografia Brasileira de propriedade de Francisco Luís de Vasconcelos, por ter publicado numerosos jornais, sendo alguns deles pasquins que acabaram provocando reações violentas dos políticos e administradores, que se achavam ofendidos em sua dignidade devido à rudeza da linguagem. Com isso, *mulheres já haviam substituído tipógrafos vítimas de igual violência, afim de assegurar o*

²⁰⁰ Geraldo da Silva NOBRE, **Introdução à História do Jornalismo Cearense**, p. 17.

²⁰¹ Ibid., p.73.

*funcionamento da tipografia, porquanto elas, isentas do serviço militar, não corriam o risco de ser chamadas às fileiras.*²⁰²

Um outro aspecto presente e marcante na imprensa cearense foi a pasquinagem. Esta se orientou por exemplos da Corte, de Pernambuco e do Maranhão. No período de 1840-1849, *a voga de jornais críticos, caricatos, ou semelhantes, afeitos a um estilo picaresco, para ridicularia de adversários políticos, ou desafetos outros.* É neste decênio que se difunde, no Ceará, o recurso à sátira e à chulice, apesar de ter sido o "Barbeiro",²⁰³ de 1838, o primeiro do gênero.

No período de 1850-1859, a imprensa picaresca teve como representantes, em Fortaleza, algumas folhas como "O Fagote" e "O Binóculo", ambas de 1852, além das escritas pelo Padre Cerbelon Verdeixa (O "Canoa Doida"). Segundo Geraldo Nobre este tipo de jornalismo, até ao final da década em questão, havia praticamente desaparecido. Todavia, não tardaram a surgir outros pasquins, tão logo as disputas políticas mais uma vez viessem à tona.²⁰⁴

Foi o que ocorreu na década de 1860-1869, quando os políticos recorreram à pasquinagem, procurando atingir de forma moral seus adversários. *Os conservadores usaram tal expediente mais que os liberais, sendo constantes as queixas dos últimos contra os impropérios da "Barca de Acheronte", publicação saída da tipografia do "Pedro II".*²⁰⁵

Afirma Geraldo Nobre que boa parte dos pasquins circulantes do período em apreço se ocuparam especialmente em difamar os adversários políticos, ou inimigos. E no espaço tempo que vai de 1890-1900, *...esse tipo de jornalismo*

²⁰² Geraldo da Silva NOBRE, **Introdução à História do Jornalismo Cearense**, p. 96.

²⁰³ "...jornal crítico 'Barbeiro', iniciando um periodismo de epígrafes pitorescas e linguagem ferina contra os adversários, no caso os seguidores das famílias Castro e Alencar, pois referido pasquim era um coadjuvante do órgão conservadorista, ou retrógrada - 'Caranguejo' na linguagem popular". Geraldo da Silva NOBRE, **Introdução à História do Jornalismo Cearense**, p. 75.

²⁰⁴ Uma vez mais, iremos tomar a leitura de Geraldo Nobre como uma fonte importante para termos informações imprescindíveis do jornalismo cearense. Porém, guardada sua importância historiográfica, a pasquinagem não só teve vínculos políticos ou, ainda, sua sobrevivência não se vinculou somente às oscilações dos momentos de intensas disputas políticas.

²⁰⁵ Geraldo da Silva NOBRE, **Introdução à História do Jornalismo Cearense**, p. 97.

*constituiu,(...), um abuso, provocando, algumas vezes, a intervenção da polícia, quando ofendiam acintosamente a moral pública.*²⁰⁶

3.3 AS FOLHAS PASQUINEIRAS – CARACTERÍSTICAS

No Brasil, a técnica de imprensa, ainda dando os seus primeiros passos, acrescentou características formais ao pasquim. Os jornais possuíam formato in-4º, com o número de 4 páginas em regra, tendo preço de venda avulsa de 40 réis, 80, no caso do número de páginas dobrar. Sua venda era feita nas ruas ou eram adquiridos nas tipografias e em lojas de livros indicadas, fosse para a compra de exemplares isolados ou por assinatura. Seus anúncios e publicações particulares eram feitos mediante pagamento e com isenção de responsabilidade dos redatores proprietários.

Em meio às diversas folhas, vamos ver o que diziam sobre algumas destas informações os “Expedientes” do “O Ceará-Nu” e do “O João Cotoco”. Observemos que traziam em sua redação uma marca de comicidade para melhor informar aos seus leitores sobre o seu funcionamento. No primeiro, que tinha como epígrafe “Orgam da Fortaleza Despida”, escrevia seu redator:

O Ceará-Nu’ será publicado todos os domingos, sob a redação de abalisados letrados.

ASSINATURAS

Para a Capital e Interior

Semestre 3\$000

Para os demais Estados e Exterior

Anno 10\$000

*Pagamento logo, por causa de bochêchas.*²⁰⁷

Numero avulso

Do dia 100 réis

Atrazado 500 réis

²⁰⁶ Geraldo da Silva NOBRE, *Introdução à História do Jornalismo Cearense*, p. 126.

²⁰⁷ Transmite as idéias de logro, blefe e obtenção gratuita, hoje já, muitas vezes com a aquiescência de outrem. Florival SERAINE, *Dicionário de termos Populares (Registrados no Ceará)*.

Annuncios e publicações, ajuste prévio e pagamento adiantado, não se responsabilizando a redacção por estas.

Não serão devolvidos quaesquer originaes.

Redacção e typographia, á rua 24 de maio, 236.²⁰⁸

Já no “O João Cotoco – Jornal da Rua – Orgam apimentado”, encontramos:

O João Cotôco publica-se toda a vez que estiver vestido;

Quem o quizer lêr, não tem mais do que mecher nos bolsitos, e arrancar um nicoláo²⁰⁹ de cem réis, pagar, sem demora, ao pequeno vendedor.

Assignantes?!... Nem por sombra, afim de evitar calotes, e mesmo em tempo de secca não há quem queira ser cobrado;

Redacção e officinas – são bens que não possue.²¹⁰

Muito dos jornais circularam por um curto período, em que apenas algumas folhas conseguiam ultrapassar o tempo de um ano. Existiram, ainda, entre os pasquins, aqueles que editaram somente um único número, sendo logo após extintos. Os motivos da extinção variavam: deixavam de circular pela falta de dinheiro que custearia a sua impressão, por sofrerem processos na justiça, por empastelamento a mando das autoridades que se viam prejudicadas com a circulação dos jornais, pelo recrutamento militar obrigatório dos tipógrafos e redatores etc.

Alguns poucos títulos alcançaram uma tiragem média de 1000 exemplares, com publicação semanal, quinzenal e/ou mensal. *A quase totalidade teve vida efêmera, saída irregular e até orientação flutuante. A mesma orientação*

²⁰⁸ **O Ceará Nu – Orgam da Fortaleza Despida.** Cova de cáco, 28.07.1901, anno 1, n. 6.

²⁰⁹ Dinheiro em pequena quantidade. Derivado de níquel. Dinheiro pequeno. Raimundo GIRÃO, **Vocabulário Popular Cearense.**

²¹⁰ **O João Cotoco – Jornal da Rua – Orgam Apimentado.** Ceará, 24.05.1900, anno I, n. 1.

*transitava por vários pasquins...*²¹¹ Como modelo de uma mesma orientação, existiram o “Cavaquinho”²¹² e o “Catuaba”.²¹³ Ambos possuíam formato, divisa e proposta iguais, e, ainda, quem sabe, um mesmo proprietário.²¹⁴ Assim, eram possuidores de uma coluna com idêntico título, “Secção Chapéu de Coiro”, escrito em linguagem macarrônica e assinada por um tal de “Lulu”. Suas divisas eram iguais: “Propriedade de uma associação de metopóscopos inteligentes, mettidos a curandeiros e a engraçados, inoffensivos e ultra-altruistas”.

Os jornais possuíam objetivos diversos. Alguns tratavam de assuntos como o jogo e a política. Falavam, ainda, das “imoralidades” que precisavam ser denunciadas e combatidas (ex.: os namoros das moças, das mulheres viúvas e das casadas), do carnaval (Entrudo), da cachaça, do turfe, das festas dos fandangos e de Reis etc. Ou seja, tinham o enfoque voltado para os divertimentos, lazer, festas, vida privada e política.

Uma das características que mais atraía a atenção no pasquim foi o uso das epígrafes. Os propósitos, o programa ou o motivo a que vinham estavam muitas vezes estampados em divisas curiosas e em versos tirados, na maior parte das vezes, da obra de autores conhecidos, de discursos, conferências, trabalhos políticos, da Constituição ou de dizeres e termos populares. *Não havia pequeno jornal que fugisse ao gosto de estampar, em prosa ou verso, um motivo qualquer com relação ao programa ou princípio ou propósito a que obedecia.*²¹⁵ Citemos apenas alguns:²¹⁶ “Rindo, digo a verdade” (O Rebate),²¹⁷ “Semanaio mais ou menos crítico e um tanto ou quanto litterario” (A Sogra),²¹⁸ “Orgam hebdomadario – Humoristico e essencialmente Trepador” (A Trepção)²¹⁹ e “Orgão da Limpeza da ‘Rua’ e dos bolços” (A Vassoura).²²⁰

²¹¹ Nelson Werneck SODRÉ, **História da Imprensa no Brasil**, p. 183.

²¹² **Cavaquinho**. Fortaleza, 5.12.1890, anno I, n. 5.

²¹³ **Catuaba**. Fortaleza, 30.10.1890, anno I, n. 1.

²¹⁴ Não conseguimos identificar seu(s) proprietário(s).

²¹⁵ Nelson Werneck SODRÉ, **História da Imprensa no Brasil**, p. 185.

²¹⁶ Além das divisas e seus respectivos jornais aqui citados, para efeito de ilustração, demonstramos, no anexo C desse trabalho, todas as folhas pesquisadas, com suas divisas e outras informações.

²¹⁷ **O Rebate**. Fortaleza, 16.04.1898, anno 1, n. 3.

²¹⁸ **A Sogra**. Fortaleza, 20.03.1898, anno 1, n. 1.

²¹⁹ **A Trepção**. Mundo da lua, 12.11.1893, anno 1, n. 1.

²²⁰ **A Vassoura**. Fortaleza, 04.01.1898, anno 1, n. 1.

Também é possível percebermos nos próprios títulos, via de regra, que se referiam às pessoas, acontecimentos, coisas de interesse notório no momento, quando não, disfarçados, guardavam referência indireta a isso. Citemos o caso do "Jogo dos Bichos", que foi publicado em Fortaleza, em 5 de setembro de 1897, com o propósito de defender este tipo de jogo de apostas tão em voga naquele instante. A folha pasquieira trazia impressa em sua primeira página a seguinte epígrafe "Ridendo Direct Veritas, Quid Vetat?" (sic).²²¹ Também, na cidade do Recife, saiu do prelo "O Bumba", em 15 de agosto de 1898, onde este *humorístico e litterario procurará ser o vehiculo de tudo quanto se diz, de tudo quanto se escreve na 'caserna', onde os correctos bohemios divertindo e divertindo-se, esquecem a secca que nos apavora, a crise que nos suffoca.*²²² Sob o título do jornal, vinha impressa a seguinte epígrafe: "Rir...que o riso não paga imposto. Tristezas não pagam dividas".

Outra característica do pasquim era que, habitualmente, não trazia o nome do redator. Seus responsáveis e proprietários mantinham o anonimato, e, quando resolviam identificar os autores dos artigos e colunas, preferiam a utilização de pseudônimos. Com isso, evitavam possíveis represálias, muitas vezes de desafetos pessoais e políticos, ou, ainda, seus "escritores jornalistas" (colaboradores, poetas e literatos) impediam o comprometimento de seus nomes com gêneros menores — contos, novelas, mexericos — a que os jornais faziam que se dedicassem. Examinemos como assinavam os redatores dos seguintes jornais: "Redator-chefe Marques de Carabas" (A Vaqueta),²²³ "Redactores: Conte, contista e contente" (A Trepacção), "Redator responsavel – Manoel Corninho" (O Telephone)²²⁴ e "Redacção – Alguns individuos bons, quer na penna, quer no cacête" (A Sogra).

Para desfecho das características do pasquim, apesar de não ser norma privativa sua, identificamos, ainda, como marca da fisionomia pasquieira o emprego de uma linguagem virulenta e injuriosa. A violência da linguagem, a invasão da vida particular e íntima, a difamação, a devassa na conduta das

²²¹ Não encontrei tradução para a expressão latina.

²²² **O Bumba**. Recife, 15.08.1898, ano I, n. 1, p. 1.

²²³ **A Vaqueta – Orgam da Chincana**. Fortaleza, 19.11.1899, anno 1, n. 1.

²²⁴ **O Telephone – Orgão Crítico e Prozaico**. Fortaleza, 08.11.1891, anno 1, n. 1.

peçoas, o insulto ao inimigo, o humor, a sátira e a pilhéria, o vocabulário pornográfico eram sinais distintivos dessas folhas circulantes.

Como uma forma de linguagem de intenção cômica, foram utilizados textos macarrônicos. O macarrônico, segundo o dicionário Aurélio, significa: *Adj. 1. Diz-se do gênero irônico de poesia ou prosa em que à língua original se adicionam, burlescamente, palavras latinas ou de outra língua. 2. Diz-se de qualquer idioma pronunciado ou escrito erradamente. 3. Irônico, burlesco, jocoso. 4. Que escreve macarronicamente.* É importante frisarmos que nem todos os textos macarrônicos são irônicos, humorísticos ou satíricos,²²⁵ podendo, na maioria das vezes, por ser visto como língua ridícula (com finalidade de menosprezar o outro, o diferente, o popular, o imigrante), [servir] para reforçar o nacional através da sátira.²²⁶

Encontramos este recurso textual em jornais como "Catuaba" e "Cavaquinho".²²⁷ No "Catuaba", temos a coluna de título "Secção Chapéu de Couro". Nela, encontramos uma paródia da fala popular. Quem confecciona a "secção", e assina com o pseudônimo de "Lulu", encarna a vida de um homem simples do campo e que está residindo na cidade (a capital da província) e mantém uma constante correspondência com o seu tio, o Sr. Quinquim, que permanece residindo no sertão. Nessa correspondência, "Lulu" vai contando as novidades do "Ceará" (como era chamada a cidade de Fortaleza do período). Observemos, na passagem abaixo, que o recurso utilizado pelo redator tem o intuito de divertir e atrair seus leitores. Porém, acreditamos também no objetivo de menosprezar e rebaixar o popular.

Através dessa fala popular, o colunista não perde a oportunidade, com pilhéria e ironia, de ridicularizar as "inteligências" que escrevem nas folhas circulantes, o que leva a comparar o aprendizado e o conhecimento ("adiantado das letras") do "Lulu" com os redatores destas folhas que vinham a público.

²²⁵ "A sátira manifesta-se como arma de denúncia, um ataque à censura e a repressão (política, religiosa), ou se impõe como uma forma de ridicularizar, diminuir, depreciar tudo aquilo que foge ao dito padrão estabelecido". Cf. Almir CORREIA, O humor, a sátira, o macarrônico, o estereótipo e outros bichos (se aparecerem), **Anuário de Literatura**, p. 190.

²²⁶ Ibid, p. 192.

²²⁷ Ver notas 212 e 213.

Ti Quinqui A Deus

Desejo qui estas mal feitas linha vá lhe encontrá no goso de perfeita saude mais mêthia Lixandrina; nós cá vamo rolando sem sê pipa, Deus louvado.

Ti Quinquim, este Siará é terra damnada p'rá botá a gente p'ra guente; apois eu qui marmente aprendi Simão de Nantua e a taboada, só in espiá aqui p'r'os homes qui escreve nas fôias, tou quase feito um doutô, já sei até cuma se faz ûa saude n'ûa janta.

Ando sempre arretirado das rodas de carçada, mas porém o cumpade Bernaldino qui qué qu'eu appareça fui mettê na cabeç de seu Zé... Espritosantinho qui eu tenho estudo, e o homesinho veio cá in casa e isirgiu pur fina força qui eu fizesse ûa perna no forguedo da catuaba.

Eu ia quaje me zangando com a historia, porque sippunha qui só havia catuaba daquella que vosmincé mais meu padrim vigaro manda fazê chá quando tão fraco, mas porém seu Zé... Espritosantinho mi isplicou qui a Catuaba qui elle disia era ûa fôia qui ia sahi p'ra defende os interesses dos interessado.

Entonce eu peguei a botá cafanga dizendo que pouco sabia, qui num tinha tempo, porém o homesinho tanto pediu qui eu prometti ajudá a elle na catuaba, escrevendo ûas cartas p'ra vos mincé lhe contando as novidades toda deste Siará.

E pur isto ti Quinquim, vos mincé se prepare p'ra sabê do qui se passá pur aqui e p'ra avliá cuma seu subrim tá adiantado nas letras. Dê lembrança a mêthia Lixandrina e aos menino, e diga a meu padrim vigaro que me bote sua benção, e qui quando elle se vê apertado cora p'ra cá qui num farta cacimba funda,

Seu subrim e amigo

Lulu!

3.4 FORTALEZA E SEUS PASQUINS

Na cidade de Fortaleza, os pasquins surgiram como um lugar para a leitura das suas condutas sociais. Muitos dos pequenos jornais e suas colunas eram humorísticos, noticiosos, elegantes, literários, joco-sérios ou pornográficos. Os periódicos, tratando de política, humor ou, sobretudo, mundanismo, *formavam um*

*grande batalhão na luta pela modernização dos hábitos, dos valores e da fisionomia da cidade.*²²⁸

Apesar dos pasquins dizerem ser para divertir, traziam consigo um forte discurso de moralização e controle social que procurava formar as almas dos leitores e habitantes da urbe alencarina, na expectativa de construir uma sociedade que respondesse aos anseios modernos. Tentava-se, portanto, regular condutas e posturas para os espaços públicos, sobretudo, os de grande convivência social. E *...em nome da 'etiqueta' e da 'civildade', começou-se a normatizar dos grandes aos pequenos detalhes da vida social cotidiana.*²²⁹

A missão era educar. Daí, os jornais amiúde nascerem impulsionados pelo espírito de educar, instruir e influenciar. O propósito, quase sempre expresso no editorial de estréia, procurava preparar a "opinião pública" para a sociabilidade que se tentava inaugurar. Os "escritores-jornalistas"²³⁰ acreditavam nas virtudes mágicas do saber e confiavam na educação como eixo central da transformação social. Partindo dessa crença, tratavam de conseguir construir uma "opinião pública", um consenso para o formato de uma sociabilidade que queria se firmar como moderna.

O intelectual artista dava lugar ao intelectual como mentor da sociedade. Imbuído de um sentimento de superioridade, achava-se detentor das luzes e capaz de conduzir os homens ao progresso.

Vários jornalistas e seus pasquins tomavam para si a responsabilidade pela vigilância dos "crimes" que ameaçavam as famílias e iam de encontro à sociedade do progresso e da civilização. Desta forma, os redatores pasquineiros assumiram posturas de guardiães das "boas condutas" e da moralidade contra os vícios, a licenciosidade e a luxúria, para a manutenção da "saúde" do espírito.

²²⁸ Raimundo Pereira Alencar ARRAIS, **Recife: Culturas, Confrontos e Identidades: A Participação das camadas urbanas na campanha salvacionista de 1911**, p. 19-20.

²²⁹ J. I. ROQUETTE, **Código do Bom-Tom: Regras da Civildade e de Bem Viver no Século XIX**, p. 7.

²³⁰ Um traço peculiar da imprensa na segunda metade do século XIX, foi sua fusão com a literatura. O processo seguia desta forma: a literatura conduzia ao jornalismo, e este à política, o que exigia também que os seus adeptos fossem oradores. Isto levava os envolvidos neste processo a realizarem as quatro coisas ao mesmo tempo: ser letrado, jornalista, político e orador.

Logo cedo, os redatores dos pequenos jornais saíam para observar e flagrar determinados atos, muitas vezes repreendidos em nome da moral e da família; atos como namoros "indecorosos", jogos ilícitos, o meretrício etc. Deslocavam-se, além do perímetro central (urbanizado), para a região das areias, de onde tiravam os assuntos de suas matérias sobre hábitos cotidianos dos cidadãos. É o que faziam os redatores do "Ceará Moleque":

Meus cumprimentos, leitores!

Seis horas marca o relógio e a estas horas já me acho percorrendo as ruas, praças e subúrbios de nossa capital, a rir, a rir, a rir muito das tolices dessa pobre humanidade cheia de prejuízos e entusiasmos.

Minha praxe não é como a do café do ovidio - ver, ouvir e calar, e sim - ver, ouvir e falar, mas falar muito, mesmo muito das poucas cousas de nossa terra.

*Bem.*²³¹

Antes, porém, de centrarmos nossa atenção nos pasquins em específico, em que iremos esmiuçar em detalhes seus temas e suas intencionalidades, destacaremos os proprietários, redatores e colaboradores que conseguimos identificar, o que já é bastante significativo, pois, com isso, foi possível dar maior visibilidade e compreensão sobre suas linhas editoriais ou objetivos, seus significados e suas intenções.

3.4.1 PROPRIETÁRIOS, REDATORES E COLABORADORES

Observamos acima, no item “As folhas pasquineiras-características”, que uma de suas marcas era o anonimato de seus proprietários e redatores, a fim de evitarem, por exemplo, perseguições por parte daqueles que eram alvos de comentários dos seus artigos e que desejavam algum tipo de vingança ou retaliação. Contudo, com o auxílio do levantamento histórico da produção

²³¹ O Ceará Moleque - Revista Caricata. Fortaleza, 02.05.1897, ano I, n. 1, p. 2.

jornalística feito pelo Barão de Studart,²³² foi possível identificarmos alguns jornais e seus respectivos criadores/redatores. (Veja anexo D)

Reconhecemos que boa parte dos proprietários, redatores e colaboradores, senão em sua maioria, eram os jovens que em Fortaleza viveram o clima dos prélios intelectuais e utilizaram o espaço jornalístico para a literatura, para o lazer, para as disputas das idéias etc.. Eles fizeram o órgão de imprensa funcionar como veículo de inserção e intervenção social na realidade que estavam envolvidos.

Freqüentemente, os mesmos escritores se encontravam nas diferentes revistas e jornais. Posto que uma revista e/ou jornal nascia de uma reunião de amigos, que compartilhavam das mesmas idéias, possuíam idênticos gostos, interesses e freqüentavam os mesmos lugares.

Antes de informar sobre os pasquins e seus redatores-proprietários, vamos abrir aqui um espaço para situar melhor esses intelectuais-jornalistas ou "escritores-jornalistas", que vivenciaram um forte momento de agitação intelectual/cultural na "cidade de Alencar". No entanto, gostaríamos de ressaltar que não é nosso interesse nesse local, devido à nossa intenção de trabalho, tratarmos ou construirmos em detalhes uma história sobre os intelectuais cearenses. O intuito se dá apenas para propiciar ao leitor, de forma sucinta, um panorama do ambiente em que evoluíram os "homens de letras" da cidade de Fortaleza. Isto é justificado porque existem outras obras de destaque historiográfico local, que podem ser consultadas para uma melhor compreensão da temática dos "intelectuais".²³³

Quando a cidade da "Fortaleza de Nossa Senhora d'Assunção" despontou como centro econômico e político, em meados do século XIX, trouxe junto e enraizado consigo, em igual tempo, um movimento intelectual/cultural. Em tal movimento, apareceram "novos valores humanos", que João Alfredo de Souza Montenegro chamou de **exercício filosofante**,²³⁴ visto que, no período

²³² Barão de Studart. **Annaes da Imprensa Cearense**.

²³³ São obras dos autores indicados em nossa bibliografia: Ernesto Pimentel Filho, João Alfredo S. Montenegro, Gleudson P. Cardoso, Almir Leal de Oliveira e Simone Souza.

²³⁴ João Alfredo de Souza MONTENEGRO, Rocha Lima - A obra e a Época, **Revista Brasileira de Filosofia**, 28 (110): 132.

considerado, existiu um irromper de idéias científicas, defensoras de um processo de modernização do país.

As novas idéias que aqui chegaram (correntes filosóficas como o evolucionismo de Darwin, o positivismo de Comte, as idéias de Buckle e Taine, e outras tendências do pensamento europeu, sobretudo franceses) foram a favor de um novo perfil urbano (cultivo de valores cosmopolitas), de instituições secularizadas (escola de ensino leigo), do livre pensamento (razão) como guia das condutas humanas, de uma moral do trabalho disciplinado etc.

Contudo, vale observarmos que o ambiente da cidade estava propício para o aportar e, daí, a circulação das elaborações intelectuais de matriz européia, porque esta ambiência foi beneficiada pelo grande fluxo de pessoas que chegavam (fossem provenientes de outras províncias e da Corte ou estrangeiros)²³⁵ e pelo seu intenso comércio portuário (com exportação, por exemplo, do algodão e importação de produtos manufaturados como louças, calçados, instrumentos musicais, tecidos, brinquedos, chapéus, perfumes etc.).²³⁶

Assim, além da permuta material, foram possíveis as trocas culturais. Como corolário, o "universo intelectual" da cidade se beneficiou desses incrementos nos contatos pessoais e nas *relações de produção que integravam o Ceará a Divisão Internacional do Trabalho como produtor/exportador de matérias-primas*.²³⁷

A vida intelectual fortalezense passou a ter uma nova dinâmica, em que os "homens de letras" viveram nas reuniões de grupos científicos-literários²³⁸ um "locus" de discussão e disseminação de um ideário de "civilização" e de

²³⁵ Para exemplificarmos, houve a chegada de moços formados nas faculdades então existentes no país. Foi o caso dos bacharéis provenientes da Faculdade de Direito do Recife, que experimentaram nesse período uma agitada vida intelectual na conhecida Escola do Recife de Tobias Barreto e Sílvio Romero.

²³⁶ Registremos que, além destes produtos, vinham também livros, revistas e jornais. Pois, "pelos malotes do correio marítimo que eram desembarcados na Alfândega da cidade chegavam os livros de Taine, Spencer, Darwin, Buckle e outros". Almir Leal de OLIVEIRA, Universo letrado em Fortaleza na década de 1870. In: SOUZA, Simone e CASTRO NEVES, Frederico (Org.). **Intelectuais**, p. 17.

²³⁷ Ibidem.

²³⁸ Reuniam-se em sociedades literárias e científicas ("Academia Francesa", "Gabinete Cearense de Leitura", "Clube Literário", "Padaria Espiritual", "Centro Literário", "Academia Cearense", dentre outras).

"progresso". Esse fato pôde ser comprovado pelo viver dos membros da “Academia Francesa”,²³⁹ que *alardeavam os princípios do trabalho disciplinado, do ajustamento social à ordem industrial-civilizatória e a importância do conhecimento científico como forças transformadoras daquela realidade.*²⁴⁰ Também foi evidenciado pela “Academia Cearense”,²⁴¹ no qual seus participantes *mantiveram o mesmo discurso cientificista e evolucionista daquelas idéias defensoras do progresso industrial, da racionalidade instrumental no controle dos comportamentos sociais e do legítimo exercício de poder pelos homens de letras (ideal da sociocracia comtiana).*²⁴²

As “academias, clubes e/ou centros literários procuraram a todo custo enquadrar e ajustar a sociedade aos ideais da nova ordem capitalista mundial, sendo para isso necessário um maior controle dos comportamentos sociais, em especial das camadas pobres e de tudo que se referisse a elas.

Não poderíamos, outrossim, deixar de relacionar que toda esta movimentação intelectual e cultural teve uma forte raiz e uma associação com o processo educacional dos "homens de letras". Tal processo, com marca elitista e excludente, diga-se de passagem, se instrumentalizou e se constituiu a partir de "normas e modelos importados", de origem européia. Um tal formato educativo *possibilitou aos estudantes da época uma socialização que reforçou laços de classe, obediência disciplinada e alicerçou o primado de uma hierarquia social fundada em práticas culturais europeizantes.*²⁴³

Acrescentada a "formação humanística" desses "homens de letras", o espaço de convivência educacional (muitas vezes em um colégio sob regime de internato) resultou em que

²³⁹ É no século XIX, mais precisamente na década de 70, que se inicia na província do Ceará o predomínio das idéias cientificistas, com a chamada Academia Francesa. O grupo não tinha presidente, nem atas, nem estatuto, nem sede, pois se reuniam ora em casa de Rocha Lima, ora na de Tomás Pompeu. Não era nem academia e nem francesa. Segundo Dolor BARREIRA, **História da Literatura Cearense**, Rocha Lima chamou a Academia Francesa por um simples ato de gracejo.

²⁴⁰ Gleudson Passos CARDOSO, **Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso**, p. 18.

²⁴¹ Foi fundada em 15.08.1894. Teve 3 fases. Na primeira fase era composta de 30 sócios efetivos e se estendeu até 17.07.1922. Para maiores informes cf. Dolor BARREIRA, **História da Literatura Cearense**, p. 179-255.

²⁴² Gleudson CARDOSO, **Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso**, p. 20.

²⁴³ Almir Leal de OLIVEIRA, *Universo letrado em Fortaleza na década de 1870*, p. 37.

o restrito número de estudantes provenientes das camadas mais elevadas da sociedade cearense se reunia e se integrava socialmente identificando-se com os seus pares e desenvolvendo um olhar sob o restante da sociedade, próprio daquele espaço onde estavam situados. Esta interação do grupo se reproduziria mais tarde dentro de outros movimentos intelectuais, e mesmo políticos, e ainda em outros espaços formais e informais considerados instituições por esta elite.²⁴⁴

Gerava-se, com isso, uma certa homogeneidade de formação e atuação. Entretanto, os lugares e as formas de atuação dos homens letrados foram bastante diversificados, não se restringindo aos espaços das academias e ao fazer literário. Importa frisarmos que, para vários desses intelectuais, as formas de atuação e ascensão social se deram, além das letras, por meio das artes, da burocracia, da política e do comércio.

Nossos literatos encontraram na imprensa um lugar para atuar. Nela, agiram através de artigos de jornais, onde desenvolveram suas polêmicas literárias (crítica literária) e suas pugnas políticas e científicas/filosóficas. Como assevera Gleudson Cardoso:

Os intelectuais que atuavam na capital cearense participaram das linhas editoriais dos jornais partidários, revistas científicas e periódicos literários, levando ao público leitor tanto os interesses políticos das oligarquias locais pelo poder provincial, bem como os modelos científicos, os sistemas filosóficos e as narrativas literárias que deveriam contribuir na formação dos novos estado e nação brasileiros, naquela passagem entre a Monarquia e a República.²⁴⁵

²⁴⁴ Almir Leal de OLIVEIRA, Universo letrado em Fortaleza na década de 1870, p. 22.

²⁴⁵ Gleudson P. CARDOSO, Literatura, imprensa e política (1873-1904). In: SOUZA, Simone e CASTRO NEVES, Frederico (Org.). **Intelectuais**.

Um exemplo claro dessas polêmicas foi quando alguns desses letrados (Araripe Jr., Rocha Lima, Capistrano de Abreu, dentre outros) entraram em disputas intelectuais com os chamados "Ultramontanos" (defensores do tradicionalismo católico) na querela denominada "Questão Religiosa". A jovem intelectualidade, então participante da "Academia Francesa" (1873 –1875) e a favor dos ideais de civilização e progresso, procurou impor o ensino leigo, a secularização das instituições, a razão e a ciência como guias das condutas humanas, o que lhe fez entrar em choque com toda uma tradição da Igreja católica, que se assentava em fortes raízes vinculadas ao processo de Romanização, que encontrou aqui no Ceará grande acolhida.

Mostra-nos claramente esta pugna de idéias o artigo do jornal "Fraternidade", do dia 6 de janeiro de 1874, de título "1873 e o novo anno". Nele, o seu autor faz um balanço do progresso mental na busca incessante de vencer o obscurantismo, acabando o caos intelectual. O redator faz uma crítica ao papado, a Roma (Igreja), ao pendão "absolutista da theocracia", para justificar a necessidade da liberdade e da "luz", entendida como razão/ciência. Sentencia o fim da oposição ao progresso material e intelectual na história, tendo na secularização do ensino um dos meios para a "vitória" final. Vejamos um fragmento do artigo:

Nos annaes dos povos, as ideias representam o papel da providencia immanente aos destinos das nações.

(...)

"Nós cremos que existe, fora do elemento providencial, uma grande força, que se traduz na consciência humana, pela acção immediata de nossa liberdade."²⁴⁶

Um outro informe considerável sobre os homens de letras foi o significativo número de intelectuais participantes dos grupos líteros-científicos, que atuaram ativamente na política. Ocuparam cargos públicos da administração e/ou exerceram mandatos de deputados na Câmara Provincial e/ou Geral.

²⁴⁶ **Jornal Fraternidade**, Fortaleza, 06.01.1874, "1873 e o novo anno", p. 1.

Dependendo da força política dos seus beneficiadores, conseguiram galgar espaço no Senado e no poder judiciário.

Foi o caso, em meio a outros, de João Lopes Ferreira Filho e de Antônio Sales. O primeiro participou de grupos de letras como a "Academia Francesa", "Clube Literário" e "Padaria Espiritual". João Lopes ocupou a pasta do interior e justiça e, ainda, assumiu o mandato de deputado provincial em duas legislaturas (22º e 23º do período de 1878/79 à 1880/81, respectivamente). O segundo, além de literato, com formação autodidata, foi funcionário público. Trabalhou na administração pública estadual, sendo Secretário do Interior e da Justiça do governo do Coronel Bezerril, o segundo governo republicano no Ceará (1892-1896). Em 1892, elegeu-se deputado à Assembléia Legislativa do Estado, tendo 19.005 votos. Durante a República, atuou como opositor e crítico ferrenho da oligarquia aciolina.²⁴⁷

Por fim, gostaríamos de complementar nossas informações dizendo que muitos dos intelectuais circularam em duas classes de poder. Ao mesmo tempo que exerceram um poder ideológico, fizeram-se presentes no poder político.²⁴⁸ Neste, desempenharam a práxis, impondo o controle e o poder sobre os demais grupos, em especial as camadas populares. Enquanto, naquele, produziram um discurso moderno ou fizeram um arranjo das idéias que aqui chegaram para difundirem valores e conhecimentos novos, na tentativa de se criar uma nova sociabilidade coesa, sem, contudo, mexer na estrutura social marcada pela desigualdade de classes.

Feito esse breve apanhado e colhidas algumas informações²⁴⁹ sobre os “gens de lettre”, numa tentativa de lhes dar um chão concreto e melhor

²⁴⁷ Antônio Sales escreveu um livro intitulado "O Babaquara", onde fez uma devassa do governo oligárquico. Revelou os crimes de corrupção, o abuso de poder, o nepotismo e a repressão da parte do comendador Acíoli. Com isso, sofreu duras conseqüências, tendo que se auto-exilar com outros colegas de "pena" no Rio de Janeiro, "por não conseguirem suportar o clima de insegurança contra as liberdades individuais e de imprensa na sua terra". O que não o impediu, mesmo distante de sua terra natal, de continuar a sua luta política pelo fim da oligarquia.

²⁴⁸ Em todas as sociedades, ao lado do poder econômico e do poder político, sempre existiu o poder ideológico, em que os intelectuais (embora com nomes diversos) cumprem o papel de criadores e transmissores de idéias, de símbolos, de visões do mundo, de ensinamentos práticos, mediante o uso da palavra.

²⁴⁹ O período em apreço é bastante rico para avaliarmos a participação desses intelectuais, não só em fatos pontuais ("Questão religiosa", campanhas pela "Abolição" e pela "República"), como

compreendê-los, voltemos à questão principal da relação dos intelectuais-jornalistas (proprietários-redatores) com os pasquins publicados na cidade de Fortaleza. Como pudemos observar, boa parte dos intelectuais-jornalistas mantiveram algum tipo de relação com os grupos literários e filosóficos. Fosse fazendo parte como membros integrantes, ou tendo relações de amizade com seus participantes. Isto nos faz entender o porquê dos artigos/colunas de diversas folhas trazerem em seu intertexto um forte discurso de moralização dos costumes ou de tentativa de banir tudo aquilo que se colocasse à frente e contrário aos ideais de civilização e progresso, tantas vezes propalados pelos intelectuais participantes dos grêmios.

Tomemos os exemplos dos jornais “A Rua” (18/12/1897), “A Estréia” (13/5/1898), “O Telefone” (8/11/1891), “O Vadio” (8/11/1891), “O Bemtivi” (1892), “A Vaqueta” (19/11/1899), “O João Cotoco” (24/5/1900), “O Vapor” (1/7/1900) e “O Charutinho” (26/8/1900).

No “A Rua”, foram muitos os intelectuais que colaboraram para a sua redação que eram componentes dos grupos literários: “Centro Literário”, “Padaria Espiritual”, dentre outros. Tomaram parte neste pasquim figuras como: Alfredo Severo (“Centro Literário” e Escola Militar), Álvaro Martins (“Padaria Espiritual” e “Centro Literário”), Temistócles Machado (“Centro Literário” e “Padaria Espiritual”), Rodrigues Carvalho (“Centro Literário”), Lopes Filho (“Academia Francesa”, “Gabinete Cearense de Leitura”, “Clube Literário” e “Padaria Espiritual”) etc. Em seu editorial de estréia, temos claro todo o objetivo e estratégia lançada para atingir seu público leitor. Nele estava escrito o seguinte:

Esta gazeta salta p'ro olho da rua, cahindo em plena sensaboria da nossa vidóca estadoal, como uma nota alacre de escandalo, ou como um fraldejo escarlata, tremulando ao vivo no fundo suavemente perola de céu clarissimo de maio.

também na tentativa prática de concretizarem, como já mencionamos, um ideário moderno e civilizacional. Um ideário de condutas necessárias para construir uma sociedade "civilizada" nos moldes das grandes nações européias e, por que não, tomando como espelho as principais cidades brasileiras, como Recife e Rio de Janeiro.

Gargalhada aqui nestas paginas a risada sadia e ironica de quem tem sangue moço nas veias e teias de aranha fantasiosas na cabeça e que sahe por este mundo a fóra, ora piparotendo com a irreverencia insolente da satyra a pança tremebunda e obêsa das cousas serias, ora acompanhando na lyra afinada a barcarola ideal de coisas outras, amorosas e vans, como uma estudantina esturdia de bohemios, em serenata...

Não esperam pois daqui o artigão de fundo, pesado e nocturno, e sim a pilheria inoffensiva e brejeira, zumbindo com impertinência atroz de um moscardo sobre as chagas e sobre as rosas, que ora afeiam, ora perfumam o immenso e variegado campo da vida.

A "Rua" será, portanto, uma folha de noticias e informações, ligeiras uma e outras como comporta a effabulação do jornalismo moderno, sem pose e sem rhetorica, com a roupagem desataviada com que se estima trajar a verdade.

Hemos, pois, de fazer a nossa critica com imparcialidade e justeza, dizendo as coisas como ellas são, com a independencia e a altivez que convem ao nosso temperamento e ao nosso character.

(...)

Não trazemos, pois, para a nossa tenda nem odios nem credos politicos, e si alguma vez sacudir estas paginas o fluido electricante e febril do nosso enthusiasmo é que nos propelle e nos requeime a febre ardente do patriotismo.

(...)

Si conseguiremos ou não, nos não é dado dizer aqui, o que affirmamos, porem, com toda a nossa alma é que laboraremos com fé na realisação dese pulcherrimo ideal.

Temos dito.

A leitura que fazemos do precedente artigo é que, por meio de uma crítica "independente", procurar-se-ia desnudar a "vidoca" atrasada. O objetivo era ultrapassá-lo e seguir em busca da emergência e consolidação de novos padrões urbanos de sensibilidade e sociabilidade. Para isso, era preciso separar as novas gerações dos padrões de vida rural e arcaicos ("a risada sadia e irônica de quem tem sangue moço nas veias e teias de aranha fantasiosa na cabeça").

A estratégia que utilizariam seria a do artigo leve, ligeiro (de acordo com a velocidade daqueles dias), satírico e pilhérico, oposto ao "artigão de fundo, pesado

e noturno"; o artigo que não foge ao novo padrão de fazer jornalístico e que está associado a uma passagem tecno-industrial em formação. Essa paisagem vai influenciar sobremaneira a imprensa de então, com novas técnicas de impressão, formatação e escrita e que responderá também às exigências do público leitor.

Outra folha pasquineira cujos proprietários e redatores conseguimos identificar foi a "A Estréia", que funcionou como "Orgam do Club Adamantino".²⁵⁰ Teve como "Diretor" o então jovem de 17 anos Carlos Torres Câmara (1881-1939), que pertenceu à "Boêmia Literária" fortalezense.

Carlos Câmara se destacou no teatro, onde em 1897 e ao lado de Pápi Júnior, integrou o "Clube de Diversões Artísticas". Nesse mesmo ano, presidiu ao "Grêmio Taliense de Amadores". A sua grande contribuição para o teatro cearense só viria depois, com a fundação do "Grêmio Dramático Familiar", em 1918.²⁵¹

Além do teatro e da imprensa, onde ingressa no jornalismo no jornal "A República",²⁵² assumiu cargos na burocracia. Foi amanuense da Assembléia Legislativa, oficial da Secretaria da Fazenda, diretor-secretário da Junta Comercial etc. Já, em 1909, foi eleito Deputado Estadual, sendo partidário do Governo Nogueira Acióli. Seu mandato como deputado findou em 1912, por ter votado contra o reconhecimento de Franco Rabelo ao governo do Ceará. Franco Rabelo era opositor da "Oligarquia Aciolina" e contrário à sua continuidade.

Dados alguns informes da vida de Torres Câmara, voltemos novamente nossa atenção ao jornal "A Estréia". Nele pudemos identificar uma postura de crítica a uma "cidade como vício".

A idéia aqui da "cidade como vício" ("Sede da iniquidade"/"símbolo estigmatizado [dos] males sociais"/lugar de "miséria urbana") é tomada de empréstimo do historiador Carl Schorske.²⁵³ No seu ensaio "A idéia de cidade no pensamento europeu: de Voltaire a Spengler", Schorske discerne "três avaliações

²⁵⁰ Ao lado do seu título, o jornal trazia a identificação de pertencer a este clube. Tinha, ainda, como divisa, as palavras: "Trabalho e Coragem". Era publicado mensalmente.

²⁵¹ A agremiação funcionou no Boulevard Visconde do Rio Branco ou, popularmente, calçamento de Mecejana. Hoje, chama-se Avenida Visconde do Rio Branco.

²⁵² Órgão oficial do Partido Republicano Federal, criado em 9/6/1892 e chefiado por Antônio Pinto Nogueira Acióli, chefe-político da conhecida "Oligarquia Aciolina".

²⁵³ Carl SCHORSKE, **Pensando com a História: indagações na passagem para o modernismo.**

amplas da cidade nos últimos duzentos anos: a cidade como virtude, a cidade como vício e a cidade para além do bem e do mal. Essas atitudes aparecem em pensadores e artistas em sucessão temporal".

Nosso interesse aqui se volta para a "cidade como vício", que emerge com a industrialização no começo do século XIX, quando dois acontecimentos marcam a sua estigmatização. Primeiro, o grande crescimento da taxa de urbanização, seguida da construção precária da cidade industrial, dramatizando as condições urbanas. Segundo, a transformação negativa da paisagem social, que ia de encontro às expectativas otimistas do progresso e civilização do Iluminismo, o que gerou uma "rede psicológica de esperanças-frustradas".

Deste olhar sobre a cidade, surgiram dois tipos de "reações críticas" à cena industrial e urbana: a arcaizante e a futurista. Falaremos somente da arcaizante, por ser ela que utilizamos nesta passagem do trabalho.

Na posição arcaísta, "todos buscavam uma volta à sociedade agrária ou das pequenas cidades (...) Para os arcaizantes, era simplesmente impossível ter uma vida boa na cidade moderna. Eles reviviam o passado comunitário para criticar o presente competitivo e opressivo. Sua visão do futuro compreendia, em grau maior ou menor, a retomada de um passado pré-urbano".

Evidenciamos a "cidade como vício" na crônica mundana de título "Chronica e Mais alguma Couse" da folha "A Estréia". Nesta sua passagem, destacamos a sua oposição ao jogo dos bichos (vício do jogo) e sua crítica à "Reforma da Instrução":

A minha apresentação não devia passar de uma esplendida carêta.

Estou bem longe de chamar os leitores de macacos e tão pouco a mim, já se vê.

E para que não fiquem com a mosca na orêlha começo por declarar-lhes o motivo cathegorico do modo pelo qual tencionava proceder:

(...)

Reforma da instrucção. Os leitores gostão da instrucção.

O governo tomou uma medida energica ou errada. Seria melhor que fizessem, preparando o alumno para o exame de podridão que se deve seguir ao de madurêza estes dous paragraphos:

1º. O alumno ao sahir da eschola primaria trará de baixo do sovaco uma synthese indigestiva de Augusto Comte.

2º. Os preparadores em madurêza são burros mediocres e estão a disposição de cargas leves, os preparados em podridão tem patente de burros qualificados e supportão qualquer carga.

Eduardo e Silva. Na minha opinião o nosso Eduardo enguliu um grão do celebre feijãozinho.

*Jogo dos bichos. Está peior que as pestes no Egyptp.
(...)*

Bem, caros leitores, já é sufficiente.

O Cavalcante quer é compradôres para a Estréia, aquillo é um maganão. Para bem satisfazêl-o resolvi fazer o seguinte cartaz que cada leitor terá de pregar na tésta com grude, gomma arabica, sabão etc, ficando desde já muito agradecido e promettendo fazer-lhes em pagamento bôas cocegas no proximo numero.

Cartaz

Comprem a Estréia que traz boas galhofeiras.

Zé Galhofa.²⁵⁴

A mesma perspectiva da cidade viciosa que identificamos na "A Estréia" — por meio da coluna de crítica e de combate aos vícios da cidade, consequência das posturas civilizadas adquiridas — constatamos ao fazer uma leitura paralela e comparativa com peças de teatro criadas por Carlos Câmara e encenadas no "Grêmio Dramático Familiar". Em roteiros como das comédias "A Bailarina"²⁵⁵ e "O Casamento da Peraldiana", que trazem como cenários as realidades conflituosas entre a vida urbana de Fortaleza e a vida rural (interior cearense), o que se vê é um olhar de desconfiança e de desprezo pela cidade grande, lugar de corrupção dos valores humanos e das boas posturas morais de convivência e sentimento. A capital da província/estado cearense aparecia como lugar para destruir todos os bons costumes, só encontrados no espaço bucólico do campo, do sertão. E a saída para se ver livre de uma urbe viciosa e restaurar a "virtude

²⁵⁴ Anno 1, num 3, 13/5/1898.

²⁵⁵ Designação popular dada em Fortaleza à gripe espanhola de 1918.

humana" ("espaço de virtude"), corrompida pelos novos hábitos citadinos civilizados, é a de um posicionamento "arcaizante" de retorno à vida "humilde, honesta e saudável" do saudoso sertão ou das pequenas cidades, "centro de bons sentimentos".

Vejamos trechos das duas peças que demonstram a leitura de uma "cidade como vício" e sua solução "arcaica" de retorno ao sertão como resposta para retomar a "virtude humana". Nosso primeiro trecho é parte da peça "A Bailarina", que está em seu primeiro ato, cena IX, quando dois dos personagens principais, D. Peraldiana e o jovem "capitalista" (aquele que "mora na capital"), Elisário travam um diálogo sobre como anda o "Ceará".²⁵⁶ Elisário, ao informar das novidades de Fortaleza para D. Peraldiana, dá destaque ao jogo e seus tipos e de como andam todos os citadinos a se envolverem com a atividade da jogatina. Tudo isso em meio às inovações técnicas e ao aparelhamento urbano que passara a cidade.

Peraldiana (P) - Mais me diga, seu calango, o Ceará d'hoje ainda será o Ceará véio bonzão dos meus tempos? Ou terá mais amiorado... p'rá pió?

Elisário (E) - Vai cada vez melhor. Aquilo é um terrão. Temos agora novas avenidas, teatros, cinemas, o diabo a quatro. E tudo hoje é movido pela eletricidade, a força motriz, a força geratriz do mundo, quando não há greve. Tudo hoje em dia, minha senhora, se faz eletricamente.

P - Quaó, seu moço. Eu dou munto mais pulo sistema antigo. É mais seguro.

E - Temos também, lá, jogos de todas as espécies. Desde o poker até o jogo do bicho. A senhora já jogou no bicho?

P - Eu? Eu não sou disso não, seu moço.

E - É porque a senhora nunca pegou no bicho. 800\$000 numa centena!

P - Inhôr não. Nem faço impém. Eu cá só sei jogar a bisca e o três sete. Isto mermo em famia e a leite de pato.

E - Pois hoje no Ceará, minha senhora, joga-se de tudo. E é gente graúda. A polícia cerca as casas de jogatinas, instaura processos, faz e acontece, mas o jogo surge de novo. Ali é mesmo que cogumelo em esterqueira.

²⁵⁶ Antigamente, entendia-se Ceará apenas como a região de Fortaleza. Ir ao Ceará significava ir a Fortaleza.

Joga o pobre, joga o rico, joga o branco, joga o preto. Aquilo está na massa do sangue, sabe?

P - Apois eu c'onde fui a derraveira vea ao Ceará, na seca grande dos três 8, num era assim não. E nem havia tanta diversão pru povo. O que eu vi lá de mió foi a engenhoca do seu Bembém, um qui cria grilo im gaiola; o bumba-meu-boi do Boca Calada, na rua do Sampaio, e o Cosmorona, de seu Paulo Barro, perto do Passei. Ah! mi diga, o dono do passei ainda é vivo? O seu Paes Pinto?

E - Não minha senhora.²⁵⁷

Já na cena XI do idêntico ato, o diálogo se desenvolve entre Flor (Filha de Peraldiana), Rosa (Prima de Flor) e Elisário. Este, desejando a todo custo namorar e se casar com Flor, tenta desqualificar o sertanejo Malaquias, por quem Flor mantém e promete seu amor. No entanto, Flor sai em defesa da imagem de seu amado, que está de partida para Fortaleza, por ter sido sorteado para o "serviço militar obrigatório". Em sua fala, Flor define as boas qualidade do homem do sertão, que fora duramente atacado pelo "praciano" (homem da cidade, da capital) Elisário. Não perde a oportunidade para definir o mau caráter do moço da cidade, que é astuto, hipócrita e covarde.

Flor (F) - Oh! Meu Deus protegei-o (CAI NOS BRAÇOS DE ROSA)

Elisário (ENTRANDO) (E) - Flor!

F - Ainda senhor?

Rosa (R) - Que sujeito renitente!

E - Ainda e sempre. Estava à espreita, vi o matuto sair e corri a teus pés.

F - Pois fez mal, senhor. Eu não posso ouvir os seus galanteios. Estou comprometida com o Malaquias.

E - Pois é possível? Está comprometida com o Malaquias? Comprometida? Pois quer deveras unir o seu destino ao daquele tabaréu ignorante?

F - É ignorante, senhor. É ignorante, mas é sincero, e leal, como todo sertanejo cearense. Ignora o que sejam a hipocrisia, a astúcia e a covardia, tão conhecidas de certos moços da cidade. Vamos para casa Rosa.

R - Vamos.

E - Então desprezas-me?

²⁵⁷ Carlo Torres CÂMARA, **Teatro: obra completa**, p. 47-48.

F - Não, não o desprezo. Acho-o simplesmente insuportável. (SAI ACOMPANHADA DE ROSA).

E - Flor, despedaçaste-me o coração. (CANTA).²⁵⁸

Na cena VII do segundo ato, quando Malaquias se despede de todos para ir se alistar na capital, mais uma vez se tem o paralelo entre os dois espaços de confronto: a capital como símbolo de perdição e como lugar de má companhia e de doenças (epidemias) e o sertão, lugar virtuoso.

Malaquias (M) - (ENTRANDO) Meu padim, sua benção.

Puxavante (P) - Deus te abençoe.

M - Rosa e Fulô. Adeus, meu padrim tou de partida pro Ceará. Fui sorteado...

P - Adeus, rapaz. Num queres qu'eu te arranje um substituto não? Cum dinhêro faz-se tudo; o dinhêro é o rei deste mundão de meu Deus.

M - Não, meu padrim. Já c'a sorte me escôieu. Vou cumpri o meu devê.

P - Tá bom, home. Tá bom, tu és um home de véigonha. É pérciso amostrá que nós, os matutos, também semo patriota. Quantos sorteados vai daqui?

Malaquias (M) - Seis, cum eu. Adeus, meu padrim, adeus, Fulô. Adeus, Rosa.

Flor (F) - Adeus. Malaquias seja bem feliz. (SAI ENXUGANDO OS OLHOS)

Rosa (R) - Adeus, Malaquias.

P - Ói: ôcê proceda, vio? Não vá se acanaíá pul lá não. Aquilo é terra da perdição. Fuja das má cumpanhia. Não quêra palêi c'as caboca de lá, qui é um perigo. Ói. Tem cuidado é cá Bailarina; Só coma fruta boa e num beba garapa de cana quente! Veja se vorta cuma vai. Nada de avacaíamento.

M - Têje discansado, meu padrim. Eu hei de sê home em toda a parte. A sua benção!

P - Deus te acompanhe e te faça feliz. (MALAQUIAS SAI) Aquilo é qui é um rapaz às dêreita. Nisto ele puxa o pai que era um matuto honrado e sério: imhora besta pra burro. Mais porém seu vigário diz, qui doutô e matuto quanto mais besta mió.²⁵⁹

²⁵⁸ Carlos CÂMARA, **Teatro: obra completa**, p. 53-54.

²⁵⁹ *Ibid.*, p. 64-65.

Na peça "O Casamento da Peraldiana",²⁶⁰ também encontramos igual representação de uma "cidade como vício" e sua resposta "arcaizante". Em seu terceiro ato, na cena V, irrompe uma Fortaleza das rifas, da inveja etc.

Cambista (C) - (ENTRANDO) O senhor não quer ficar com a cautelinha de uma rifa?

Puxavante (P) - Inhô, não.

C - É barato. 2\$000 no grupo.

Peraldiana (P) - Vá adiante. Nós num qué não.

C - Que velhotes cabulosos. Ah! Ah! Ah!

Elisário (E) - Vá embora. Vá embora.

C - Até você, seu peste? (SAI)

P - Qui negoço é esse, seu Liziaro?

E - A rifa em Fortaleza é, hoje em dia, uma instituição. Uma verdadeira mania. Rifa-se o que se tem e o que não se possui. Rifam-se mangas, queijos, abacates, carne seca, o diabo. Há poucos dias, uma raparigota teve a lembrança original de rifar, avaliem vocês o que...

P - Foi o crochéo?

E - Qual crochéo?

P - O casaco?

E - Qual o que! Não são capazes de advinhar. Pôs na rifa, o coração e foi premiada a cautela que ela passou a um chauffeur.

P - Qui diabo é chaufféo?

E - É um homem que dirige automóveis.

P - E ela terá dado o coração o home?

E - Certamente. Devia estar desocupado... Aqui há gente para tudo... E ainda sobra gente... Um dos males que mais nos afetaram... é a inveja. Ninguém pode subir nesta terra, porque os que estão em cima, empurram-nos os pés nos ombros, e os que estão em baixo, puxam-nos pelas pernas.

P - Após seu Liziaro, eu só queria tê podê, qui eu pegava tudo quanto fosse gente ruim desta terra, botava num vapô e ia sortá lá no arto mar.

E - Ah! coronel, o senhor só diz isto, porque naturalmente sabe nadar.²⁶¹

²⁶⁰ Os personagens principais são os mesmos da peça "A Bailarina". "O Casamento da Peraldiana" aparece como uma continuidade de "A Bailarina".

²⁶¹ Carlos CÂMARA, **Teatro: obra completa**, p. 144.

Por último, temos na cena VII do terceiro ato (final da peça), após o casamento de D. Peraldiana com o cel. Puxavante, o destino inexorável de todos os personagens de retornarem ao sertão. Ao dançarem a quadrilha, todos cantam:

*TODOS - Vivam os noivos!
(Flor, Rosa, Peraldiana, etc. cantam)
A alegria nos invade
Nos invade o coração
Vamos deixar esta cidade
Regressar para o sertão*

*Ai amor do coração
Vamos lá para o sertão*

*No sertão a nossa vida
A nossa vida é mais amena
Em nossa aldeia tão querida
Tão risonha e tão serena*

*Ai amor do coração
Vamos lá para o sertão.²⁶²*

Depois deste longo e necessário espaço dado às peças de Carlos Câmara, voltemos às folhas cujos proprietários podemos identificar. É curioso destacar que todas (O Telefone, O Vadio, O Bem-tivi, A Vaqueta, O João Cotoco, O Vapor e O Charutinho) eram de propriedade apenas de José Carolino de Aquino. Este era natural do Icó, interior do estado, e empregado da repartição estadual dos correios. Ao se mudar para Fortaleza, em 1889, *tendo gosto decidido pela arte typographica,*²⁶³ comprou uma pequena tipografia que pertencia aos senhores Amandulo e Ildefonso Amorim, onde era impresso o jornalzinho “O Moleque”. Como diz o Barão de Studart, *foi essa precisamente a escola de sua aprendizagem da arte.*

Em todos esses jornais acima citados e editados por José Carolino de Aquino, vamos ter presente um duro combate aos atos considerados ilícitos e

²⁶² Carlos CÂMARA, **Teatro: obra completa**, p. 158.

²⁶³ Guilherme STUDART, **Diccionario Bio-Bliographico Cearense**.

ameaçadores da moral e dos “bons” costumes. O assunto dos namoros indecorosos era tema recorrente. Carolino de Aquino apresentava a mesma temática de destaque (relações amorosas indecorosas) e o mesmo formato de apresentação para os seus jornais. Em “O Charutinho”, Carolino assim redigiu seu artigo de apresentação:

Atiramos hoje ao vento da publicidade, a sorte de nosso modesto jornalsinho, denominado – O charutinho.

Pequeno, sim, inofensivo e despretençioso também, alenta-nos sempre a esperança de que terá boa aceitação no seio da família cearense.

Conhecedores como somos, das defficultdades que azolapa esta terra da luz, fazemos um esforço supremo para combatermos as inexpugnaveis barreiras que se antolharem ao nosso marche marche de obreiros do futuro.

Feita a apresentação necessaria, ponto final, que isto ainda não é o sermão de lagrimas.

Temos ditos, e sejamos bem succedidos. Amem.²⁶⁴

Assim, evidenciamos até aqui que uma das estratégias dos proprietários-redatores foi usar pequenos jornais de “fácil” montagem e com custo menor de impressão, que diziam ter somente o objetivo de servir ao divertimento e ao lazer de seus leitores. Estes pareciam se deliciar com os fatos de destaque nas pequenas folhas impressas, que traziam como assunto a vida cotidiana e privada dos moradores da cidade. Dessa maneira, a forma de ação, nada convencional, impunha sanções aos hábitos e costumes considerados ilícitos, viciosos e longe da civilidade moderna através do ridículo, da vergonha e da intimidação.

3.4.2 OS PASQUINS E SEUS TEMAS

Os jornais recreativos e pilhéricos fortalezenses versavam sobre temas os mais diversos como dos "namoros", das “festas” (fandangos, bumba-meu-boi,

reisado etc.) e dos "jogos" (do jaburu, das rifas e dos "bixos"). Estes eram objetos de maior atenção dos editores, ocupando a maioria do espaço das páginas ou algumas folhas em toda sua totalidade. Vamos, agora, dar a conhecer estes temas que estavam na ordem do dia das pequenas gazetas.

NAMOROS

O primeiro tema, dos namoros, era matéria aparentemente comum, mas que tomava bastante espaço nas colunas das diferentes folhas circulantes em Fortaleza. Os namoros, que, às vistas dos agentes-guardiães da moral, eram tidos como escandalosos, ousados e desinibidos — aqueles namoricos que muitas vezes não escolhiam lugares e/ou momentos para se revelarem e ficarem à mostra de todos — eram praticados em qualquer lugar, como praças, igrejas, ruas escuras e as afastadas do centro movimentado (areias/subúrbios), encruzilhadas etc., ou a qualquer hora do dia.

As folhas pasquineiras não só criticavam e pediam providências inibidoras às autoridades responsáveis pela condução da moral e das condutas "lícitas" da sociedade, como atuavam para intervir e inibir esses namoros indecorosos. Pois, o discurso que se construiu em seus artigos, um discurso conservador e moralista, apesar da marca muitas vezes presente da comicidade e que tinha como objeto de sua atenção a sexualidade, a sensualidade, o desejo, as práticas amorosas etc., foi todo confeccionado com o intuito de expor ao ridículo e envergonhar/embaraçar os personagens (indivíduos) das cenas amorosas das suas matérias jornalísticas. Daí não pouparem nas escolhas das palavras insultuosas, pornográficas e cômicas para alcançarem o intento da moralização social e para acabarem estas relações tidas como indecentes e que colocavam em risco o "bem-viver" civilizado.

Testemunhando tudo isso, existiam os leitores, que pareciam se divertir com as notícias, abordando os detalhes das relações privadas e amorosas dos homens e das mulheres da cidade de Alencar. O que nos faz supor, a partir dos artigos, que todos se “distraíam” com os romances nem tão “secretos”. Sentiam satisfação, fazendo intrigas, chacotas e podendo opinar sobre as condutas alheias.

²⁶⁴ O Charutinho. *Jornal Amolecado*, Fortaleza, 26.08.1890, n. 1, p. 1.

É o que vimos no jornal “O Belecho” – Órgão dos Filhos de Candinha,²⁶⁵ que trazia como epígrafe “A seriedade é uma doença e o mais serio dos animaes é o burro”. (sic) Na coluna intitulada “Carta Aberta” e com um artigo de título “Dizem por ahi e eu confirmo”, nosso redator fala dos amores não correspondidos de um homem pela “morenita do Benfica”, porque ela estava de casamento marcado com o “conductor do bond”. Lá estava escrito:

*...que o sujeito de gravata encarnada e polainas brancas, andava em termo de perder a cabeça por causa da morenita do Benfica, mas que esta nem o olha pois está de casamento justo com um conductor de bond, e portanto este vae fazer o papel de pedreiro: **tapar buraco velho.***²⁶⁶
(Grifo nosso)

Atente que além de dar conta dos interesses e sentimentos dos personagens envolvidos nessa trama amorosa, quem escreveu não deixou de usar uma linguagem pornográfica, cujo objetivo era expor publicamente os envolvidos, levando principalmente ao constrangimento o “sujeito de gravata encarnada e polainas brancas” por se encontrar apaixonado por uma mulher que talvez não fosse mais “virgem”. Isto é insinuado na expressão de duplo sentido e de desfecho: “tapar buraco velho”. O que não seria nada honroso para o rapaz, por se tratar de uma mulher com compromisso firmado de casamento e, também, por ser ela de pele “morena” (supostamente negra ou de descendência afro). O que aí já poderia definir seu lugar social.

No “O Bemtevi” – Órgão Crítico, Litterario e Noticioso,²⁶⁷ (os redatores eram “mundo, diabo e carne!...”) antes de tratarmos do tema em foco, os namoros, é possível especularmos e construirmos significados para o porquê da escolha desse nome para o jornal. Todos nós sabemos que “bem-te-vi” se refere a “ave

²⁶⁵ Circulou no ano de 1899. Era editado na Typographia Guttenberg, localizada na antiga rua municipal, n.º 12. Hoje é a rua Guilherme Rocha.

²⁶⁶ **O BELECHO**, Fortaleza, 01.11.1899, n. 3.

²⁶⁷ Ano de publicação, 1892. Todas as correspondências e artigos deviam ser dirigidas ao Boulevard do Visconde do Rio Branco, na typographia do “O Bemtevi”. Preparatório José Carolino de Aquino.

passeriforme tiranídea, largamente distribuída no Brasil, e com, pelo menos, quatro subespécies".²⁶⁸ Uma ave pequena, bela, que se alimenta do néctar das flores e voa em grande velocidade, o que nos causa profunda simpatia e admiração. De acordo com o título, não é duvidoso que este "singelo" nome tivesse um endereço e um motivo para sua opção. Com tal mimosidade de título, o jornal seria endereçado ao público feminino, que já ocupava um espaço de importância como leitoras e consumidoras das folhas.

No entanto, com a composição do nome (Bem - Ti - Vi) e a busca da relação com o conteúdo e objetivos veiculados em suas páginas, encontramos outra possibilidade de tradução do que representou o seu título. A folha ocupa um grande espaço da sua redação com uma linguagem agressiva, violenta e insultuosa, o que seria um paradoxo se associado à idéia do belo pássaro que dava nome ao jornal. Com o emprego dessa forma de linguagem, o pasquim se colocava principalmente contrário ao namoro, à profanação do sagrado e ao jogo, o que nos faz traduzir seu título como sendo o "Bem que te ver", ou seja, o "bem" que ver o mal e que vigilante tenta denunciar, condenar e propor o castigo àqueles que cometem tais delitos morais.

É, por exemplo, na coluna intitulada "Cipoadas", que observamos e confirmamos efetivamente o contraste com a singeleza do nome da folha. Nesta coluna, tendo como assunto principal "o namoro", nosso redator ataca duramente os namoros do "Benfica". O próprio título "cipoadas" já é por si só agressivo, com um significado de punição e de causar o medo na tentativa de reprimir o ato. A surra, mesmo que simbólica, é arma necessária no combate àqueles que praticam a "terrível" ação de galantear e/ou cortejar. A agressão, ainda que não realizada de forma física através de um cipó, buscava atingir de forma moral, o que em muitos casos era pior, pois a vítima tornada pública em seu ato tinha seu privado invadido ou poderia ter sua vida íntima devassada numa seqüência sucessiva de crônicas e artigos.

Na coluna "Damno-me", é possível examinarmos o trato com os namoros e sua condenação, nesse caso, por se darem em lugar sagrado, que era a igreja, um

²⁶⁸ Cf. **Novo Aurélio**.

espaço de meditação e orações, da família etc.; daí um espaço que deveria ser preservado em sua saúde moral, onde não seria mais permitido esse tipo de encontro indecoroso. Vejamos:

...com a normalista do Benfica a S., por andar mostrando ao seu namorado os redactores destes jornalsinhos...

(...)

...com certos namoros sem ventura, que vão a igreja do C. de Jesus, a fim de fazerem bandalheiras como estevessem na feira...²⁶⁹

Parece-nos claro, através das notícias acima, haver um riso mortífero, maldoso e, às vezes, cínico, que a tudo achincalha e mata. Aquele que ri se diverte com a “tragédia” alheia. Pois, como afirma Vladimir Propp: *no riso mau os defeitos, às vezes mesmo só aparentes, imaginados ou inventados, são aumentados, inflados, alimentando assim os sentimentos maldosos, ruins e a maledicência.*²⁷⁰ O mesmo Propp complementa: *psicologicamente o riso maldoso aproxima-se do cínico. Um e outro originam-se de sentimentos ruins e maldosos, mas sua substância é profundamente diferente. O riso maldoso está ligado a defeitos falsos e o riso cínico prende-se ao prazer pela desgraça alheia.*²⁷¹

O fato nos leva a pensar que todos querem rir do outro. Contudo, não admitem para si e os “seus” (parentes e amigos próximos) o lugar de ser alvo da chicana coletiva e pública.

Imaginemos, desse modo, o malabarismo que faziam os namorados para não serem flagrados pelo redatores dos jornais. Isto acabou por ocasionar, muitas vezes, das pessoas saírem correndo com medo e em fuga ao avistarem estes redatores. No próprio “O Bemtivi” (11/12/1892), o redator relata o medo de quem o avistou pensando ser ele do “O Diabo”, uma outra folha que circulava na cidade de então. Escreveu nosso redator:

²⁶⁹ O BEMTIVI, Fortaleza, 26.06.1892, ano I, n. 25.

²⁷⁰ Vladimir PROPP, **Comichidade e Riso**, p. 159.

²⁷¹ Ibid., p. 160.

Oh! Minhas queridas leitoras, ainda hoje sinto-me encomodado de uma ‘syncope’ do qual fui atacado sexta feira a noite, quando tive ocasião de passar na rua do Senador Pompeu, quarteirão do tuchau.

Sim senhora, quando aproxima-me a certa porta, junto a um amigo, que infalivelmente eramos preciso passar por aquelle quarteirão, eis quando fomos sorprendidos por um grupo de moças, que ao nos avistar, corriam em nossa frente como amedrontadas de algum bicho feroz; porem qual foi o meu panico, era porque uma das meninas, dissera:

- Lá vem o redactor do “diabo”:

qual diabo, minhas senhoras, é o do “Bemtivi”, aquelle passarosinho tão querido por minhas leitoras.

Depois do caso passado, chega á porta uma menina, e diz:

- Que susto acabo de tomar agora...

Minha senhora, peor susto tomou este vosso creado, porque desde a muito que promettem arrancar as penas do pobresinho.

Já na mesma edição de “O Bemtivi”, há o comentário de alívio e liberdade sentido pelas pessoas por não ter saído no último domingo o referido jornalzinho, o que levou os namorados a pularem de alegria. Assim encontramos em suas linhas impressas: *que por não ter sahido o “Bemtevi” no Domingo, muitas namoradas pularam de contente, e, até rezaram por alma do bichinho.*

O que temos, então, é o desejo de liberdade para namorar e a pulsão pelo sexo, seguido da fuga daqueles fiscais secretos distribuídos pelas ruas, que podem impingir insultuosos epítetos e comentários. Os casais, muitas vezes “escondidos”, tentaram inobservar as interdições impostas pelas regras dos comportamentos sociais, considerando agir de modo apropriado, pois o desejo e o impulso do corpo, não totalmente subjugado, procurava o outro. Até que aparecessem os redatores ou um outro alguém (“estranho”), fazendo emergir o constrangimento. Para os casais de namorados, as regras não estão ausentes, mas sim veladas e suspensas. O que se tentou, mesmo provisoriamente, foi fugir do rigor moral das normas de condutas que se impunham a todos.

Tivemos no jornal “O Charutinho” – Jornal Amolecado,²⁷² a publicação do manual dos namorados. Neste manual era ensinado como os casais poderiam se comunicar sem serem surpreendidos pelos curiosos de plantão, que dariam tudo para tornar o flagrante em notícia. Para isso, o homem enamorado se comunicaria através de códigos, utilizando uma bengala, cujos os movimentos ou forma de usá-la teria um sentido que seria entendido pela mulher para a qual fora enviada a mensagem. Era possível, assim, uma comunicação mais discreta com a amada, não tendo uma publicidade maior da relação, que merecia ser preservada. Os movimentos da bengala eram:

A bengala mantida horizontalmente pelas duas pontas, significa – Amo-te.

Levar a bocca o castão – Mando-te um beijo.

Aproximal-o dos olhos – Estou afflicto.

Fazel-o girar em frente ao rosto – Somos observados.

A bengala debaixo do braço – Espero um signal teu.

Encostal-o ao queixo – Preciso fallar-te.

Bater com ella na mão – Gosto muito de ti.

Segural-a com o castão para baixo – tenho medo.

Deixal-a cahir – Tenho uma carta para entregar-te.

Segural-a a meio com a mão esquerda – Espero-te.

A bengala nas costas significa – sova de pao.²⁷³

No “A Sogra” (20 de março de 1898), aparece o leque como “telegrapho”, portando a mesma idéia do casal se fazer passar despercebido por todos. Assinando como “Don Juan”, o autor do texto discorre sobre os gestos com o leque da dama e seus significados, que damos agora a conhecer:

Primeiro signal. – Um toquesinho dado com o leque no hombro do recente amante, dá entender esta phrase: - “Quero-te muito, apesar de que sois falso, como todos os homens”.

²⁷² O CHARUTINHO, Fortaleza, 26.08.1900, ano 1, n. 1.

²⁷³ O CHARUTINHO, Fortaleza, 02.09.1900, n. 2, “manual dos namorados”.

Segundo signal. – Este é dos mais eloquentes; a mão direita tem seguro o leque pelo cabo: a esquerda se adapta a uma das guias; nesta disposição com o impulso pronunciadíssimo, se fecha e abre sem cessar, com risco de quebral-o. Este movimento exprime terminantemente: - “O Sr. é um homem falso...Estou esperando ha mais de duas horas...Não tem desculpas... creio que nossas relações estarão cortadas si o sr. não se portar com delicadeza”.

Terceiro signal. – Os braços cruzados; o leque na mão direita em posição diagonal no collo, é um signal de reconciliação...Porem, si a isto se segue um movimento brusco no leque, quer dizer: - esteja o Sr. quieto! O Sr. é muito atrevido...Pode vir alguém...Não porque o tenha perdoado sua falta...

Quarto signal. – Este é o terror dos amantes e o mensageiro da dissolução, como o relampago é annuncio do trovão. Eis a posição: o leque seguro pelo cabo e apoiado sobre o joelho direito, quer dizer: Temos concluído...vi o Sr., fallando com uma..., o Sr. prevaleceu-se da minha innocencia...não quero vel-o mais.

*Quinto signal. – o leque fechado e collocado em cima do collo é signal de interrupção; ex.: - “mamãe está doente...esta noite não posso sahir”.*²⁷⁴

É prudente olharmos com atenção, também, que este tipo de prática comunicativa realizada pelos namorados (artigos acima) tem uma marca elitista. Porque, quem poderia possuir estes utensílios (bengala e leque) que compunham seus vestuários? Essa forma como se comunicavam, dar-lhes-ia um ar mais civilizado, moderado e contido de namoro, o que seria bastante diferente daqueles encontros amorosos escandalosos e desregrados, não próprios das pessoas modernas e do "bom-tom".

Cada morador, fosse do centro da cidade (“cidade empedrada”) ou da região das areias (“subúrbios”), poderia ser alvo dos comentários, muitas vezes maliciosos e maldosos, dos gazeteiros que não paravam de perambular pelas ruas, praças e Passeio Público, à procura de algum detalhe íntimo de moças e rapazes para a confecção de suas colunas e artigos.

²⁷⁴ A *Sogra*, Fortaleza, 20.03.1898, n. 1, p. 2.

Os “redatores guardiães”, além de ganharem as ruas para colher suas notícias, contavam com a ajuda de terceiros. Estes eram estimulados pelo próprio jornal, que lhes prometia gratificações por informações precisas sobre a vida privada e íntima das pessoas. Houve jornal que criou, mesmo com um tom de brincadeira, um batalhão para fazer a vigília das ruas. Usamos a expressão "tom de brincadeira" porque não temos notícia, seja na historiografia consultada e/ou em fontes primárias de nossa pesquisa, se de fato existiu ou funcionou tal batalhão. O único nome citado e por nós reconhecido, é o de Sabino Batista, que foi membro da “Padaria Espiritual” e que integrava o "Batalhão Deus Cupido" do jornal "O Bemtivi". O “O Bemtivi”, em 30 de julho de 1893, apareceu expondo em seu “Expediente” o que seria o batalhão “Deus Cupido”. O batalhão possuía um “Estado Maior”, com seu comandante e oficiais; ordem do dia; nomeações e promoções. Tudo isto para ficar atento aos acontecimentos considerados indecorosos. Seu “Expediente” assim informa:

Ordem do dia 30 de julho

Official de estado – major Avambroz – Papagaio.

Official de ronda – tenente Espelho Magico.

Official d’artilheria – K-tu’.

Promoções:

Para o batalhão “Deus Cupido” foram promovidos os seguintes:

A general commandante em chefe, o coronel João Callado.

A coronel ajudante de ordens, o tenente-coronel João Amora.

A tenente-coronel, servindo no commando da guarnição, o major de artilheria Antonio Domingues.

A major, os seguintes capitães: Avambroz, Joaquim Bruno, Sabino Baptista, Tiburcio e José Claudio.

Nomeações:

Por acto de hoje foram nomeados os seguintes fiscaes secretos:

Para o boulevard do Visconde do R. Branco, o alferes F. Cavalcante.

Para a rua da Boa Vista, o alferes João d’Oliveira Braga.

*Para a rua do Major Facundo, o alferes secretario Portella.*²⁷⁵

É curioso notar, igualmente, como o redator de “O Bemtivi”, usando de outra estratégia para a obtenção de informações, promete gratificação para aquele que trouxesse notícias, no caso, da namorada de um tal Esteves Moreira. Assim escreve o anúncio: *Gratifica-se – com um bom charuto ‘mayebè’ á pessoa que remetter a esta redacção um escripto com o nome da namorada do Esteves Moreira.* Ou ainda, no “Bemtivi”, de 13 de agosto de 1893, estava escrito: *Paga-se bem á pessoa que mandar a essa redacção annuncio de um certo bacharel que frequenta as areias da rua 24 de maio.*

Desta forma, estimulava-se a vigília e a delação, fazendo, que todos estivessem sempre a postos como espiões para denunciar qualquer ato que fugisse às normas morais da pauta de condutas de uma cidade que precisava ser civilizada. Era um número considerável daqueles que escreviam (bilhetes, cartas e telegramas) ou se comunicavam (telefone) com as redações para denunciar algum indivíduo em suas "ilícitas" ações cotidianas. Mantendo-se em sigilo no jornal o nome dos “colaboradores”, estes se viam estimulados a pagarem para ver suas informações divulgadas em público. Todos pareciam se olhar com desconfiança e se sentiam incomodados com a "transgressão do outro". Assim, acreditavam que com seus artigos poderiam alertar, quem sabe barrar, as infrações de condutas na sociedade. Encontramos essa prática em jornais como o “Charuto”,²⁷⁶ onde possuindo uma coluna paga, foi impresso o seguinte:

*Leiam
Chamo attenção de certa mocinha na Rua 24 de maio, que não seja tão desfructavel.
Peço tambem a ella que quando eu passar por sua porta guarde a sua vaia que eu não mereço ser vaiado por gente de certa ordem, imagine por ella.*

²⁷⁵ **O Bemtivi**. Fortaleza, 30.07.1893, anno II, n. 6.

²⁷⁶ **Charuto – Orgão do Zé Povinho**. Ceará, 13.12.1902, anno XI, n. 161.

O offendido.

Continuando suas matérias pagas, tem-se:

*Uma animação bêsta
Não rua Bôa Vista (areias) acima da Praça do
Coelho, há uma colleção de moças que só não namoram o
carrapato, por não saberem qual seja o macho. Sahem á
janella, correm o ôlho para uma banda e outra e se não
veem nada ficam tão desconsoladas...e quando avistam
algum forrabotas, parecem baratas em bico de galinha.*

*Oh! Pau ferro não me batas as canellas nas
batatas!.*

Em outro jornal, “O João Cotoco”,²⁷⁷ temos na publicação da parte intitulada “Telegrammas”, as seguintes mensagens:

*Outeiro
(Via telephonica)
Menina pegada essa noute fazendo bochechas
cajueiros praça S. Luiz
Magaréfe²⁷⁸ fugiu
K nastra.*

Ou ainda:

*Calçamento Messejana
(Demorado)
Mande urgente fazer limpeza bocca linguaruda traz
moradores rua amargura.
Mande bollas.
K-fute.*

²⁷⁷ **O João Cotoco – Jornal da Rua – Orgam Apimentado.** Ceará, 24.05.1900, anno I, n. 1.

²⁷⁸ Pessoa que abate animais; carnicheiro.

Dando prosseguimento ao tema do namoro, muitas das matérias eram escritas com um caráter moral. Os namoros deveriam ser divulgados, para, com isso, serem repreendidos, como se fossem um comportamento não digno. Uma vez tornado público, tentava-se ajustá-lo às normas sociais da boa conduta. Para muitos editores, eles deveriam ser enquadrados nos preceitos morais da civilização.

Foi o que fizeram aqueles que editaram o “O Chocalho”,²⁷⁹ ao imprimirem um discurso moralista quando apresentaram a edição de seu primeiro número. Segue abaixo sua apresentação, que diz que:

*Não tem política, mas, tem como devise o seguinte: -
Notar os erros em que a pobre humanidade vive a cair
quotidianamente, embirrar horrivelmente com todas as
moças namoradeiras ou desfrutáveis como queiram; ser
accerrimo inimigo dos jogadores de bicho (não de gente)
qualquer que elle seja; tozar estes pedantes rapazes, que,
não tendo em que se occuparem, vivem a nos molestar
com suas poesias podronas e suas prosas grangrenosas e
esconchavadas; cooperar para que todos os celibatarios
se casem, (isto é para agradar as mocinhas) inda que seja
a força de chocalho e finalmente há de chocalhar nas
tripas das velhas, moças, velhos, moços, catraias e viuvas.*

(...)

*“Dado este pequeno cavaco, ficamos conscio de que
o nosso jornalsinho chocalhará em todos os horisontes
manchados de negras nuvens.”²⁸⁰*

Examinadas detidamente as folhas, vimos que os namoros (relações privadas) que seguiam retratados nas edições jornalísticas eram levadas em direção da pilhéria e da chacota coletiva, com o fito da repreensão moral dessas condutas e buscando o seu controle. Eram reprovados moralmente, através da estratégia do humor e/ou do insulto, por se constituírem ultraje e perigo às famílias (códigos familiares), na proporção em que eram "expressão da perdição".

²⁷⁹ **O CHOCALHO** – Orgão Chocalheiro. Apresentava a seguinte frase em sua capa, “O Chocalho é a folha de maior circulação no Brasil”. Dizia ter uma tiragem de 40.000 exemplares. O que seria um absurdo para a Fortaleza da época.

²⁸⁰ **O CHOCALHO**. Fortaleza, 12.11.1898, ano I, n. 1, p. 1

JOGOS

O segundo assunto a ser abordado é o dos jogos (jogo dos bichos, rifas, jaburus etc.). Eles são, da mesma forma que os namoros, expressivos, pelo número de matérias, que traziam os pasquins em suas páginas. Os artigos se dividiam entre aqueles que aprovavam a prática de jogar e os que a combatiam ferozmente. Estes últimos tratavam os jogos como um vício a contagiar todos os residentes de Fortaleza.

Semelhante ao namoro, duramente repreendido como hábito contrário à moral e aos bons costumes, os jogos, como prática, foram considerados, da mesma forma, como condutas desviantes, o que justificaria a luta sem trégua por parte daqueles que se diziam os protetores dos princípios éticos da sociedade.

Aos opositores do jogo, este aparecia como prova de ignorância, expressando uma inclinação para a corrupção e o crime. Era um sinal de “atraso cultural” e uma sintomática ausência civilizatória e de debilidade política e social. Como resposta não tardou, então, uma *reação moral e legal ao jogo*, [expressa] *na forma de legislação, tratados, folhetos, livros e peças de teatro*.²⁸¹ Como uma dessas reações morais, têm-se os manuais de comportamentos, que dedicavam importante parte de sua composição para falar sobre os jogos ilícitos e os legais. Vejamos o que diziam os manuais de comportamentos sobre os jogos e seu caráter de ilicitude e/ou legalidade.

Os manuais de boa conduta funcionavam com o propósito de estabelecer regras e modelos de sociabilidade. Como "escolas para o mundo", os guias eram uma espécie de livro didático, escrito com linguagem acessível e de forma clara, dedicados à "ciência da civilização". Dentro desse gênero literário, empenhado às boas maneiras, enquadrava-se o guia de Roquette (José Inácio Roquette ou depois como Frei José de Nossa Senhora do Cabo Roquette), escrito em português e publicado pela primeira vez em Portugal no ano de 1845. Sua obra ganhou leitores fiéis em meio à nobreza brasileira — recém-criada no período imperial e com quem o clérigo manteve contatos freqüentes. É bom destacar que "o código é

²⁸¹ Roberto DAMATTA e Elena SOÁREZ, *Águias, burros e borboletas: um estudo antropológico do jogo do bicho*, p26.

dessa maneira, assim como os demais livros do gênero, obra que propõe o mais absoluto controle das emoções e sentimentos e ainda regula as propriedades de cada sexo".²⁸²

Os manuais de boa conduta, como é o caso de J.I. Roquette, lançavam algumas advertências e conselhos referentes aos jogos considerados ilícitos, como é o caso do jogo dos bichos, do jaburu, dos dados, alguns jogos de carta etc.

Uma das advertências era que o homem honesto e de boa conduta deveria manter a firme resolução de jamais jogar o que chamavam de "jogos de parar" ou "de dado". Era preciso responder com convicção e de forma decidida, com um "não", para um divertimento em que não havia lugar para a "razão" e o "juízo", mas para a temeridade e o acaso.

Não se deveria permitir tais jogos em casa, pois os riscos eram a perda da autoridade, do tempo, da amizade, da piedade e da alma. No manual de Roquette, ele lançava a seguinte advertência: ... *o homem dominado pela paixão do jogo não pode nem sabe cuidar no importante negócio de sua salvação. Foge, meu filho, deste abismo em que naufraga a fazenda, a virtude e a honra; fecha a tua porta a qualquer taful, ou jogador de profissão, que pretenda fazer de tua casa o teatro de tantos crimes.*²⁸³

No mesmo gênero literário dedicado às boas maneiras e comportamentos, eram apontados os jogos levados em conta como lícitos para os divertimentos civilizados. Eram estes os jogos do homem cavalheiro: os chamados de "vaza" ou "carteados" (voltarete, boston, whist, reversis, piquet etc.), o bilhar, as damas, o xadrez, a péla, o aro, a barra, a laranjinha ou a bola, as armas de toda a sorte (a espada e o florete), o atirar ao alvo, o correr a pé, a ginástica, a picaria e a natação. Eram jogos que permitiriam o exercício, com cuja prática ganhar-se-ia agilidade do corpo e robustez nos membros, fortificando, assim, a mocidade e mantendo uma saúde vigorosa. Deste modo, os manuais colocavam os seus conselhos para advertir o indivíduo da postura que deveria tomar frente ao jogo em geral.

²⁸² J. I. ROQUETTE, **Código do Bom-Tom. Regras da Civilidade e de Bem Viver no Século XIX**, p. 27.

²⁸³ *Ibid.*, p. 263.

Para os *fundadores da modernidade e do racionalismo (...)* o jogo de azar põe em xeque a liberdade individual e a idéia de probabilidade e abre um caminho paralelo e alternativo para um modo de enriquecimento que dispensa o trabalho. No entanto, se, por um lado, a ideologia moderna, fundada na “ética do trabalho”, no mercado, na quantidade, no individualismo e no utilitarismo, condena o jogo como lugar para o vício e o desvio social; por outro lado, cria paradoxalmente um incentivo indireto à jogatina, pois, o mesmo sistema que incita ganhar dinheiro e enriquecer com o trabalho, também estimula a especulação nas bolsas de valores ou nas mesas de jogo. Todos os envolvidos nesse sistema querem ganhar dinheiro e, se possível, de maneira fácil e sem o “castigo” do trabalho (local de sacrifício e da rotina; contrário à festa, a liberdade, ao ócio etc.). O jogo passa ser uma alternativa de ficar “bem de vida”, invocando a sorte sem ter de engajar-se no trabalho.

Contudo, o jogo pode nos apresentar, também, uma outra faceta de sua feição, que vai além do vício/desvio e da ganância de ter dinheiro e enriquecer sem a necessidade do labor diário. Ele pode instigar a imaginação e suspender, provisoriamente, o grande império da razão moderna, que se vai gestando imbuída de uma moral do trabalho, do sucesso nos negócios e que traz em si a idéia de poupança, disciplina e eficácia. Ao apostar, o jogador se desprende, por alguns instantes, da vida “real” (evasão), imaginando os possíveis benefícios que o prêmio lhe traria caso fosse o ganhador. Aflorando a imaginação, “brincando de faz de conta”, ele constrói uma expectativa de “mudança”, podendo projetar uma realidade “sonhada” como uma “nova vida” em que ocupa uma posição social de destaque ou que simboliza uma melhoria no viver. Jogando, o apostador exprime a esperança de mudar de posição social. Assim, “todos” fazem "sua fezinha".

Gostaríamos, ainda, de asseverar que a quebra das amarras do duro cotidiano pode acontecer nos lugares do jogo. Com o jogo, surgem os pontos de apostas. É para lá, como extensão de suas casas, que vão todos aqueles que cotidianamente arriscam seus palpites e depositam suas esperanças de dias melhores. É nesses espaços, mais que locais de apostas, que os jogadores assíduos se encontram para trocar experiências de jogo ou, ainda, conversar, desabafar,

beber, saber da vida de todo mundo, trocar dinheiro, encontrar amigos etc. É lugar de encontro e de vida da cidade.

Passemos, agora, para as notícias dos jornais referentes aos jogos. "O Badalo", jornal que se dizia "imparcial" e trazia como divisa — "Ser pro, ser contra" —, foi editado no ano de 1897. Para seus redatores, ele fora criado simplesmente para *fallar a verdade contanto que não seja semelhante uma ... mentira*.²⁸⁴

Poderíamos, aqui, fazer algumas observações sobre o próprio nome do jornal. Como sabemos, o badalo é uma peça de metal existente no interior do sino para fazê-lo soar, emitir som. Tudo nos leva a crer que a escolha do título por parte de seus redatores, um sentido figurado, recaía no desejo daqueles de emitirem suas opiniões a respeito de novos hábitos, "vícios", modas e formas de viver que naquele momento se gestavam e vinham à tona como algo comum no cotidiano da cidade. Assim, o que faz "O Badalo", obviamente, é badalar, onde nossos "intrépidos" guardiães da moralidade e de um bem estar do "espírito saudável", procuram dar suas badaladas como se estivessem alertando e ao mesmo tempo condenando uma sociedade que, para eles, era "podre e viciada".

Foi um jornal que tratou de assuntos políticos, como a crítica voraz que fez aos chamados "republicanos históricos", onde estava incluído o próprio Presidente do Estado, Nogueira Accioly.²⁸⁵ Seus proprietários faziam questão de afirmar não serem "jagunços" nem tampouco "republicanos históricos". Asseverava Rodão (nome de quem assinou o artigo de título — "Macaquinhos no Sotão"), com precisão, sobre os chamados "republicanos históricos":

*Tem as manhas encobertas e, macaco velho, diz o
adagio não mete mão em cumbuca, portanto o venerado,
espera a moda em que paira!*

*E são estes os maiores republicanos do Ceará e até
os mais ouzados!*

²⁸⁴ **O BADALO**. Fortaleza, 11.07.1897, ano 1, n. 2, p. 1.

²⁸⁵ Líder político da conhecida "Oligarquia Aciolina", que foi um grupo político homogêneo, disciplinado e hábil que dominou a política do Ceará de 1896-1912. Simone Souza (org.), **História do Ceará**, p. 206.

Nós outros, somos tidos como ‘jagunços’ e elles os ‘jagunços’ encapados gritão e espirão que são republicanos.

*Republicanos rotulados, patriotas pançudos, eu vos detesto.*²⁸⁶

Apesar de tratar da política local, não deixou de propagar sua opinião e crítica ao que denominou de maior praga existente no Ceará, o “jogo dos bixos”. Não se eximiu de continuar “badalando”, a torto e a direito, a *sociedade* [para ele], *podre e viciada que vive a nos impingir modas e costumes diariamente*.²⁸⁷ Quanto ao jogo dos bichos, o ataque é sem trégua, para o que achavam ser o pecado mortal. Aí, não escapavam da denúncia e da crítica às instituições e às autoridades que não atuavam no sentido de inibir o funcionamento dessas apostas ilegais. É o caso da polícia, que deveria ser responsável pela guarda e manutenção da ordem pública e moral, agindo com rigor na repressão ao jogo. Muitos dos seus policiais acabaram se envolvendo nessa contravenção, perdendo não a oportunidade de fazerem suas apostas na esperança de ganhar o tão sonhado dinheirinho redentor. Vejamos:

Havemos tambem de badalar contra o jogo dos bixos a maior praga que jã teve o Ceará, e que a policia ainda não pode debelar porque não quis; tem os olhos vendados para este escandalozo vicio que teve a sua entrada solemne nessa terra, qual Christo teve em Jerusalem!

*Sofra quem soffrer, zangue-se quem se zangar badalamos sempre e sempre contra este amaldiçoado peccado mortal – o jogo dos bixos.*²⁸⁸

No “Charuto”²⁸⁹ do dia 21 de julho de 1889, o ataque se dirigia às rifas. Uma “peste” de jogo, que, como outro jogo de azar, precisava de um ataque sem descanso. Com uma linguagem menos insultuosa e excluindo grosserias, mas de

²⁸⁶ O Badalo, Fortaleza, 11.07.1897, p. 2.

²⁸⁷ Ibid., p. 3.

²⁸⁸ Ibid., Ibidem.

um humor capaz de atrair e divertir o leitor com trocadilhos e exageradas comparações, o redator do “Charuto” conseguia fazer sua oposição ao jogo. Ele escrevia na coluna “Coisinhas” o seguinte:

Embirro com mil seiscentos diabos com as taes rifas. Embirrei com esta peste cabou-se...

Não pode um freguez andar na rua, que não seja logo chamado, por qualquer do don ou ayayá, para enfrentar no desesperado jogo de rifas.

Outro dia, aconteceu uma muito boa q’me fez rir a bandeiras despregadas (com licença da leitora) apesar de ser sério como qualquer delfuncto morto.

Passando em frente á casa de certa deidade, fui logo visgado pelo croyzê para entrar na rifa de um periquito, sendo que, si eu tirasse o periquito da moça, ficaria sujeito a presentear-lhe de novo.

Muito boa a idéia. Mas, não acha, leitora, que as rifas são peiores que as ... sogras?

Sem duvida que... sim.

É bom acabar com semelhante negocio, deixar as rifas de mão, e cuidar em outra vida que seja mais séria.

Eu cá, penso assim.

Abraçando fortemente a bandeira de combate, sem trégua, contra todos aqueles que direta e/ou indiretamente se associavam e contribuía para a existência do jogo do bicho, é que vem a cena a folha “A Opinião” – “Orgão de Interesse Geral e Propaganda contra o Jogo”. Foi mantida pelo corpo comercial e empregados do comércio, que se reuniam na associação chamada “Phenix Caixerai”.

Logo em seu editorial de estréia, constrói um duro e apelativo discurso para que todos se afastassem do “mal” desse jogo que assolava a capital e a pátria. Só assim, numa “cruzada do bem” e arrogando para si a missão redentora do povo cearense, seus redatores poderiam impedir a desmoralização dos homens de boa conduta e salvar suas famílias e suas “dignidades”. Era preciso, ainda, combater a mentalidade arrivista, que buscava o ganho fácil, apesar de ilícito.

²⁸⁹ Divisa: “Orgam do Povo”. Publicava-se aos domingos.

Os exploradores ostentam riqueza enquanto o povo ingenuo e ignorante deixa-se roubar e corromper-se.

Velhos, mães de família, moças e crianças são atrozmente explorados pelos banqueiros, que, cegos pelo interesse embriagados pelo vício, não compreendem a extensão do mal que estão fazendo a família e a pátria.

Não é regular, é immoral, consentir-se em tal abuso, porque alguns aventureiros entederam enriquecer assaltando a fortuna particular com o escandaloso e indecente jogo de bichos; uma das criações mais características desta moralizada e angustiada situação por que está passando o nosso paiz.

Não é perduável, é criminosa, a indiferença dos que presenciam esta escola de corrupção, sem se lembrarem de que da educação de seus filhos, dependerá o futuro da pátria amanhã.

Nesse mesmo artigo de apresentação da folha (28/08/1897), cujo título era “o que somos e o que pretendemos”, podemos ver expressa a sua clara opinião e o objetivo de se fazer uma campanha contrária aos “bichos”. Então, vejamos:

Apparecendo inesperadamente na imprensa cearense A Opinião, é nosso primeiro dever para com o público, inteiral-o antes de tudo, da missão deste jornal.

Credo pela grande necessidade do momento, não será órgão de uma sociedade, de uma classe nem também de um partido: será órgão dos amigos do povo. A sua missão não é pregar doutrinas, nem defender idéas: é combater um mal. Todos conhecem a desgraça que assola actualmente esta capital, ameaçando-a de uma completa desmoralização, si os homens de bem desta terra, não se levantarem para salvar os brios e dignidade do povo cearense.

O jogo entre nós vae passando de uma diversão criminosa, a um detestável meio de vida: com a sedução da aventura, invade até o lar das nossas honradas e santas mães de famílias; com o desengano do azar começa a levar muitas ao desespero.

Urge tomar-se uma medida severa contra tão desgraçado vicio e não há tempo a perder-se.

Não será pois estranhavel que a sociedade Phenix Caixerai representando as aspirações da mocidade, e a quasi totalidade do commércio, representando o trabalho e o progresso da patria cearense, unam-se cheios de abnegação e amor, para dar o primeiro grito de alarma contra o jogo, contando com os applausos e apoio decidido da população sensata.

(...)

Não è prudencia, é covardia, fechar os ouvidos aos clamores da opinião publica que já começa a manifestar-se.

É portanto opportuno inadiavel que presentindo os rumores da indignação geral, levantemo-nos apoiados pela autoridade, cercados do prestigio dos homens honrados, contra a exploração infame de que estamos sendo victimas, dizendo: - Somos os homens do trabalho, o que pretendemos, é perseguir o jogo.

Na terra de Alencar, circulou um jornal cujo título era “Jogo dos Bichos – Orgão Popular”. Achava-se à venda nos quiosques – Café Java, Café Iracema e na Casa Brasil. Com uma edição do 1º número (Domingo, 5 de setembro de 1897) de 1.000 exemplares, apresentou-se como uma gazetinha que:

...vem para o meio da rua, cabriolando como um palhaço, a rir, troçando na pilhéria inoffensiva e despretenciosa, os factos e cousas que apanhar de relance”.

Não tem outro intuito que não o de fazer distrair o Zé povinho, alguns instantes...²⁹⁰

Mais adiante, em sua apresentação de estréia para o público, o editorial sai em defesa do jogo dos bichos e contrário a toda velha crítica aldeã que lhe pudessem dirigir. Propõe somente fazer uma pilhéria inocente. Em seu editorial, escreve:

Isto posto, deixae que o jogo dos bichos vá por ahi afóra, saltitante e arisco tentando, embora com algumas

²⁹⁰ JOGO DOS BICHOS. Fortaleza, 05.09.1897, ano 1, n. 1, p. 1.

cocegas, que a bôa e san gargalhada cante á sua passagem.

Não tem a intenção de resistir á ferula carunchosa da velha critica aldeã, só pretende fazer pilheria innocente que não leva no bojo resaibo amargoso e mau.

É um jornal da rua, para ser lido pelo povo e nada mais.

E sem mais aquella dá-se como apresentado e ...vão lendo p'ra diante.²⁹¹

Ainda neste número, coluna “jogos dos bichos”, vemos com um tom de pilhéria o envolvimento da cidade, parecendo render-se ao hábito cotidiano de jogar nos bichos. O que há é:

Bichos e mais bichos.

Nesta cidade não se pensa hoje, não se falla, senão em bichos.

Não há outros negocios; não se ganha, não se perde, senão no jogo dos bichos.

Não se sonha a não ser com os bichos e senão vejamos:

(...)[um casal]

Chegam ao hotel drangeand, onde já havia grande concorrência e sentam-se á mesa. Pergunta o garçon: Que desejam almoçar?

O marido completamente abstrahido: Quero duas costellas de elephante e quatro ovos de jacaré.

Tableaux!²⁹²

De forma alegre, é também anunciada a existência de um restaurante que, em vista da grande familiaridade de sua freguesia com a lista dos bichos, resolveu adotar um "menu" com a linguagem do jogo. Os pratos eram assim expostos:

Menu:

<i>Carne</i>	<i>grupo</i>	<i>25</i>	<i>cosida</i>
<i>Ragú</i>	<i>“</i>	<i>7</i>	

²⁹¹ **O Jogo dos Bichos**, Fortaleza, 05.09.1897, p. 1.

²⁹² *Ibid.*, *Ibidem*.

Costelletas “ 18
Cabeça “ 10 *ensopada*
Asa “ 13 *assada*
Grupo 20 recheiado á “cambista”
Grupo 9 – a la sogra
Dito 20 – a la bichos
*Dito 6 – a la sertaneja.*²⁹³

Em uma outra passagem, escrita num tom de humor, nosso periódico tenta justificar os benefícios daqueles que trabalham como cambistas. Os proventos recebidos diariamente atingem a cifra de 15\$000 réis. Isto era mais do que um caixeiro ganharia trabalhando numa loja, onde o salário atingia a importância de 40\$000 réis por mês. Como justificativa, a forma encontrada para demonstração foi um diálogo entre o padre e o seu paroquiano no confessionário. Este pergunta àquele se é pecado ser cambista. Vemos, então, o padre condenar o jogo. Mas, ironicamente, o mesmo se curva diante das apostas nos bichos, fazendo um “poule” no macaco todos os dias. Eis a conversa:

- *Sr. Padre é peccado ser cambista?*

- *É e muito grande; esse maldito jogo, meu filho deve ser condemnado pela igreja; além disso só dá é prejuizo ao comprador, eu, por exemplo, há mais de um mez que compro no macaco; elle ainda não deu e lá se foi o meu santo dinheiro.*

- *É que v.s. não faz como eu que pouco compro, mas vendo muito, tirando minha porcentagem, que me dá uma diária de 15\$000 réis.*

- *Filho isto é exato?*

- *Sim senhor; na confissão não se mente; além disso: - com que é que eu sustento minha mãe velha e minhas duas irmãs moças? V. revma. Conhece hoje outro meio de vida que deixe de lucrar 15\$000 réis por dia a quem não tem um x?*

- *O padre suspirando: ah! ... Se o sr. Bispo não levasse a mal, eu ia ser cambista e então outro gallo me cantaria e a Fortuna, coitadinha, ganhava o vestido que me pede com tanto carinho.*

- *Tens mais algum peccado, filho?*

- *Que eu me lembre agora não senhor.*

²⁹³ **O Jogo dos Bichos**, Fortaleza, 05.09.1897, p. 3.

*- Pois estaes absorvido, levanta-te...vae lá vender os teus bichos.*²⁹⁴

Existiam jornais que, se não eram defensores ou apologistas de qualquer tipo de jogatina ou aposta, não impediam que suas páginas pudessem editar matérias sobre os diversos jogos. É o que fazia o “O Prego”,²⁹⁵ através da seção paga e disponível para seus leitores/clientes. Na coluna “correspondencia”, escreveu um vendedor de bichos o seguinte:

*Carta de um vendedor de bichos a sua namorada
Querida borboleta de 500 rs.
Quero-te tanto bem como quero aos palpites que
tenho e não deixam eu perder.
Quando ti vi pela primeira vez estavas tão linda
como as pennas de pavão, comprei 40 e foi tiro e queda.
Já tenho um bom cobre depositado no banco,
porque tem dias que ganho um dinheirão, e em vista disso
peço-te que digas se queres casar comigo. Não precisa
respostas, comprei 40 vaccas, se der já sei que queres.
Á noite junto a ti estarei para saber do resultado,
visto que teu pae é quem recebe os telegrammas.
Teu admirador
Zé-totó
Vendedor de bichos em grosso.*

Nós vimos até então a existência de jornais defensores e de opositores aos jogos. Enquanto tivemos o “Jogo dos Bichos” e “O Prego” fazendo brincadeiras e levando na pilhéria as apostas nos poules dos bichos como prática a se enraizar na população, que não deixava de fazer a sua fé, por outro lado, surgiam na capital cearense exemplos como “O Badalo”, “A Opinião” e o “Charuto”, fortes representantes de oposição à jogatina de toda espécie.

²⁹⁴ **O Jogo dos Bichos**, Fortaleza, 05.09.1897, p. 3.

²⁹⁵ Divisa: “Orgam da Pregação”. Publicado em maio de 1898.

O que visualizamos e compreendemos com os jornais e a temática dos jogos de azar foi a gestação de uma sociedade marcada pelo arrivismo e a bilontragem. Novos prazeres, desejos e valores estão a se manifestar na sociabilidade da cidade, o que, além de pôr em alerta os defensores dos antigos costumes, traz um sentimento de perdas diversas e de medo diante do que agora parece ser comum nas relações sociais urbanas.

FESTAS

Por fim, gostaríamos de abordar o terceiro tema que se sobressai nas páginas dos jornais. É a temática das festas e seus lugares e personagens. O que vimos foram festas particulares/espontâneas e, principalmente, festas públicas religiosas e políticas.

Existiam folhas que faziam convites e incentivavam seus leitores e o povo a participar dos festejos públicos (religiosos e políticos). Algumas delas acabavam vinculando os seus objetivos e as suas justificativas de existência ao período festivo que acontecia na cidade (período carnavalesco, junino, autos de natal etc.). Todavia, não deixaram de circular folhas da “imprensa pequena”, que procuravam vigiar e, conseqüentemente, denunciar e combater as festas em seu fazer e em seu comportar-se (postura e conduta social), principalmente as festas que tinham um grande apelo e participação popular.

Jornais como o “Charutinho” e o “O Patusco” saem a público para estimular e falar de forma alegre das festas e “fogos” do momento que correspondia às suas publicações. O “Charutinho”, em sua coluna “Novenas do Mucuripe”, assim lança o pedido:

No dia 30, quinta-feira, começaram no mucuripe, as tradicionaes novenas de nossa Senhora da Saúde.

As meninas bonitas que engomem as saias, mandem lavar as camisas, preguem botões nos vestidos e comprem o bom azeite de mocoto, para insilitarem o cabelo, que la vamos espeal-as de lapas em punho para o que der e vier.

Os bilontras podem fazer bochechas, mais, certos de que o charutinho lhes queimara a pelle.

*Todos ao Mucuripe.
Viva as novenas.
Vivôôôô!!...*

Já o editor do “O Patusco”, ao escrever sobre as festas, acabou por declarar o motivo de ser editado o pasquim. Em sua coluna de apresentação – título “O Patusco” – o redator escreveu deste modo:

*Pronto, rapazeada!
Eis em scena mais um azukrim da humanidade, mais um moscardo da imprensa pequenina e galhofeira – O Patusco.
Sim! O Patusco!... Não se admirem.
Estamos em tempo de festas, e um patusco, como o nosso, não póde vir mais a proposito.
Quem melhor do que elle poderá darvos noticias dos – congos, do boi, dos fandangos, das pastorinhas, das novenas de Porangaba e mais coisinhas boas que vão por este mundo velho de Christo?
Ninguem!
Foi para dar conta d’este recadão que elle veio á luz; e temos fundas esperanças de que elle há de sahir-se bem da sua empreza.
Si duvidam, ajudem-nos a agoentar-lhe o balanço e deixem o páo correr frouxo.
No mais... viva a republica!
Com ovos! Como diz o colas.*

Outros pasquins como “Charuto” e o “O Figarino” investiam no controle sistemático das manifestações festivas populares, cujos personagens (participantes) e palcos eram tidos como ocasião de pecados múltiplos: gula, embriaguez, luxúria, vaidade, desvairiu das danças etc. Preocupavam-se com gestos dúbios, o vestir chamativo e os olhares repletos de mensagens profanas.

Desse modo, não deixavam de admoestar e tentar domesticar a festa. Construía argumentos demonstrando “preocupações” com a vida e a vagabundagem, que se fazia presente nos espaços públicos da festa, o que poderia colocar em jogo os motivos civilizatórios e a moral da sociabilidade fortalezense.

O “Charuto” de 1º de janeiro de 1898 relata a movimentação da festa dos fandangos, mas não perde a oportunidade de lançar sua crítica cheia de humor, em especial, aos namoros nesse folguedo. Isso sem esquecer as críticas aos jogos. O que se vê é uma diversão polifônica, marcada por dinheiro, apostas, sensualidade, prazer etc., ou seja, por uma forte significação profana e mundana com sexo e dinheiro presentes.

*Vae animado, e o cebeiro de namoros é medonho!!
Cada moça anda com a sua trouxinha de um lado,
isto é o namorado.*

*A companhia dos Gorros e a do Cordão, teem dado
desfructo até uma horas.*

*Só se ver as moças de bocca cheia, de pé de
moleque, que não podem fallar, engasgadas.*

*Nos cavalinhos tem individuos tão barbados que faz
penna montado, correndo como menino.*

Na porta do Café Novidades, o namoro faz lama.

*Pelos jaburús, prados e taboleiros a safadeza tem
sido por demais.*

*Vimos um freguez beijar uma moça e ella não fez
careta.*

*As moças que vão para o curral são as mais serias,
as que ficão no sereno, dão cartas e jogão de mão.*

*Uma tal mariquinhas, veio muito alegre dizer a mãe
della, que um moço tinha lhe dado uma peitada tão
damnada, que ella quazi cahia.*

Que fogoza!

*Outra tal de joaninha, andava pedindo boró a um
moço do Gorro preto, que é nosso amigo para jogar no
prado do Pimenta.*

*Dois rapazes do cordão o J. e o C. andavam de
dedinho com duas das areias da rua Major Facundo.*

*Tem sido mesmo um horror os namoros nos
fandangos.*

*Aproveitem rapaziada que o tempo é pouco e a
amizade está se acabando.*

Hoje sae cinza, o mouro morrerá 3 vezes!!!

Zé Trovão.

Seria apropriado abirmos aqui um breve parêntese para falar um pouco sobre o “fandango”. Saber sobre o seu sentido, o período quando acontecia, sua origem, seus personagens etc., o que possibilitaria sua melhor compreensão.

O Fandango apresenta vários sentidos no Brasil, podendo ser *o bailado dos marujos ou marujada e ainda chegada dos marujos ou barca nalguns Estados do Nordeste e Norte*. É um auto popular, representado no Nordeste durante o ciclo natalino e que existe desde a primeira década dos XIX, sendo uma mistura de cantigas brasileiras, xácaras portuguesas, chulas e cantos religiosos,²⁹⁶ É constituído de personagens vestidos de oficiais de marinha e marinheiros que dançam e cantam ao som de instrumentos de corda.

No Ceará e em alguns Estados como Bahia e Paraíba, se armavam em plena praça pública grandes barcos ou naus de guerra que travavam combates contra os mouros, até que fossem vencidos e batizados. Esse episódio constituía a “chegança” ou “chegança de mouros”. Já em Pernambuco e Rio Grande do Norte, não havia nem mouros e nem lutas guerreiras.

Câmara Cascudo, em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, dá mostra de como é o Fandango no Rio Grande do Norte, donde se pode visualizar e ter uma idéia desse folguedo popular, apesar de ser distinto do cearense. Assim descreve:

O elenco se compõe do mar-e-guerra, imediato, médico (papel novo), capitão, piloto, mestre, contramestre, dirigindo êstes últimos as duas alas de marujos (onze por banda), e calafate numa dessas filas o gageiro na outra, dois cômicos, o ração e o vassoura. Orquestra de rabeca (violino), violão, viola, e recentemente, cavaquinho e banjo. Os dois grupos, com sua oficialidade, vêm puxando um naviozinho branco, com tôdas as velas abertas, e cantando a primeira jornada [parte] até o tablado, armado em frente à matriz ou no local escolhido prèviamente (jamais dentro de sala, sempre ao ar livre) e aí decorre a representação, que dura umas três ou quatro horas pela repetição das cantigas.²⁹⁷

²⁹⁶ Luís da Câmara CASCU DO, **Dicionário do Folclore Brasileiro**, p. 256.

²⁹⁷ *Ibid.*, p. 257.

Feito este breve apanhado sobre os fandangos, vamos retornar a mais um jornal/revista — “O Figarino”- Revista Ilustrada²⁹⁸ — que dedicou parte de sua atenção em lançar críticas e em desqualificar os fandangos existentes na cidade. Em sua edição de 31 de dezembro de 1897, trazia na coluna “Os 7 dias” o relato dos Fandangos que acontecia na região da areias (“subúrbios) de Fortaleza. Nesse relato, temos uma rica descrição da festa em seus detalhes, na qual aparecem os seus personagens, o seu movimento, os jogos e roletas de toda espécie, seus espaços (as festas dentro da festa) etc.

No entanto, o cronista, apesar de trazer uma riqueza no relato do folgado, faz questão de deixar claros os motivos de sua presença nesse fandango. Alega que o motor de sua passagem pelo lugar foi tão somente a “curiosidade” de ver e presenciar o “auto”. Assim, procura se diferenciar de seus participantes, não perdendo a oportunidade de publicizar sua clara oposição e seu desprezo pelo auto popular. Vejamos, agora, o que relata:

Sediça, sem uma nesga de novidade, havia corrido a semana, leitor, si o crime de homicidio, infausto e profundamente lamentavel, Segunda-feira á praça do Ferreira, não nos viesse surprehender grandemente, nos causando um grande dó.

(...)

Depois do que a cidade entrou na sua calma habitual, isto é, a cidade empedrada, enquanto que, pelas areias e suburbios, a novidade gyra em torno dos fandangos, de envolta com a criadagem vagabunda e devoluta.

As nossas cosinhas desertas desses servições, aspiram pelo dia depois da ultima festa, a dos Reis; querem seus famulos.

Nos tem sorprehendido, ahi nesses divertimentos do povo, o numero dos jaburús e o bilhão de roletas de todas as especies, pequenas e grandes, as destinadas para o ALTO jogo e as pequenas para os bórós, todas porem em continuidade com os fandangos, postas em fila, no seu absoluto ruido tirado pelas palhetas desses instrumentos contraproducentes.

²⁹⁸ “Periodico humoristico fundado em Fortaleza a 5 de maio [1895] por Antonio de Lafayette, João de Albuquerque e Nicephoro Moreira. Depois passou á propriedade e redacção de Carlos Severo e Nicephoro Moreira, sendo este gravador em madeira”. STUDART, Barão de (Org.), **Annaes da Imprensa Cearense (Catálogo)**, p. 68.

E o arraial bem sortido, apinhado de povo, de botequins, de taboleiros, de jogos, de palco improvisado para os fandangos, dá-nos a ideia do alto grau de adiantamento em que estamos, tão elevado mesmo que nos condensa n'um corpo único, n'uma fraternidade admirável, ligados por vias de jogos, de fandangos, e etc.

Quem vae aos fandangos ou joga, bebe, fuma ou palestra com as mulheres (creadagem) no auge de sua liberdade, longe do calor culinario, bem cuidados, a tresandar agua de cologne e oleo de oriza Goupée.

Nós não fomos a esta festa attrahidos por cousa alguma: nem pelo jogo, nem pelo botequim, nem pelas mulheres e nem pelos fandangos.

Fomos tangidos pela curiosidade na pequena onda dos curiosos e observadores.

Explicado cabalmente está pois o motivo que nos levou a atravessar o grande mar de 'areias' os 'desertos' da Libia, em miniatura, a pé, não no dorço dos camelos.

A curiosidade foi o único incentivo que nos levou a essas seccas travessuras.

Para vermos e ouvirmos uma jogral de bobos a gritarem:

Quem embarca quem fica quem vae,

A maré está préa mar,

A maré está préa mar.

Nada existe, leitor, sem uma causa.

Pelo amor de Deus, o que é que significa esta festa de fandangos?

Tudo tem uma razão de ser? Pergunto-me e o meu foro intimo diz: sim,

O mar tem uma causa producente?

- Sim.

O ceo? A terra? As estrellas? O verme? O infusorio? A palavra? O som? A mentira? O suicidio? A loucura? O bem e o mal?

- Sim.

Pois bem. Qual a causa da invenção e preparação dos fandangos e os seus congeneres?

Ninguem nos tem respondido satisfactoriamente.

Apellamos para enciclopedia do jurisconsulto R.C. Peixoto.

Nos responda o humorista cearense:

Quem inventou os fandangos?

Apesar da fala hostil do redator, do seu tom de ironia, que procurava desclassificar o festejo popular por ali se encontrar a criadagem “vagabunda” e

“devoluta”, que se ausentara de seus serviços domésticos e, com isso, não se alinhava “aos códigos do trabalho e do progresso, símbolos modernos da civilização”;²⁹⁹ podemos perceber um outro movimento. O movimento dos que para lá afluíam em busca de divertimentos e lazer, fugindo provisoriamente das obrigações cotidianas do trabalho, que não traziam o sentimento de alegria e prazer.

O que vemos, se tentarmos fazer um exercício de imaginação e reflexão, são todos dançando ao som dos instrumentos de corda, num encontro coletivo em que estoura a alegria e conseqüentemente o riso. Todos jogam, bebem, fumam ou palestram com as mulheres em busca de companhia. Vivem seus instantes de liberdade e quebram a monotonia da vida diária, ou seja, excedem os seus limites numa fuga da moralidade de um tedioso e ordenado cotidiano. Vestem suas melhores roupas e colocam sua “água de cologne”; tudo parece fluir para o “princípio do prazer”. É um tempo de fantasia e de liberdade, de ações burlescas e vivazes, realizada num território lúdico. Pois, *a alegria da festa ajuda as populações a suportar o trabalho, o perigo e a exploração, mas reafirma, igualmente, laços de solidariedade ou permite aos indivíduos marcar suas especificidades e diferenças.*³⁰⁰

Tudo isto levou as instituições civilizadoras (como o Estado Moderno e a Igreja) e seus agentes, a tentarem, sem descanso, fazer as pessoas conterem suas pulsões e introjetarem e individualizarem normas de comportamentos civilizados. Procurava-se a obediência às regras do trabalho e da disciplina — contrárias às aventuras, à ociosidade e ao hedonismo —, e ao comportamento padronizado e hegemônico etc., para conter os excessos e os desvios de condutas que pudessem gerar a desordem urbana, inimigos que poderiam inviabilizar a concretização de uma sociedade civilizada e moderna. As armas foram as mais diversas, como foi o caso do cômico/riso, que, para além do divertimento, buscava ridicularizar, controlar envergonhando e, quem sabe, afastar os populares da festa ou enquadrar a própria festa para sua realização.

²⁹⁹ Fco. Carlos Jacinto BARBOSA, **A Força do Hábito: condutas transgressoras na Fortaleza remodelada (1900-1930)**.

³⁰⁰ Mary DEL PRIORI, **Festas e Utopias no Brasil Colonial**, p. 10.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, neste trabalho, fazer uma leitura compreensiva da sociabilidade da cidade de Fortaleza a partir do referencial conceptual de uma "história cultural do humor", das práticas sociais cômicas e de um riso de cunho moral e de exclusão. Ou seja, o que nos interessou foi a prática cômica vivida quotidianamente por indivíduos, que comunicavam e defendiam seus interesses sociais e políticos por intermédio do exercício humorístico e que teve como veículo de comunicação os pasquins pilhéricos.

A bem da verdade, o que desejamos foi contribuir para a produção historiográfica recente sobre a cidade de Fortaleza,³⁰¹ cujos alguns dos sujeitos/personagens residiram em pleno clima de modificações urbanas operadas na 2ª metade do século XIX. No entanto, direcionamos nossa pesquisa para um outro caminho, uma outra maneira de olhar e interpretar.

Para tal propósito, realizamos uma leitura dos hábitos a partir dos jornais de pequeno formato que se propunham a promover o lazer e que circulavam na terra de Alencar. Eles traziam consigo, apesar de uma linguagem cômica, insultuosa e pornográfica, um forte discurso de moralização.

As transformações urbano-sociais pelas quais passava essa povoação litorânea, já figurando como capital provincial, iriam atingir em cheio seus moradores, afetando suas formas de viver, de atuar, de se comportar e de se conduzir em seus múltiplos espaços de convivência social, pois o que estava em jogo era que essas alterações deveriam responder de maneira pragmática aos anseios de modernidade dos setores dominantes urbanos e seus associados.

Em busca de seus objetivos, estes agentes defensores do moderno e da civilização planejaram e se utilizaram das mais diversas estratégias, desde que viessem garantir e plasmar um processo de vida civilizacional capaz de

³⁰¹ Já existe uma extensa e qualificada produção historiográfica sobre o objeto que é a cidade de Fortaleza. Em torno deste objeto foram muitos os temas estudados e postos em discussão: festa, intelectuais, urbanidade e cultura política, reformas urbanas e controle social, pobreza e política, literatura e sociabilidade etc..

impulsionar o núcleo urbano fortalezense em direção ao "inevitável" projeto de progresso econômico e social. Este estava sintonizado com a nova estrutura capitalista, marcadamente industrial.

Paralela ao processo de melhorias e reformas na cidade, seguiu-se uma preocupação com o controle e o disciplinamento daqueles que viviam no espaço citadino. Daí, a procura constante de uma reorganização de valores, de condutas, de hábitos e de costumes cotidianos.

Uma das maneiras encontradas para tal intento foi a utilização dos pasquins e sua marcante linguagem de características cômica, obscena e muitas vezes cheia de insultos verbais. Deste modo, essas pequenas folhas volantes exerceram funções como de um mecanismo adequado não somente para divulgar normas sociais de condutas, mas também como instrumento de alerta (estar vigilante) e de ajuda na internalização de preceitos morais que mediavam as relações do viver social. O que havia, por intermédio da linguagem pasquineira, era uma prática discursiva que obedecia ao objetivo de seguir à risca códigos específicos de comportamentos ajustados às regras de civilidade.

O tipo de humor ou prática cômica jornalística foi usado como uma arma para repreender e censurar todos aqueles que de alguma maneira inobservaram as formas comportamentais levadas em conta como lícitas da sociedade. Arma de potência incomparável para o debate moral e político, o humor dispensava os meios mais violentos e de coerção física, como o expediente freqüentemente empregado pelo aparelho policial. Isto por se estar diante de condutas desviantes, julgadas somente excêntricas e incapazes de abalarem as estruturas da ordem, mas que mereciam cuidados e atenção para não permitirem uma sociedade das aventuras, da ociosidade, do hedonismo e da desordem urbana contrária às regras do trabalho e da disciplina.

Com esse modelo de comicidade, esperava-se trazer à tona o sentimento de vergonha e de embaraço, sentimento este associado às idéias de exposição pública por outrem, de juízo negativo e de humilhação. Isto porque os artigos, apesar de falarem do risível, visavam humilhar, rebaixar e inferiorizar publicamente os considerados delituosos e/ou desregrados sociais. O escopo foi colocá-los numa

situação de desconforto decorrente da exposição pública com testemunhas e que estavam sob os olhares alheios carregados de um juízo negativo. Ou seja, era preciso rir de alguém, quando essa pessoa manifestava um defeito ou uma "marca de vergonha" que a tornava ridícula para os princípios morais dominantes.

Esta ação, nada convencional, dos proprietários-redatores que se utilizavam da escrita e do espaço pasquineiro ambicionava mover e/ou comover o público leitor a aderir a seus pontos de vista. Para isso, falavam e escreviam de modo que todas as pessoas envolvidas em suas crônicas e matérias diárias não apenas ficassem convencidas, mas também fortemente comovidas.

Com este objetivo, usaram técnicas que manipulavam as figuras e os tropos do discurso, valendo-se de argumentos adequados e recursos os mais diversos para melhor influir sobre o ânimo do público consumidor e leitor de suas folhas. Diante disso, recorreram a uma categoria particular do tropos chamada "tropos zombeteiro", cuja finalidade foi suscitar o riso para intimidar humilhando.

Assim, a pasquinagem dos nossos atores históricos (objetos da nossa investigação) emergiu como arma de convencimento e conquista do seu público, do seu "auditório", e, ainda, como elemento de ataque aos adversários numa discussão moral e política.

O que vimos através dos pasquins³⁰² foi o século XIX modificar-se por dentro em sua estrutura da vida cotidiana. Temos uma distensão de hábitos e comportamentos mais rígidos e puritanos para um viver mais mundano. No entanto, este mundanismo não deixou de ser alvo do controle daqueles "guardiães"³⁰³ que acreditavam na construção e consolidação de uma sociedade mais civilizada, moderna e do progresso.

Diante desta pretensão civilizatória, a linguagem humorística teve acolhida e funcionou como mais um instrumento ativo do poder, em que se tratou de obter o domínio sobre os comportamentos/conduas dos indivíduos; e isto para além das estratégias formais de poder e de seus maquinismos capazes de manter o disciplinamento social (aparato jurídico-policial).

³⁰² Figuravam em suas páginas/artigos os temas dos namoros, jogos (i)lícitos e festas.

³⁰³ Como exemplo principal do trabalho, tivemos os proprietários-redatores das pequenas folhas.

Como um estratagema, esta linguagem pasquineira foi eficaz por usar de um "cômico de palavras" capaz de gerar uma lógica do prazer que tanto excitava quanto docilizava os corpos. Produzia-se, assim, um tipo de "humor a favor", por cujo intermédio fazia emergir a necessidade de conservar, emendar, repreender e fiscalizar certas atitudes que não deveriam ferir a ordem das relações sociais pretensamente civilizadas.

Em resumo, ficou comprovado que o "humor costumbrista" buscava por meio do riso corrigir, regular e modelar hábitos. Um riso com a função de correção e de flexibilização do desvio social. Através da prática cômica (caráter ético-moral), se provocava o sentimento de vergonha e de embaraço, para que o elemento desviante (com comportamento não civilizado), ao ser constrangido, consertasse e/ou internalizasse o que esperava e impunha a classe dominante, desejosa que estava de fazer reconhecer como necessária e incontestável a implantação de uma sociedade mais urbana e moderna.

Assim, as folhas pasquineiras e sua linguagem — recheada de pilhéria, ironia, insultos e obscenidades e que se materializou em crônicas, poesias e epigramas jornalísticos — funcionaram como um veículo de inserção e intervenção social na realidade em que estavam envolvidos e, ainda, como um ardiloso mecanismo gerador de uma sociedade civilizada.

Por último, gostaríamos de ter apontado aqui alguns indícios que caracterizam o humor cearense, em especial o de Fortaleza. Quem sabe como uma resposta às questões e inquietações do presente, que muitas vezes giram em torno da identificação de uma marca cômica para o "pessoal do Ceará".

Geralmente, essa prática humorística é tida e nomeada como "moleque". "Hoje, o epíteto moleque ganhou força novamente com a 'onda' de humor, através dos festivais humorísticos e de humoristas, dos quais alguns já se destacam no cenário nacional, o que faz irromper mais uma vez a idéia da molecagem do povo do Ceará".³⁰⁴ Uma idéia que passou a se constituir desde meados do século XIX, cujo sentido (sedimentado nas consciências) é o de um povo que, apesar de seus problemas, encara a vida cotidiana com "ordem" e "alegria" ("bom humor"),

³⁰⁴ Marco Aurélio F. da SILVA, "Uma Fortaleza de Risos e Molecagem".

talvez desdenhando dos seus infortúnios para "melhor passar", sobreviver. Daí, para muitos, a expressão "Ceará Moleque" ser utilizada para definir o "ethos" de identidade desse povo.

Enfatizamos pois, que não foi nosso intuito, ao longo do trabalho, sair em busca de marcas caracterizadoras (identidades) e, com isso, encontrarmos algum critério de verdade para elas. O que não nos fez optarmos pela utilização da metodologia da história comparativa, no qual quem sabe, conseguiríamos traçar alguns quadros de comparação entre o humor local e o de outras cidades.

No entanto, visualizamos a possibilidade de realizarmos esse estudo comparativo, quando encontramos indícios (fontes) que demonstrem uma semelhante "prática cômica" realizada em outros espaços urbanos como Recife e cidades interioranas do Ceará. É na pesquisa documental (já realizamos alguns levantamentos hemerográficos de outras urbes) que nos deparamos, mais uma vez, com um humor pasquineiro envolvendo iguais temas aos existente nos pasquins fortalezenses. Ainda com uma avaliação superficial, percebemos que estas outras folhas pasquineiras traziam em seus artigos/colunas uma semelhante temática (hábitos e costumes cotidianos) envolvida num contexto da prática social cômica.

Com tal constatação, esperamos, em breve, dar continuidade aos estudos e pesquisas sobre o cômico/riso, desta vez envolvendo pontos de encontros, semelhanças e diferenças no fazer cômico de algumas cidades nordestinas.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. Periódicos

- A Avenida, Fortaleza, 1889.
O Badalo, Fortaleza, 1897.
O Belecho, Fortaleza, 1899.
O Bemtivi, Fortaleza, 1892-93.
O Besouro, Fortaleza, 1892.
Bilontra, Fortaleza, 1891.
O Bond, Fortaleza, 1890-91.
Cavaquinho, Fortaleza, 1890.
Caninana, Fortaleza, 1875.
O Ceará Ilustrado, Fortaleza, 1894.
Catuaba, Fortaleza, 1890.
O Ceará Moleque, Fortaleza, 1897.
Ceará-Nu, Fortaleza, 1901.
Charuto, Fortaleza, 1889,1898, 1902, 1904.
O Charutinho, Fortaleza, 1900.
O Chocalho, Fortaleza, 1898.
O Corisco, Fortaleza, 1898.
O Diabo, Fortaleza, 1904.
A Estrela, Fortaleza, 1867.
A Estrea, Fortaleza, 1898.
O Ferrão, Fortaleza, 1905.
O Figarino, Fortaleza, 1895-97.
O Galhato, Fortaleza, 1904.
O Gavião, Fortaleza, 1897.
Jogo dos Bichos, Fortaleza, 1897.
O João Cotoco, Fortaleza, 1900.
Jornalzinho, Fortaleza, 1882.
O Macaco, Fortaleza, 1897.
O Moleque, Fortaleza, 1890-1.

Monera, Fortaleza, 1904.
 A Navalha, Fortaleza, 1904.
 A Onça, Fortaleza, 1897.
 A Opinião, Fortaleza, 1897.
 Pachola, Fortaleza, 1896.
 O Pagão, Fortaleza, 1896.
 Para-Raios, Fortaleza, 1889.
 O Patusco, Fortaleza, 1890.
 A Pilhéria, Fortaleza, 1897.
 O Prego, Fortaleza, 1898.
 A Quizena, Fortaleza, 1887-1888.
 O Raio X, Fortaleza, 1904.
 O Rebate, Fortaleza, 1898.
 Revista Moderna, Fortaleza, 1891.
 A Rua, Fortaleza, 1897-1898.
 O Saca-Riso, Fortaleza, 1900.
 A Sogra, Fortaleza, 1898.
 O Telefone, Fortaleza, 1891.
 A Trepção, Fortaleza, 1893.
 A Vacca, Fortaleza, 1891.
 O Vadio, Fortaleza, 1899.
 A Vaqueta, Fortaleza, 1899.
 O Vapor, Fortaleza, 1900.
 A Vassoura, Fortaleza, 1898.
 A Urtiga, Fortaleza, 1898.
 Zé Povinho, Fortaleza, 1889.

2. Obras Literárias e de Teatro

ARARIPE JR, Tristão de Alencar. **O cajueiro do Fagundes** (Episódio Cearense). Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeno, 1975.

CÂMARA, Carlos Torres. **Teatro: obra completa**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

- CAMINHA, Adolfo. **A normalista**. 10. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1994.
- CLOTILDE, Francisca. **A divorciada**. 2. ed. Ceará: Ed. Terra Bárbara, 1996.
- GALENO, Juvenal. **Folhetins de Silvanus**. 2. ed. Fortaleza: ed. Henriqueta Galeno, 1969.
- PAIVA, Manoel de Oliveira. **A afilhada**. Prefácio de Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Ed. Anhambi, 1961.
- PAPI JÚNIOR, Antônio. **O Simas**. 2. ed. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1975.

3. Crônicas e Memórias

- ADERALDO, Mozart Soriano. **História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada**. Fortaleza: Programa Editorial da Casa de José de Alencar/UFC, 1998. (Coleção Alagadiço Novo, 40)
- AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza descalça**. 2. ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar/UFC, 1992.
- BARROSO, Gustavo. **Coração de menino**. 2. ed. Fortaleza: [s.ed.], [s.d.].
- _____. **Idéias e palavras**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro e Maurillo, 1917, p. 201-211.
- BEZERRA, Antônio. As Praias. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Typ. Studart, Tomo XVI, p. 94-100, 1902.
- CÂMARA, José Aurélio Saraiva. **Fatos e documentos do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1970.
- CAMPOS, Eduardo. **Capítulos de história da Fortaleza do século XIX. O social e o urbano**. Fortaleza: Edições UFC, 1985.
- _____. **A Fortaleza Provincial: rural e urbana**. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto, 1988.
- _____. **O inventário do cotidiano. (breve memória da cidade de Fortaleza)**. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza/PMF, 1996, p. 11-24.
- GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a crônica histórica**. 2. ed.. Fortaleza: Casa de José de Alencar/UFC, 1997.
- NOGUEIRA, João. Iluminação da Fortaleza. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Ramos e Pouchain, Tomo LIII, p. 141-146, 1939.
- THEOPHILO, Rodolfo. **O caixeiro: (reminiscências)**. Fortaleza: Typ. Minerva, 1927.

4. Obras, catálogos e dicionários de referência

ABRAÃO, Janete. **Pesquisa e história**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. (Coleção História).

BARREIRA, Dolor. **História da literatura cearense**. Fortaleza: ed. Instituto do Ceará/Imprensa Oficial do Ceará, 1987. 3v.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954.

CHINOY, Ely. **Sociedade: Uma introdução à sociologia**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, s.d..

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: ed. Perspectiva, 1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas técnicas para o trabalho científico**. Explicitações das normas da ABNT. 9. Ed. Porto Alegre: [s.n.], 2001.

GIRÃO, Raimundo. **Vocabulário popular cearense**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967.

CEARÁ. Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto, **Jornais Cearenses em Microformas: Catálogo Geral**, 1988.

SERAINÉ, Florival. **Dicionário de termos populares (registrados no Ceará)**. 2. Ed. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2000. 21. Ed. ver. e ampli.

STUDART, Guilherme (Barão). **Diccionario bio-bliographico cearense**. Fortaleza: Typo-lithographia a vapor, 1910. 3v.

_____. (Org.). **Annaes da imprensa cearense** (catálogo). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.

_____. **Datas e fatos para a história do Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. 3 tomos.

5. Bibliografia

5.1. Bibliografia sobre o Cômico

ALBERTI, Verena. **O Riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/ed. FGV, 1999.

_____. O riso, as paixões e as faculdades da alma. **Revista da Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília**. Brasília, UnB, v. 3, n. 1, 1995, p. 5-25.

_____. **O pensamento e o riso: a transformação do riso em conceito filosófico**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.

- AZEVEDO, Sânzio de. A presença do Humorismo na Literatura Cearense. **Revista de Letras**, Fortaleza, 12 (1/2): 83-102, jan./dez., 1987,.
- BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.
- BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (Org.). **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- CLASTRES, Pierre. De que riem os índios?. In: **A Sociedade contra o Estado. Pesquisas de Antropologia Política**. 5. ed.. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990, p. 90-105.
- CORREIA, Almir. O humor, a sátira, o macarrônico, o estereótipo e outros bichos (se aparecem). In: **Anuário de Literatura**, 1997, p. 189-212.
- LUSTOSA, Isabel. **Brasil pelo método confuso: humor e boemia em Mendes Fradique**. Rio de Janeiro: ed. Bertrand Brasil, 1993.
- MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: ed. UNESP, 2003.
- PEREIRA, Lawrence Flores. O cômico: comentários sobre as concepções de Propp, Freud e Bergson. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 32, n.º 3, p. 15-28, set. 1997.
- PROPP, Vladimir. **Comicidade e Riso**. São Paulo: ed. Ática, 1992.
- Revista de Cultura Vozes**, São Paulo, V. 68, nº 1, 1974.
- SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica do dilema brasileiro: testemunhos da Belle Époque (1890-1914). **Revista de Cultura Vozes**, São Paulo, V. 68, nº 1, 1974.
- _____. **Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- SILVA, Marcos A.. **Caricata República. Zé Povo e o Brasil**. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo: ed. Unisinos, 2002. (Coleção Aldus)
- _____. A arma do riso. **Folha de São Paulo**, 4/8/2002.
- SÖLDON, Renato. **Verve cearense** (de Quintino Cunha e outros). Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1969.
- TINHORÃO, José Ramos. **A imprensa carnavalesca no Brasil: Um panorama da linguagem cômica**. São Paulo: Hedra, 2000.

5.2. Bibliografia Geral

- ABREU, Sérgio França Adorno; CASTRO, Myriam M. Pugliese de. A arte de administrar a pobreza: assistência social institucionalizada em São Paulo no

século XIX. In: TRONCA, Ítalo A. (org.). **Foucault vivo**. Campinas: Pontes, 1987, p. 101-109.

ALBERT, P.; TERROU, F.. **História da imprensa**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

ARAÚJO, Maria do Carmo Ribeiro. **O processo político da Província do Ceará - 1868-1889**, 1982. Dissertação (Mestrado) ICHF/UFF. Niterói.

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. **Recife: culturas, confrontos, identidades. A participação das camadas urbanas na Campanha Salvacionista de 1911**, 1995. Dissertação (Mestrado em História) UFPe. Recife.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavras e discursos. história e literatura**. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

BARBOSA, Fco. Carlos J. **A Força do Hábito: Condutas transgressoras na Fortaleza remodelada (1900-1930)**, 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia) UFC. Fortaleza.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Cia. Das Letras, 1986.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1965.

BRESCIANI, Maria Stela Martins. Metrôpoles: As Faces do Monstro Urbano (as cidades no século XIX). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 5, n. 8/9, pp. 35-68, set. 1984/abr. 1985.

_____. História e Historiografia das Cidades, Um Percuro. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). **A historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, p. 237-258.

BURKE, Peter. A Cidade Pré-Industrial como Centro de Informação e Comunicação **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p. 193-203.

_____. Esferas pública e privada na Gênova de fins do Renascimento. In: **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 159-176.

CAMURÇA, Marcelo. **Marretas, molambudos e rabelistas: A Revolta de 1924 no Juazeiro**. São Paulo: Maltese, 1994.

CARDOSO, Gleudson Passos. **Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002. (Coleção Outras Histórias)

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial**. Brasília: Ed. UNB, 1981.

_____. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

_____. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topoi**, Rio de Janeiro, nº 1, pp. 123-152, 2000.

CASTELO, Plácido Aderaldo. **História do ensino do Ceará**. Fortaleza: Dep. de Imprensa Oficial, 1970.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 91-119; 215-229.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000. (Col. História do Povo Brasileiro)

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado. Pesquisas de Antropologia Política**. 5. ed.. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990, p. 132-152.

COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilian Moritz. **1890-1914: No tempo das certezas**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. (Virando Século)

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**. 4. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

DAMATTA, Roberto da. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987, p. 11-69.

_____. Brasil: uma nação em mudança e uma sociedade imutável? considerações sobre a natureza do dilema brasileira. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.1, n. 2, 1988, p. 204-219.

_____. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1991, 126p.

DAMATTA, Roberto; SOÁRES, Elena. **Águias, burros e borboletas: um estudo antropológico do jogo do bicho**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: ed. Brasiliense, 1984.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. v. 2.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FRAGA FILHO, Walter. Mendicância na Bahia do século XIX. **Clio: Revista de pesquisa histórica da Universidade Federal de Pernambuco**. Recife: Universitária, n. 15, p. 193-223, 1994.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural no Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1936.

GAMA, Lopes. **O Carapuceiro: Crônicas de Costumes**. Org. Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. (Retratos do Brasil)

GARRIOCH, David. Insultos Verbais na Paris do Século XVIII. In: BURKE, Peter; PORTER, Roy (Org.). **História social da linguagem**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, p. 121-140.

HOBBSBAWN, Eric J.. **A era do capital (1848-1875)**. Trad. Luciano Costa Neto. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LA TAILLE, Yves de. **Vergonha, a ferida moral**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 73-112.
- LEMOS, Carlos A.C.. **A casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989. (Repensando a História)
- LOPES, Eliane da Silva. A trabalhadora normatizada: mãe e esposas reguladoras. In: TRONCA, Ítalo A. (org.). **Foucault vivo**. Campinas: Pontes, 1987, p. 111-125.
- LUSTOSA, Isabel. **Insultos Impressos: A guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- LYRA, Maria de Lourdes Viana. O público e o privado no Brasil imperial. In: NADARI, Eunice et al. (org.). **História: fronteiras**. Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História (Florianópolis). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Anpuh, 1999.
- MACHADO NETO, A. L. . **Estrutural social da república das Letras (sociologia da vida intelectual brasileira – 1870-1930)**. São Paulo: Ed. Grijalbo/Ed. USP, 1973.
- MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **Discurso fundador (A formação do país e a construção da identidade nacional)**. Campinas: Pontes, 1993, p. 31-42.
- MARTINS, José de Souza. (Org.). **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. **O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta**. 2. ed.. São Paulo: Hucitec, 1999.
- MARX, Karl; ENGELS, F.. **O manifesto comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)
- MAURO, Frédéric. **O Brasil no tempo de D. Pedro II: 1831-1889**. 2. Reimpressão. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. (A Vida Cotidiana)
- MENEZES, José Luiz Mota. A ocupação do Recife numa perspectiva histórica. **Clio: Revista de Pesquisa Histórica**. Recife, v. 1, n. 14, p. 147-162, 1993.
- MIRANDA, Lilian Lisboa. **Gentes de baixa esfera em São Paulo: cotidiano e violência no setecentos**, 1997. Dissertação (Mestrado em História) USP. São Paulo.
- MONTENEGRO, Abelardo F. **O romance cearense**. Fortaleza: Revista do Instituto do Ceará, 1953.
- MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. Rocha Lima - A obra e a Época. **Revista Brasileira de Filosofia**. São Paulo, 28 (110): 132, 1978.

NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução à história do jornalismo cearense**. Fortaleza: Gráfica Editora Cearense, 1975.

NOVAIS, Fernando A.. Condições da privacidade na Colônia. In: SOUZA, Laura de Mello (org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Cia das Letras, 1997, v. 1.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 15, n. 29, 1995.

_____. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.8, n. 16, 1995.

_____. **O espetáculo da rua**. 2. ed., Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.

PIMENTEL FILHO, José Ernesto. **Urbanidade e cultura política: a cidade de Fortaleza e o liberalismo cearense no século XIX**. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1998.

PINHEIRO, Francisco José. O homem livre/pobre e a organização das relações de trabalho no ceará (1850-1880). **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza. V. 20/21, n. 1/2, p. 199-230, 1989/1990.

PINTO, Virgílio Noya. **Comunicação e cultura brasileira**. 2. Ed. São Paulo: ed. Ática, 1989.

PIRES, Maria da Conceição Francisca. **Humor, política e cotidiano: um olhar sobre a modernidade no Recife dos anos 20**, 2000. Dissertação (Mestrado em História) UFPE. Recife.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. 2. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

_____. **Remodelação urbana de Fortaleza na virada do século**. Fortaleza: NUDOC/UFC, 1990.

QUINTANEIRA, Tania. **Retratos de mulher: a brasileira vista por viajadores ingleses e norte-americanos durante o século XIX**. Petrópolis: Vozes, 1995.

REIS, Elisa P.. O Estado nacional como ideologia: o caso brasileiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.1, n. 2, p. 187-203, 1988.

RIBEIRO, Renato Janine. **A república**. São Paulo: Publifolha, 2001. (Folha Explica)

ROQUETTE, J. I. **Código do Bom-Tom: regras da civilidade e de bem viver no século XIX**. Org. Lilia M. Schwarcz. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997. (Retratos do Brasil)

SCHORSKE, Carl. **Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000, p. 53-72.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **História da vida privada no Brasil. república: da belle époque à era do rádio**. São Paulo: Cia das Letras, 1998, v. 3.

SILVA, Marco Aurelio F. **Decifra-me ou devoro-te: Tristão de Alencar Araripe Jr. E o mito do Ceará moleque**, 1995. Dissertação (Mestrado em História) UFPE. Recife.

_____. Uma Fortaleza de risos e molecagem. In: SOUZA, Simone e CASTRO NEVES, Frederico (Org.). **Comportamento**. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2002. (Coleção Fortaleza: História e Cotidiano)

SILVA, Marcos A. da. O trabalho da linguagem. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.6, N.º 11, p. 45-61, set. 1985/fev. 1986.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Cultura e sociedade no Rio de Janeiro (1808-1882)**. São Paulo: Ed. Nacional, 1977, p. 170-172.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, Laura de Mello e. **Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

SOUZA, Simone (Org.). **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1989.

_____. **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: ed. Demócrito Rocha, 2000.

SOUZA, Simone; CASTRO NEVES, Frederico (Org.). **Intelectuais**. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2002. (Coleção Fortaleza: História e Cotidiano)

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras. literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

TAKEYA, Denise Monteiro. **Europa, França e Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil**. Natal: ed. Universitária (UFRN), 1995.

URICOECHEA, Fernando. **O minotauro imperial: burocracia do estado patrimonial brasileiro no século XIX**. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

VAINFAS, Ronaldo. Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: SOUZA, Laura de Mello (org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Cia das Letras, 1997, v. 1.

VERÍSSIMO, Francisco Salvatore et al. **A vida urbana: a evolução do cotidiano da cidade brasileira**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 3. ed. Brasília: Ed. UNB, 1994, vol. 1.

ANEXOS

Lista dos Anexos

Anexo A - Números da população cearense que sabem ou não ler.....	200
Anexo B - Quadro dos jornais pesquisados.....	201
Anexo C - Quadro com informes sobre os pasquins de Fortaleza.....	203
Anexo D - Quadro dos pasquins identificados com seus proprietários/redatores/colaboradores.....	209
Anexo E - Quadros das partes que compõem a retórica. Suas divisões e subdivisões.....	211

ANEXO A

Homens		Livres	Escravos	Total
	Sabem ler e escrever	58.654	35	58.692
	Analfabetos	292.249	14.906	307.155
	Total	350.906	14.941	365.847
Mulheres	Sabem ler e escrever	20.903	12	20.915
	Analfabetos	317.964	16.960	334.924
	Total	338.964	16.972	355.839

Fonte: **RIC. BARÃO DE STUART** (Dir.). t. XXV, ano XXV, 1911, Fortaleza, Typ. Minerva, p. 50-57.

ANEXO B

Nome	Ano	Localização	Situação
A Avenida	1889	APEJE *	Impresso (I)
O Badalo	1897	APEJE	I
O Belecho	1899	APEJE	I
O Bemteví	1892/1893	APEJE	I
O Besouro	1892	APEJE	I
Bilontra	1891	APEJE	I
O Bond	1890/1891	APEJE	I
Cavaquinho	1890	APEJE	I
Caninana	1875	APEJE	I
O Ceará Ilustrado	1894	APEJE	I
Catuaba	1890	APEJE	I
O Ceará Moléque	1897	APEJE	I
Ceará-Nú	1901	APEJE	I
Charuto	1889	APEJE	I
Charuto	1898	APEJE	I
Charuto	1902	APEJE	I
O Charutinho	1900	APEJE	I
O Chocalho	1898	APEJE	I
O Corisco	1898	APEJE	I
A Estrela	1867	APEJE	I
A Estrea	1898	APEJE	I
O Figarino	1895/96/97	APEJE	I
O Gavião	1897	APEJE	I
Jogo dos Bichos	1897	APEJE	I
O João Cotoco	1900	APEJE	I
Jornalzinho	1882	APEJE	I
O Macaco	1897	APEJE	I
O Moleque	1890/91	APEJE	I
A Onça	1897	APEJE	I
A Opinião	1897	APEJE	I
Pachola	1896	APEJE	I
O Pagão	1896	APEJE	I
Para-Raios	1889	APEJE	I
O Patusco	1890	APEJE	I
A Pilhéria	1897	APEJE	I
O Pregó	1898	APEJE	I
O Rebate	1898	APEJE	I
Revista Moderna	1891	APEJE	I
A Rua	1897/98	APEJE	I
O Saca-Riso	1900	APEJE	I
A Sogra	1898	APEJE	I
O Telefone	1891	APEJE	I
A Trepação	1893	APEJE	I
A Vacca	1891	APEJE	I

O Vadio	1899	APEJE	I
A Vaqueta	1899	APEJE	I
O Vapor	1900	APEJE	I
A Vassoura	1898	APEJE	I
A Urtiga	1898	APEJE	I
Zé Povinho	1889	APEJE	I
O Ceará Moleque	1926	BPGMP**	Microfilme (M)
O Charuto	1904	BPGMP	M
O Diabo	1904	BPGMP	M
O Ferrão	1905	BPGMP	M
O Galhato	1904	BPGMP	M
A Navalha	1904	BPGMP	M
Monera	1904	BPGMP	M
O Raio X	1904	BPGMP	M

* Arquivo Público Jordão Emereciano (Pernambuco) – Coleção de Jornais.

** Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel – Setor de Microfilmagem.

I = Impresso.

M = Microfilme.

Obs.: Todos os jornais levantados tiveram como local de publicação a cidade de Fortaleza.

ANEXO C

Jornal	Divisa	Informes
A Estrela	Jornal Critico e Chistoso	1867. Na referência do B. Studart não aparece o artigo “A” em seu título. “Publicado em Fortaleza na typographia da <i>Aurora Cearense</i> . Impressor José Lino de Paula Barros”. (p. 34)
Caninana	Jornal Critico e Noticioso	1875. Só apresenta a epígrafe como informe
A Avenida	Semanário Crítico e Literário	1889. ..."fundado em Fortaleza a 9 de julho por Antonio Sales, Virgilio Brigido, José Carlos, Jovino Guedes e Papi Junior. Sahia das officinas do <i>Cearense</i> . De um artigo de Papi Junior, <i>casos e coisas</i> , publicado nesse semanario, surgiu a idéa da fundação do Club Republicano Cearense, movida e fomentada por alumnos da Escola Militar”. (p. 56).
Charuto	Orgam do Povo	1888. “Jornalzinho publicado em Fortaleza por José dos Santos. Ainda perdura, embora com intermittencias, mais ou menos longas. De influencia e predilecção entre os moradores dos suburbios”. (p. 55).
Para-Raios	Periodico Noticioso e Recreativo	1889. “Sahia da typographia de Odorico Colás. Redator José Flamino. Proprietario Francisco Barroso”. (p. 56). José Flamino – “União Artística”. (p. 30) Francisco Barroso – “A Verdade”. (p. 58)
Zé Povinho	Orgam do Club da Rua	1889. impresso à rua Major Facundo, 24. O 1º n.º é de 28/11.
O Bond	Propriedade de uma Associação	1890. Publicado em 19/5.

		Propriedade de Rocha, Santos Brito. Dizia-se jornal das moças.
Cavaquinho	Propriedade de uma Associação de metopóscopos inteligentes, mettidos a curandeiros e a engraçados, inoffensivos e ultra ultruístas (sic)	1890. Saía da tip. Popular.
Catuaba	Propriedade de uma Associação de metopóscopos inteligentes, mettidos a curandeiros e a engraçados, inoffensivos e ultra ultruístas	1890. Publicado em 30/10.
O Moleque	-	1890. “Trazia á direita do nome a figura de um negro com um cacete na mão. A typographia em que era impresso pertencia aos Srs. A. Amandula e Ildefonso Amorim”. (p. 58)
O Patusco	Jornal Sérico Moleque	1890. Publicado em 14/12.
Bilontra	Orgão Desafinado Monarquista Republicano	1891. “Sahia aos domingos e quintas-feiras. Impresso na typ. Do Libertador. Redactoras: Júlio C. Monteiro e José Austregesilo Rodrigues Lima”. (p. 59). O B. de Studart informa a existência de outro jornal de mesmo nome publicado no ano de 1889.
O Telephone	Orgão Critico e Prozaico	1891. Publicado em 8/11. Era de José Carolino de Aquino.
A Vacca	-	1891. O 1º n.º em 27/5.
O Bemtivi	Orgão Crítico Litterario e Noticioso	1892. Dizia-se orgam da chicana. Era de José Carolino de Aquino.
O Besouro	Orgão Prosaico	1892. Publicado em 18/4. Saía das oficinas do “O Norte”.
A Trepção	Orgam Hebdomadario-Humoristico e Essencialmente Trepador	1893. Publicado pelos alunos da Escola Militar. O 1º n.º saiu em 12/11.
O Ceará Ilustrado	Revista Artistica, Litteraria e Scientifica	1894. Publicado 2x por mês. O 1º n.º em 20/1. “O serviço de gravuras era feito na lithographia Cearense, á rua Formosa, então dos irmãos

		Costa Souza. A principio sob a redacção de Papi Junior, o autor do <i>Simas</i> e dos <i>Gemeos</i> , Pedro Muniz e José Olympio; passou depois á direcção de José Olympio e Dr. Arthur Amaral”. (p. 66). José Olympio – “Philolittera”, “A Quinzena” na p. 52.
(O) Pachola	Orgam Critico e Humoristico	1896.
O Pagão	Orgão da Pilheria e Distração	1896. O 1º n.º 8/11.
O Badalo	Jornal Imparcial	1897. O 1º n.º é de 4/7.
O Ceará Moleque	Revista Caricata	1897. Publicada em 2/5.
O Figarino	Revista Humoristica e Illustrada	1895. “Periodico humoristico fundado em Fortaleza a 5 de maio por Antonio de Lafayette, João de Albuquerque e Nicephoro Moreira. Depois passou á propriedade e redacção de Carlos Severo e Nicephoro Moreira, sendo este gravador em madeira”. (p. 68).
O Gavião	Orgão do Povo	1897.
Jogo dos Bichos	Orgão do Povo	1897. “Publicado em Fortaleza para diminuir o effeito da propaganda d’A Opinião. O 1º numero é de 5 de setembro. Preço um Boró. Chamavam-se borós uns bilhetinhos do valor de 100 réis emitidos pela Intendencia de Fortaleza”. (p. 73).
O Macaco	Orgam dos "Mungangos" e Jocosidades	1896. (p. 70).
A Onça	Orgam Especialmente Critico	1897. Consta neste ano como sendo de Baturité. O 1º n.º 25/3.
A Opinião	Orgão de Interesse Geral e Propaganda Contra o Jogo	1897. “Mantida pelo corpo commercial e empregados do commercio de Fortaleza. O 1º numero é de 28 de agosto. Impresso na typ. Costa Souza & Cia. Seu apparecimento foi anunciado de vespera por

		um boletim distribuido pela Phenix Caixerai; a 25 de outubro a directoria da dita Associação publicava novo boletim annunciando a suspensão do jornal por motivos de força maior”. (p. 73).
A Pihéria	Jornal Critico	1897. O 1º n.º 2/5.
A Rua	-	1897. “Literario, publicado em Fortaleza a 18 de dezembro sob a direcção de Alfredo Severo e collaboração de Alvaro Martins, Themistocles Machado, Rodrigues de Carvalho, Pedro Muniz, J. Carneiro, Lopes Filho, Arthur Theophilo e F. Carneiro. Sahia da typ. Do Ceará á rua Formosa n. 130”. (p. 73).
O Chocalho	Orgão Chocalheiro	1898. O 1º n.º 12/11. Saía da typ. Apollo.
O Corisco	Orgam contra os Buchecheiros	1898. Publicado em Fortaleza em 25 de setembro. Trouxe em sua 1ª página o retrato de Deodoro da Fonseca.
A Estrea	Orgam do Club Adamantino	1898. “O 1º numero é de 1 de março. Publicação mensal. Sahia da typ. Apollo. Sua divisa era: <i>Trabalho e coragem</i> . Redactores: J. de P. Medeiros e Manoel J. C. Albuquerque e director Carlos Camara”. (p. 74).
O Prego	Orgão da Pregação	1898. O 1º n.º 24/4.
O Rebate	Rindo, Digo a Verdade	1898. O 1º n.º 27/3. Redactores: Tiburcio Rodrigues e José Martins. “Sahiu das officinas do Ceará até o numero 14 e, depois, de typographia propria á rua municipal n. 16A. Era publicado aos sabbados”. (p. 74). José Martins – “O Ramallete” (p. 53).
A Sogra	Semanario mais ou menos Critico	1898. “Jornalzinho critico

	e um tanto ou quanto Litterario	publicado em Fortaleza a 20 de março. Redactor Antonio Gadelha. Em opposição a elle surgiu O Genro”. (p. 74).
A Vassoura	Orgão da Limpeza da "Rua" e dos Bolços	1898. O 1º n.º 4/1.
A Urtiga	Orgão das Realidades	1897. “Fortaleza. Dizia-se orgam das realidades. Redactor, Francisco Rodrigues S. Brazil”. (p. 74).
O Belecho	Orgão dos Filhos de Candinha	Temos um jornal com mesmo nome publicado no ano de 1898. “Fortaleza. Dizia-se orgam da rapaziada. O 1º numero é de 8 de março”. (p. 74). O B. de Studart cita um outro “O Belecho” de 1899. “Jornalzinho publicado em Fortaleza a 22 de outubro. Redactores, Hermes Tupinambá e José de Castro. Impresso na typ. Gutemberg, de Pessoa & Lima, rua municipal. Dizia-se orgam dos filhos de Candinha e tinha por epigraphe as palavras: a seriedade é uma doença e o mais serio dos animaes é o burro”. (p. 78).
O Vadio	Pilherico e Jocosos	1899. O 1º n.º 29. Editor José Carolino de Aquino.
A Vaqueta	Orgam da Chicana	1899. “Fortaleza. Publicado aos Domingos. O 1º numero é de 19 de novembro. Dizia-se orgam da chicana e ter como redactor-chefe o Marquez de Carabas (José Carolino)”. (p. 78).
O Charutinho	Jornal Amolecado	1900. “Fortaleza. O 1º numero é de 26 de agosto. Redactor José Carolino. Chamava-se jornalzinho amolecado”. (p. 80).
O João Cotoco	Jornal da Rua - Orgam Apimentado	1900. “Jornalzinho publicado em Fortaleza a 24 de maio. Dizia-se jornal da rua e orgam apimentado. Redactor, José Carolino. Substituiu-o O

		Vapor e depois O Charutinho”. (p. 79).
O Saca-Riso	Semanario Humoristico	1900. “Semanario humoristico, publicado em Fortaleza a 1 de julho. Redacção á rua Formosa n. 98. Redactor-chefe, Fernando Weyne”. (p. 79). “Foi substituido pel’O Bohemio, cujo 1º numero é de 7º da serie, ao qual por sua vez substituiu O Seculo XX (n. 35 da serie). “O Bohemio” – “Fortaleza. Propriedade de uma associação. Redactor Fernando Weyne. O 1º numero é de 19 de agosto”. (p. 80). Fernando Weyne – “O Ramalhete” e “Pantheon”, (p. 52-3).
O Vapor	Jornal Causticante	1900. “Publicado em Fortaleza a 1 de julho. Redactor José Carolino. Dizia-se jornal causticante”. (p. 80).
Ceará Nu	Orgam da Fortaleza Despida	1901. O 1º n.º 16/7.
Charuto	Orgão do Zé Povinho	1898. Mesmo informe do 1º Charuto.
Charuto	Orgão do Zé Povinho	1902. Mesmo informe do 1º Charuto.

Fonte: STUDART, Barão de (Org.). **Annaes da Imprensa Cearense (Catálogo)**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1908, 101p.

ANEXO D

Jornais	Proprietários/redatores	Grupo lítero-científico
A Estrela	José Lino de Barros (impressor)	-
A Avenida	Antônio Sales, Virgílio Brígido, José Carlos, Jovino Guedes e Pápi Júnior.	Padaria Espiritual, Clube Literário e Centro Literário.
Charuto	José dos Santos.	Clube Literário.
Pararaio	José Flamino (redator) e Fco. Barroso (Proprietário).	-
O Bond	Propriedade de Rocha, Santos Brito.	-
Bilontra	Júlio C. Monteiro e José Austregesido Rodrigues Lima.	-
A Trepção	Dos alunos da Escola Militar.	-
O Ceará Ilustrado	Papi Júnior, Pedro Muniz, José Olimpio e Artur Amaral.	Centro Literário, Clube Literário e Padaria Espiritual.
O Figarino	Antônio de Lafayete, João de Albuquerque, Nicephoro Moreira e Carlos Severo.	-
A Opinião	Mantido pelo corpo comercial e empregados do comércio.	-
A Rua	Alfredo Severo (dir.), Álvaro Martins, Temistócles Machado, Rodrigues Carvalho, Pedro Muniz, J. Carneiro, Lopes Filho, Artur Teófilo e F. Carneiro.	Centro Literário, Escola Militar, Padaria Espiritual, Academia Francesa, Gabinete Cearense de Leitura e Clube Literário.
A Estrea	J. de P. Medeiros, Manoel J.C. Albuquerque e Carlos Câmara (Dir.).	-
O Rebate	Tiburcio Rodrigues e José Martins.	Padaria Espiritual e Centro Literário.
A sogra	Antônio Gadelha (redator).	-
A Urtiga	Fco. Rodrigues S. Brasil (redator).	-
O Belecho	Hermes Tupinambá e José	-

	de Castro.	
O Vadio, A Vaqueta, O Charutinho, O João Cotoco, O Vapor, O Bemtevi e O Telefone	José Carolino de Aquino (Marquês de Carabas).	-
O Saca-riso	Fernando da Costa Weyne.	Centro Literário.

Fonte: STUDART, Guilherme (Barão). **Diccionario Bio-Bliographico Cearense**. Fortaleza: Typo-lithographia a vapor, 1910. 3v.

ANEXO E
QUADRO 1

